

Maria Lúcia Caldas Santana de Castro

**A EDUCAÇÃO DA ALMA:
O TRABALHO VOLUNTÁRIO NA CEA-AMIC
“ONDE ESTÁ TEU CORAÇÃO, ESTÁ TEU TESOURO” (*)
UM ESTUDO DE CASO**

DISSERTAÇÃO apresentada como condição parcial à obtenção do título de **MESTRE** em **EDUCAÇÃO** na área de Concentração **EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO, LINGUAGEM e ARTE**, à comissão julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – SP, sob a orientação do prof. Dr. João Francisco Régis de Moraes.

2003

(*) Em analogia a frase de Jesus no Evangelho de Mateus, 6:21

In BIBLIA Tradução Ecumênica, 2ª Ed., Edições Loyola, S.Paulo, Brasil, 1994.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A EDUCAÇÃO DA ALMA: O TRABALHO VOLUNTÁRIO NA CEA-AMIC
“ONDE ESTÁ TEU CORAÇÃO, ESTÁ TEU TESOURO”-UM ESTUDO DE CASO

Autora: Maria Lúcia Caldas Santana de Castro

Orientador: Prof. Dr. João Francisco Régis de Moraes

Este exemplar corresponde à redação final
da dissertação defendida por Maria Lúcia
Caldas Santana de Castro, e aprovada pela
Comissão Julgadora.

Data:...../...../.....

Assinatura:

Comissão Julgadora:

.....

.....

.....

.....

by Maria Lúcia Caldas Santana de Castro, 2003.

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

C279e	Castro, Maria Lúcia Caldas Santana de A educação da alma e o trabalho voluntário na CEAC – AMIC – “onde teu coração está teu tesouro”: um estudo de caso / Maria Lúcia Caldas Santana Castro. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003. Orientador : João Francisco Régis de Moraes. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Participação social. 2. Vida comunitária. 3. Valores morais. 4. Ontologia. 5. Religiosidade. I. Moraes, João Francisco Régis de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título. 03-024-BFE
-------	--

RESUMO

A partir de 1990, cresce em todo o mundo o número de organizações – cunhadas pelo nome de Privadas, Porém Públicas, por Rubens César Fernandes, em 1994 – que emergem do coração da sociedade civil, agregando em torno de si, uma significativa quantidade de trabalhadores voluntários, de variadas idades, etnias, credos, grau de escolaridade, nível sócio-econômico, etc. Esses indivíduos congregam-se espontaneamente, para ocupar-se especificamente, de assuntos que até poucas décadas, eram considerados pela sociedade civil, como da responsabilidade quase que única do Setor Público, como a fome, os menores em situação de risco, a degradação ambiental, a violência etc.

Essa pesquisa é um estudo de caso, do trabalho voluntário, como realizado em uma dessas organizações – a AMIC – que é o órgão social da Casa do Espírito Amigo – CEA, uma instituição espírita-kardecista. Se propõe a contribuir para caracterizar as particularidades agregadas ao trabalho voluntário, quando praticado - como Caridade - nas instituições espíritas-kardecistas sob a égide da máxima FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.

Abstract

Since 1990, increases the number of organizations all over the world - coined with the name of Privatede, but Publics, by Rubens César Fernandes, in 1994 – that emerge of the heart of civil society, joining around itself, a significant amount of voluntary workers, with diferents ages, ethnicals origin , beliefs, education degree, social-economic level, etc.

Those individuals, spontaneosly congregate, to occupy themselves specifically, with subjects, that to few decades, they were considared by the civil society, as of the responsability almost that only of the Gonerment, as the hunger, the children in risk situatios, the environmental degradation, the violence, etc.

This researche, is a case study, of the voluntary work, as accomplished in one of those organizations - AMIC – that is the social organ of Espirito Friend's House , one institution *spiritist -kardecist* . Its intends to contribute to characterize, the particularities joined to the volunty work, when practiced - as Charity – in the institutions *spiritist-kardecist*, under the aegis of the maxim: OUT OF CHARITY, THERE IS NO SALVATION.

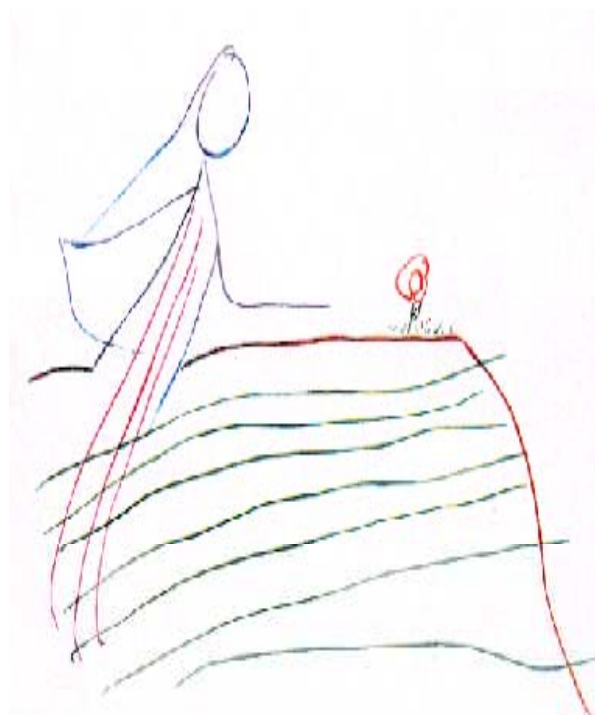
Agradecimentos

Foram tantas as mãos
que me ampararam,
e que, ao longo da vida,
me guiaram os passos,
partejando a minh'alma,
com palavras firmes, e ternos abraços.

Foram tantos os olhos,
que me fizeram entrever,
no cintilar das estrelas,
e no raiar da aurora,
horizontes infinitos de esperança,
anunciando o amanhecer.

Foi tanta ternura, tanto amor, tanto zelo,
tanto, tanto, que mesmo todo encanto,
toda gratidão, todo desvelo,
seria pouco para testemunhar,
a todos que me têm construído,
pais, irmãos, marido, filho e amigos,
professores, irmãos de caminho,
meu pai espiritual, meu protetor querido,
aqueles a quem não agrado e até meus inimigos,
a paz que afinal encontrei,
quando meu coração aprendiz, consagrei,
ao singelo ofício, de aprender a amar,
sobre todas as coisas, a Deus amar,
a cada outro e a mim mesmo,
sobretudo amar, amar e amar,
a cada dor, amar, amar e amar,
a cada pequenino detalhe da vida, infinitamente,
o Divino amor, amar, amar e amar.

O desenho da pagina seguinte, bem como, os das páginas 1, 7, 39, 157, 199, 281, foram realizados, por uma entidade espiritual, através da mediunidade de Eliana Luiz dos Santos, na Casa de Oração Fé e Amor, Campinas-SP



*Prossegui pois o vosso caminho
em Cristo [...] transbordantes
de gratidão.*

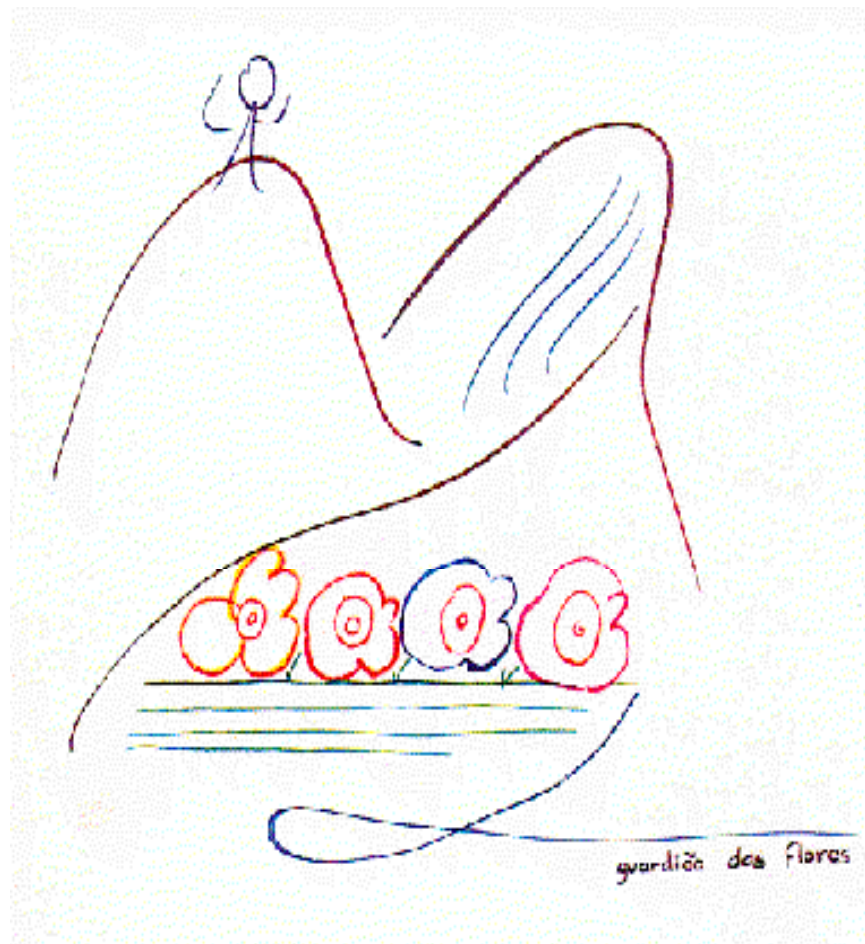
Cl,2:6-8

**A EDUCAÇÃO DA ALMA:
O TRABALHO VOLUNTÁRIO NA CEA-AMIC
“ONDE ESTÁ TEU CORAÇÃO, ESTÁ TEU TESOURO”
UM ESTUDO DE CASO**

SÚMARIO

CENA INICIAL	3
INTRODUÇÃO	9
Introdução ao tema	9
Introdução à pesquisa	25
CAPÍTULO I . Distintos Olhares	41
1.Olhar sócio-histórico	45
1.1.Sobre o Trabalho Voluntário.....	45
1.2 Um pouco de história	52
1.3.Nas Instituições Espíritas.....	63
1.4.Momento atual.....	67
2. Olhar teológico	77
2.1 A Caridade proposta pelo cristianismo.....	78
2.2. A Caridade proposta pelo espiritismo-kardecista.....	86
2.3.A Caridade proposta pela espiritualidade dirigente da CEA-AMIC	97
3. Olhar Psicoético	107
3.1.Sobre o desenvolvimento do senso moral	108
3.2.Sobre a prática desse caminho	127
3.3.Sobre as condições necessárias para praticar esse caminho	135
4.Olhar Antropológico	144
5.Olhar Educacional	148
CAPÍTULO II . Palavras e Atos: A CEA-AMIC através de sua obra	159
1.Memórias de uma voluntária	171
2. Ritual de acolhimento do Voluntário	188
3. De voluntário a trabalhador da CEA-AMIC	192

CAPÍTULO III .Tirando o véu: A Pesquisa com os Voluntários	201
1. Construção e aplicação do questionário.....	204
2. O Voluntário da CEA-AMIC (dados do questionário).....	205
2.1.O Voluntário da CEA-AMIC, e o Voluntário Brasileiro.....	206
2.2. As atividades do Voluntário Brasileiro e do Voluntário da CEA-AMIC	217
2.3. Caracterização dos Voluntários da CEA-AMIC	222
2.4. A História Social dos Voluntários da CEA-AMIC	229
2.5. A História Associativa dos Voluntários da CEA-AMIC	236
2.6. Motivos apontados pelos Voluntários como Condutores para a CEA-AMIC	243
2.7. Motivos apontados pelos Voluntários para a Permanência na CEA-AMIC	249
3. O trabalho voluntário na CEA-AMIC (dados do questionário).....	260
3.1. Tempo entre conhecer e se integrar como Voluntário na CEA-AMIC	260
3.2. Relevâncias encontradas pelos Voluntários no trabalho da CEA-AMIC.....	262
3.3.Participação dos Voluntários da CEA-AMIC nas Atividades (1991-1999).....	268
CAPÍTULO IV . Considerações no Caminho	283
1. Acerca de uma compreensão sócio-espiritual dos fatos sociais	283
2. Acerca da natureza sócio-espiritual do vínculo dos voluntários e a CEA-AMIC.....	288
3. Acerca do trabalho voluntário realizado na CEA-AMIC.....	293
4. A prática da Caridade e da Educação da Alma no mundo contemporâneo	298
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	328
ANEXOS	333
1. Carta de Stefano Benni.....	334
2. Lei do Voluntariado.....	336
3. Questionário.....	337
4. Principais Pesquisas sobre o Setor sem fins Lucrativos	338
5. Entrevista com entidade espiritual, dirigente da CEA-AMIC, hoje COFA-AMIC	339
6. O Homem de Bem	347
7. Entrevista com Eliana Santos, presidente da CEA-AMIC, hoje COFA-AMIC.....	349
8. Índice de Gráficos e Tabelas	352
9. Símbolo da AMIC/ Endereços para contato	357



*Éis o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que se despoja da vida por aqueles que ama.
João, 15:12,13*

CENA INICIAL

São seis horas da manhã de um dia frio de inverno. A neblina reina soberana por sobre o Vale das Garças, imediações onde se localiza a sede da Associação dos Amigos da Criança, a AMIC, órgão social da Casa do Espírito Amigo,¹ a CEA. No Rancho da Luz, um barracão grande de pau-a-pique, onde a AMIC recebe seus sócios,² as labaredas do fogo dançam por entre as bocas do fogão de lenha, convidando as pessoas a se aquecerem no calor que dali se espalha; e elas, pouco a pouco, se aproximam.

Também é quase impossível resistir ao aroma do café recém coado e ao aconchego e calor humano que ali palpitam. Alguns sócios mais velhos da AMIC chegam bem cedo, e ficam ali no rancho, ajudando a receber os que vão chegando, com um café quentinho, uma prosa amiga, um sorriso franco e aberto.

Na vida da AMIC é mais um dos últimos domingos de cada mês, *dia de distribuição*, quando seus sócios que estão precisando de ajuda material, bem como as pessoas novas que chegam, vêm buscar alimentos, roupas, remédios e, especialmente, atitude fraterna e amiga. Todas elas são pessoas em condições de extrema necessidade, vindas dos mais distintos arredores de Campinas e que procuram a AMIC em busca de socorro emergencial para suas dificuldades e privações.

Aos poucos, outro grupo de sócios vai chegando e assumindo suas tarefas nos diversos setores da distribuição. São alunos da Escola Emmanuel³ que trabalham como voluntários nos dias de distribuição. Da beira do fogão onde me encontro, meu olhar acompanha os voluntários que caminham em direção ao Rancho da Luz e, por alguns instantes, uma *certa* particularidade que se expressa através da postura corporal, dos movimentos e da emissão da fala, cativa a minha atenção, e me convida à observação.

De modo geral, trazem no semblante uma *certa* expressão, que poderíamos chamar de boa-vontade; o corpo exala uma *certa* disponibilidade e bem-estar. Parecem oriundos de distintos grupos étnicos, pois têm características físicas bem diferentes entre si. É possível que tenham nascido e/ou tenham vivido em diferentes estados, cidades e até países, pois falam - a língua Portuguesa - com sotaques bem distintos. Contudo, o jeito como se vestem

¹ Instituição espírita-kardecista, orientada pela Doutrina dos espíritos.

² Sócios da AMIC – tanto as pessoas que procuram a Instituição em busca do alimento material, quanto aquelas que a procuram em busca do *alimento espiritual* e se integram ao trabalho Assistencial da Instituição.

³ Escola Emmanuel: Escola de Evangelização que prepara os médiuns, que trabalham na CEA-AMIC.

e o jeito como se comunicam verbalmente, têm algo que se assemelha. O que os aproxima, que os envolve nesse halo de semelhanças, e o que os diferencia entre si, e os individualiza?

Se considerarmos como referência apenas os signos externos, parece que fazem parte dos chamados extratos médios da população. Contudo, se observarmos mais atentamente as expressões gestuais tanto do corpo como da face, bem como a articulação do discurso, encontramos alguns discretos sinais que sugerem que, alguns dentre eles vieram de diferentes extratos sociais e que, provavelmente, viveram trajetórias bem diferenciadas para chegarem até a CEA-AMIC e aqui se encontrarem.

Pelas trocas constantes que fazem entre si, acerca de suas experiências e descobertas pessoais, dentro do trabalho da CEA-AMIC, parece haver algumas buscas e interesses em comum. Da forma como se referem - quando conversam entre si - a esse trabalho voluntário do qual participam e ao que nele aprendem, parece que nele vivem, experiências que consideram valiosas e significativas para suas vidas. Por algum motivo - que sempre me pergunto acerca de sua natureza, seu sentido e significado - parecem haurir da participação nesse trabalho um alimento sutil, que sugere ser algo especialmente fecundo para suas vidas. Me vejo a perguntar, a mim mesma e, ao infinito, que alimento seria esse?

Continuamente, estão trocando entre si acerca do processo de crescimento interior que estão vivendo – experiências de auto-conhecimento, instruções espirituais e também acerca das transformações íntimas pelas quais estão passando - na prática da Caridade⁴ (como é chamado o trabalho voluntário realizado pela CEA-AMIC). Essa troca informal de experiências acerca do crescimento interno, entre os voluntários, é feita com um *certo gosto* e uma *certa entrega e profundidade reflexiva*, que chama especialmente a minha atenção - mesmo sendo uma profissional atuante na área de Educação Anímica, há mais de 25 anos e, também voluntária⁵ na AMIC desde o começo de 1995.

Essa qualidade de comunicação e troca humana, na qual as máscaras, os mecanismos defensivos do Ego, são pouco mobilizados, e se apresentam rarefeitos, é pouco encontrada nos ambientes naturais de relação e de trabalho. Via de regra, para que se alcance essa

⁴ Caridade, in Kardec, 2000, p.67: *sentimento de benevolência, de justiça e de indulgência relativamente ao próximo, baseado no que quereríamos que o próximo nos fizesse.*

⁵ A pesquisadora é psicóloga, psicoterapeuta e também voluntária desde 1994 na CEA-AMIC, onde uma das tarefas com a qual tem se ocupado como voluntária, é a de ajudar os voluntários quando necessário, no processo de auto-conhecimento e de educação anímica.

qualidade relacional, em um grupo, é necessário que se faça um árduo trabalho de alfabetização anímica, ou seja, de aprendizado de como não cair no automatismo dos mecanismos psíquicos de defesa do Ego, que muito comumente afloram nas inter-relações humanas, como, por exemplo, racionalização, negação, projeção, deslocamento, etc. É necessário também, um contínuo investimento de energia na construção *dos olhos de ver*, ou seja, a habilidade de enxergar com os olhos permeados pelas qualidades do espírito – um pouco de eternidade e infinitude no olhar – para não ser tragado pelos próprios papéis temporais desempenhados no aqui e agora. A partir desse espaço anímico, liberado tanto dos mecanismos defensivos do Ego, quanto da compulsão de repetir automaticamente alguns papéis socialmente aprendidos - redutores da experiência de si mesmo como um ser eterno - é necessário construir a capacidade de colocar-se, no dia a dia, como um agente e, ao mesmo tempo, como um observador de sua própria atuação no mundo, em outras palavras, como um espírito eterno, vivendo na temporalidade. Aos poucos é possível, então, ir deixando de agir automática e reativamente frente à trama na qual a própria vida está envolvida, tornando-se uma testemunha do seu próprio caminhar em *retorno a uma vida em unidade com a Presença de Deus, no recôndito do coração*.

Esse processo de desautomatização da ação e potencialização da expressão do ser de cada um dos voluntários, constitui-se é portanto, em uma condição necessária, para o êxito desse tipo de trabalho voluntário, praticado como Caridade. Nesse sentido, chama sobremaneira a minha atenção, o fato de que a troca experiencial entre os voluntários, é feita de um modo intimista, sensível e permeada por um *certo encantamento*, que se aproxima muito daquele estado, que normalmente encontramos nos apaixonados e nos poetas, quando falam do seu amor.

Contemplo mais uma vez essa cena, que se repete todo último domingo de cada mês: os *sócios* da AMIC chegando para a *distribuição*. E a cada mês essa cena me toca mais intimamente: vejo ali, uma encantadora faceta do humano, antiga e nova ao mesmo tempo, aliás novíssima, no sentido da concretização no social de uma experiência ética e estética, permeada pelas qualidades do espírito. Esse conjunto de imagens e signos, ali encarnados, me cativa e me convida à reflexão. Conheço de perto e por dentro apenas a minha história,⁶ sei o que me trouxe até aqui, o que encontrei na CEA-AMIC, por que fiquei e, por

⁶ Mais informações, vide Cap. II, item 1.

que, com o passar do tempo, sinto meu compromisso interno e externo com o trabalho que aqui se realiza cada vez mais permeado por um *gosto de maturidade e* regado com um *perfume de eternidade*.

Sei também que foi à medida que o trabalho da CEA-AMIC foi crescendo – tanto qualitativa como quantitativamente - que cresceu em mim, junto com ele, a compreensão do sentido e do significado desse trabalho que aqui é feito – Caridade material e espiritual - tanto para quem o faz, como para aqueles que dele se beneficiam. Muitas vezes me encontro a indagar às estrelas:

Que mistério aproximou e uniu esse grupo de almas? Que propósitos se ocultam por trás desses encontros? Que horizontes de experiências humanas têm nesses encontros, sua manjedoura e seu regaço?

Que histórias de vida guarda cada uma dessas pessoas que se vinculou a esse trabalho, como voluntária? Como cada uma delas foi biograficamente sendo conduzida até a CEA-AMIC? O que aqui encontrou? Por que permaneceu?

O que movimenta cada uma dessas pessoas por dentro, para escolher estar trabalhando voluntariamente em momentos que, normalmente, são dedicados ao lazer e ao descanso, no grupo social a que parece pertencer?

Que experiências esse trabalho proporciona a cada uma dessas pessoas que chega à CEA-AMIC e permanece trabalhando como voluntária?

O que cada uma delas encontrou de significativo nesse trabalho voluntário, nesse lugar e nessa forma de prestar ajuda ao próximo, chamada Caridade?



*...pois não podemos deixar de falar
nas coisas que vimos e ouvimos.
Atos dos Apóstolos, 4:20*

INTRODUÇÃO

Sentimos a necessidade - a exemplo de dois afluentes que alimentam um rio com suas águas grávidas de distintas paisagens - de introduzir esse trabalho em duas vertentes:

- a primeira delas, que aqui chamamos de *introdução ao tema*, faz uma espécie de mapeamento geopolítico do tema, situando o leitor quanto às particularidades do território – o trabalho voluntário - dentro do qual nos moveremos;

- a segunda delas, que aqui chamamos de *introdução à pesquisa*, faz uma espécie de mapeamento do processo, situando o leitor acerca do percurso e dos recursos através dos quais nos movimentamos dentro do tema;

Na introdução ao tema situaremos, então, o leitor com breves pinceladas acerca da paisagem na qual ele vai adentrar, ou seja, a paisagem do trabalho voluntário no mundo contemporâneo e, dentro dela, a Caridade. Na introdução à pesquisa situaremos o leitor acerca dos caminhos – internos e externos - que percorremos para retratar essa paisagem, de modo a tornar mais visível certas particularidades dela, a exemplo de um pintor que escolhe retratar de certos ângulos a paisagem, uma vez que eles evidenciam melhor a atmosfera que lhe tocou a sensibilidade e, que ele deseja tornar visível a outros. Alguns momentos, às vezes delicados, às vezes dramáticos - do encontro entre a luz e aquele recanto da terra - que seus olhos viram e seus ouvidos ouviram, e que ele, o pintor, deseja testemunhar através das tintas e do pincel.

Introdução ao Tema

Elegemos então, como tema para essa pesquisa, o trabalho voluntário, tal como realizado pelo espiritismo-kardecista⁷ – em que ele é praticado como Caridade,⁸ sob a égide da

⁷ In KARDEC, (2000 p.36), 255^a Ed. O Espiritismo é a nova ciência que vem revelar aos homens, provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, e suas relações com o mundo corporal; ele no-lo mostra, não mais como uma coisa sobrenatural, mas ao contrário, como uma das forças vivas e incessantemente ativas da Natureza, como a fonte de uma multidão de fenômenos incompreendidos, até então atirados, por essa razão, ao domínio do fantástico e do maravilhoso.

⁸ In KARDEC, (2000, p.144) 225^a Ed. “Amar o próximo como a si mesmo: fazer para os outros o que queremos que os outros fizessem por nós” é a mais completa expressão da caridade, porque resume todos os deveres para com o próximo.

máxima, *Fora da Caridade não há salvação*.⁹ O trabalho voluntário, assim realizado, agrega a si algumas particularidades das quais nos ocupamos nessa pesquisa, tentando, ao mesmo tempo, situá-lo frente às características mais constantes agregadas ao trabalho voluntário, quando realizado nos outros contextos, nos quais ele é contemporaneamente praticado. Seja o trabalho voluntário realizado em outras instituições religiosas, ou o trabalho voluntário realizado em contextos recém configurados, como àquele vinculado às ONG's e à Filantropia Corporativa Empresarial.

O fato de que o primeiro ano do século XXI foi dedicado internacionalmente ao voluntariado explica, por si mesmo, o grau de importância que o trabalho voluntário vem assumindo no mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo, aponta para a necessidade de estudos e pesquisas que ajudem na compreensão das mudanças sociais subjacentes à uma tendência de crescimento apresentada pelo trabalho voluntário no mundo como um todo. Essa tendência de crescimento apresentada pelo trabalho voluntário, revelou-se tanto no sentido quantitativo, como no sentido qualitativo, uma vez que nesse fim de século, ele apareceu com novas roupagens, até então não conhecidas.

Quando se fala no crescimento do trabalho voluntário, fala-se portanto, ao mesmo tempo, no crescimento de um conjunto de organizações socialmente emergentes, dentro das quais o trabalho voluntário vem sendo realizado em nossos dias. Apesar de serem distintas quanto a tamanhos, área de atuação, clientela, e princípios orientadores da sua prática, essas organizações, têm algumas características em comum, que conforme Fernandes (1994, p.11), são: *o fato de serem todas elas privadas; não visarem lucro; atuarem na esfera pública em iniciativas que não são realizadas pelo Estado; e envolverem cidadãos, de modo espontâneo e voluntário em ações que visam o interesse comum*. Ou seja, se orientam por uma lógica que envolve categorias como: pensar no outro, no conjunto, nas suas necessidades, no bem maior, coisas que até pouco eram deixadas a cargo do Estado ou das Igrejas.

Esse crescimento, tanto quantitativo, quanto qualitativo, tornou-se mais intenso nas três últimas décadas, ou seja, de 1970 em diante, conforme ressalta Salamon (1993, *apud* Fernandes 1994, p.17), ao apresentar os seguintes índices de diversos países:

⁹ In KARDEC, (2000 p.203), 255^a Ed. Meus filhos na máxima: Fora da Caridade não há salvação, estão contidos os destinos dos homens na Terra e no Céu.

Tabela 1- Dados sobre o crescimento do Setor sem fins lucrativos

País	Dado quantificador	Tipo de Organização	Localização tempo
EUA	65%	Organizações não lucrativas	criadas depois de 1960
<i>Fonte: Survey realizado em 16 comunidades norte-americanas</i>			
França	54.000	Associações	criadas em 1987
<i>Em contraste com 10.000 a 12.000 criadas por ano na década de 60</i>			
Inglaterra	221% da arrecadação	Organizações Filantrópicas	entre 1980 e 1986
<i>Dados recentes registram 275.000 charities na Grã-Bretanha, movimentando 4% do PNB</i>			
Itália	40%	Organizações Voluntárias	criadas depois de 1977
<i>Pesquisas indicam forte impulso na formação de Org. Voluntárias nos anos 70 e 80</i>			

Fonte: Salamon, Lester (1993 apud Fernandes 1994, p.17)

Alguns dados sobre os recursos financeiros movimentados, segundo as áreas de atuação das organizações do Terceiro setor nos Estados Unidos, também podem nos dar uma idéia do intenso crescimento apresentado por essas organizações nas últimas décadas, e nos levar a pensar acerca das possíveis conseqüências sociais dessa expansão.

Tabela 2 - Distribuição dos recursos segundo a área de atuação das organizações do Terceiro Setor nos Estados Unidos

Área de Atividade das Organizações	Recursos	
	Quantia (em bilhões de dólares)	% do total
Saúde	70,0	60
Educação/Pesquisa	25,52	22
Serviços Sociais	13,2	11
Desenvolvimento Comunitário Cívico	5,4	5
Arte/Cultura	2,6	2
TOTAL	116,4	100

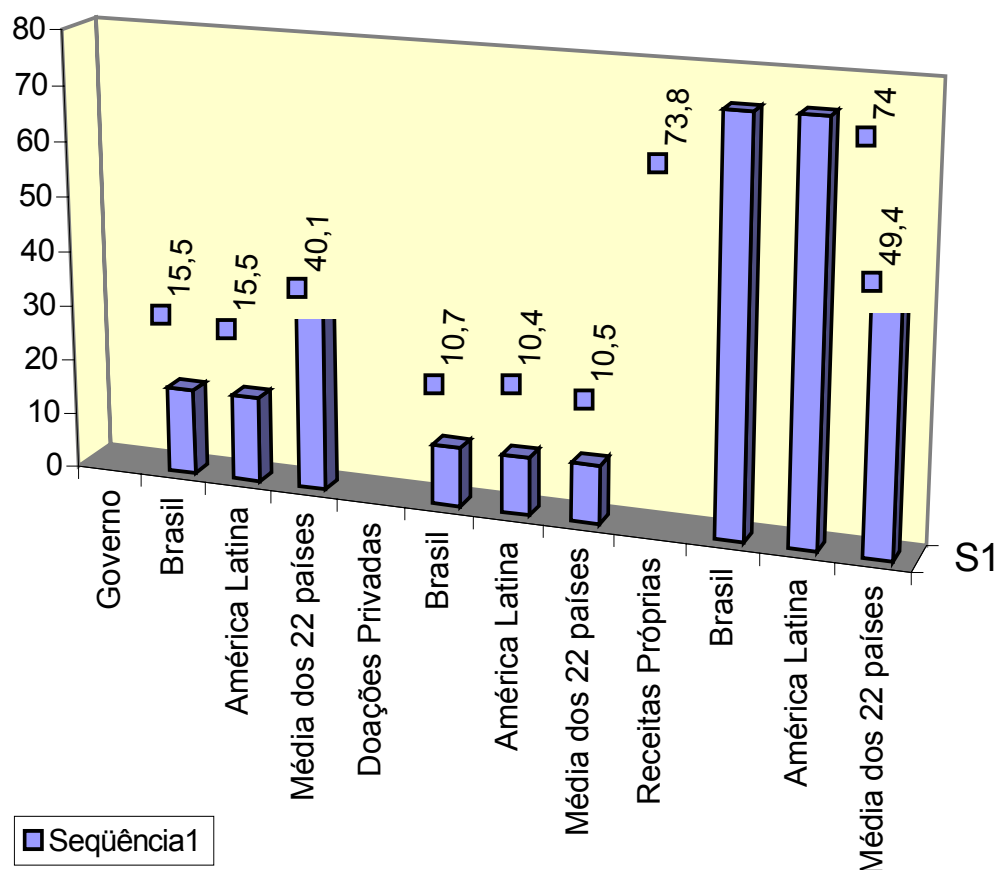
Fonte: *The Federal Budget and Nonprofit Sector*, (Washington, D.C.: The Urban Institute Press, 1982), p.15, Salaman, Lester e Abramson, Allan J., (apud Coelho 2000, p. 17)

Chama a nossa atenção o montante de recursos financeiros movimentado pelas organizações do Terceiro Setor nos Estados Unidos, especialmente as organizações com práticas na área de Saúde, e em seguida, as organizações com práticas na área de Educação/Pesquisa. Essa concentração de recursos do Terceiro Setor, na área de Saúde e Educação/Pesquisa, sugere que está em curso um processo de transferência de responsabilidades

do Estado para os Setores Privados no cumprimento das políticas públicas, com um consequente aumento na percentagem de participação dos setores privados sem fins lucrativos, na prestação desses serviços à população.

Por sua vez, esse aumento de participação de setores privados sem fins lucrativos, nas áreas de Saúde e Educação/Pesquisa, traz como conseqüências maior participação indireta da comunidade na formulação de políticas públicas, maior controle da comunidade acerca do tipo e da qualidade dos serviços oferecidos, maior descentralização nos serviços oferecidos à população e mais oportunidades de trabalho para os extratos médios da população, uma vez que esses serviços exigem, em grande parte, mão de obra qualificada.

Gráfico 1- Médias brasileira, latino americana e de 22 países *, das fontes de recursos para o Setor Sem Fins Lucrativos, 1995 *Excluída a área da religião.



Fonte: *As organizações sem fins lucrativos no Brasil : ocupações, despesas e recursos*. Landim, Leilah, 1999, p.49, apud Pesquisa Comparativa Johns Hopkins/ISER/ "Brasil" , Landim, Beres and Salamon, em Globo Civil Society, Salamon et alii, 1999.

Contudo, se observarmos as médias brasileira, latino americana e de 22 países, das fontes de recursos para o Setor Sem Fins Lucrativos, chama a nossa atenção, por exemplo, a diferença significativa encontrada entre as médias das fontes de recursos para o Terceiro Setor, oriundas do governo e das receitas próprias, para os países da América Latina e para o Brasil, bem como a semelhança entre essas mesmas médias, para os 22 países estudados por essa pesquisa

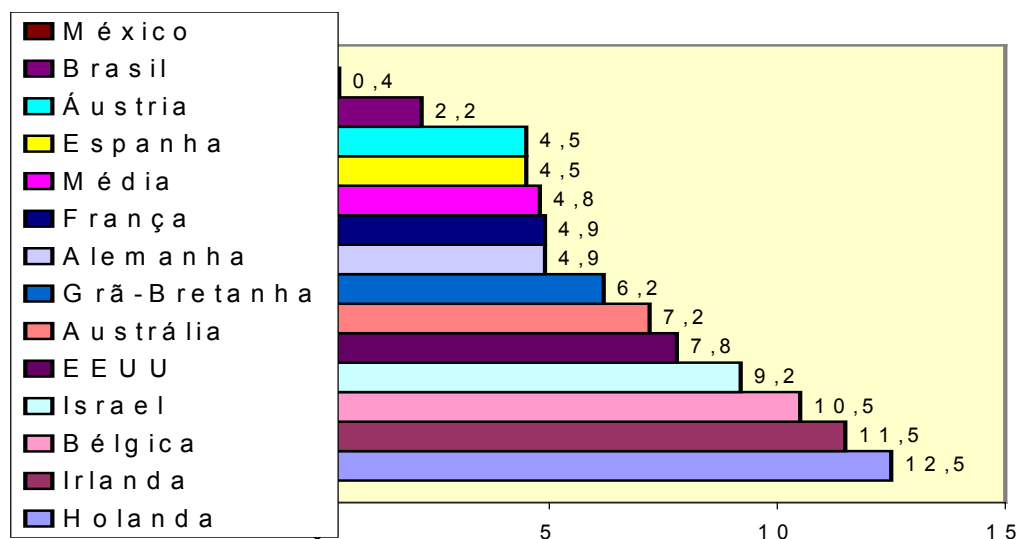
A hipótese avançada para esses autores, diante dos resultados da pesquisa comparativa, é de que a sustentação das voluntárias através da geração de recursos próprios “é naturalmente mais pronunciada onde a doação privada é limitada e há pouca disponibilidade de financiamento governamental por razões políticas ou outras”. ...Esses autores apontam também para os problemas envolvidos nessa tendência atual à “mercantilização” do terceiro setor, a qual teria, como consequência, sérias limitações e distorções quanto à natureza e os objetivos das práticas desenvolvidas por essas organizações.¹⁰

Segundo Landim, (1999, p. 51) a grande proporção de receitas próprias no financiamento das Organizações Sem Fins Lucrativos no Brasil, está diretamente ligada à predominância das áreas de Saúde e Educação (67%) na composição do Terceiro Setor. Mais especificamente, essas receitas que têm um peso econômico, são derivadas das mensalidades e taxas pagas pelos serviços, tanto de Saúde quanto Educacionais, prestados por essas organizações. Na prática, essa peculiaridade agregadas ao Setor Sem Fins Lucrativos no Brasil, segundo Landim, (*ibidem*, p.52), acarretam distorções ao Setor *ao incluir [nele] organizações que se comportam como empresas lucrativas*, embora não assumam todas as responsabilidades sociais, previstas numa economia capitalista, como pertinentes ao lucro.

Podemos também visualizar a expansão da prática do trabalho voluntário neste fim de século, através dos índices de participação do *Setor sem Fins Lucrativos* no total da mão-de-obra ocupada em vários países do mundo.

¹⁰ In LANDIM, Leilah, (1999, p. 49 e 50).

Gráfico 2- Participação do Setor sem Fins Lucrativos no total de pessoal ocupado, segundo países, em 1995



Fonte: *As organizações sem fins lucrativos no Brasil : ocupações, despesas e recursos*
Landim, Leilah e Beres, Neide (1999, p. 30)

Para Landim, (*ibidem*, p.31), pode-se afirmar que, apesar da taxa de participação do Setor Sem Fins Lucrativos no total de todo o pessoal ocupado no Brasil ser de 2,2% e, portanto, abaixo da média mundial, que é de 4,8%, esse conjunto de organizações criou, proporcionalmente, mais empregos do que o crescimento observado para o conjunto da economia brasileira – comparando-se os anos 1991 e 1995.

Pode-se, portanto, considerar que essa expansão proporcionalmente maior do mercado de trabalho, vinculado ao Terceiro Setor da Economia, em um país onde o desemprego é crônico, traga consequências sociais significativas, além de atuar positivamente no sentido da legitimação social dessas organizações.

Várias denominações vêm sendo usadas para designar esse novo grupo de organizações que têm emergido no seio da sociedade civil, dentre elas: organizações sem fins lucrativos, organizações voluntárias, terceiro setor e organizações não governamentais (ONG's). Contudo, os contornos da ação social à qual esses nomes se referem, bem como suas parti -

cularidades, ainda não estão totalmente visíveis e diferenciados das práticas existentes antes da década de 1970, no que concerne ao trabalho voluntário.

As práticas do trabalho voluntário e da doação existiram desde o início da sociedade brasileira¹¹ - a primeira Santa Casa de Misericórdia se instalou no Brasil em 1540 – no entanto, elas raramente se constituíram em uma questão social, da forma como está sendo construída e levada a público agora, como atestam, por exemplo, as freqüentes matérias na mídia sobre iniciativas individuais exemplares, campanhas de doação, páginas de *internet* de oferta e procura de voluntários, cursos de capacitação ou promoção do “voluntariado empresarial” entre funcionários, e lançamento de cartões de crédito de entidades não governamentais.

Apesar disso, conforme nos informa Landim (2000, p.12) o interesse pelo estudo desse tema, no Brasil, só apareceu no final dos anos 90 quando se iniciou uma discussão sobre o trabalho voluntário e a doação individual, que se desenvolveu quase que totalmente fora do espaço acadêmico. Esse debate aconteceu prioritariamente no campo fronteiriço ao das instituições privadas de ação social, algumas agências governamentais, incluindo também grupos do setor privado envolvidos com a criação do *investimento social empresarial*.

Recentemente, entretanto, algumas iniciativas tomadas pelas instâncias oficiais - ao transformar a questão do trabalho voluntário em objeto de regulação legal, criando, em 18/02/98, a “A Lei do Voluntariado”¹² - atuaram com grande peso de legitimação social para essa prática do trabalho voluntário – um campo até então carente de reconhecimentos – e, em consequência, o tema, *doação de tempo e dinheiro*, foi colocado no centro do debate do espaço público, conforme nos relata Landim (2000, p.12).

Esse processo de legitimação social do trabalho assistencial, realizado pela sociedade civil *para e/ou com* a população desvalida, continuou seu caminho de consolidação, ganhando visibilidade e importância social através da promulgação, pelo Estado, de Decre -

¹¹ Ver Cap.I, item 1.2, para mais informações sobre a história do trabalho voluntário.

¹² A Lei do Voluntariado, sancionada em 18 de Fevereiro de 1998, traz uma definição oficial do que “considere-se serviço voluntário: “a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade”. (Lei nº 9608, Diário Oficial da União). Para ler a Lei do Voluntariado na íntegra, ver Anexo 2.

tos, Portarias e Resoluções¹³ complementares, destinadas à regulação legal da sua ação, incluindo nela a regulação dos mecanismos para captação dos recursos financeiros a ela destinados, seja através de dotações orçamentárias, isenções fiscais, doações ou de financiamentos de projetos por Instituições Internacionais de Ajuda.

Várias pesquisas comparativas vêm sendo feitas em vários países acerca do desempenho dessas organizações, haja vista a extensa bibliografia disponível sobre o tema no contexto internacional. No Brasil, contudo, o tema do trabalho voluntário – com os contornos com os quais ele tem sido praticado de 1970 em diante - foi pouco estudado, a ponto de, como nos relata Landim (1993, *apud* Fernandez, p. 29), os fichários existentes nas seis principais bibliotecas do Rio de Janeiro nessa época [1993], organizados por assunto, não incluírem palavras como “filantropia”, “não governamental”, “sem fins lucrativos”, “Fundações” ou “voluntário”. Tal situação também foi encontrada por nós, nos fichários da biblioteca da Unicamp no ano 2000, embora existissem nesses mesmos fichários uma longa lista de títulos sobre a categoria “caridade” e “Serviço Social”.

Os primeiros estudos e pesquisas sobre o tema, no Brasil, começaram com o *Projeto Filantropia e Cidadania*, realizado pelo Instituto Superior de Estudos da Religião - ISER, sob a Coordenação de Leilah Landim e com a colaboração de vários pesquisadores, entre 1993 e 1996. Nesse projeto¹⁴ quinze pesquisas foram realizadas, acerca de diferentes grupos religiosos - católicos, protestantes, espíritas etc. – e de distintas formas de organizações da sociedade civil como, Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, ONG's etc. nos quais o trabalho voluntário era praticado. Foi também realizada, em seguida, a pesquisa sobre *As organizações sem fins lucrativos no Brasil: ocupações, despesas e recursos*, através de uma parceria entre o ISER e o Institute for Policy Studies da Johns Hopkins University, sob a Coordenação de Leilah Landim e Neide Beres, e publicada em 1999.

No ano 2000 tivemos a primeira publicação de uma pesquisa no Brasil que se ocupava não das instituições que realizavam trabalho voluntário, mas das doações, tanto de

¹³SZAZI, 2000, Ed. Fund. Peirópolis. Ver coletânea de toda a Regulação do “Terceiro Setor” existente no país até sua publicação: textos oficiais das leis, decretos, portarias e resoluções relativas à regulação da ação das organizações da sociedade civil na assistência social, bem como dos mecanismos de captação dos recursos financeiros para sua realização.

¹⁴ Relação detalhada das pesquisas realizadas no Projeto Filantropia e Cidadania no Brasil, ver anexo 4.

bens, dinheiro, quanto do trabalho voluntário. Foi a pesquisa - *Doações e Trabalho Voluntário no Brasil* - realizada por Leilah Landim e Maria Scalon, e publicada no Rio de Janeiro pela Viveiros de Castro Editora Ltda. Essa pesquisa se ocupou da sistematização dos dados, tanto sobre doações feitas em dinheiro e em bens, quanto sobre as características dos doadores brasileiros:

Se você passou dos 40, está na faixa dos que mais se predispõem a fazer donativos (em dinheiro, porque no caso dos bens a idade não influi). ...Quanto maior a escolaridade, mais propensão têm os indivíduos para fazer donativos tanto em dinheiro, como em bens. ...quanto maior a frequência a cultos religiosos maior a propensão a se fazerem doações, tanto em bens como em dinheiro. ...os espíritas-kardecistas, com sua doutrina em que a caridade ocupa posição central, são os mais propensos a fazer doações para instituições, tanto em dinheiro, como em bens.¹⁵

Trouxe também à luz, pela primeira vez, algumas características das pessoas que doam tanto seu tempo, quanto bens e dinheiro, permitindo assim, a formulação de um primeiro perfil do voluntário brasileiro típico, bem como alguns dados acerca do próprio trabalho voluntário doado às instituições:

A única característica, que se mostrou significativa, quando consideramos o perfil dos que doam tempo do seu trabalho para instituições, foi a frequência a cultos religiosos. Fora isso, em tudo o mais, o perfil do voluntário é o do brasileiro médio, do cidadão comum. Pessoas de diversas idades, rendas, níveis educacionais e religiões se oferecem para doar seu tempo – nenhuma dessas variáveis demonstrou ser significativa na diferença entre pessoas que fazem ou não fazem trabalho voluntário.¹⁶

Encontrou, então, uma relação significativa entre frequência a cultos religiosos e doação de algum tempo para trabalho voluntário:

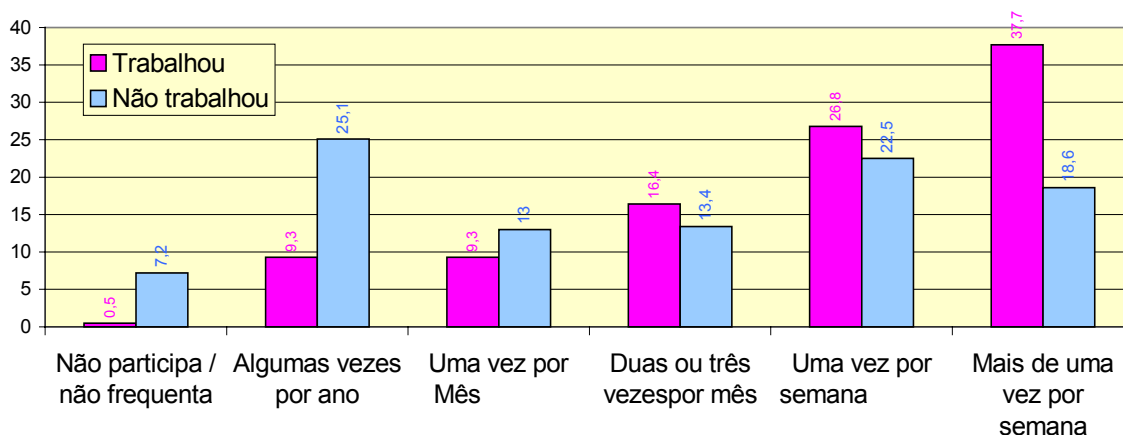
¹⁵ In LANDIM, (2000, p. 74,75,76)

¹⁶ In LANDIM, (2000, p. 60)

Tabela 3 - Trabalho voluntário para instituições por freqüência a culto religioso

Freqüência a cultos	Trabalhou	Não trabalhou
Não participa / não freqüenta	0,5	7,2
Algumas vezes por ano	9,3	25,1
Uma vez por mês	9,3	13
Duas ou três vezes por mês	16,4	13,4
Uma vez por semana	26,8	22,5
Mais de uma vez por semana	37,7	18,6

Gráfico 3 - Trabalho Voluntário para Instituições por freqüência a culto religioso



Fonte: *Doações e Trabalho Voluntário*. Landim, Leilah, 2000, p.61, Ed. 7 Letras

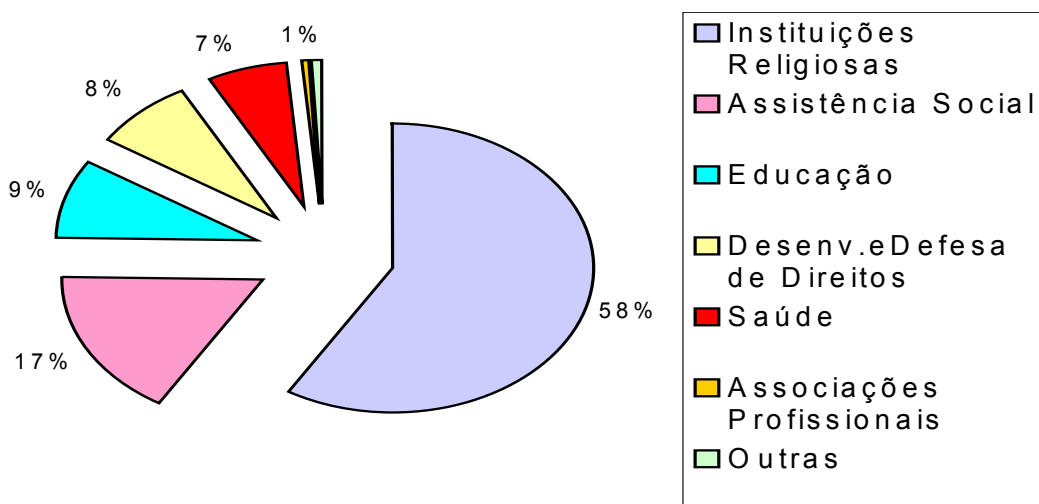
Através desses dados fica bem visível que à medida que aumenta a freqüência ao culto religioso, aumenta também o percentual de pessoas que doa seu tempo para o trabalho voluntário. Pena que nesse relato, dos resultados dessa pesquisa, a autora não informe dados acerca da percentagem de participação de cada culto religioso distinto, para um total de 95,5% das pessoas que freqüentam cultos religiosos, apresentando níveis distintos de adesão religiosa, e que doam parte do seu tempo realizando algum trabalho voluntário. Nessa pesquisa, (ibidem, p.54 e 55), constatou-se também, que do número total de horas de trabalho voluntário aferidas, 58,7% são realizadas em instituições religiosas e 16,7% em instituições de assistência social (comumente chamadas “obras sociais”, ou “instituições filantrópicas”), que, via de regra são órgãos sociais de instituições religiosas. Contudo, nesse

relato de pesquisa, não estão especificados, as instituições religiosas nas quais esses voluntários doam seu tempo, ou seja, com qual percentagem cada instituição religiosa, ou cada religião, participa neste total de horas de trabalho voluntário.

Tabela 4 -Tempo de trabalho voluntário, segundo área de atividades

Áreas de Atividades	% em horas
Instituições Religiosas	58,7
Assistência Social	16,7
Educação	8,9
Desenv.e Defesa de Direitos	7,9
Saúde	6,5
Associações Profissionais	0,4
Outras	0,9
Total	100

Gráfico 4 - Tempo de trabalho voluntário, segundo área de atividades



Fonte: *Doações e Trabalho Voluntário*, Pesquisa do ISER, 1998, Landim, Leilah, 2000, p.54/55, Ed. 7 Letras

Se olharmos mais particularmente para o trabalho voluntário, tal como praticado as instituições espíritas-kardecistas¹⁷ - o tema da nossa pesquisa - veremos que está todo ele alocado nas áreas de atividades, nominadas pela pesquisa de Landim (2000, p. 54/55) como Instituições Religiosas e Assistência Social, que perfazem, respectivamente, um total de 56,7% e 16,7% de todo o trabalho voluntário doado no país. Embora não se tenha publicado, os percentuais de participação do espiritismo-kardecista em todo o montante de trabalho voluntário doado no país, segundo Giumbelli (1995, p.7), existe uma tradição academicamente reconhecida, quanto a participação ativa do espiritismo-kardecista no total de todo trabalho voluntário realizado no país.

Contudo, afirma Giumbelli (*ibidem.*, p. 7) – que no *Projeto Filantropia e Cidadania*¹⁸ foi o responsável pelo estudo das instituições espíritas-kardecistas - apesar de já se encontrar na literatura acadêmica um reconhecimento da importância, da participação das instituições espíritas na área da assistência social, esse trabalho foi muito pouco estudado até o momento e quase nada se conhece das suas particularidades, da sua forma de organização institucional e das peculiaridades da sua atuação no campo da assistência social. É importante ressaltar que essa participação significativa do espiritismo-kardecista no total de todo trabalho voluntário realizado no país, é uma condição peculiar do Brasil, onde o mesmo se expandiu sobremaneira, e que merece ser pesquisada e melhor compreendida, uma vez que não acontece em outros países, muito menos no seu país de origem, a França.

Segundo dados do IBGE,¹⁹ colhidos no censo Demográfico 2000, o espiritismo-kardecista, conta com 2 337 432 adeptos, sendo que destes, 1 417 752 estão situados na região sudeste. Segundo dados da Federação Espírita Brasileira, o espiritismo-kardecista, conta hoje com 8 milhões de adeptos,²⁰ e 30 milhões de simpatizantes, incluindo nesse total aqueles que, embora não se declarem espíritas-kardecistas - ao responderem perguntas sobre religião, especialmente frente a órgãos oficiais - freqüentam as casas espíritas, em busca de ajuda espiritual para seus momentos de dor. Segundo a antropóloga Céres de Carvalho

¹⁷ Que se orientam pelos ensinamentos trazidos pelos espíritos. Esses ensinamentos foram codificados em cinco obras básicas por Allan Kardec a partir de 1857. No Brasil temos no séc. passado uma profusão de ensinamentos complementares, especialmente através da psicografia de Chico que publicou 418 títulos em vida.

¹⁸ Projeto Filantropia e Cidadania, que estudou as organizações civis dedicadas à ação social no Brasil, realizado pelo ISER (Instituto de Estudos da Religião), financiado pela Fundação Interamericana e Coordenado por Leilah Landim, entre 1993 e 1996, Rio de Janeiro.

¹⁹ In www.ibge.net/home/estatística/população/censo2000/tabulação_avancada/tabel...

²⁰ In. www.aculturaonline.hpg.ig.com.br.espiritismo.htm.

Medina, da PUC de São Paulo, autora da tese *Antropologia e Religião*, o número de espíritas no Brasil está próximo a 12 milhões.²¹

Segundo a pesquisa da Johns Hopkins,²² em 1995, no Brasil havia cerca de 300 mil voluntários engajados no Terceiro Setor (fundações, associações comunitárias etc.) e mais de 3 milhões espalhados por organizações religiosas de todo tipo (espíritas, pastorais da igreja etc). Giumbelli (1996,p.1) na Introdução à sua pesquisa - *Em nome da Caridade: Assistência Social e Religião nas Instituições Espíritas* – que se propôs a fazer “a avaliação do significado e da expressividade das iniciativas assistenciais filantrópicas desenvolvidas por instituições filiadas ao espiritismo-kardecista”, nos relata: “Assim como outras confissões religiosas, o trabalho de muitas ONGs e as iniciativas de filantropia empresarial, as instituições espíritas promovem atividades tecnicamente caracterizáveis pela categoria ‘assistência social’. Mesmo se definindo por uma filiação religiosa, tais atividades cobrem públicos bem mais amplos de que os freqüentadores de cultos e reuniões espíritas. ”

Se considerarmos então, a reconhecida participação dos espíritas-kardecistas no trabalho assistencial realizado no país, através da Caridade - como aí é concebido e praticado o trabalho voluntário - esses dados, por si mesmos apontam a necessidade de se realizar estudos e pesquisas qualitativos, que possam contribuir para a compreensão das particularidades agregadas à este, quando realizado sob a égide da máxima que tomam como lema: *Fora da Caridade não há Salvação*.²³

Giumbelli, (apud Landim, p. 43) comenta, que “os espíritas-kardecistas, doutrina em que a caridade ocupa posição central, são os mais propensos a fazer doações, tanto em dinheiro, como em bens. E a maior parte dessas doações vai para entidades dedicadas à assistência social, e não aos centros religiosos – se bem que, como alguns estudos têm demonstrado, há dificuldades particulares em se separar esses dois domínios, nessa tradição religiosa”.

No que se refere à doação de bens e dinheiro, a pesquisa de Landim (*ibidem*, p.43), nos informa que, os espíritas-kardecistas foram responsáveis por 43,6% de todas as doações de bens e 35,9% de todas as doações em dinheiro feitas.

²¹ In www.terra.com.br/istoegente/143/reportagens/capa_espiritismo.htm

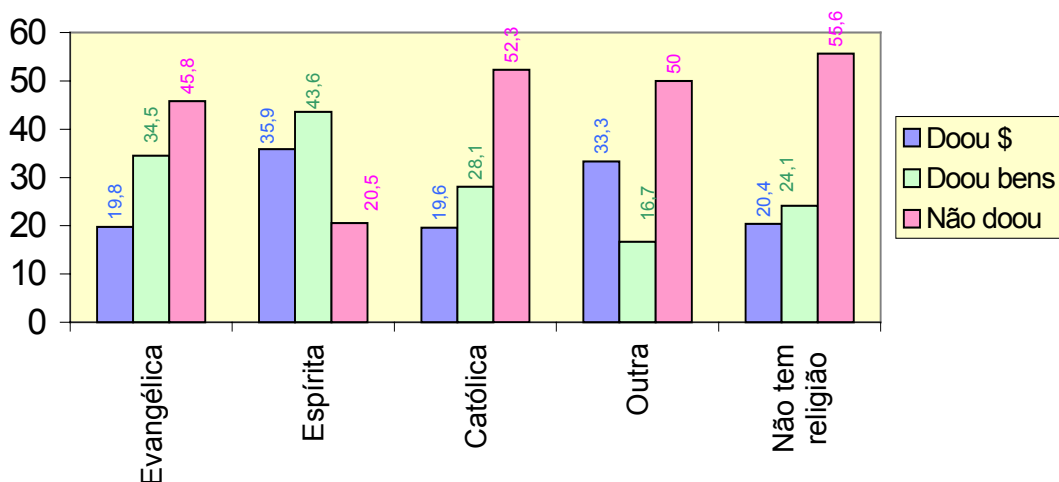
²² In www.estado.com.br/editorias/2001/06/18/eco745.html: Jorge, Miguel. Voluntariado e cidadania.

²³ In KARDEC, (2000, p.197), 255^A Edição.

Tabela 5 - Doação para instituição por religião

	Doou \$	Doou bens	Não doou
Evangélica	19,8	34,5	45,8
Espírita	35,9	43,6	20,5
Católica	19,6	28,1	52,3
Outra	33,3	16,7	50
Não tem religião	20,4	24,1	55,6

Gráfico 5 - Doação para instituição por religião



Fonte: *Doações e Trabalho Voluntário*. Landim, Leilah, 2000, p.43, Ed. 7 Letras

As instituições espíritas-kardecistas, participam, portanto, através de seus membros - os espíritas-kardecistas - com índices significativos, nas doações de bens e dinheiro, em comparação com os membros de outras religiões (Evangélica, Católica e Outras), uma vez que doaram, respectivamente, 43,6% e 35,95% de todos os bens e dinheiro doados para instituições que prestam ajuda a pessoas em dificuldades.

O significativo crescimento dos espíritas-kardecistas no Brasil nas últimas décadas, os altos índices de participação destes no total de todos os bens e dinheiro doados no país, bem como os indícios de que também são altos os índices de participação destes no volume de todo trabalho doado no país, nos levam a considerar necessária, a realização de estudos e

pesquisas que possam contribuir para caracterizar o trabalho voluntário realizado nas instituições espíritas-kardecistas.

O trabalho voluntário realizado nas instituições espíritas-kardecistas – sob a égide da Caridade – fundamenta sua ação na máxima *Fora da Caridade não há Salvação* que agrega ao trabalho voluntário algumas particularidades, como:

- a prática do cultivo cotidiano, por cada voluntário, dos valores morais associados à prática da caridade que, para Kardec, são os *sentimentos de benevolência, de justiça e de indulgência relativamente ao próximo, baseado no que quereríamos que o próximo nos fizesse*.²⁴
- as motivações conseqüentes da vinculação entre a Caridade e a *salvação da própria alma*, que perpassa essa prática do trabalho voluntário, como compreendida e praticada no ambiente espírita-kardecista

O fato da presente pesquisa ter como objeto de estudo o trabalho voluntário em uma instituição espírita-kardecista - que agrega à sua prática a ênfase no cultivo de valores morais, tanto pelo voluntário quanto pela instituição, ao mesmo tempo que vincula a ação de ajuda ao outro à salvação da própria alma - pode ajudar na compreensão das combinações existentes entre religião e assistência social, entre valores associados à caridade e os associados à lógica da cidadania. A lógica subjacente às formas de sociabilidade não políticas, emergente no seio das mais variadas iniciativas de cunho voluntário e associativo, se constitui em um fenômeno que está a solicitar dos estudiosos, renovadas elaborações conceituais para ser compreendida. No Brasil esse tema das formas de sociabilidade não políticas, só recentemente começou a ser sistematicamente estudado, tendo como um dos trabalhos pioneiros o já citado *Projeto Filantropia e Cidadania no Brasil*, realizado pelo ISER, sob a coordenação geral de Leilah Landim, entre 1993 e 1996.

Consideramos então, que pesquisar o trabalho voluntário tal como praticado em uma instituição espírita-kardecista, pode trazer contribuições ao estudo do tema, no que se refere:

- à compreensão do fenômeno do trabalho voluntário realizado a partir de referências orientadas por valores espirituais, pois se trata de uma pesquisa realizada numa institui -

²⁴ In KARDEC, (2000 pág. 67) 255^a Ed.

ção religiosa, espírita-kardecista, distinta, neste aspecto, dos trabalhos realizados por aqueles que estudam as ONG's ou Filantropia Empresarial, mais comumente pesquisados;

- à ampliação da compreensão do fenômeno do trabalho voluntário, realizado sob a égide da máxima *Fora da Caridade não há salvação*, a qual vincula a ação de ajuda ao outro à salvação da própria alma, através do cultivo dos valores morais associados à Caridade;²⁵

- à identificação de elementos que ajudem na compreensão da lógica das relações sociais relativas às *formas de sociabilidade não políticas*, emergentes de iniciativas variadas de cunho voluntário e associativo;

- à discussão acerca da institucionalização e profissionalização do trabalho voluntário, pois aborda o trabalho voluntário a partir de indivíduos, na condição de voluntários e não a partir das organizações, como comumente o fazem aqueles que estudam o chamado Terceiro Setor.

Também pode trazer alguma contribuição ao estudo do tema, o fato dessa pesquisa ser realizada a partir do ponto de vista do voluntário - tentando compreender as particularidades do trabalho voluntário a partir de indivíduos, na condição de voluntários - o que não é o comumente encontrado nas pesquisas realizadas sobre o tema em questão, que, via de regra, se reportam à ótica das organizações.

As possíveis contribuições ao estudo do tema, advindas do fato de se pesquisar o trabalho voluntário sob a ótica do próprio voluntário, ficam ainda mais visíveis, se levarmos em conta que, nesse momento, no Brasil, o trabalho voluntário vem apresentando uma tendência de crescimento em vários aspectos:

- no número de organizações no Brasil, segundo Goldberg, (2001,p.10), baseado em dados da Receita Federal, em 1991 existiam 220.000 organizações da sociedade civil voltadas ao bem público, embora existam indícios de que esse número tenha dobrado desde então;
- no número de pessoas envolvidas, segundo Landim (2000, p.52) as pessoas que doam alguma parte do seu tempo para “ações de ajuda” a alguma instituição ou pes-

²⁵ In LANDIM, (1998, p.13). Descobrimos que a “caridade” dos espíritas kardecistas, mais do que um princípio geral, teve um peso especial na afirmação social dessa orientação religiosa em nosso país e que essa “caridade cristã”, entre os espíritas, nunca esteve distante de idéias de cidadania.

soa física fora do seu círculo de proximidades, portanto, envolvidas com o trabalho voluntário, chegam a 19.748.388, ou seja, 22,6 % da população adulta;

- no volume de recursos financeiros movimentados pelas instituições em relação ao volume de recursos financeiros movimentados no Brasil em 1995: o setor não lucrativo movimentou R\$ 10,9 bilhões de reais, o que equivaleu a 1,5% do Produto Interno Bruto (PIB) da época;

- na variedade de organizações que fazem trabalho voluntário no momento atual, o trabalho voluntário é praticado no Brasil por instituições de origem religiosa, governamental, empresarial, bem como por instituições oriundas de distintos grupos organizados da sociedade civil, como ONG's, comunidades de bairro, grupos ecológicos, políticos etc.

Esses dados apontam para a necessidade de se ouvir o voluntário, no sentido de compreender melhor suas motivações e necessidades e também no sentido de compreender melhor o significado do vertiginoso crescimento desse tipo de sociabilidade humana, permeada por conceitos de solidariedade e fraternidade nesse momento da nossa história contemporânea.

Introdução à pesquisa

O ato de tentar descrever através dessa pesquisa, o trabalho voluntário, realizado na CEA-AMIC, instituição espírita-kardecista, onde o trabalho voluntário é praticado como Caridade, e de refletir sobre seu sentido e significado no mundo contemporâneo, é para mim antes de qualquer outra coisa, um pequenino tributo de gratidão. Gratidão primeiramente a Deus e aos seus Santos Espíritos, por tudo e por tanto que tenho recebido ao longo da vida, e particularmente pela direção espiritual recebida, nesses 12 últimos anos, através da Caridade Moral e Espiritual, praticada pela espiritualidade dirigente da CEA-AMIC.

Ponho-me, às vezes, a meditar na infinitude das mãos anônimas, amorosas e amigas, que têm sustentado e alimentado incansavelmente ao longo dos epos, no invisível e no visível, esse recôndito espaço, no intimíssimo sacrário de cada coração humano - e no meu próprio - onde habita uma realidade incorruptível: *a saudade de amar o amor Divino*. En -

trar em contato vivencial com essa *saudade de amar o amor Divino*, através de uma pequena fresta aberta no meu coração, pela Caridade Moral Espiritual recebida da espiritualidade amiga, fez-me transbordar de gratidão. Como uma criança - que se sente plenamente ancorada no amor de seus pais, senti-me tomada por uma imensa vontade de contar a todos, quantos a vontade de Deus permita, que *existe um lugar onde o céu sempre azul, nos faz sonhar, onde a vida consegue o sonho realizar*.

Apesar de não conhecê-los pessoalmente, creio que existem muitos outros anônimos lugares que a misericórdia divina espalhou pela Terra, onde a experiência *da saudade de amar o amor divino* é despertada, cultivada e praticada, a exemplo das estrelas espalhadas no céu, guiando o viajor na escuridão das noites.

Com esse relato acredito que possa contribuir para que cada leitor - que com ele se afinar - possa recordar que no solo mais profundo do nosso coração, repousa intacta uma semente - *da saudade da experiência do amor Divino* - esperando que as chuvas cheguem, para brotar. Que essa saudade recordada possa ser, também, como um sopro sobre as cinzas que encobrem *as brasas do amor ardente*, escondidas nessas sementes da *saudade da experiência do amor Divino*. E que, aos poucos, ao longo da vida, essas *brasas do amor ardente*, reavivadas, possam nos conduzir a experienciar um crescimento real, na capacidade de amar o amor Divino, no cotidiano, através da atenção amorosa, aos simples e pequeninos detalhes do dia a dia.

Hoje, com quase 52 anos, fazendo uma retrospectiva da minha vida pessoal, posso constatar que esses sentimentos, *de saudade de amar o amor Divino*, de estar em comunhão com o amor de Deus, recordados inconscientemente, aqui e ali, através da ação contínua de inúmeras mãos amorosas e amigas, visíveis e invisíveis – que mesmo sem que eu compreendesse claramente o que acontecia comigo ao longo do caminho - me conduziram para a experiência da prática da Caridade.

Pequeninas experiências de aproximação da prática do amor Divino, foram sendo semeadas no território da minha alma, através das mais distintas mãos: às vezes mãos sofridas que pediam socorro, às vezes mãos amorosas que me acolhiam ternamente nos meus momentos de dor, às vezes mãos sábias e amigas, que do invisível semeavam horizontes, auroras, pequenas doçuras e sonhos, para acalantar a alma em momentos áridos da travessia dos desertos de si mesma. Sinalizou-me uma vez, partejando minha alma em um momento

delicado da minha existência, uma dessas mãos invisíveis, que se identificava como um *Espírito Amigo: Filha, os sonhos são como as asas dos anjos, são pedaços de Deus acordados dentro dos homens. Nunca deixes de sonhar e de levar os viajores à sua volta, ao sonho sonhar.*

Vejo, hoje, que foi a sucessão desse conjunto de pequeninos sonhos, ao longo dos anos, que pouco a pouco foi me encaminhando até o encontro, face a face, com a prática concreta da Caridade - tanto material, quanto moral- espiritual - Vaso Sagrado, de onde jorra em plenitude, o Amor vivo de Deus, entre os homens.

Senhor, gratidão eterna por essa invisível e contínua ação dos teus Santos Espíritos, *as Vozes do Céu*,²⁶ que, como estrelas cintilantes, orientam o caminho do peregrino, na travessia dos desertos da alma, na escuridão das noites do espírito.

Essa gratidão é o lugar interno de onde nasceu a vontade para a realização dessa pesquisa: um lugar grávido de reverência e devoção a Deus e aos seus Santos Espíritos. É também o lugar de onde brotam alguns frutos dessa caminhada, em direção à prática da Caridade, feita através de um *maravilhoso, encantado*, e por vezes árduo trabalho de desvelamento – sob a direção da espiritualidade amiga - de véus do egoísmo, que, na interioridade da alma, encobrem essa verdade Eterna do Espírito, mantenedora da vida: a experiência viva do Amor de Deus na interioridade do coração.

Uma verdadeira peregrinação na intimidade da alma, peregrinação educativa e regeneradora ao mesmo tempo, uma vez que ela foi penetrando lentamente a interioridade da alma, e pouco a pouco revelando:

- tanto pequeninas paisagens, nas quais, as águas das memórias de luz, ali existentes escorriam pela paisagem, construindo singelos riachos cheios de harmonia à sua volta,

- quanto densas, sombrias, frias e inóspitas paisagens, nas quais as águas das memórias de ausência de luz, ali existentes, se mantinham estagnadas e criavam pântanos e alagadiços onde os sentimentos de harmonia e paz, trazidos pela experiência de conexão com o amor de Deus, ainda eram completamente ausentes e desconhecidos.

Parece não haver outro caminho para dessedentar a alma sedenta da experiência do

²⁶ In KARDEC, (2000, p. 10) 255^a Ed. As instruções dos espíritos são verdadeiramente as *vozes do céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los à prática do *Evangelho*.

amor Divino, a não ser aquele que conduz essa alma a beber a *água da fonte da vida eterna*, que não é outra coisa, senão, *a experiência viva do amor de Deus, na interioridade do coração*. Contudo, para se chegar a essa Terra Prometida, onde habita, soberana, essa fonte da experiência viva do amor Divino, faz-se mister realizar uma delicada operação de travessia de si mesmo: a reforma íntima. Através dessa travessia de si mesmo, por meio da reforma íntima, é possível, então, ir aos poucos, experimentando pequeninas vitórias, frente aos pântanos do egoísmo. É possível, também, ir lentamente vencendo a imobilidade frente às montanhas de pedra do orgulho e aos lamaçais da vaidade, que, não reconhecidos pela alma, impedem a descoberta das trilhas que conduzem até às planícies férteis da verdadeira Caridade, Terra Prometida, onde o Amor de Deus, como Sol fulgurante, resplandece a cada dia, no alvorecer de cada aurora da alma, nos horizontes límpidos da reforma íntima.

Esse se constitui, então, num relato objetivo de uma experiência concreta da prática da Caridade realizada na CEA-AMIC, feito a partir da experiência pessoal, vivida e contada pelos voluntários. Nesse conjunto, inclui-se também a autora, que terá nessa pesquisa duas inserções: a de voluntária – imersa na realidade descrita - e a de pesquisadora – que observa essa realidade descrita. É também uma espécie de testemunho vivo dos voluntários, feito de próprio punho, de como essa prática descrita – seja Caridade Moral e Espiritual ou Caridade Material - constrói mundos, tanto naqueles que a praticam como naqueles que são por ela beneficiados.

A pesquisa também se propõe a ser um olhar que observa esses testemunhos, procurando encontrar nas suas entrelinhas as regularidades que caracterizam os padrões de sociabilidade encontrados nessa prática da Caridade, como compreendida pelo espiritismo-kardecista, sob a égide da máxima *Fora da Caridade não há Salvação*, e como concretizada pelo trabalho assistencial da CEA-AMIC.

Inspira-se, portanto, ao mesmo tempo, tanto nos modelos científicos vigentes de apreensão da realidade, através de instrumentos objetivos de observação – no caso um questionário - quanto nos modelos qualitativos de apreensão da realidade - relato de próprio punho, em primeira pessoa - feitos por um conjunto de indivíduos que, apesar das suas diferenças e idiossincrasias, têm em comum o fato de viverem uma experiência peculiar no que se refere aos padrões de interação intra e inter grupos, através da prática da Caridade.

Para apreensão e descrição das particularidades dessa realidade específica, vivida por esse conjunto de indivíduos, essa pesquisa se permitiu o uso concomitante, tanto de conceitos e teorias expostas em textos considerados científicos, pelos referenciais da ciência oficial da nossa época, quanto de conceitos, princípios morais e valores descritos em textos escritos em linguagem filosófica, poética e teológica que comumente não estão incluídos nas pesquisas científicas. Essa pesquisa tem, portanto, em sua bibliografia, tanto textos considerados relevantes e significativos pela comunidade científica (Mauss, Bourdieu etc.), quanto textos de autores contemporâneos ainda não plenamente conhecidos e integrados pela comunidade científica (Wilber, Leloupe etc.).

A pesquisa adota também, como referência para apreensão e descrição das particularidades da realidade em estudo, textos não comumente incluídos nas pesquisas consideradas científicas na área de Educação, tais como textos da teologia cristã e espírita. São as epístolas e os evangelhos, bem como os textos organizados por Kardec, a partir da comunicação com os espíritos, através de um médium psicográfico, ou psicofônico.²⁷ Por último, apóia-se ainda nos textos trazidos pelos espíritos de Emmanuel e de André Luiz através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, e nos textos trazidos pelo Espírito Amigo entidade espiritual, dirigente dos trabalhos da CEA-AMIC, através da mediunidade de Eliana Santos, presidente da CEA-AMIC.

Examina, portanto, o tema da Caridade a partir de vários pontos de vista, ou seja através de vários olhares : Sócio-histórico, Teológico, Psicoético, Antropológico e Educacional, ao tempo em que se propõe a reunir as contribuições desses vários olhares para a reflexão acerca da Caridade - como concebida e praticada no espiritismo-kardecista e particularmente na CEA-AMIC – ou seja, como um processo por excelência, de Educação da Alma no mundo contemporâneo.

A concepção subjacente que orienta essa reflexão acerca da Educação da Alma, é a de que a dinâmica do mundo que cerca cada pessoa, grupos e instituições, bem como a que circunda a própria humanidade em cada época, é apenas um reflexo do mundo interno, dos valores e princípios que orientam suas escolhas. Portanto, se não estamos contentes nem

²⁷ Médium psicográfico ou psicofônico – que transmite a mensagem enviada pelos espíritos através da escrita ou da comunicação verbal respectivamente.

plenos com a paisagem que nos cerca - seja ela física, social, emocional, mental ou espiritual – temos, como caminho possível para transformá-la, o ato de fazer novas escolhas, afinadas com as nossas necessidades de colheita.

Para tal faz-se mister empreender um profundo processo de autoconhecimento, olhando para nossa interioridade com *olhos de ver*, identificando e trabalhando para reformar o que de dentro de nós mesmos mantém e sustenta essa paisagem, experienciada pelas fibras sensíveis do nosso coração, como desarmoniosa e /ou caótica. Nessa concepção, compreende-se que a reforma na paisagem íntima, reflete-se naturalmente na paisagem exterior, através de novas escolhas, novos atos, novos horizontes, tanto no que se refere à vida pessoal, como à vida social e espiritual.

Para a realização dessa pesquisa, levando em consideração todas as particularidades acima descritas, apoiamo-nos na emergência das novas referências paradigmáticas para o ato do conhecimento, como as que emergiram do trabalho de Edgar Morin, Felix Guatarri e Ken Wilber, que *enfrentam com inequívoca coragem os paradigmas reducionistas e simplificadores de nossa época.*²⁸

E não param aí. Organizam referências que partem do princípio básico de que nada está isolado no universo e, se quisermos dar um passo adiante, temos que buscar as inter-relações e interconexões presentes neles, estando atentos para o fato de que os mistérios nunca serão eliminados. Os paradigmas que esses autores constróem se fundamentam nas hipóteses mais recentes, apresentadas pelas chamadas ciências da complexidade.²⁹

Encontramos, então, nos novos paradigmas emergentes, para o ato do conhecimento um amparo efetivo para a realização dessa pesquisa, uma vez que além de nosso objeto de estudo – a Caridade como praticada pelo espiritismo-kardecista – ter se revelado um assunto profundamente polêmico no ambiente acadêmico, e muito pouco estudado, é um tema

²⁸ In Furlam, Vera Irmã, Tese de Doutorado da Fac. de Educação da UNICAMP, 1998., p.10.

²⁹ *ibidem*.

extremamente complexo. Reúne no seu bojo um espectro ampliado de fenômenos que vão desde aspectos práticos e operacionais, até aspectos sócio-históricos, antropológicos, psicoéticos, educacionais e teológicos. Torna-se ainda mais intrigante a situação dessa pesquisa no que se refere ao paradigma de conhecimento utilizado, quando consideramos que seu objeto de estudo - a Caridade como praticada pelo espiritismo-kardecista – foi originalmente proposto e cunhado pelos espíritos, como único caminho salvífico, utilizando, para esse intercâmbio, dos dons mediúnicos. Notadamente, entramos em um território que, de fato, só é possível ser tratado através de um paradigma de conhecimento que considere como passíveis de serem estudados fenômenos sutis que envolvam dimensões supra-sensíveis da existência, e que, portanto, se mostram transracionais, transpessoais.

A crise que estamos vivendo só poderá ser superada se houver a possibilidade de aprofundarmos e expandirmos nossas atuais experiências para um nível que, segundo Wilber, pode ser realizado no contexto transracional e transpessoal. Para isso, precisamos admitir e aceitar a possibilidade de experiências mais sutis, que incluem e transcendem a dos sentidos e as da mente que, praticamente, ainda são desconhecidas pela maioria das pessoas.³⁰

Essa pesquisa manuseia, então, um conjunto complexo de informações, ou seja:

- informações objetivas, colhidas através de observação direta ou de algumas *perguntas fechadas*, através de questionário; informações subjetivas, colhidas através de *perguntas abertas* anexas ao questionário;
- relatos de experiências na Caridade, feitos em primeira pessoa; informações colhidas dos espíritos, tanto indireta - textos organizados por Kardec, textos psicografados por Francisco Cândido Xavier, e também textos psicofonados e psicografados por Eliana Santos - como diretamente colhidos por mim em conversas com os espíritos dirigentes do trabalho da CEA-AMIC, através da mediunidade de Eliana Santos.

Na tentativa de chegar a um todo harmonioso, organizamos, então, esse conjunto heterogêneo de informações, do seguinte modo:

³⁰ In Furlam, Vera Irmã, Tese de Doutorado da Fac. de Educação da UNICAMP, 1998, p. 12

Capítulo I – *Distintos olhares* : onde reunimos uma pequena gama de contribuições de distintas áreas do conhecimento humano – Sócio-histórico, Teológico, Psicoético, Antropológico, Educacional - para nos ajudar a conhecer, mais profunda e amplamente, esse fenômeno da Educação da Alma através da prática da Caridade, tal como praticada pelo espiritismo-kardecista, particularmente na CEA-AMIC .

Capítulo II– *Palavras e Atos* onde descrevemos a CEA-AMIC através de sua obra concreta no mundo, tanto na Caridade Material quanto na Caridade Moral Espiritual, descrevendo também esta entidade e seu trabalho, através do olhar de uma voluntária, ou seja, das impressões que ficaram das experiências vividas, pela pesquisadora – enquanto voluntária – ao longo do processo de tornar-se trabalhadora na CEA-AMIC.

Capítulo. III – *Tirando o véu*, em que fizemos a descrição do trabalho dos voluntários da CEA-AMIC, através dos dados obtidos pelas respostas de um questionário composto de 23 perguntas, das quais três eram perguntas abertas (anexo 2).

Capítulo. IV – *Considerações no Caminho*, onde refletimos sobre os dados obtidos pelo questionário, a partir dos distintos olhares aqui organizados como instrumentos de reflexão.

Nos anexos, além de informações mais detalhadas acerca de dados citados no corpo da pesquisa, uma cópia do questionário utilizado, o texto integral da entrevista - especificamente feita, para essa pesquisa - com a espiritualidade dirigente da CEA-AMIC e, ainda o texto integral de uma entrevista – publicada no Correio Popular - com Eliana Luiz dos Santos, dirigente da CEA-AMIC. Colocamos também no anexo, na íntegra, o texto *O Homem de Bem*, do Evangelho Segundo o Espiritismo de Allan Kardec, que contém uma descrição detalhada do homem que o espiritismo-kardecista se propõe a formar.

O fato de ser, ao mesmo tempo pesquisadora e voluntária, criou um desafio a mais para esse exercício, ou seja, o de pesquisar um universo do qual se faz parte. Este desafio implica no compromisso de construir - através da objetivação da experiência - um olhar de distância que permita enxergar esse grupo de voluntários - no qual se integra como voluntá-

ria - também como pesquisadora. Um olhar que estabeleça alguma distância entre a voluntária e o trabalho voluntário em uma instituição espírita-kardecista, apesar deste ter sido originalmente apreendido – pela pesquisadora e então voluntária - através da experiência de imersão dentro deste universo, como parte dele.

Objetivar a experiência apreendida por imersão está sendo tomado aqui, dentro do que foi definido por Louis Pinto (1996, p. 14), como sendo a tarefa de construir uma ponte entre a experiência vivida e a experiência objetivada dentro do rigor científico.

Temos consciência de que o fato de pesquisar um universo do qual se faz parte traz vantagens e desvantagens para a pesquisa. As vantagens poderiam estar na intimidade existente entre a voluntária e o objeto de pesquisa, que poderia permitir à pesquisadora - que conhece por dentro a realidade pesquisada e suas significações - apreender particularidades da experiência vivida pela voluntária. Nesse sentido, fizemos a descrição da CEA-AMIC através das memórias de uma voluntária - no caso a própria pesquisadora - acerca do percurso por ela vivido. Nessa descrição privilegiamos o olhar de quem apreendeu esse universo por imersão, atuando como voluntária na CEA-AMIC. Uma descrição feita, portanto, a partir das lembranças remanescentes das experiências vividas enquanto voluntária da CEA-AMIC, a partir de fevereiro de 1995. A nossa proposta é submeter esse breve memorial das experiências vividas como voluntária, e resgatadas pela lembrança, ao olhar da pesquisadora, que busca encontrar regularidades relevantes na atuação dos agentes do fenômeno estudado, no nosso caso, o trabalho voluntário em uma instituição espírita-kardecista, a CEA-AMIC.

A desvantagem em ser, ao mesmo tempo, voluntária e pesquisadora, poderia, então, ser encontrada na dificuldade em ultrapassar o olhar de quem apreendeu essa realidade - que agora é objeto de pesquisa - de *modo ingênuo* e, portanto, não consegue deslocar-se da posição de imersão e olhar de fora e com distância o seu objeto de pesquisa.

Nesse sentido, então, decidimos buscar recursos metodológicos que nos ajudassem a construir as distâncias necessárias entre o olhar da voluntária e o da pesquisadora, possibilitando, assim, a identificação das regularidades possíveis de serem encontradas no nosso objeto de estudo - o trabalho voluntário em uma instituição espírita-kardecista, a CEA-AMIC – por uma pesquisadora então voluntária.

Com esse propósito, então, levamos em conta o princípio *durkheimiano* de que *devemos tratar os fatos sociais como coisas*,³¹ as quais, para conhecermos, precisamos, *inicialmente*, observar e descrever objetivamente; e decidimos iniciar nosso trabalho, reunindo alguns elementos que pudessem nos ajudar a construir essa objetividade no olhar. Para tal, demos, inicialmente, os seguintes passos:

- descrição dos vários tipos de instituições que fazem hoje trabalho voluntário no Brasil. Com esse objetivo, recolhemos na literatura disponível sobre o assunto, dados que nos permitissem visualizar algumas de suas características, um pouco da história dessas instituições e algumas pinceladas sobre o momento pelo qual está passando a prática do trabalho voluntário no Brasil e dentro do qual se insere a CEA-AMIC;

- descrição da CEA-AMIC através da *sua obra*, ou seja, através dos dados objetivos que traduzem sua ação no mundo, descrevendo o tipo de ação realizada, as pessoas a quem cada ação é destinada e sua abrangência;

- pesquisa com os voluntários da CEA-AMIC através da aplicação de um questionário, em um grupo de 81 alunos da Escola Emmanuel, que trabalham como voluntários na CEA-AMIC.

Através do questionário, procuramos inicialmente colher algumas informações que pudessem nos ajudar a compreender quem são as pessoas que se tornaram voluntárias na CEA-AMIC, ou seja o perfil que elas apresentam, no sentido da história social por elas vivida e das experiências associativas que viveram, bem como os motivos condutores dessas pessoas até a CEA-AMIC. Em seguida, ainda através do questionário, procuramos colher informações que nos ajudassem a compreender o trabalho voluntário como é realizado na CEA-AMIC, fundamentadas no que os voluntários relatam: acerca do que encontraram na CEA-AMIC, acerca do trabalho voluntário do qual participaram na instituição, bem como dos motivos pelos quais permaneceram vinculados ao trabalho voluntário. Nesse sentido, revelaram-se particularmente ricas, as informações indiretas, ou seja aquelas encontradas nas entrelinhas das respostas dadas pelos voluntários.

³¹ In PINTO, Luis (1996, p.13). “Esse sentido dado por Durkheim ao conhecimento sociológico “reflete a experiência peculiar de qualquer pesquisador que se esforça por substituir as impressões particulares por um corpo de conhecimentos tão independentes quanto possível de sua relação primitivamente estabelecida com o mundo social; e se as “coisas” do mundo físico servem de modelo aos objetos do conhecimento sociológico é precisamente em razão do caráter de exterioridade que elas possuem de forma imediata e tangível”.

À medida que começamos a manusear as respostas do questionário, foi ficando cada vez mais visível a importância, para essa pesquisa, das particularidades agregadas a esse trabalho voluntário, praticado sob a égide da Caridade,³² dentro de um contexto de busca de salvação da alma, como é feito no espiritismo-kardecista e também na CEA-AMIC. Algumas perguntas começaram a ficar muito presentes:

- o que, então, caracteriza e particulariza essa forma de prestar ajuda ao próximo, chamada Caridade, nas instituições espíritas-kardecistas e, mais especificamente na CEA-AMIC;
- que experiências esse trabalho de Caridade proporciona a cada uma dessas pessoas que chegou à CEA-AMIC e permaneceu trabalhando como voluntário, várias delas há mais de 5 anos;
- o que essa forma de prestar ajuda ao próximo, chamada Caridade, oferece de significativo para essas pessoas, e o que significa essa “significância”?

Buscamos, então, encontrar nas respostas dadas pelos voluntários, elementos que nos ajudassem a compreender esse conteúdo acerca da prática da Caridade, relacionando as informações sobre a história social, as experiências associativas anteriores e os motivos condutores até à CEA-AMIC, com as informações que os voluntários apontam:

- acerca do que encontraram na CEA-AMIC;
- acerca dos motivos que os levaram a permanecer como voluntários;
- acerca do trabalho voluntário que realizaram;
- acerca do tempo que trabalham como voluntários na CEA-AMIC.

Em seguida, pareceu-nos significativo tentar compreender um pouco mais acerca das relações existentes entre esses dois universos, ou seja; esse trabalho assistencial voluntário, realizado pela CEA-AMIC, sob a égide da Caridade, e essas pessoas - os voluntários.

Quem são?

O que os aproxima, os reúne e os mantém vinculados na prática da Caridade?

Algumas novas perguntas foram surgindo e orientando nossas reflexões a seguir, ou seja:

³² In KARDEC (1991, p. 342) 255^a Ed. “A caridade, segundo Jesus, não está restrita à esmola. Ela abrange todas as relações que temos com nossos semelhantes, quer sejam nossos inferiores, nossos iguais ou nossos superiores. Ela nos ordena a indulgência porque nós mesmos temos necessidade dela”.

- por que o trabalho da CEA-AMIC agrega e mantém essas pessoas por vários anos – comprometidas com essa prática de trabalho voluntário – a Caridade - enquanto é comum encontrar no ambiente das instituições que fazem trabalho voluntário, a questão da rotatividade dos voluntários, como um dos problemas ainda não resolvidos?
- o que terá significado para essas pessoas esse processo de se aproximar e permanecer vinculadas como voluntário a esse tipo específico de trabalho, realizado numa instituição espírita-kardecista, sob a égide da Caridade?
- quais os aspectos da vida dessas pessoas, que foram envolvidos no processo de chegar, ficar, se integrar e permanecer como voluntário no trabalho da CEA-AMIC?
- como esses voluntários integraram às suas vidas esse trabalho de ajudar outras pessoas em uma instituição espírita-kardecista em que ele é chamado de Caridade?
- por quê e para quê essas pessoas permanecem aqui como voluntárias, nesse trabalho específico, vinculado a uma instituição *espírita-kardecista*, e não em tantos outros que atendem à mesma população, inclusive vinculados a outras instituições religiosas?
- a partir do quê, e como o trabalho da Caridade agrega e mantém essas pessoas vinculadas na prática do trabalho voluntário?
- quanto àqueles que se aproximaram, ficaram algum tempo e não permaneceram, por que foram embora?

À medida que começamos a manusear o questionário, tendo essas perguntas como pano de fundo, foi ficando cada vez mais visível, através das respostas, o lugar de importância ocupado pela prática da Caridade Pessoal ou Reforma Íntima, a qual era apontada pelos voluntários como motivo principal para a permanência inicial na CEA-AMIC. Foi se delineando também um lugar de condicionalidade ocupado pela Caridade Pessoal ou Reforma Íntima em relação à prática da Caridade para com o Outro na CEA-AMIC.

Ao mesmo tempo em que a natureza condicional do vínculo entre a Caridade Pessoal ou Reforma Íntima, e a Caridade para com o Outro – na prática da Caridade proposta na CEA-AMIC - foi ficando mais visível, sentimos a necessidade de buscar elementos que nos ajudassem a compreender melhor o significado dessa particularidade, que se agregava ao

trabalho voluntário, quando este era realizado sob a égide da Caridade, como compreendida pelo espiritismo-kardecista. Fez-se, então, necessário tornar mais claros esses princípios orientadores da Caridade Pessoal ou Reforma Íntima, como concebidos pelo espiritismo-kardecista e praticados na CEA-AMIC.

Aos poucos, foi ficando mais perceptível que essa proposta da prática da Caridade Pessoal, ou Reforma Íntima, como condição para a prática da Caridade para com o Outro, implicava em que o voluntário revisse e adequasse os valores morais, orientadores da sua conduta na CEA-AMIC, aos valores cristãos. Nesse momento, achamos necessário buscar elementos que nos ajudassem a compreender um pouco mais acerca do processo subjacente à prática da Caridade Pessoal ou da Reforma Íntima, no tocante a essa prática de aperfeiçoamento moral, com bases nos valores cristãos.

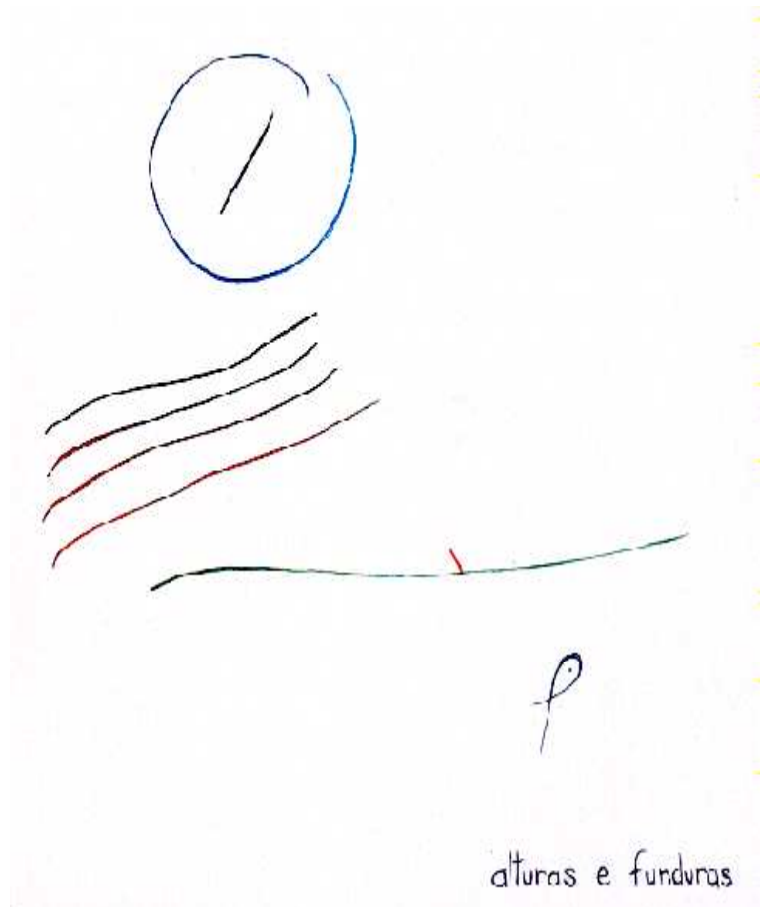
Com essas perguntas e essas relações - que foram se configurando, à medida que manuseávamos as respostas dos questionários - visíveis, começamos a sentir a necessidade de buscar novos elementos que pudessem nos ajudar a compreender um pouco mais a natureza e a dinâmica dessa rede invisível que liga pessoas diversas, com objetivos diversos, histórias de vida diversas, em torno de um trabalho comum de ajuda às pessoas em dificuldades, dentro de uma instituição espírita-kardecista. Como toda instituição desta natureza, a CEA-AMIC realiza seu trabalho assistencial sob a égide da máxima *Fora da Caridade não há salvação*, vinculando a ação de ajuda ao próximo - dos voluntários - à salvação da própria alma, através da prática da Caridade³³ e do cultivo, dentro desta prática, dos valores morais a ela associados.

À medida que fomos progredindo nessa busca de elementos que pudessem nos ajudar a ampliar nossa compreensão acerca do trabalho voluntário, como praticado nas Instituições espíritas-kardecistas - sob o nome da Caridade - fomos constatando a complexidade que envolvia nosso objeto de pesquisa, que se expressava, por exemplo, através das relações de condicionalidade que vinculava sua prática à revisão e à adequação do voluntário aos valores morais cristãos. Começamos, então, a sentir a necessidade de tentar olhar para esse fenômeno - a Caridade como concebida pelo espiritismo-kardecista, e como pra-

³³ In KARDEC (1991, p.341). “O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, porque amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que está ao nosso alcance e que gostaríamos nos fosse feito a nós mesmos. Tal é o sentido das palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros como irmãos”.

ticada na CEA-AMIC - a partir de distintos pontos de vista, numa tentativa de ampliar nosso espectro de observação, e nossa possibilidade de apreensão das suas particularidades.

Decidimos, então, buscar em distintos referenciais de conhecimento, coexistentes em nossa época – nossa herança gnóstica - elementos que nos permitissem olhar para o trabalho voluntário, como praticado nas Instituições espíritas-kardecistas - onde é chamado de Caridade – e particularmente na CEA-AMIC, a partir de diferenciados pontos de observação, através dos quais pudéssemos tangenciá-lo, como fenômeno complexo que é, na amplitude e profundidade possível de ser abarcada pela integração desses distintos olhares.



*teus olhos são a lâmpada do corpo;
se os teus olhos forem bons, todo
o teu corpo será luminoso; mas se
forem maus, o teu corpo ficará
em trevas.*

Lucas, 11:34

CAPÍTULO I . Distintos olhares

A necessidade dos *distintos olhares*, foi, então, emergindo, pouco a pouco, à medida que fomos nos aprofundando no tema e descobrindo as dificuldades implícitas em avançar na compreensão da prática desse tipo de trabalho voluntário - como é praticado nas instituições espíritas-kardecistas, onde é chamado de Caridade – que, além de ter características bem peculiares, é ainda muito pouco estudado até o momento. Tanto no Brasil, onde a prática da Caridade como concebida pelo espiritismo-kardecista, é encontrada com maior frequência, quanto no mundo, onde ela é pouco conhecida e pouco praticada como tal,³⁴ esse tema foi muito pouco tomado como objeto de pesquisa. Ao fazermos, então, a opção de estudá-lo, como aqui nos propomos, ou seja, a partir do ponto de vista dos voluntários, temos que arcar com o fato de começar, praticamente, do ponto zero, como atesta a bibliografia disponível sobre o tema específico.

Decidimos, então, buscar primeiramente elementos que nos ajudassem a localizá-la – a Caridade - sócio-historicamente, tanto em relação às demais nuances com as quais o trabalho voluntário vem sendo realizado na *Terra Brasilis*, desde os primórdios do seu descobrimento, quanto em relação ao que vem acontecendo com o trabalho voluntário, no momento atual. À medida que fomos avançando nessa localização, foi ficando cada vez mais delineada a importância agregada ao trabalho voluntário, tal como praticado nas instituições espíritas-kardecistas, sob o nome da Caridade – e sob a égide da máxima *Fora da Caridade não há Salvação* - do aspecto religioso, no sentido de *religare*, religação com Deus, caminho de salvação da própria alma.

A partir desse momento, começamos a sentir a necessidade de buscar elementos que nos ajudassem a compreender a Caridade, teologicamente, ou seja, como concebida e proposta na Doutrina espírita-kardecista. Com esse objetivo, começamos a pesquisar a conceituação e a descrição da prática da Caridade nos textos básicos do Cristianismo, ou seja, nos Evangelhos - que são apontados por Kardec como fundamento para o espiritismo-

³⁴ Apesar do espiritismo-kardecista, ter sido fundado na França, em 1857, por Allan Kardec, ele cresceu sobremaneira no Brasil, onde, conforme dados do IBGE, é a 3ª religião do país com cerca de 3 milhões de adeptos. Segundo Durval Ciamponi, presidente da Fed. Espírita de São Paulo “O número de espíritas brasileiros salta para 20 milhões se incluirmos todos os que vão a centros.”
In www.terra.com.br/istoe/1710/comportamento/1710_do_outro_lado_vida_2.htm

kardecista - e nas Epístolas. Estas são cartas de orientação espiritual, escritas pelos apóstolos àqueles a quem eles tinham levado a Boa Nova, após a morte de Jesus; nos textos revelados pelos espíritos e codificados por Kardec, nos textos escritos pelo próprio Kardec, bem como nas *preleções*³⁵ feitas pela *espiritualidade dirigente*³⁶ da CEA-AMIC, através das quais é feita uma detalhada reflexão sobre os princípios cristãos, que orientam o trabalho de Caridade nesta Instituição.

Através dessa pesquisa sobre a Caridade nos textos que fundamentam a Teologia espírita-kardecista-cristã, fomos, então, dando nome à experiência por nós vivida, dentro da CEA-AMIC, e compreendendo que o trabalho voluntário, como praticado no espiritismo-kardecista sob o nome de aridade, é uma proposta de ajuda mútua e simultânea. Ou seja, à medida que a pessoa presta uma ajuda amorosa ao outro - necessitado e desconhecido – ela, na verdade, está, ao mesmo tempo, prestando uma ajuda a si mesma, ao expandir sua capacidade de amar e se aproximar da experiência do amor Divino concretamente, prática que o espiritismo-kardecista chama de Cristianismo redivivo. Contudo, para que essa expansão na capacidade de amar o amor Divino concretamente aconteça, é necessário que o voluntário - interessado em praticar esse tipo de trabalho voluntário, como praticado nas Instituições espíritas-kardecistas, sob o nome de Caridade - coloque o seu aperfeiçoamento moral como prioridade máxima, no dia a dia da sua vida. Essa priorização, quando levada aos pequenos detalhes do cotidiano, funciona como mola propulsora para a expansão da sua capacidade de amar o amor Divino concretamente.

Nesse sentido, então, o aperfeiçoamento moral de cada voluntário se transforma em uma questão central para a prática da Caridade, como concebida pelo espiritismo-kardecista, tanto para o próprio voluntário - no que diz respeito à condicionalidade existente entre seu aperfeiçoamento moral, e seu avanço na prática da Caridade para com o Outro - quanto para a própria Instituição - no que se refere à condicionalidade existente entre o avanço moral dos seus voluntários, e a possibilidade de expansão do seu trabalho de Caridade para o outro necessitado e desvalido. Dentro do ambiente da CEA-AMIC convive-se, cotidianamente, com o conceito de que primeiro Deus prepara o homem – especialmente no sentido moral-espiritual - depois ele dá o trabalho, e com a prática do trabalho aparecem,

³⁵ Preleções – na CEA-AMIC, preleções é o nome dado às comunicações psicofônicas feitas pelas entidades espirituais, através da médium falante, Eliana Santos.

³⁶ Espiritualidade Dirigente- entidades espirituais que dirigem espiritualmente o trabalho da CEA-AMIC.

cada vez mais, as pessoas e as necessidades, às quais esse trabalho está destinado a atender, quanto os recursos para supri-las, se esse homem se mantém fiel ao seu mandato na Caridade.

Decidimos, então, pesquisar quais aspectos eram considerados pela Doutrina espírita-kardecista importantes nessa prática de aperfeiçoamento moral, através da prática da Caridade Pessoal ou Reforma Íntima, sustentada nos ensinamentos morais trazidos por Jesus de Nazaré, comentados pelos espíritos e codificados por Kardec em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Com essa compreensão ampliada acerca do processo de aperfeiçoamento moral proposto pelo espiritismo-kardecista - através da Caridade Pessoal ou Reforma Íntima - buscamos elementos que nos ajudassem a localizá-lo, dentro das concepções de desenvolvimento do senso moral, nas correntes na Psicologia Contemporânea.

Nesse sentido, escolhemos tomar o modelo de Desenvolvimento do Senso Moral sistematizado por Ken Wilber - após o estudo comparativo de sessenta modelos de Desenvolvimento do Senso Moral, propostos pelos mais renomados especialistas Ocidentais e Orientais - como referência para aprofundar nossas reflexões acerca dos processos que são vividos pelos voluntários, na prática da Caridade Pessoal e da Caridade para com o Outro, como propostas pelo espiritismo-kardecista e como praticadas na CEA-AMIC.

A partir da compreensão de que a prática da Caridade Pessoal ou Reforma Íntima, estava intimamente ligada à prática da Caridade para com o Outro, ou seja de um crescimento na capacidade amorosa por parte do voluntário, vimos que, em alguns aspectos, esse processo se assemelhava à prática da dádiva e da reciprocidade como descritas por Mauss, e relacionada com a prática encontrada na rede vincular das Instituições Religiosas. Começamos, então, a nos perguntar pelas possíveis variações que poderiam ser agregadas ao fenômeno da dádiva e da reciprocidade, quando praticado em uma Instituição espírita-kardecista, cujas práticas e rituais são orientados pelos princípios cristãos, os quais são constituídos por elementos bem distintos daqueles originalmente encontrados nas tribos Norte-Americanas e descritos por Mauss.³⁷

Ao longo dessas reflexões sobre as possíveis variações pelas quais poderiam passar esse fenômeno da dádiva e da reciprocidade quando impregnado da concepção cristã de um *Deus que se fez homem e foi morto na cruz, para salvação da humanidade*, e da máxima

³⁷ In MAUSS, (1991 p. 155-171)

espírita-kardecista *Fora da Caridade não há salvação*, encontramos, oportuna e sincronicamente, as reflexões de Fernandes, (1994, p.120/1) . Nessas reflexões ele, exatamente, aponta as variações sofridas pelo princípio da dádiva e da reciprocidade – como originalmente descrito por Mauss - nas situações em que os vínculos religiosos são permeados pela concepção cristã do mundo e da vida.

Quase por fim, nos demos conta de que, apesar de que o aspecto educacional - para a alma - da prática da Caridade, estivessem todo tempo subjacente ao trabalho, não tínhamos nos ocupado dele particularmente, como um dos distintos olhares, através do qual pudéssemos reunir elementos que nos ajudassem a refletir sobre a prática da Caridade. Vimos, então, que enriqueceríamos nossa reflexão, se conseguíssemos conformar explicitamente esse distinto olhar, inclusive porque essa pesquisa estava sendo realizada na Faculdade de Educação. Assim começamos a nos perguntar qual enfoque educacional agregaria elementos enriquecedores à reflexão sobre a prática da Caridade, como realizada pelo espiritismo-kardecista, mais particularmente pela CEA-AMIC, e sobre o processo de educação da alma realizado dentro dessa prática.

A essa altura, uma pergunta começou a conviver persistentemente conosco, como que apontando um caminho: de quem Kardec herdou na construção de seus *olhos de ver*? O que o sustentou no seu caminho como pesquisador, a ponto de ter sido capaz de, ao mesmo tempo, ir de encontro aos limites da cultura e da ciência do seu tempo - ao pesquisar uma realidade supra sensível : a vida em espírito, junto aos espíritos – utilizando, contudo, dos recursos disponíveis pela ciência gnóstica de sua época, uma ciência empírica, baseada em informações obtidas pelos cinco sentidos. Os espíritos foram ouvidos através de mais de 1000 médiuns, de distintas idades, nacionalidades, experiências religiosas anteriores, distintas trajetórias biográficas, distintas procedências geográficas, sociais, culturais etc. Suas respostas foram comparadas e, então, organizadas por ele, segundo critérios, como o do controle universal, por exemplo.

Com essas perguntas de fundo, começamos a pesquisar a biografia de Kardec, buscando encontrar suas raízes e, assim, encontrar as referências através das quais sua alma foi educada, e que, portanto, nortearam sua vida. Nesse percurso tivemos a alegria de um maravilhoso encontro com a obra de Pestalozzi, uma vez que Kardec o teve como preceptor e mestre desde os dez anos de idade. A partir dos 10 anos, foi se modificando a natureza do

vínculo entre os dois, em uma direção de aprofundamento, pois Kardec, além de ser um dos aprendizes prediletos de Pestalozzi, veio a ser seu ajudante e depois professor no Instituto Iverdon, escola onde estudou. Diríamos mesmo que é impossível compreender o legado de Kardec e toda a ousadia gnóstica, que sua obra encerra - ao tomar as *Vozes dos Céus*³⁸, como fonte para o conhecimento – sem levar em conta o que, como homem histórico, Kardec herdou de Pestalozzi.

Decidimos, portanto, tomar as propostas Educacionais de Pestalozzi como referência para a construção do olhar Educacional, pelo qual examinaremos a Educação da Alma através da Caridade, praticada pelo espiritismo-kardecista e, mais particularmente, praticada na CEA-AMIC.

1. Olhar sócio-histórico

Reunimos, primeiramente, elementos que nos ajudassem a localizar a Caridade, concebida pelo espiritismo-kardecista, no tempo e no espaço ocupado pelas outras instituições que também fazem trabalho voluntário. Nesse percurso movemo-nos do mais geral ao particular, buscando algumas referências sobre o que vem acontecendo com o trabalho voluntário no mundo, no Brasil e, particularmente, nas Instituições espíritas-kardecistas, particularizando o momento atual, ou seja os primeiros anos da era III DC. Chamamos a esse conjunto de informações de Olhar sócio-histórico.

1.1. Sobre o Trabalho Voluntário

Passaremos, aqui, a descrever o que vem acontecendo no universo das Instituições que praticam trabalho voluntário no Brasil e, mais particularmente, o que vem acontecendo com o próprio trabalho voluntário e com as diversas formas como vem sendo exercido contemporaneamente.

A primeira impressão - ao olhar o entorno no que se refere às Instituições que realizam trabalho voluntário - obtida através da leitura dos textos publicados sobre o tema no Brasil, é a de que esta prática social está passando por um momento de profundas trans-

³⁸ Ver nota de rodapé 25.

formações, tanto no que se refere à sua concepção, quanto no que se refere às suas fronteiras de atuação. Em consequência desse processo, esta prática está vivendo uma crise de identidade.

Essa crise torna-se bem visível, por exemplo, se considerarmos a variedade de nomes usados para se referir a cada uma dessas Instituições e a todas elas ao mesmo tempo, sem que se leve em conta as particularidades que as individualizam e as regularidades que as aproximam. Analogicamente, poderíamos dizer que vivemos um tempo de “Torre de Babel” em relação ao trabalho voluntário, em que muitas línguas estão sendo faladas ao mesmo tempo.

Com referência a essa prática social, encontramos na literatura o seguinte rol de nomes, todos em uso no momento atual:

- Organizações de Trabalho Voluntário;
- Organizações Voluntárias;
- Organizações Não Governamentais, ou ONG's (como sigla);
- Organizações Sem Fins Lucrativos;
- Terceiro Setor;
- Privadas, porém Públicas;
- Organizações Filantrópicas;

Considerando que cada denominação acima, é fruto de um processo de legitimação da prática social à qual ela se refere, o seu uso pouco discriminado (na mídia escrita, falada, televisada, na *internet* e, inclusive, na literatura acadêmica) mostra que um intenso processo de redefinição de identidades está em curso. Esse pensamento é corroborado por Coelho (2000, p.58) quando afirma que várias denominações têm sido dadas para esse grupo de organizações que têm surgido no seio da sociedade civil organizada, embora, na verdade, esses termos ainda estejam sendo usados confusa e indiscriminadamente.

Essa redefinição de identidades acontece com toda área nova de conhecimento ou de prática social e coloca, sobremaneira, a necessidade de clarificação dos conceitos embutidos nos nomes, identificando as semelhanças, diferenças e particularidades que eles abarcam em relação às práticas às quais eles se referem - principalmente quando se está pesquisando regularidades dentro de uma prática social ainda em processo de legitimação social.

Se observarmos quanto ao sentido literal que os nomes citados acima encerram - os quais são os mais comumente encontrados na literatura sobre o tema - perceberemos que cada um deles se refere a uma faceta que está presente em cada uma e em todas essas organizações que fazem trabalho voluntário, embora não se constituam nas facetas que as diferenciam entre si. Isso equívale a dizer que:

- todos utilizam trabalho voluntário;
- todas são não-governamentais;
- todas são sem fins lucrativos;
- todas não pertencem totalmente nem ao setor Público (o Estado), nem ao setor Privado (Empresas e Mercado);
- todas realizam um trabalho filantrópico.
- todas não são nem públicas, nem privadas, mas privadas com funções públicas;³⁹

Em outras palavras: são frutos da iniciativa privada, mas totalmente voltadas para o bem público. É interessante ressaltar que uma das primeiras publicações sobre o assunto no Brasil é o livro “Privado porém Público – O Terceiro Setor na América Latina” (Fernandes, 1994), o qual traz no próprio título esse conjunto de informações condensadas sobre o tema, ou seja:

- uma caracterização da natureza destas Instituições que emergiram nos últimos anos (Privado Porém Público),
- uma indicação de que essas Instituições eram distintas daquelas até então conhecidas e que, portanto, formavam um outro Setor da Economia (Terceiro Setor da Economia).
- uma informação de que isto estava acontecendo aqui, na América Latina.

Conforme Coelho (2000, p. 58), o nome Terceiro Setor foi utilizado pela primeira vez na década de 70 por pesquisadores norte-americanos e, na década de 80, por pesquisadores europeus.⁴⁰ Menciona ainda que, para esses pesquisadores, o termo é significativamente relevante, ao sugerir alternativas frente a dois grandes problemas da modernidade:

- as desvantagens do mercado associadas à maximização do lucro;

³⁹ In FERNANDES, (1994, p. 65)

⁴⁰ Segundo SEIBEL e ANHEIR, os pesquisadores americanos seriam Etzioni (1973), Levitt(1973), Nielson(1975) e a Filer Comission(1975); os europeus seriam Douglas(1983), Reese(1987), Reichard(1988) e Ronge(1988)

- as desvantagens do governo encalacrado na sua burocracia inoperante.

Essa autora relata, ainda, que o Terceiro Setor permite combinar o que há de positivo no mercado e no governo, ou seja, a flexibilidade e eficiência do mercado, com a equidade e a previsibilidade da burocracia pública.

Diante desse conceito de Terceiro Setor,⁴¹ que reúne qualidades de flexibilidade e eficiência do mercado com a equidade e previsibilidade da burocracia pública, resta para nós a necessidade de apontar que as referências utilizadas quanto à atuação do Estado são pertinentes à experiência americana e européia e, portanto, não podem ser mecanicamente aplicáveis à nossa experiência de Estado, na América Latina.

Apesar das Organizações Privadas Porém Públicas terem em comum algumas das características explicitamente descritas pelos variados nomes pelos quais são geralmente chamadas indiscriminadamente - cada um desses grupos se identifica com um desses nomes e não com outros. Esse fato está vinculado à história específica de cada um desses grupos, história da qual aquele nome faz parte.

Na reconstrução da história da gênese de cada um desses nomes, certamente poder-se-ia encontrar as características que diferenciam estas organizações entre si, ao lado das características que as aproximam e reúnem. Mas esse é, em si, tema para uma dissertação, e, portanto, não aprofundaremos, aqui, tal assunto.

Vamos apenas nos deter, em olhar mais de perto as raízes de dois nomes que sugerem ser os mais usados, em função da frequência com que os encontramos nos livros, jornais e *internet*, quando estes se referem ao trabalho voluntário atualmente praticado em nossa sociedade, em Instituições que não são Religiosas, nem governamentais.

O primeiro deles é ONG's (Organizações Não Governamentais) que, conforme Domeneghetti, 2001, foi o nome originalmente dado às organizações internacionais que não eram governamentais, mas tinham representação na Organização das Nações Unidas(ONU) - como é o caso da Organização Internacional do Trabalho(OIT) - em função da atuação significativa que desempenhavam.

Essas organizações tiveram seu apogeu nas décadas de 1960-1970 na Europa ocidental, em função dos estímulos e do apoio dados pela ONU e por diferentes agências de

⁴¹ Não confundir o Terceiro Setor com Setor Terciário da Economia, que é aquele que presta serviços e que se expandiu sobremaneira neste final de século, em contrapartida com o setor Primário da Economia - que produz matéria prima - e o Setor Secundário da Economia - que processa a matéria prima

cooperação internacional aos programas de cooperação internacional para o desenvolvimento. Parte das ONG's voltadas para estimular projetos de desenvolvimento no Terceiro Mundo concentrou-se na América Latina que, nessa época, grosso modo, estava sob governo de intervenção militar, promovendo e financiando projetos de cooperação internacional para o desenvolvimento.

Nessa circunstância, as ONG's surgiram como espaço alternativo de ação política e oposição ao regime, assumindo o papel de articuladores das ações de cidadania e luta pelos direitos democráticos, tendo, como eixo de sua ação política, o favorecimento aos excluídos. Em função disso, estreitaram-se as relações com os setores populares e suas lutas, em uma perspectiva reivindicatória. Por essa razão, até os dias de hoje, o nome ONG permanece associado à idéia da consciência cidadã e das lutas reivindicatórias pelos direitos dos cidadãos.

Com a democratização ocorrida na década de 1980, na maioria dos países latino-americanos essas organizações deixaram de se ocupar com a oposição ao regime militar, mas continuaram fiéis à sua marca de lutas pelos direitos dos cidadãos, que, em nossos dias, são vividos como exercício da cidadania. Esse tipo de trabalho atraiu, portanto, um tipo específico de voluntário, cuja motivação é mais voltada para o exercício da consciência política.

O segundo termo é Filantropia Corporativa ou Empresarial, que, conforme Fernandez (1994, p.95,6), não é parte da cultura empresarial na América Latina, a qual, no entanto, tem integrado, na sua tradição, as doações individuais aos necessitados, quase sempre direcionadas a uma instituição religiosa. Na igreja deve-se ser generoso, e nos negócios deve-se ser negociante, sem criar vínculos entre esses dois universos. Na tradição Católica prevalecente na América Latina, as obras de caridade são obrigações dos padres e das freiras, cabendo ao leigo colaborar com uma parte de seus bens, tempo e dinheiro. Já na América do Norte, onde prevalece a tradição protestante, a concepção de "sacerdócio universal" expande as obrigações e renúncias para toda a congregação. O trabalho secular é vivido pelos protestantes, como um espaço para o testemunho da fé diante dos homens e Deus, e é exatamente aí que a Filantropia Empresarial tem suas raízes culturais na América do Norte.

Conforme Froes (2001, p. 156), o conceito de Filantropia Corporativa surgiu nos Estados Unidos da América, em função de alguns de seus milionários doarem parte de suas

fortunas para ações sociais, criando fundações e utilizando-se dos benefícios fiscais disponíveis. Em 1982, a Filantropia Corporativa ganhou um grande impulso quando Jerry C. Welsh, executivo da American Express, criou o conceito de Marketing de Causas Sociais, e conseguiu aumentar em 28% o uso do cartão Acmes, divulgando que a empresa estava fazendo doação de uma percentagem das despesas feitas pelo cliente para entidades sem fins lucrativos. Entre 1989 e 1992, o total de dólares investido nesse tipo de Marketing, cresceu de US\$ 100 milhões para US\$ 250 milhões. Nos EUA, esse exercício de Filantropia Corporativa ou Empresarial é o segmento que mais cresce na economia, enquanto que no Brasil, “As 500 maiores empresas brasileiras gastam anualmente 2,8 bilhões de dólares em segurança patrimonial, e apenas 18 milhões de dólares por mês em filantropia”⁴²

Afora o trabalho voluntário administrado através das ONG’s e da Filantropia Empresarial, temos ainda “um novo” trabalho voluntário, estimulado e administrado pelo Estado, com a criação em todo país, através da sua primeira Dama, Rute Cardoso, do Programa Voluntários, dentro da Comunidade Solidária, a partir de 1997. Conforme Landim (2000, p.12), o programa Voluntários tinha como um dos seus objetivos diferenciar a prática do trabalho voluntário desse governo, daquela realizada pelos governos anteriores e, para tal, realizou Seminários Regionais de Promoção do Voluntariado, criando Centros de Referência do Voluntariado em diversas regiões do país, visando:

- construção de bases de dados,
- capacitação e mediação entre instituições,
- candidatos a voluntário.

No Brasil, contudo, a promoção do voluntariado vinculado ao trabalho de Instituições de Assistência Social Governamentais como, por exemplo, a LBA - Legião Brasileira de Assistência, na década passada, tem sido, por tradição em nosso país, realizado pelas primeiras damas, em todos os níveis da administração pública, desde federal até municipal, governo após governo. No governo do Presidente Collor de Mello (1991 a 1993), inclusive, tornou-se palco de debates públicos, ao aparecer na mídia como um espaço usado para a corrupção.

O primeiro governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso (1995 – 1998) surgiu

⁴² In REVISTA VEJA, 27/05/98, Kanitz, Stephen, “O capitalismo beneficente” .

com uma proposta, trazida pela primeira dama, de realizar um “novo” trabalho determinado a afirmar a diferença em relação às práticas realizadas pelos governos anteriores, através do compromisso explícito com a lógica da cidadania participativa, e com a busca de eficiência e resultados. Um Documento da Comunidade Solidária, citado por Landim (2000, p.13), afirma que o Programa Voluntários visa “ *a implantação de uma cultura moderna do voluntariado, preocupada principalmente com a eficiência dos serviços e a qualificação dos voluntários e instituições*”. O Programa “*tem como missão contribuir para a promoção, valorização e qualificação do trabalho voluntário no Brasil*”.

É relevante lembrar que essa lógica de estímulo à cidadania participativa, através de programas eficientes voltados para a obtenção de resultados, e assessoradas por organizações internacionais de ajuda, que foi assumida pelo governo nessa área do trabalho voluntário, é a mesma lógica operada pelas ONG’s brasileiras e faz parte, conforme Landim (2000, p.13), de um programa maior, de caráter internacional, produzido e disseminado por fundações, na sua maioria norte-americanas, que financiam e supervisionam projetos de capacitação e promoção do trabalho voluntário nos países do Terceiro mundo.

Na prática, trata-se de uma rede internacional de transferência de tecnologia e capacitação,⁴³ que se articula em torno desses projetos e que, do ponto de vista de Landim (2000, p. 13,23), seria interessante conhecer. Contudo, não nos deteremos aqui neste trabalho, neste ponto, uma vez que este tema se constitui, em si, um tema para dissertação. Para nosso propósito, basta pontuar que a aproximação com essa rede internacional de cooperação, via financiamentos de projetos sociais, começou nos anos 70, com as primeiras ONG’s, que à época faziam oposição política aos governos e, no fim dos anos 90, foi adotada pelo próprio governo como parceira na elaboração e condução de estratégias de ação social.

Todas essas mudanças quanto à prática do trabalho voluntário aconteceram em meio a mudanças mais gerais, pelas quais tem passado o mundo nesses últimos anos, comentadas por Landim (*In Giumbelli*, 1995, p.5), do seguinte modo:

⁴³ LANDIM (2000, p.23) os boletins do “Programa Voluntários” citam freqüentemente a Fundação *Points of Light* (EUA) como “*colaboradora valiosa em recursos técnicos*” que “*apóia o programa desde sua concepção*”. Cita também a *United Way* do Canadá que “*transfere tecnologia e capacitação*.”

“É crescente o debate em torno das características e dos papéis assumidos nas sociedades contemporâneas por organizações não governamentais de feições diversos que, não se constituindo com finalidade lucrativa, pretendem atuar em benefício público... O pano de fundo em que isso se dá é global e bem conhecido, compreendendo acontecimentos também diversificados, como a redefinição do papel do Estado e o avanço da lógica de mercado, com suas conseqüências sociais quase sempre negativas; o fim do socialismo e a reconstrução das sociedades do Leste Europeu; a crise da participação em partidos e movimentos sociais tradicionais; o recrudescimento de segmentações - e discriminações - étnicas e religiosas; a retomada e revisão da questão da democracia e da cidadania, entre outras.”

Diante deste cenário, cabe-nos perguntar acerca do sentido e do significado das mudanças que vêm ocorrendo dentro do universo do trabalho voluntário, tendo como pano de fundo essa redefinição do papel do Estado e o avanço da lógica de mercado no mundo capitalista. Usando as palavras de Landim (2000, p. 71), poder-se-ia perguntar se estamos diante:

- da “refilantropização” da questão social, ou de estímulo a caminhos que conduzem à participação cívica?”

- da “contribuição para criar formas positivas e integradoras de sociabilidade diante da “desfiliação social,” ou enganosa panacéia para os problemas sociais diante da retração do Estado?.”

A própria Landim (op. cit, p71) afirma que não é tão simples, como se possa supor, traçar fronteiras rígidas entre assistência e política, assistência e religião, relações de reciprocidade e lógica de cidadania, quando se trata das ações voluntárias dos indivíduos no campo da ação social, bem como visualizar as conseqüências concretas daí advindas, e as representações que seus agentes, fazem dessas ações.

1.2. Um pouco de história

Na história social do nosso país, ao longo das suas distintas fases, talvez possamos encontrar elementos que nos permitam avançar na compreensão de como surgiram e se

desenvolveram essas organizações privadas sem fins lucrativos, constituídas para atuar em benefício público e, sendo ainda hoje, atuantes no país.

A implantação da primeira Santa Casa da Misericórdia no Brasil, inspirada nas ações caritativas cristãs dirigidas por padres e freiras, a partir do modelo português, se deu em 1543. Durante todo o período Colonial, tivemos uma presença constante da Igreja Católica nas Instituições de assistência social, dentro de uma sociedade que tinha sua organização social baseada na subutilização da terra, na autoridade dos grandes proprietários de terras, e no escravagismo.

Esse modelo social, baseado na autoridade dos grandes proprietários de terras, influenciou a formação de um Estado centralizado e patrimonialista que utilizava o corporativismo como um recurso estratégico para a manutenção dos interesses dessas elites, tendo como consequência uma formação débil e tardia do Estado e do mercado nacional.

O padrão de desenvolvimento nacional, nesse período, visava as questões estritamente econômicas, deixando em segundo plano os aspectos sociais do desenvolvimento, o que determinou que até os fins do século XIX, quase toda a assistência social, saúde e educação no Brasil, fosse constituída por organizações privadas, sem fins lucrativos, criadas pela Igreja Católica. Muitas dessas instituições, como as de saúde (hospitais, asilos, hospícios), educandários, instituições para assistir ao imigrante, por exemplo, foram fundadas e mantidas a partir de doações de bens ou de dinheiro feitas por homens ricos e “damas caridosas” ligadas à Igreja, dentro de uma concepção filantrópica de que tratar dos pobres era um problema da sociedade.

Com o aumento da população e o advento da industrialização, nos fins do século XIX, cresceu em muito a população pobre e enferma, gerando uma necessidade de serviços, aos quais essas Instituições não conseguiram dar conta de responder, contando somente com os recursos privados, como vinham fazendo até então. Assim sendo, por volta de 1880, essas Instituições começaram a receber subvenção financeira do Governo da República, criando-se, desta forma, as primeiras instituições mistas no Brasil, ou seja, ação privada com dinheiro público, governo e Igreja, funcionários e voluntários. Segundo documentação da época, o trabalho voluntário nessas Instituições era restrito às Damas da Sociedade⁴⁴.

⁴⁴In VOLUNTÁRIOS - Programa de Estímulo ao Trabalho Voluntário no Brasil, (1996, p. 11)

A partir de 1930, o Estado iniciou um processo centralizado de intervenção econômica e social, com a implantação do parque industrial nacional, tendo como objetivo crescer economicamente e substituir as importações pelo produto nacional. Dentro deste contexto, o Estado desenvolveu uma política de assistência social e expandiu a prestação direta de serviços públicos para áreas como educação, saúde, previdência social etc.

O atendimento aos necessitados passou a ser uma questão política, passando o Estado a criar grandes instituições e toda uma legislação especial para proceder à transformação secularizante da caridade tradicional. As idéias de assistência social privada, das obras de caridade, da benemerência, foram colocadas em contraposição à prática do serviço social empreendido pelo Governo. No entanto, o governo nunca chegou a atender a real demanda da população, a qual ao mesmo tempo, apresentava altas taxas de concentração nas grandes áreas urbanas.

A década de 40 se caracterizou pela ênfase na atuação do serviço social do Estado em torno da força de trabalho emergente, com um programa destinado a capacitá-la e adequá-la aos moldes de uma sociedade industrializada. Por não conseguir dar conta da demanda populacional urbana emergente, o Estado foi cedendo espaços para instituições sem fins lucrativos, inicialmente ligadas à igreja Católica e, posteriormente, a outras religiões, entre elas a Espírita, as quais passaram a desenvolver ações sociais voltadas aos setores abandonados da população.

Após 1964, segundo Fernandes (1994, p.36), observa-se uma intensa intervenção do Estado sobre a sociedade civil, intervenção acompanhada de um amplo processo de privatização orientado pela lógica do mercado na aplicação dos recursos públicos. Em 1968, os bispos latino-americanos se reuniram em Medellin, na Colômbia, e declararam uma “opção preferencial pelos pobres”, o que, aqui no Brasil, colocou a Igreja Católica em situação de oposição ao Estado, que, então, estava sob comando militar e cada vez mais apertava o cerco sobre as formas de organização civil nascentes, fosse no meio estudantil ou operário. Contudo, a Igreja Católica não paralisou sua atuação e, pode atender parte das necessidades sociais, através das dioceses e das diversas pastorais.

A sociedade civil respondeu a esta intervenção do Estado na vida civil com o fortalecimento do associativismo e do sindicalismo e com a emergência dos movimentos sociais nos anos 70 e 80. Nesse momento, apareceu um discurso politizado acerca das condi-

ções da classe trabalhadora e da população no seu conjunto, mas todas as formas organizadas de oposição ao Governo foram intensivamente reprimidas. Os partidos políticos de esquerda cresceram clandestinamente e arregimentaram as lideranças jovens as quais passaram, então, a fazer parte de seus quadros.

A “opção preferencial pelos pobres,” aos poucos foi consubstanciando a “Teologia da Libertação” que cresceu em meio às lideranças populares e, a partir do trabalho das pastorais, deu origem às CEB’s (Comunidades Eclesiais de Base) que rapidamente se espalharam por todo o país e se transformaram numa ampla rede de organização popular, consubstanciada a partir de pequenas comunidades locais.

Dessa experiência de organização popular, estruturada em torno das CEB’s e voltada para as necessidades das comunidades locais – em um contexto em que os canais de comunicação com o Estado via partidos políticos, sindicatos etc, estavam fechados - foram surgindo os “Movimentos Populares”, que, aos poucos, foram se tornando autônomos em relação à Igreja e que organizavam a população em torno das necessidades concretas de cada comunidade local: água, luz, esgoto etc. No bojo desse movimento de organização comunitária, começou a surgir uma nova forma de organização, as associações voluntárias. Segundo Fernandes (1994, p..91):

“[...] as associações projetam a variedade individualizante para o plano das formas coletivas e reforçam aí o valor das opções individuais. Enfatizam a dimensão voluntária, fruto de decisões estritamente individuais. Implicam, portanto, um pertencimento igualmente responsável por estar ali, já que, em princípio, só está quem quer estar.”

O desdobramento natural dessa experiência aconteceu com a entrada em cena de múltiplos atores sociais. Não era mais só o bairro pobre se organizando para reivindicar luz, água etc. Eram múltiplas identidades se organizando e lutando por seus direitos: índios, mulheres, negros, crianças, inválidos etc. Uma multiplicidade de sujeitos que se tornavam visíveis, cômicos de seus direitos, e se organizavam para lutar por eles.

Deste contexto surgiram os “Movimentos Sociais” que, por serem mais amplos, abarcavam todas as lutas - inclusive aquelas que já nasciam orientadas por valores que

transcendiam velhas questões como direita e esquerda - e apontavam para a necessidade de mudanças em hábitos individuais, distante, portanto, das questões de luta de classe. É o caso, por exemplo, do Movimento Ecológico, da Luta contra a Aids etc.

O cenário, então, estava pronto para que todos esses atores sociais entrassem em cena, dissessem a que vieram e reivindicassem seus direitos. E foi o que aconteceu. Uma infinidade de pequenas organizações, estruturadas a partir de necessidades e interesses específicos, formou-se nessa época. Fernandes (1994, p.69) relata que, a partir da década de 1970, as ONG's se tornaram um fenômeno massivo e em torno de 68% delas surgiram depois de 1975.

Essas organizações, criadas inicialmente por ex-ativistas políticos, começaram como núcleos de pesquisa, grupos de apoio a movimentos sociais sem conexão direta com organismos políticos legais, trabalhando para sindicatos, associações, movimentos, redes sociais, igrejas, mídia etc. Entretanto, logo descobriram que poderiam exercer atividades de interesse público fora do governo e, para isso, começaram a contar com o financiamento das agências internacionais de ajuda ao Terceiro Mundo.

Ainda de acordo com Fernandez (*op.cit*, p.67), sem que percebessem, as ONG's trouxeram para o campo do trabalho social elementos da chamada "livre iniciativa", tendo como elemento central nesse processo o chamado "projeto"(o instrumento usado pelas agências internacionais de ajuda a países do terceiro mundo para controlar a aplicação dos recursos trazidos pelos financiamentos).

Aparentemente, as ONG's continuavam fazendo o mesmo trabalho que antes faziam, como parte da sua prática política, dentro dos movimentos sociais, sindicatos e outras formas de organização. Só que agora, além de receber uma verba para a realização desse trabalho, tinham uma estrutura operacional para ser mantida e, além disso, tinham que trabalhar dentro dos parâmetros colocados pelas agências financiadoras para que o contrato pudesse ser renovado.

"As conseqüências da introdução desta figura aparentemente inocente a que chamamos "projeto" na cultura institucional dos ativistas latino-americanos não podem ser subestimadas."⁴⁵

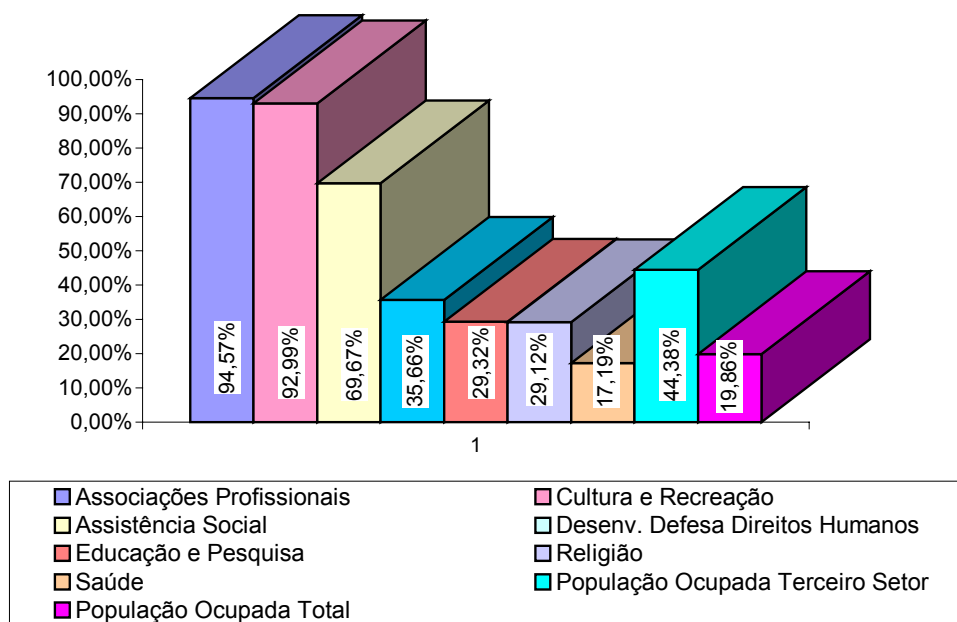
⁴⁵ In FERNANDES, (1994, p. 67).

Todo esse contexto de mobilização social deságua na Constituição de 1988 que estabelece, como princípio básico, aumentar o dever do Estado e da sociedade na tarefa pública. Contudo, o Estado passou a ocupar cada vez mais a função de fazer leis e não necessariamente de executá-las, repassando pouco a pouco, suas funções sociais para essa rede emergente de instituições privadas com fins públicos, as ONG's. Isto fica mais visível através dos dados sobre crescimento de pessoal ocupado no Setor.

Tabela 6 - Crescimento % do pessoal ocupado em Organizações Privadas Sem Fins Lucrativos* (no Brasil) segundo áreas de atividades, 1991-1995

Associações Profissionais	94,57%
Cultura e Recreação	92,99%
Assistência Social	69,67%
Desenv. Defesa Direitos Humanos	35,66%
Educação e Pesquisa	29,32%
Religião	29,12%
Saúde	17,19%
População Ocupada Terceiro Setor	44,38%
População Ocupada Total	19,86%

Gráfico 6 -Crescimento % do pessoal ocupado em Organizações Privadas Sem Fins Lucrativos* segundo áreas de atividades, 1991-1991 (* com remuneração)



Fonte: Pesquisa comparativa Johns Hopkins - ISER

In Organizações Sem Fins Lucrativos no Brasil: Ocupações, Despesas e Recursos. Landim, Leilah e Beres, Neide, 1999, p. 34.

Pode-se afirmar que esse universo de organizações veio apresentando, nos anos 90, particular vigor, no sentido de que criou proporcionalmente mais empregos do que o crescimento observado para o conjunto da economia brasileira – comparando-se os anos de 1991 e 1995. Considerando-se o cálculo da pesquisa, para 1991, de 775.384 pessoas ocupadas com rendimento no setor sem fins lucrativos, vemos que em números absolutos criaram-se cerca de 340.000 postos, entre 91 e 95, o que significa uma percentagem de incremento de 44% quanto ao pessoal ocupado no setor.⁴⁶

As ONG's proliferaram tanto, sob a custódia dessa política social do Estado, que se pode pensar que elas se transformaram em um espaço onde as fronteiras de trabalho para setores médios da população estão em plena expansão. Talvez, quando Fernandes (*op.cit*, p.67) chamou de “aparentemente inocentes” os famosos “projetos” das agências internacionais de cooperação, ele já estivesse vislumbrando esse possível desfecho para essa experiência de organização social.

Vale ressaltar que, ao ter sua origem no trabalho das CEB'S, as ONG's trouxeram consigo, originalmente, uma reflexão Teológica e Evangélica sobre a ação social, agregando a ela valores ligados à lógica do “Sagrado e Profético”, destinados à construção de “uma nova forma de ser Igreja”, comprometida com sua opção preferencial pelos pobres.

Alem disso, segundo Fernandes (*op.cit*, p.66), a primeira geração de ONG's na América Latina nasceu como uma solução pensada para fazer frente a uma falta de opções para a atuação no social - dentro das instituições existentes - e surgiram neste contexto à revelia da pressão do Estado e à margem das Instituições Estatais. Estavam voltadas para atuar como grupos de apoio aos movimentos sociais emergentes e pensava-se, na época, que elas eram respostas conjunturais a uma situação de pressão do Estado autoritário. No entanto, ao longo dos anos 80, seus fundadores foram encontrando razões para a continuidade no trabalho que faziam e para se firmarem como “quadros de ONG's”.

As principais razões para essa continuidade eram o fato de não possuírem caráter representativo, não dependerem do complexo jogo político para legitimar suas decisões,

⁴⁶ In LANDIM, Lailah e Beres Neide (1999, p.31)

bem como terem seu crescimento dependente somente das demandas dos serviços que prestavam e das iniciativas que tomavam como resposta, acrescido do fato de que o valor que lhes era atribuído dependia somente das respostas advindas dos serviços oferecidos.

Essas organizações transformavam, assim, as necessidades resultantes das deficiências das políticas públicas de atendimento à população, em “projetos” a ser realizados por instituições privadas de prestação de serviços de assistência social; ou seja, organizações “privadas, porém públicas”,⁴⁷ financiadas por agências internacionais de ajuda ao Terceiro Mundo. Algum tempo depois, essas organizações começaram a financiar seus “projetos” com recursos advindos de parcerias com o Estado ou recolhidos através das doações (de pessoas jurídicas) deduzíveis no imposto de renda.⁴⁸

Junto com essas inovações surgiu também uma nova geração de Coordenadores de Projetos Sociais, que não passaram pelas CEB’s nem por toda a experiência de vincular o trabalho social ao *território do Sagrado*, seja por razões religiosas ou políticas.

Alguns dados sobre as Fontes dos Recursos utilizados pelas Organizações Sem Fins Lucrativos, incluindo e excluindo a área da religião, oferecem-nos uma visão complementar do que vem ocorrendo no conjunto das Organizações Sem Fins Lucrativos, através de outro ângulo de observação, ou seja o da origem dos recursos financeiros que estão sendo movimentados pelo Setor.

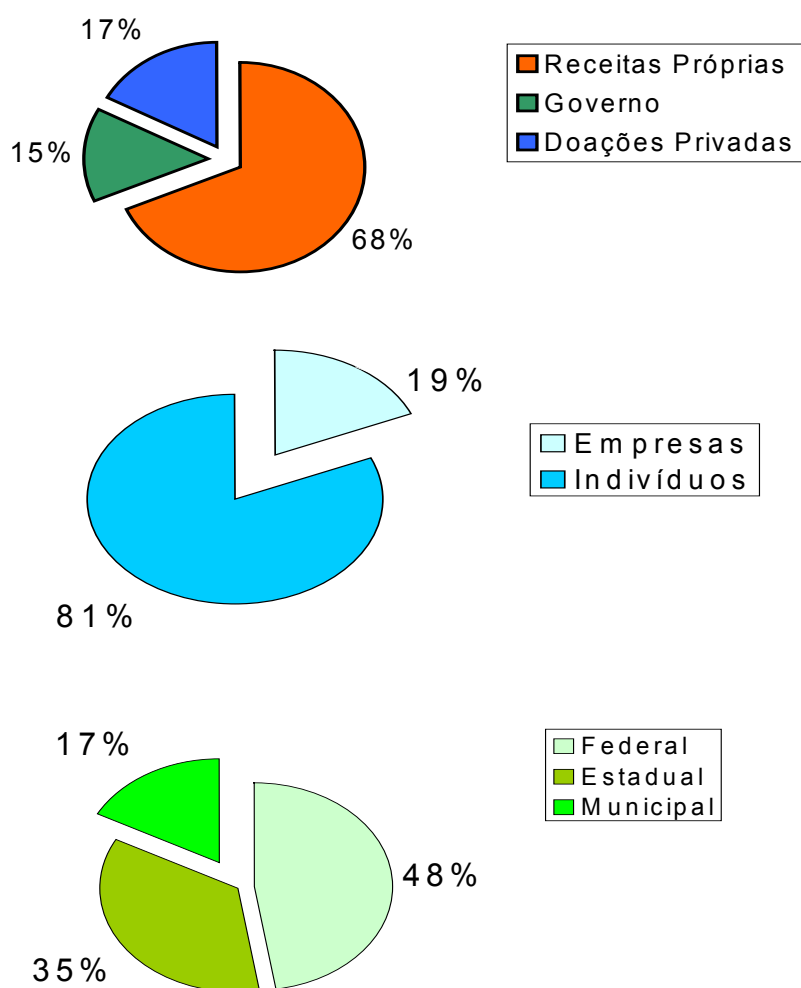
Parece lógico portanto o peso, revelado por essa pesquisa, da geração de recursos próprios, quanto às fontes de financiamento do setor sem fins lucrativos. Essa conclusão vai contra o imaginário que se tem dessas organizações e de seus papéis na sociedade, no qual deveria ocupar maior peso as doações voluntárias de indivíduos e instituições – nacionais e internacionais – ou os recursos governamentais. No caso do Brasil, organizações mais visíveis no espaço público e com papéis políticos e sociais significativos – como as ONGs que recebem grande parte de seus recursos do financiamento externo – criam idéias do “sem fins lucrativos” que não correspondem ao seu peso econômico, já que são

⁴⁷ In FERNANDES, (1994, p.67)

⁴⁸ In SZAZZI, (2000 p.113). [...] previsão de renúncia fiscal de pessoas jurídicas para o ano 2000 é de [...], de \$ 25.725.219 reais para doações a entidades civis sem fins lucrativos reconhecidas como de utilidade pública federal.

relativamente muito pouco numerosas e mobilizam recursos reduzidos. Como se viu, aqui o peso econômico não corresponde ao social e político.⁴⁹

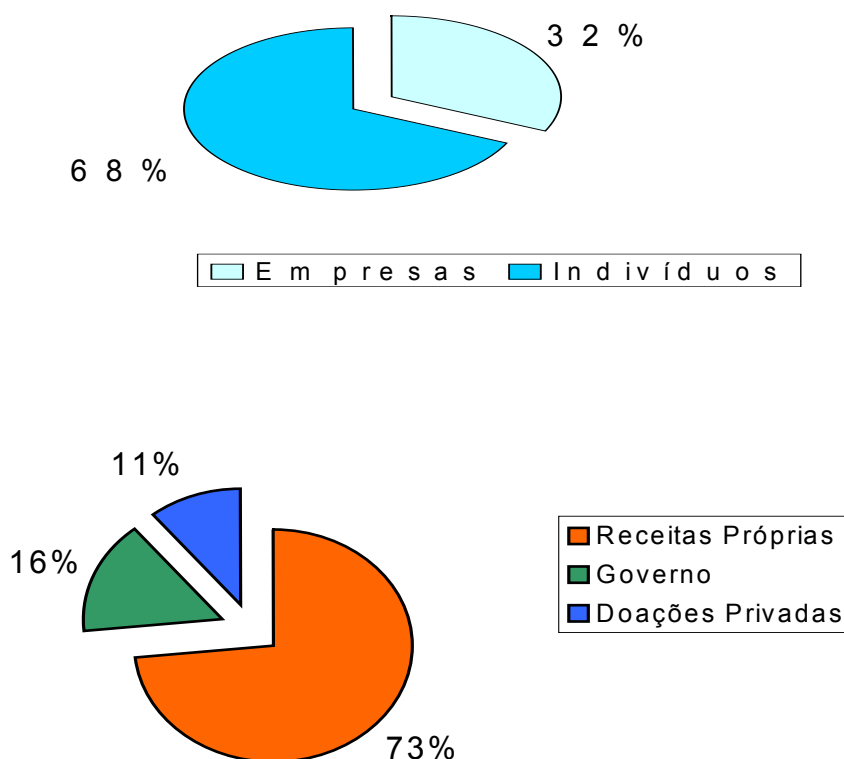
Gráfico 7- Fontes de recursos das Organizações Privadas Sem Fins Lucrativos no Brasil, em R\$, em 1995 *. (*Incluindo-se a área Religião)



Fonte: Pesquisa Comparativa Johns Hopkins – ISER
 In Organizações Sem Fins Lucrativos no Brasil: Ocupações, Despesas e Recursos
 Landim, Leilah e Beres, Neide (1999, p.48)

⁴⁹ In LANDIM, Leilah, e Beres Neide, (1999, p.52/3)

Gráfico 8 - Fontes de recursos (em R\$), das Organizações Privadas Sem Fins Lucrativos no Brasil, em 1995* (*excluindo-se a área Religião)



Fonte: Pesquisa Comparativa Johns Hopkins – ISER
 In Organizações Sem Fins Lucrativos no Brasil: Ocupações, Despesas e Recursos
 Landim, Leilah e Beres, Neide (1999, p.48/49)

Dentro deste contexto, os últimos atores sociais desse último ato da peça acerca do trabalho voluntário foram chegando: os empresários. Trouxeram consigo o discurso da responsabilidade social, mas trouxeram também, agregado a ele, a nova galinha dos ovos de ouro: o *marketing* social. Na prática, incorporaram, nas políticas de expansão de mercado e de vendas, bem como nas estratégias de criação de imagem social e de marketing de produtos, os valores morais agregados a essa emergente ação de assistência social, realiza-

da pela sociedade civil para seus excluídos e desvalidos.

Nessa perspectiva, os valores morais passaram a ser contabilizados, pois a aplicação do conceito de *marketing social*⁵⁰ provou que “fazer o bem” agrega valor, tanto aos produtos quanto à imagem da Empresa; em outras palavras, a imagem de responsabilidade social, promovida pelas campanhas publicitárias, com base no conceito de *marketing social*, agrega ao produto e à empresa, um valor social que, comprovadamente, interfere nas opções de compra por parte do consumidor.

A partir da utilização do *marketing social*, a associação entre “boa ação” e lucro, passou a significar uma eficiente e “moderna” tecnologia de criação de imagem e, conseqüentemente, uma estratégia eficaz para expansão do mercado e das vendas dos produtos. Várias empresas incorporaram, nas suas políticas de desenvolvimento e expansão do mercado para seus produtos, o conceito de uma ação solidária realizada pela empresa, e veiculada sistematicamente por uma campanha publicitária.

Essas campanhas objetivam a ampliação das vendas, sensibilizando o consumidor para o fato de que se ele comprar um determinado produto estará ajudando segmentos carentes da população, pois a empresa que o fabrica, está realizando tal e qual ação social solidária. Ao nosso ver, o uso indiscriminado do *marketing social*, favorece à institucionalização da ação fraterna através da afirmação da chamada *Caridade Fria*, que traz no seu bojo uma abordagem discutível, em nível ético, das questões sociais, uma vez que a miséria material e a dor humana se transformam em oportunidades para expansão de mercado e ampliação de lucros econômicos. Essa prática parece criar uma distância real, ainda maior, entre aqueles que têm acesso aos bens de consumo e aqueles que estão vivendo abaixo da linha da miséria absoluta, uma vez que sugere o consumo como uma estratégia pessoal de ajuda aos necessitados. O consumo como estratégia de ajuda aos desvalidos, além de beneficiar diretamente os proprietários dos meios de produção, promove um certo anesestesiamento das impulsos de fraternidade homem a homem, uma vez que ao estimular um consumismo que parece socialmente justificado, na verdade, aumenta ainda mais, as distâncias, entre os que têm excedentes e os que têm carência de recursos.

⁵⁰ In MELLO Neto (2001, p. 156)

1.3. Nas Instituições Espíritas

Ao longo desses últimos 30 anos, de 1970 em diante, ocorreram significativas mudanças no que se refere à concepção e à prática da assistência social aos necessitados no mundo, bem como ao aparecimento, dentro desta prática, de novos atores sociais, além dos grupos religiosos e do governo, que já atuavam anteriormente. Ao mesmo tempo, observa-se que o trabalho de assistência social - como concebido nas Instituições espíritas-kardecistas - manteve a Caridade como a bússola orientadora de sua prática.

Conforme nos relata Giumbelli (1996, p 106), alguns reflexos deste intenso processo de mudanças, no que diz respeito à concepção e prática do trabalho voluntário na sociedade, chegaram até as Instituições espíritas-kardecistas que - apesar de se manterem fiéis à máxima *Fora da caridade não há salvação* - iniciaram dentro das suas Entidades Representativas (FEB, USE, USEERJ)⁵¹ um processo de reflexão sobre a sua prática da caridade.

Ainda segundo Giumbelli (1996, p.107), esse processo de reflexão sobre a prática da caridade foi algo totalmente novo dentro das Instituições espíritas-kardecistas, acostumadas a ter na prática da caridade algo tão basilar e central, que a relação com ela, até então, era a de simplesmente exercê-la e não pensar sobre ela. O autor cita, como, prova disso, o fato de que as reflexões acerca do trabalho de assistência social espírita só começam a acontecer dentro dos órgãos representativos das Instituições espírita-kardecistas (como FEB, UEERJ, USE) por volta de 1994, momento a partir do qual é, então, possível encontrar referências a respeito das primeiras publicações sobre o assunto.⁵²

Ao longo dessas reflexões, no seio das Entidades Representativas, foram se revelando duas concepções, segundo Giumbelli (1996, p.114):

⁵¹ As Entidades Representativas Espíritas não têm caráter normativo. FEB-Federação Espírita Brasileira. USE-União das Sociedades Espíritas, USEERJ- União das Sociedades Espíritas do Rio de Janeiro.

⁵² “A proposta de que um dos assuntos constantes da pauta dos trabalhos da reunião do Conselho Federativo Nacional (FEB) em 1994 fosse exatamente “serviço assistencial” partiu da USE, a federação paulista. Por sugestão de seus representantes, na reunião de 1993, determinou-se que o assunto “serviço assistencial espírita”, fundamentos filosóficos e doutrinários” fosse tratado em todas as Comissões Regionais e retomado na reunião anual da FEB com todas as federativas. Já nessa reunião, em 1994, a USE foi uma das únicas federações a apresentar um trabalho escrito, no qual expunha seus posicionamentos” (GIUMBELLI, 1996, p. 107).

- a primeira, defendida pela USEERJ, sustentada no conceito de “unidade entre espírito e corpo”, que defende uma prática assistencial na qual “caridade material” e “caridade espiritual”, sejam indissociáveis.

- a segunda, defendida pela USE (Federação Paulista), sustentada na idéia de que “atenuar a carência” é tarefa de cada um de nós e de todos coletivamente; contudo, não se deve permitir que, em nome do serviço assistencial, anule-se a caridade moral e espiritual, que é praticada através dos passes, reuniões doutrinárias etc..

Na primeira proposta, “o espiritual não se opõe ao material, nem se expressa através da transmissão de conteúdos doutrinários, mas por um modo de convivência entre o espírita e o grupo assistido, baseado em respeito, entendimento, amor, generosidade.”(*op.cit,p 114*).

A segunda proposta visa “oferecer [aos assistidos] condições para que se sobreleve à situação de penúria material, mas principalmente espiritual, triunfando sobre vícios e imperfeições” (*op.cit, p.115*), enfatizando as atividades de evangelização e aplicação de passe.

Mesmo que não se tenha promovido, anteriormente, encontros nacionais com a abrangência daqueles realizados a partir de 1994, para se refletir sobre essas duas interpretações da prática do espiritismo⁵³ e da caridade, elas sempre coexistiram no seio das Instituições espíritas-kardecistas, cabendo a cada Instituição em particular, através dos seus dirigentes, optar pelo direcionamento a ser dado às atividades de cada Casa. Isto se dá porque no espiritismo-kardecista as Instituições Representativas não estão organizadas hierarquicamente e, portanto, não têm caráter normativo sobre as instituições de base, ou seja, as Casas Espíritas.

Então, o que se vê são diversas Casas Espíritas organizadas a partir de uma das duas posições, cabendo aos freqüentadores e trabalhadores de cada Casa escolher a tendência com a qual sentem mais afinidade e aí vincularem a sua prática. Dessa forma, o que poderia parecer novo em 1994, na visão apresentada por Giumbelli, não era a existência dessas duas vertentes dentro do trabalho espírita-kardecista, porque elas estiveram presentes desde

⁵³ In AQUARONE, (1980, p.77 e 79), 5ª ed. Em 1889, “animado pela leitura das “Instruções” [feita por Allan Kardec aos espíritas do Brasil, conclamando por união] viu Bezerra de Menezes [então presidente da Federação] a ocasião tantas vezes esperada de tentar [a unificação dos espíritas brasileiros, para assim poderem realizar] a suprema missão dos espíritas no Brasil.” Nessa época havia um confronto entre os chamados espíritas (científicos) que tinham como referência O Livro dos Espíritos e praticavam um espiritismo puramente científico e os kardecistas (místicos) que praticavam um espiritismo religioso, caritativo e tinham como referência O Evangelho Segundo o Espiritismo, ambos, codificados por Kardec.

o início, mas sim o fato de se promover um encontro dessas entidades representativas nacionais, com o objetivo de se levar adiante a reflexão sobre essas diferenças e suas consequências dentro do trabalho das Instituições espíritas-kardecistas, na busca de pontos de contato entre essas duas tendências.⁵⁴ A novidade parece, então, ser a busca Institucional de pontos de contato e aproximação.

No caso da AMIC, o direcionamento de suas atividades se aproxima dos mesmos conceitos que sustentam a primeira proposta, ou seja, que a caridade material e a caridade espiritual são indissociáveis. Isto faz com que a CEA-AMIC se empenhe no combate à fome, mas, ao mesmo tempo, ofereça para aqueles que assim desejem, a Caridade Espiritual, ou seja, a preleção espiritual, a consulta, os tratamentos, os passes, os estudos doutrinários.

Essa vertente do Espiritismo no Brasil tem, como representante máximo no momento atual, a figura e o trabalho de Chico Xavier, em cujo trabalho a AMIC se inspira, mas também tem, em alguns dos pilares da construção do espiritismo no Brasil, como, Bezerra de Menezes, Eurípedes Barsanulfo, entre outros, representantes desta postura frente ao Espiritismo e frente à Caridade.⁵⁵

Um marco atual, importante para o reinício destas reflexões, foi a participação significativa que o espiritismo-kardecista teve na “Campanha Contra Fome” do Betinho,⁵⁶ a qual reuniu em uma ação assistencial conjunta segmentos distintos da população com experiências de práticas sociais também distintas. Essa convivência estreita com distintos grupos envolvidos no trabalho assistencial, tanto religiosos como de grupos organizados da sociedade civil, intensificou, na opinião de Giumbelli (1994, p.7), dentro das Instituições Representativas espíritas-kardecistas a reflexão a respeito das distintas compreensões da prática do trabalho assistencial espírita, chamada de Caridade, seu lugar na sociedade, bem como as relações possíveis entre ela e a lógica da cidadania.

⁵⁴ In Aquarone, 1980, 5ª Ed. p.103. Realmente, de 1891 a 1895 decorreu um quadriênio confuso para as hostes espíritas. Fundas dissensões dividiram, de maneira irredutível, os poucos grupos existentes. Questões de interpretações, sempre elas.

⁵⁵ Bezerra de Menezes, Eurípedes Barsanulfo e mais recentemente Chico Xavier, mantiveram com suas vidas e sua obra, acesa a chama do espiritismo-kardecista-cristão, no qual a tarefa de socorrer os que passam necessidades materiais, tem igual importância frente a tarefa de socorrer os que têm fome espiritual.

⁵⁶ Campanha contra a Fome, proposta pelo sociólogo Herbert de Souza, no ano de 1994, que foi encampada por inúmeros setores organizados da sociedade civil, juntamente com vários grupos religiosos e políticos, tendo como objetivo o combate à fome no Brasil.

Além das reflexões acerca de como fazer a caridade dentro das instituições espíritas-kardecistas, a experiência de sair do seu espaço tradicional de atuação junto à população e associar-se a outros segmentos da sociedade civil, e a grupos de outras Instituições Religiosas, em uma ação assistencial conjunta (como a Campanha contra a Fome) deixou outros saldos, tanto para as Instituições Espíritas, como para os outros grupos, e para a sociedade em geral, segundo Giumbelli (1996, p.7).

Descobriu-se, por exemplo, segundo Giumbelli (1996, p.117), que o trabalho assistencial religioso, particularmente o espírita-kardecista - que era pejorativamente cunhado de assistencialista e paternalista pelos “intelectuais de esquerda” - na verdade obtinha, através da sua ação Caritativa, os resultados esperados pelos valores agregados à lógica da cidadania. Lógica da Cidadania aqui é compreendido como um conjunto de atos que são voltados para estimular a emancipação social do cidadão, na busca de seus direitos como cidadão.

Isso significa que, a prática da Caridade ganhou alguma visibilidade a mais, fora do seu ambiente natural, ao se constatar que as pessoas assistidas pelo trabalho de caridade das Instituições espíritas-kardecistas tendiam a recuperar seu auto-respeito, sua identidade, e, a partir daquela ajuda, tendiam a estruturar suas vidas, seguir adiante. Alguns, inclusive, se engajam no trabalho de ajuda a outros que se encontram na mesma situação em que eles estavam anteriormente, prática bastante conhecida e vivida na AMIC, conforme descrito no Capítulo II, item 3.

Essa constatação frente às práticas sociais, realizadas sob o nome de Caridade, feita inicialmente dentro do âmbito desses distintos segmentos da sociedade civil com quem os espíritas-kardecistas se agruparam⁵⁷ durante a “Campanha contra a Fome”, trouxe para a prática da Caridade, um mínimo de respeitabilidade fora do ambiente espírita-kardecista, a partir dos resultados alcançados pelo trabalho social realizado por essas instituições.

Cabe, aqui, pontuarmos que a ação dilapidadora da prática da Caridade nos meios intelectuais, especialmente de esquerda, apesar de, segundo Giumbelli, ter sido atenuada por ocasião da Campanha contra a Fome - a partir da constatação dos resultados concretos alcançados pela prática da Caridade, tal como realizada pelo espiritismo-kardecista, junto à população desvalida- ela ainda se mantém presente, uma vez que é parte de uma lógica e

⁵⁷ Por ocasião da Campanha Contra a Fome, foi criado um Grupo Inter-Religioso por iniciativa de um espírita-kardecista, Edvaldo de Oliveira, o que permitiu que os vários segmentos religiosos representados se aproximassem, e conhecessem suas respectivas práticas.

de uma estratégia de ação social antropocêntrica, que, por princípio, se opõe à lógica teocêntrica na qual repousa a ação Caritativa do espiritismo-kardecista.

1.4. Momento atual

Muitas mudanças conceituais e operacionais - no que diz respeito à prática da assistência social aos desvalidos, por parte da sociedade civil - estão em curso. Através da ação dos novos atores sociais em plena expansão dentro deste novo cenário, está ocorrendo uma re-significação da própria concepção do que venha a ser o trabalho assistencial e o trabalho voluntário, ao que este se propõe e como é praticado.

No momento atual, poderíamos dizer que existem duas *novas* vertentes de trabalho voluntário: as ONG's e as Instituições de Filantropia Empresarial. Elas realizam práticas sociais que se diferenciam em alguns aspectos, os quais abordaremos a seguir, e se tornaram visíveis nesse novo cenário de mudanças intensas - como o que estamos vivendo - em relação ao trabalho assistencial à população desvalida.

Ao lado dessas duas novas vertentes de trabalho assistencial, temos ainda:

- as Instituições Religiosas, que continuam a fazer seu trabalho de assistência à população necessitada, através de distintas Igrejas, como Católicas, Evangélicas, de Centros Espíritas, e outras Igrejas e grupos religiosos.

- os órgãos ligados ao governo, que também realizam assistência social à população desvalida, desde o começo do século, na grande maioria das vezes em parceria com a Igreja Católica. Contudo, essa antiga parceria está sendo modificada pela ruptura explícita assumida pelo Projeto, “*Comunidade Solidária*” - nome dado ao trabalho assistencial iniciado no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso - com o trabalho de caridade, tradicionalmente realizado pelas instituições religiosas. Um exemplo claro dessa situação é encontrado em um Documento do Projeto Comunidade Solidária (s/d), citado por Landim (2000, p. 13), que diz: “[...] *A nova visão do trabalho voluntário não tem nada a ver com caridade e esmola nem com ocupação de quem sofre de tédio.*” Tem a ver com “*cidadania participativa*”, ao mesmo tempo em que com “*eficiência e resultados*”.

Cada uma dessas vertentes de trabalho assistencial e voluntário nasceu de um contexto social e filosófico distinto e, portanto, guarda, entre si, distâncias que as distinguem e

que se expressam através de princípios e de estratégias de ação próprios. Contudo, cada vez mais, torna-se presente uma forte tendência de enquadrar todas as vertentes, em um chamado Terceiro Setor, regulamentando juridicamente sua prática social, sem que suas diferenças e particularidades estejam contempladas e amparadas. Um exemplo dessa situação pode ser encontrada na promulgação, pelo Estado, da lei nº 9.608/98 que regulamenta o Serviço Voluntário, e da lei nº 9.790/99, que regulamenta a ação das Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público.⁵⁸

Segundo Fernandes,⁵⁹ *“Pode-se dizer que o Terceiro Setor é composto de organizações sem fins lucrativos, criadas e mantidas pela ênfase na participação voluntária, num âmbito não governamental, dando continuidade às práticas tradicionais de caridade, da filantropia e do mercado e expandindo o seu sentido para outros domínios, graças, sobretudo, à incorporação do conceito de cidadania e de suas múltiplas manifestações na sociedade civil.”*

Segundo Szazzi (2000, p.22), o Terceiro Setor *“representa o conjunto de agentes privados com fins públicos, cujos programas visam atender direitos sociais básicos e combater a exclusão social, e mais recentemente, proteger o patrimônio ecológico Brasileiro.”*

Parece, então, que existem distintos interesses na legitimação social, na institucionalização e na regulamentação jurídica do Terceiro Setor. Interesses que sugerem, no caso das empresas, uma estratégia para expansão dos mercados, das vendas e dos lucros, encoberdos pelos conceitos de cidadania e responsabilidade social, mais conhecida como marketing social ou de causa. Temos, como exemplo dessa tendência:

- a colocação nos rótulos dos produtos de informações que vinculam a compra dos mesmos, à ação de ajudar pessoas nas mais variadas situações de carência;
- propagandas na televisão que também vinculam marcas a ações sociais, como a veiculada pelo Açúcar União em 2002, por exemplo .

No caso das ONG's, podemos entrever os benefícios indiretos, trazidos pela regulamentação jurídica do Terceiro Setor a uma tendência de privatização do trabalho assistencial - hoje em curso em vários países do mundo – que traz como consequência natural uma expansão das fronteiras de trabalho para a classe média.

⁵⁸ Informações mais detalhadas sobre o assunto, consultar livro *Terceiro Setor: Regulação no Brasil*, de SZAZZI, Eduardo; Editora Fundação Peirópolis, SP. 2000.

⁵⁹ In FERNANDES, Rubens César, “O que é o terceiro setor?”, em Ioschope, Evelyn Berg (org.), 2000, p.27.

Um exemplo dessa situação é relatado por Coelho (2000, p.18), acerca da cláusula contratual imposta pelo Banco Mundial ao governo de São Paulo por ocasião do acordo assinado em outubro de 1991, no qual o governo destinaria - para melhoria do ensino básico na região metropolitana de São Paulo – 323 milhões de dólares e o Banco repassaria 245 milhões de dólares aos municípios da região. Neste acordo, existia uma cláusula imposta pelo Banco, que obrigava os municípios a repassarem 15 % da verba recebida para ONG's locais. A Secretaria de Educação foi, então, obrigada a realizar uma pesquisa para identificar as ONG's que atuavam na região para que o repassamento dos 15% da verba trazida para o acordo pelo Banco Mundial pudesse ser feito, cumprindo, assim, a cláusula contratual à qual estava condicionada a liberação do dinheiro.

A tendência daí resultante – e que já vem acontecendo em outros países - é a de que as ONG's e as Instituições de Filantropia Empresarial criem uma força de pressão capaz de promover acordos com o Estado, traduzidos na forma de regulamentação jurídica de suas práticas. Esses acordos tendem a beneficiar, ao mesmo tempo, tanto às ONG's e às Instituições de Filantropia Empresarial – no seu interesse à assistência social aos desvalidos – quanto ao Estado - pela legitimação da sua estratégia, atuação social lastreada nas concepções neo-liberais da sua responsabilidade na assistência social aos desvalidos. O Estado, então, repassa para essas organizações a tarefa de cuidar das camadas carentes da população e a verba para isto destinada, seja ela oriunda das isenções fiscais, no caso da Filantropia Empresarial, ou dos orçamentos públicos e das instituições de ajuda internacional, no caso das ONG's.

Fazendo contraponto com esse processo de privatização da assistência social em curso, estão os dados encontrados na pesquisa coordenada por Landim,⁶⁰ segundo a qual, *houve o mais alto grau de concordância com relação às asserções referidas ao domínio da reciprocidade e da obrigação moral e religiosa, assim como a formas integradoras de sociabilidade*". Os entrevistados afirmam que *"fazer doação e participar como voluntário de ações sociais faz parte de sua crença religiosa"*. Encontrou-se, também, nessa pesquisa dados que indicam um aumento contínuo da proporção de pessoas que exercem trabalhos voluntários conforme cresce sua frequência a cultos religiosos. 37,7% dos que freqüentam cultos mais de uma vez por semana doam tempo de trabalho voluntário, enquanto, somente

⁶⁰ In LANDIM (2000, p. 69)

0,5% dos que não freqüentam cultos religiosos doam algum tempo de trabalho voluntário.

Esses dados nos sugerem uma tendência de que, no Brasil, os atos de prestar ajuda, ser solidário e dispor-se a um trabalho voluntário estejam vinculados à experiência religiosa, assim como a tudo que daí decorre, ou seja: o cultivo dos valores morais agregados ao trabalho voluntário quando realizado em um ambiente religioso. É curioso observar, então, que ao mesmo tempo que essa tendência de privatização da assistência social foi crescendo, cresceu junto uma incorporação massiva à essa prática social, dos valores tradicionalmente cultivados na prática religiosa, nessa circunstância agregados à lógica da cidadania, no caso das ONG's, ou à lógica da responsabilidade social, no caso da Filantropia Empresarial.

Se esses valores morais são reconhecidos como valiosos - tanto pessoal quanto socialmente - a ponto de serem incorporados pelas novas instituições interessadas no trabalho assistencial aos desvalidos, que inadequação poderia haver em expandir seu cultivo através da prática desses novos atores sociais?

Valores morais não são como objetos, que se muda de lugar na prateleira. Eles se confundem com a própria história, a biografia, e a prática social das instituições e pessoas às quais estão agregados. Na verdade, são os valores morais, sustentados pela prática de um grupo, que delineiam, definem e qualificam sua identidade. Essa identidade se consolida através das escolhas, que, só ao longo do tempo, vão confirmando a fidelidade aos princípios e valores morais eleitos por aquele grupo como referência. Essa fidelidade aos valores morais implica, muitas vezes, em renúncias de interesses pessoais para poder sustentar atitudes marcadas por valores como: honestidade, generosidade, altruísmo, benevolência, indulgência, solidariedade etc.

Seria possível substituir, tão repentinamente, os agentes que historicamente, ao longo dos séculos, têm feito o trabalho de cultivar esses valores morais na coletividade? E qual seria a lógica dessa substituição de atores com manutenção da mesma prática social? Quem ganharia e quem perderia com essa substituição? Se a prática é boa, a ponto de se estar tentando substituir os agentes, conservando-a, quais os interesses vinculados à substituição dos mesmos?

O que fazer com o lugar que ocupa, na vida das pessoas, o trabalho religioso e tudo que daí decorre, inclusive o trabalho voluntário, ou a caridade? É importante lembrar que 57% das pessoas que fazem trabalho voluntário no Brasil, fazem-no em instituições religio-

sas, por crença religiosa; e 17% fazem-no em instituições de assistência social - grande parte mantidas por instituições religiosas – perfazendo, então, um total de quase 74% de pessoas fazendo trabalho voluntário no Brasil por motivo religioso.

Além do mais, valores não são como habilidades, que podem ser desenvolvidas a partir da aplicação de um conjunto de procedimentos, como, por exemplo, a habilidade de cozinhar, de dirigir carro etc. Essas habilidades podem ser adquiridas por pessoas com distintas condições morais, ou seja, pessoas egoístas ou altruístas ou mesquinhas ou generosas etc. No entanto, valores morais como altruísmo, generosidade, compaixão não são habilidades treináveis por procedimentos; são fruto de “delicadas” experiências biográficas, e se constituem em linhas sutis que definem e separam mundos, estilos de vida, opções, estratégias, preferências, em suma, padrões éticos e estéticos.

Não é em um curso de capacitação que uma pessoa se habilita para ser altruísta, generosa, bondosa etc., pois essas são qualidades humanas complexas, tanto de adquirir, como também de avaliar. Essas qualidades agregam, em quem as tem, sensibilidades específicas, que direcionam essas pessoas espontaneamente para a busca de um trabalho de ajuda ao próximo, assim como outras características direcionam as pessoas que as tem, espontaneamente, para a realização de outras atividades.

Domeneghetti (2001, p. 60) nos informa no seu currículo, ter entrevistado cerca de cinco mil candidatos a voluntários. Na avaliação dessa autora, a vida interior de um voluntário está quase sempre preenchida por sentimentos que também são encontrados nos poetas, nos adolescentes, nas mães em todo o mundo, e nas pessoas que nasceram com o dom de servir. Essas pessoas, segundo ela, choram com facilidade, são diligentes em solucionar as dificuldades do outro, e são espiritualmente mais humildes.

Encontramos alguns paralelos, que consideramos relevante explicitar, entre o momento atual, pelo qual está passando a prática do trabalho voluntário, e a situação vivida nos meados dos anos 70. Naquela época quem tivesse interesse em se envolver com alguma atividade social na América Latina, tinha que se integrar na “Igreja dos Pobres”, fosse religioso ou materialista e, através desse canal, ele, então, se integraria em alguma Comunidade Eclesial de Base, conforme Fernandez (1994, p. 33/4). Os ativistas sociais, então, se engajaram; era comum encontrar, naquela época, ateus declarados com a Bíblia embaixo do

braço. Ela funcionava como uma senha de acesso à população mais simples e mais pobre que ia aos grupos, por causa da reflexão do evangelho, da oração, do trabalho solidário.

Das CEB'S, chegamos aos movimentos populares (que organizava o “povo pobre” nas suas reivindicações locais por melhorias) ; destes, aos chamados movimentos sociais (assim chamados pela natureza múltipla das reivindicações que abarcava : pobres, negros, índios, mulheres etc.) quando, então, toda a mobilização social já não estava mais dependente da “Igreja dos Pobres”. Esses movimentos sociais seguiram seu próprio caminho e aqueles que eram apenas ativistas sociais atuando nas CEB'S, deixaram de freqüentar a Igreja e começaram a se organizar em grupos com características explicitamente mais políticas, o que foi, cada vez mais possível, em função da democratização alcançada pelas lutas sociais.

O processo que está acontecendo agora com esse “novo” trabalho assistencial realizado através das ONG's e da Filantropia Empresarial, sugere repetir uma dinâmica semelhante com a que aconteceu nas CEB'S, embora com uma particularidade complicadora, ou seja, uma apropriação meio à revelia do discurso e da prática conjugada com expropriação do espaço .

Naquele momento, nas CEB's, parece ter havido uma certa apropriação permitida do espaço, do discurso e da prática da atividade religiosa pelos ativistas políticos, enquanto não era possível para eles realizarem uma ação política independente. No momento atual, parece haver uma certa expropriação do espaço, com uma apropriação do discurso e da prática religiosa, embora em circunstâncias bem distintas: no passado as pessoas que parecem ter se apropriado do espaço religioso, lutavam por ideais políticos, que elas acreditavam serem libertadores para a coletividade; atualmente parece que o que está em questão são interesses de ordem pessoal e/ou empresarial, sempre ligados aos interesses econômicos.

Mesmo depois que os ativistas sociais deixaram as CEB's, aqueles que trabalhavam motivados por valores religiosos continuaram seu trabalho, e, aliás, o trabalho das CEB's continua até hoje. Segundo Fernandes (1994, p.38), uma pesquisa realizada em 1993 pelo Instituto Superior de Estudos da Religião e pelo CERIS, registrou cerca de 46.000 CEB's, no Brasil, com base em questionário respondido por apenas 40% das paróquias do país. Esses dados sugerem que para as pessoas que estavam vinculadas às CEB'S, por questões

religiosas ou espirituais, o que mudou desde a época dos movimentos populares realizados a partir das CEB's, e o que acontece agora, foi o tipo de necessidade vivida pelas pessoas e, portanto, a resposta a ser dada, mas não a motivação de servir. Quando a motivação é servir ao outro nas suas necessidades por motivos religiosos ou espirituais, ao mudar a necessidade, muda-se a agenda de trabalho, pois o importante é ajudar o outro na sua necessidade, seja ela qual for. Se a necessidade é comida, então, se trabalhará por comida; se é diminuir a taxa de mortalidade infantil (em alusão ao trabalho atualmente desenvolvido nas CEB's), então, é isso que se faz. A agenda, em um trabalho de caridade, é feita pela necessidade do outro.

Então, parece que o que assistimos, no momento atual, é uma espécie de *sacralização às avessas* das práticas sociais, ou seja, uma associação de valores morais e espirituais à otimização de lucros, e à ampliação de oportunidades de trabalho. Neste contexto, as empresas falam de responsabilidade social, mas sua prática está associada a isenções fiscais ou alguma outra sorte de benefícios. De acordo com Szazsi (2000, p. 22/4), *“As empresas privadas não raro, começaram a incluir em seus objetivos institucionais aquilo que se convencionou chamar de “responsabilidade social”, conceito que se origina do entendimento da distinção entre empresa e negócio. [...] Essa mudança de mentalidade tende a crescer nos próximos anos. Entretanto é inequívoco que seu crescimento será tanto maior quanto sejam inteligentes os incentivos fiscais assegurados aos patrocinadores de projetos sociais e ambientais, que ainda carecem de instrumentos modernos, como aqueles implantados para o incentivo à cultura”*.

Fala-se também de solidariedade, de ajuda a pessoas em situação de desamparo, mas essa prática nas ONG's depende de que seja firmado o financiamento do projeto por uma das Organizações Internacionais de Ajuda, por alguma Empresa ou pelo Governo.

Diante desse quadro, consideramos importante, então, pontuar as possíveis consequências da ambigüidade implícita nessa proposta de trabalho assistencial a pessoas desvalidas, quando vinculada à lógica da sobrevivência e dos interesses pessoais e/ou empresariais, mesmo quando resguardada sob a bandeira da consciência cidadã, ou da responsabilidade social. Não podemos esquecer que a profissionalização do trabalho assistencial nas ONG's implica em competição profissional, lutas salariais etc., bem como o jogo de inte-

resses envolvidos na Filantropia Empresarial implica em promoção de imagem para conquista de mercado e aumento de vendas etc.

Um exemplo desse quadro é a seguinte notícia veiculada na internet⁶¹: “ ‘As instituições querem profissionais altamente qualificados e, ao mesmo tempo, comprometidos com as causas defendidas pela instituição’”, afirma Ieda Novais, presidente da M&A – Mariaca & Associates, empresa de consultoria empresarial e recrutamento de executivos que, há cerca de três anos, presta serviço especializado para ONG’s e fundações. [...] Em média, de acordo com Ieda, o salário mais alto pago pelo Terceiro Setor não ultrapassa os R\$ 17 mil mensais.”

Por outro lado, a institucionalização do trabalho social voluntário, dentro dos órgãos governamentais, é mais um agente de legitimação desse pensamento comprometido com o estímulo à cidadania corporativa e/ou empresarial.⁶² Dentro dele, o motor do trabalho social é o jargão “ensinar a pescar e não dar o peixe”, que, inclusive, combina bem com as políticas de financiamento de projetos, seja por órgãos governamentais, pela iniciativa privada, ou por agências internacionais de financiamento de “projetos” (Instituições de Ajuda a Países do Terceiro Mundo).

Nessa ótica, o repasse de tecnologia, envolvendo *no pacote tecnológico, treinamento, controle e acompanhamento*, assume lugar central para a boa consecução dos “projetos”. Torna-se estrutural, então, a criação e manutenção do grupo daqueles que sabem e ensinam a pescar, ou sejam, os profissionais do Terceiro Setor. Nesse sentido, boa parte das verbas captadas para trabalhos voluntários é direcionada para treinamentos de lideranças sociais e capacitação de técnicos para atuar no Terceiro Setor,⁶³ o que termina por favorecer os setores médios da população, em busca de oportunidades profissionais.

Não é surpreendente, portanto, o crescimento na procura de cursos de capacitação para atuar no Terceiro Setor e da crescente oferta de vagas nas organizações existentes.

⁶¹ SOUZA, Raquel. Terceiro setor caça executivo de alto nível. *Folha on line*, 17 janeiro 2002. Disponível em: <http://www.uol.com.br/folha/dimensteins/sonosso/gd170102.htm>

⁶² Informações mais detalhadas sobre o tema, consultar o Programas de Voluntariado do Instituto Ethos.

⁶³ In LANDIM, (2000, p. 12-3) “[...] a Comunidade Solidária, através da Primeira Dama do país, Rute Cardoso, lança o programa Voluntários (novembro de 1997), acompanhado de Seminários Regionais de Promoção do Voluntariado e da criação de Centros de Referência do Voluntariado espalhados por diversas regiões do país, com objetivos definidos como de capacitação, construção de bases de dados, mediação entre instituições e candidatos ao voluntariado, etc.

Um bom exemplo é a criação do curso de Administração no Terceiro Setor, no nível de pós-graduação na FGV, Fundação Getúlio Vargas, e dos grupos de pesquisa na USP, Universidade de São Paulo, e FGV. Todo esse movimento também atua como fator de legitimação social desse movimento de cidadania corporativa/empresarial.

A incorporação da idéia de “projeto”- como concebido pelas Organizações Internacionais de Ajuda, dentro do âmbito do trabalho de Assistência Social no Brasil – está cada vez mais legitimada e disseminada – principalmente depois que a Comunidade Solidária lançou o Programa Voluntários, adotando o modelo descrito na publicação “Filosofia do Voluntariado - Fortalecendo o Voluntariado no Brasil”.

Algumas Instituições que atuam na assistência aos desvalidos e não adotaram o modelo dos “projetos” – como, por exemplo, a AMIC - relatam ter dificuldades para se encaixar nas regras existentes para participação nos recursos do governo destinados ao trabalho assistencial. Isso acontece com as Instituições Religiosas que, por fazerem parte de uma outra cultura de ação social, em que se trabalha com necessidades emergentes - não existe muito espaço para incorporação desse modelo internacional de “projeto”, que é orientado pela lógica do pré-planejamento.

Que outra cultura é essa de ação social praticada pelas instituições religiosas?

Aqui nos referimos, especificamente, à cultura da Caridade - tão pouco visível para a sociedade de modo geral e, particularmente, para os profissionais envolvidos com a prática de assistência social nas ONG's e na Filantropia Empresarial. Atualmente, o governo também se inclui nesse grupo, em função de ter adotado para seu trabalho assistencial, através da Comunidade Solidária, a mesma cultura de “projeto,” introduzida no trabalho de assistência social no Brasil pelas Organizações Internacionais de Ajuda.

Na cultura da Caridade, a categoria *necessidade do outro* não pode estar subordinada a categorias como: diagnóstico, planejamento, controle, cronograma, dotação orçamentária etc. O que importa na cultura da Caridade não é que se cumpra o que foi diagnosticado e planejado. O que importa, acima de qualquer outra coisa, é que se alivie a dor, qualquer que seja ela; e se a dor se modifica, modifica-se imediatamente a necessidade. Modificando-se a necessidade, a resposta a ser dada tem que ser revista em grau máximo de prioridade, senão, a necessidade de quem está em dor não será atendida.

Na cultura da Caridade, esse compromisso em tomar a necessidade do outro como motivo e guia para a atuação, é uma regra áurea, a qual não pode ser quebrada, sob o risco de comprometer a identidade do trabalho orientado, pelos princípios da Caridade.

A Caridade - e mais particularmente a Caridade no espiritismo-kardecista – ainda é pouco conhecida nas suas particularidades e pouco compreendida, especialmente no ambiente intelectual, onde, freqüentemente, pelo menos em nível verbal, é cunhada de paternalista, assistencialista. Novas informações sobre esse tema começaram a ser veiculadas principalmente através da publicação das pesquisas de Giumbelli (1995 e 1996) - sobre a prática da Caridade no espiritismo-kardecista - dentro do projeto Filantropia e Cidadania no Brasil, realizado pelo ISER e coordenado por Leilah Landim (1993-1996) e do livro *Ações em sociedade*, também coordenado por Landim (1998), no qual encontramos, no prefácio feito por Moacir Palmeira, na página 13, a seguinte afirmação:

“Descobrimos que a “caridade” dos espíritas-kardecistas, mais do que um princípio geral, teve um peso especial na afirmação social dessa orientação religiosa em nosso país e que essa “caridade cristã”, entre os espíritas, nunca esteve distante de idéias de cidadania”.

Ainda sobre a Caridade, é importante pontuar que a disponibilidade em ajudar o outro, a qual nasce com e a partir da experiência espiritual, também tem como substrato uma busca de benefício pessoal. Só que os benefícios pessoais buscados através da prática da Caridade são de natureza moral-espiritual e estão vinculados a uma busca de crescimento na capacidade de amar incondicionalmente e de fazer o bem, que proporciona a quem o faz - tanto durante a vida na Terra, quanto após o desencarne⁶⁴ - gozar das bem-aventuranças. Além disso, cultivar esse estado de bem-aventurança e graça, em si já é uma caridade, uma vez que ele, além de propiciar uma alta qualidade de vida psíquica e espiritual a quem se dedica a esse cultivo, contamina positivamente todo o entorno – família, amigos, trabalho - produzindo um amplo efeito multiplicador de harmonia e bem-estar, tanto para o indivíduo como para a sociedade.

De modo geral, observamos que existe uma grande nebulosa em relação à Caridade e, via de regra, as atitudes que encontramos frente a esse tema variam em torno de:

⁶⁴ Desencarne: o momento em que o espírito deixa a vida na carne, comumente chamado de morte.

- ou não se fala sobre o tema, fazendo de conta que ele não existe, desconsiderando, inclusive, que, segundo as pesquisas, a motivação de ordem religiosa é responsável por 74% da motivação das pessoas que fazem trabalho voluntário;

- ou se fala através dos corriqueiros jargões – como paternalismo e assistencialismo - usados de forma repetitiva e discriminatória, mas que não ajudam a aprofundar a compreensão desse fenômeno humano;

- ou se fala em termos de boato, ou seja, daquilo que se ouviu falar que é a Caridade. E, aqui, existem muitos mitos destrutivos, que alimentam simbolicamente o pensar das pessoas sobre o tema. As famosas *Damas de Caridade, sempre associadas a mulheres ricas, que nas horas vagas distribuem, de cima de seus saltos altos, suas sobras aos infelizes*, são um bom exemplo.

Esse conjunto de *doxas* que alimenta os pensamentos sobre a Caridade tem alguma coisa a ver com aquilo que significou Caridade para aqueles que a cunharam com a sua prática, ou seja, os primeiros cristãos?

E para o espiritismo-kardecista que elegeu a máxima: “FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO” como seu eixo e seu guia, o que significa Caridade?

Qual o significado desse fato: uma prática como a Caridade, exemplificada pelos primeiros cristãos, tenha sido tão veementemente retomada pelo espiritismo-kardecista, nesse momento da nossa história, no qual, o materialismo, o egoísmo, se fazem tão presentes ?

Faz-se necessário ir à fonte e pesquisar - nos textos básicos do Cristianismo (Evangélicos e Epístolas), bem como nos textos de Allan Kardec e nos textos trazidos pelos espíritos e codificados por ele - o que aí se chama de Caridade, como está descrita sua prática, para, inclusive, poder compreender melhor nosso objeto de estudo: o trabalho voluntário em uma Instituição espírita-kardecista, realizado sob a égide da Caridade.

2. Olhar teológico

A própria tentativa de construir um olhar sócio-histórico acerca do trabalho voluntário colocou-nos frente a frente com a necessidade de tentar construir um olhar baseado na teologia espírita-kardecista-cristã - no qual prevalece uma lógica teocêntrica - que nos aju-

dasse na compreensão desse tipo de trabalho voluntário, tal como praticado em uma Instituição espírita-kardecista. Isso porque, à medida que avançávamos na compreensão das distintas nuances com as quais o trabalho voluntário é praticado nos nossos dias, foram ficando cada vez mais visíveis as particularidades a ele agregadas, quando praticado sob a égide da Caridade, numa perspectiva de *salvação da alma*, como é feito no espiritismo-kardecista.

Sentimos, então, nesse momento, a necessidade de buscar nos textos básicos do cristianismo – Evangelhos e Epístolas - no qual o espiritismo-kardecista fundamenta sua prática da Caridade e nos textos básicos, revelados pelos espíritos e codificados por Kardec, elementos que nos ajudassem a compreender a prática da Caridade, e as particularidades a ela agregadas, quando concebida e praticada, a partir dos referenciais trazidos pelo espiritismo-kardecista. Buscamos, também, nas preleções publicadas pela Casa do Pão Editora elementos que nos ajudassem a visualizar as particularidades agregadas à prática da Caridade proposta pela espiritualidade dirigente da CEA-AMIC e praticada pelos seus voluntários. Chamamos, então, a esse conjunto de informações de Olhar teológico.

2.1. A Caridade concebida pelo cristianismo

A definição de Caridade encontrada no “*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*”⁶⁵ em muito se aproxima da compreensão espírita-kardecista da Caridade, ou seja:

Caridade [Do lat. Caritate] 1. *Ét.* No vocabulário cristão, o amor que move a vontade à busca efetiva do bem de outrem e procura identificar-se com o amor de Deus; ágape, amor-caridade. 2. Benevolência, complacência, compaixão. 3. Beneficência, benefício; esmola. 4. Uma das virtudes teológicas.

Essa é a Caridade que foi descrita para nossa cultura ocidental, através do Novo Testamento, no qual estão relatadas nos Evangelhos, no Ato dos Apóstolos e nas Epístolas, tanto passagens nas quais Jesus exemplificou com a sua vida o amor ágape e/ou a caridade, quanto passagens onde mais tarde essa exemplificação foi feita pelos seus discípulos, dentro da vida na Comunidade Primitiva Cristã.

⁶⁵ In BUARQUE de Holanda F., Aurélio. Novo Dicionário da Língua Portuguesa, .Editora Nova Fronteira.

Buscamos, então, no índice remissivo de três traduções da Bíblia⁶⁶ que usamos para consulta, as citações das passagens nas quais o tema do amor foi abordado. Depois de ler a cada uma delas, selecionamos aquelas que, ao nosso ver, mais ilustravam as particularidades apresentadas por Jesus, acerca da prática dessa qualidade de amor espiritual, ou seja da Caridade. Escolhemos textos do Novo Testamento que tratavam de temas, como:

- a imprescindibilidade da prática do amor espiritual;
- a distintibilidade criada pela prática desse amor espiritual;
- que amor é esse e como deve ser praticado;
- o que a prática desse amor nos oferece como consequência;
- testemunhos dos apóstolos acerca da renovação vivida pela prática desse amor;

Começamos com Mateus, capítulo 22, versículos 36 a 40, onde encontramos uma passagem em que Jesus responde à pergunta de um fariseu.⁶⁷

“Mestre, qual o grande mandamento da Lei ? Jesus declarou-lhe:
“*Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento.* Eis o grande, o primeiro mandamento. Um segundo é igualmente importante: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo.* Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.”

Nessa fala a um fariseu, a Caridade e/ou o amor espiritual, concreto e efetivo a Deus, ao próximo e a si mesmo, são colocados como os grandes mandamentos dos quais depende “toda a Lei e os Profetas”. Na época, os fariseus eram, além dos grandes conhecedores da Lei de Moisés, os sacerdotes atuantes no Templo. Então, com essa resposta a um fariseu, Jesus estava indicando que o amor era o maior de todos os mandamentos e de todas as Leis, tão bem conhecidas pelos fariseus. O que significa, então, que “qualquer” coisa que seja feita, por “qualquer” pessoa, para agradar a Deus, ou ao próximo, ou a si mesma, se

⁶⁶ Traduções da Bíblia usadas para consulta: *A Bíblia Ecumênica Tradução Ecumênica*, 1995, Edições Loyola, 2ª Edição, que é uma tradução conjunta de diversas confissões cristãs e do judaísmo, a *Bíblia de Estudo de Genebra*, 1999, Editora Cultura Cristã, que é uma tradução Evangélica, e a *Bíblia de Jerusalém*, 1996, Editora Paulus, 5ª Edição que é uma tradução Católica.

⁶⁷ In KARDEC, (1978, p.21) Fariseu: A religião era para eles, antes um meio de subir do que o objeto de uma fé sincera. Eles não tinham senão as aparências e a ostentação da virtude; mas com isso, exerciam uma grande influência sobre o povo, aos olhos do qual passavam por santos personagens.

essa prática não tiver as raízes na “caridade” ou no “amor espiritual”, vivido com “todo o coração”, com “toda a alma” e com “todo o pensamento”, de nada serve.

Significa, também, que não adianta apenas amar a Deus, ou a si, ou ao próximo; pois, para que se cumpra o grande mandamento da Lei, há que se amar nessas três instâncias com igual inteireza e entrega, pois que esses três amores foram colocados com uma importância equivalente e interdependentes entre si; assim, se alguém deixar de amar em uma dessas instâncias, compromete as outras duas.

Em João, capítulo 13, versículos 33 e 34, durante a última ceia, logo após a saída de Judas do Cenáculo, Jesus fala, para seus discípulos, que o amor seria o distintivo por meio do qual eles seriam reconhecidos:

“Meus filhinhos, eu só estou convosco por pouco tempo. Vós me procurareis, e como eu disse aos judeus : ‘Para onde eu vou, vós não podeis vir’, agora também a vós o digo: “ Um mandamento novo eu vos dou: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, vós também amai-vos uns aos outros. Nisto, todos reconhecerão que sois meus discípulos: no amor que tiverdes uns para com os outros”.

Ao dizer isso, Jesus colocou o amor por Ele amado no lugar de um distintivo, ou seja, algo que identificaria seus discípulos entre si e os distinguiria das demais pessoas; semelhante ao que ocorre com a língua como é falada em cada região: ela permite que a pessoa que lá nasce, que fala com um sotaque característico, seja reconhecida, tanto pelas pessoas criadas na mesma região, como pelos criados próximos e distantes daquele lugar. Contudo, é possível também, com esforço concentrado e dedicação, aprender a falar uma língua, inclusive com sotaque - processo bem semelhante a aprender a amar um certo tipo de amor, como, por exemplo, esse anunciado por Jesus como distintivo de seus discípulos.

Essa instrução de Jesus aos seus discípulos estabelece que o amor será o distintivo dos seus discípulos, como também indica qual amor deverá ser praticado para tal fim: o amor praticado por Ele. Está aí implícito o que Ele veio fazer entre nós: anunciar o novo Mandamento do Amor com a própria vida, sua própria carne - “O Verbo se fez Carne e

habitou entre nós”⁶⁸. Foi dito por Ele: “Amai-vos como eu vos Amei”, como Ele sabia amar e veio nos ensinar, através da sua própria vida.

Esse amor do qual Jesus falava, foi descrito em pormenores práticos por Paulo, no chamado hino à Caridade.

Que amor é esse do qual Jesus falava?

Essa pergunta nos remete à primeira parte da primeira Epístola⁶⁹ de Paulo⁷⁰ aos Coríntios, capítulo 13, nos versículos de 1 a 3, onde ele descreve esse amor ou caridade como um bem espiritual mais valioso que a capacidade de falar em línguas,⁷¹ de fazer profecias, de ter conhecimento dos mistérios, de ter fé, desapego aos bens terrestres e, inclusive, ao próprio corpo físico. Dessa forma, coloca a capacidade de amar como o bem maior que alguém pode ter sobre a Terra, uma vez que ele re-significa todos os outros.

Na *Bíblia Ecumênica*, como na *Bíblia de Estudo de Genebra*, encontramos o nome amor no lugar do nome caridade. Todavia, na *Bíblia de Jerusalém*, que vamos apresentar aqui - esta carta de Paulo, aos Coríntios, é chamada de Hino à Caridade.

Ainda que eu falasse línguas,
As dos homens e a dos anjos,
Se eu não tivesse a caridade,
Seria como um bronze que soa
Ou como um címbalo que tine.
Ainda que eu tivesse o dom da profecia,
O conhecimento de todos os mistérios
E de toda a ciência
Ainda que eu tivesse toda a fé
A ponto de transportar montanhas,
Se não tivesse a caridade

⁶⁸ In BÍBLIA de Jerusalém, (1996, p.1986}, Evangelho de São João, Cap. 1:14 (1996, p.1986}

⁶⁹ Epístola(s) -Cartas escritas pelos apóstolos àqueles(pessoas, cidades, regiões) a quem tinham levado os ensinamentos de Jesus, dando prosseguimento à sua ação evangelizadora.

⁷⁰ Paulo de Tarso- um Apóstolo que não conviveu com Jesus Cristo pessoalmente e que era, inclusive, um Doutor da Lei, encarregado da perseguição aos primeiros cristãos. Numa viagem a Damasco, com o intuito de prender os cristãos que lá atuavam, tem um encontro de natureza espiritual com Cristo Jesus, no meio do deserto, quando, em meio a uma intensa luz, ouve uma voz que vem do alto e que lhe pergunta: “Saulo, (seu nome na época) por que me persegues?” Fica cego, entra em profunda comoção e vive sua conversão a partir desse momento.

⁷¹ In BÍBLIA de Jerusalém, (1996, p.2048) Falar em línguas ou glossolalia: “utilizava palavras em línguas estrangeiras para cantar os louvores de Deus.”

Eu nada seria.
Ainda que eu distribuísse
Todos os meus bens aos famintos,
Ainda que entregasse o meu corpo às chamas,
Se não tivesse a caridade, isso nada adiantaria.

Na segunda parte da Epístola aos Coríntios, ou seja, capítulo 13, versículos 4 a 7, Paulo vai um pouco mais além e nos fala, de uma forma bem direta, como concretizar essa qualidade de amor, ou seja, indica-nos através de que atitudes e práticas no dia a dia, poderíamos colocar essa qualidade de amor na nossa vida :

A caridade é paciente,
a caridade é prestativa,
não é invejosa, não se ostenta,
não se incha de orgulho.
Nada faz de inconveniente,
Não procura o seu próprio interesse,
Não se irrita, não guarda rancor.
Não se alegra com a injustiça,
Mas se regozija com a verdade.
Tudo desculpa, tudo crê,
Tudo espera, tudo suporta.

Um amor que, por ser *paciente*, respeita o momento do outro e sabe que a colheita chegará. Por ser *prestativo*, compreende as necessidades do outro como bênçãos. Por *não ser invejoso*, regozija-se e celebra o sol que nasce todo dia e brilha na vida de seus irmãos. Por *não ostentar*, é como a pomba, não humilha, não discrimina, é simples e singela. Por *não se inchar de orgulho*, é como um riacho generoso que mata a sede com águas puras e cristalinas. Por *não ser inconveniente*, é como o frescor da brisa, leve e recatada. Por *não procurar seu próprio interesse*, é como a árvore frutífera, magnânima, desapegada e altruísta. Por *não guardar rancor*, é como o luar, manso, terno e doce. Por *não se alegrar com a injustiça*, é como o carvalho: cresce reto, justo, digno. Por *se regozijar com a verdade*, é como o sol, transparente, claro, cheio de vida. Por *tudo desculpar*, é como a aurora que, misericordiosamente, irrompe a escuridão. Por *tudo crer*, é como uma criança, pura, ino-

cente, entregue. Por *tudo esperar*, é como a semente nos campos que, confiante, aguarda a chuva. Por *tudo suportar*, é como a flor que perfuma a mão daquele que a arranca do solo.

Em Marcos, capítulo 9, versículos 35 a 37, a prática do amor ou caridade é colocada por Jesus Cristo para seus discípulos, de uma forma clara, prática e bem humana, como um caminho para viver em proximidade com Deus:

“Jesus sentou-se, e chamou os doze, e lhes disse: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e servo de todos”. E pegando uma criança, postou-a no meio deles e, depois de a ter abraçado, disse-lhes: “ Quem acolhe em meu nome uma criança como esta, acolhe a mim mesmo; e quem me acolhe, não é a mim que acolhe, mas Àquele que me enviou””.

Nessa fala, Jesus ensina, através do seu gesto, como devemos amar e/ou fazer a caridade. *Ele* pegou uma criança e, além de colocá-la entre eles, abraçou-a. Isso significa que, na concepção de Cristo, ajudar alguém é muito mais do que dar algo, só material, como dinheiro ou alimento: é dar de si mesmo ao outro, estabelecendo com essa pessoa um vínculo de proximidade afetiva e corporal, movida por um amor maior, o amor ágape, o amor de Deus.

Caso essa proximidade humana, afetiva e corporal, não fosse um aspecto fundamental na concretização do amor espiritual (Caridade), Jesus não a teria ensinado aos seus discípulos, muito menos da forma tão enfática como o fez: ao abrir essa instrução a seus discípulos, falou que, quem quisesse ser o primeiro, fosse o último e o servo de todos; em seguida deu um exemplo concreto de como servir, ao tomar aquela criança em seu colo, abraçando-a.

Se essa proximidade afetiva e corporal praticada por *Ele* não fosse fundamental à concretização do amor que *Ele* queria nos ensinar, *Ele* não teria deixado essa instrução aos seus discípulos, afirmando que quem acolhesse uma criança como esta em Seu nome - e *Ele* ensinou passo a passo como seria acolher em Seu nome - era a *Ele* que acolhia, e quem O acolhia, acolhia de fato Àquele que O enviou. Ao instruir assim os seus discípulos, Jesus vinculou o amar a um ato concreto de amor do qual participa nossa própria corporalidade e afetividade.

Em Mateus, capítulo 25, versículos 34 a 41, através de uma parábola sobre o juízo, Jesus exemplifica quando e como se pratica a caridade ou o amor ao longo da vida, e as consequências deste gesto na relação com Deus:

“Então o rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai, recebei em herança o Reino que foi preparado para vós desde a fundação do mundo. Porque eu tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; eu era estrangeiro e me acolhestes; estava nu e me vestistes; doente e me visitastes; na prisão e vieste a mim.’ Então os justos lhes responderão: ‘Senhor, quando é que nos sucedeu ver-te com fome e alimentar-te, com sede e dar-te de beber? Quando nos sucedeu ver-te estrangeiro e acolher-te, nu e vestir-te? Quando é que nos sucedeu ver-te doente ou na prisão e irmos a ti?’ ‘E o rei lhes responderá: ‘Em verdade, em verdade eu vos declaro, todas as vezes que o fizestes a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes’”.

Nessa parábola, Jesus valoriza, sobremaneira, a ação desinteressada, ou seja, feita a alguém que, além de não ser do ciclo de relação pessoal de quem está ajudando, não tem condição alguma de retribuir na mesma “moeda”. Isso pede, de quem vai ajudar, um completo desprendimento e desapego dos retornos materiais e afetivos, bem como uma conexão interna desinteressada com o próprio ato de ajudar, a ponto de que, essa pessoa que está dando, sustente-se espiritualmente no seu ato de dar apenas da bem-aventurança que o ato de amor verdadeiro proporciona a quem o pratica.

Quando esse delicado e elevado nível de desenvolvimento moral é alcançado, o ato de dar se mistura tanto com a própria vida, que a pessoa nem se dá conta do que, de fato, está acontecendo. Isso, a ponto de perguntar, como na parábola : ‘Senhor, quando é que nos sucedeu ver-te com fome e alimentar-te, com sede e dar-te de beber?’

Nas Epístolas de Pedro e João, encontramos passagens em que esses Apóstolos - que estiveram bem perto de Jesus Cristo, durante seus três anos de trabalho missionário, e foram espiritualmente instruídos por ele - reafirmam os ensinamentos recebidos de Jesus sobre o amor ou a caridade, nas suas práticas evangélicas.

Na Epístola de Pedro, capítulo 4, versículos 8 a 10, ele fala aos cristãos que se encontram nas cinco províncias romanas da Ásia Menor :

“Antes de tudo, tende um constante amor uns com os outros, porque *o amor cobre uma multidão de pecados*. Praticai entre vós a hospitalidade, sem murmuração. Ponde-vos, cada um conforme o Dom recebido, a serviço uns dos outros, como bons administradores da graça de Deus, multiforme em seus efeitos.”

Nesta Epístola, Pedro afirma que o amor cobre uma multidão de pecados, o que traz consigo uma perspectiva moral avançada para os relacionamentos humanos, ao trazer a prática do amor como terapêutica para a multidão de pecadores. Ou seja, de toda ação que (por estar desprovida de amor) gera dor, mágoa, tristeza, ressentimentos etc. Pedro sugere, também, que cada um, conforme as capacidades que tem, cuide um do outro, sem perder a consciência de que esses dons são fruto da graça de Deus; ou seja, que, sem se perderem na vaidade pessoal por não compreenderem a origem de seus talentos e dons, cuidem uns dos outros, sejam amorosos e próximos uns com os outros, o que sugere uma relação bem íntima, familiar.

Nas Epístolas de João, embora não existam referências concretas a quem eram dirigidas, sabe-se, pelos temas abordados, que eram dirigidas às comunidades que atravessavam momentos de crise. Nessas cartas, o tema da caridade ou do amor é lembrado como o mandamento trazido por Jesus como caminho para a vida com Deus e com os irmãos, em Deus. Na primeira epístola de João, no capítulo 4, versículos 7 a 12 temos:

“Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus e chega ao conhecimento. Quem não ama não descobriu a Deus, porque Deus é amor. Eis como se manifestou o amor de Deus entre nós: Deus enviou seu filho único ao mundo, para que vivêssemos por meio dele. Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele que nos amou e nos enviou seu Filho como vítima de expiação por nossos pecados. Caríssimos, se Deus nos amou a tal ponto, nós também devemos amar-nos uns aos outros. A Deus ninguém jamais contemplou. Se nos

amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e seu amor em nós é perfeito.”

Na sua carta, João recomenda a essa comunidade em crise que o remédio para suas mazelas é que se amem uns aos outros, pois o amor vem de Deus e permite que Deus permaneça. Se o homem permanece no amor e, portanto, na presença de Deus, desabrocha nele a sua natureza divina, que também é amorosa.

Essa natureza amorosa (que desabrocha na presença interna do amor de Deus) mantém “uma estreita unidade entre a dimensão horizontal do amor, o amor aos irmãos, e sua dimensão vertical, o amor a Deus. O amor aos irmãos decorre do amor a Deus, e é mesmo sua expressão concreta. Com efeito, o cristão ama seus irmãos enquanto filhos de Deus. Seu amor, portanto, se enraíza em sua fé. O critério de autenticidade do amor a Deus sempre deve ser o cumprimento da vontade de Deus, a observância dos seus mandamentos, os quais precisamente prescrevem ao cristão o amor fraterno”.⁷²

Para que esse amor desabroche, na sua inteira potencialidade, é necessário que ele dê sustentação a uma profunda reforma na natureza egoísta, mesquinha e orgulhosa que habita a interioridade de cada homem; pois, manifestar a caridade, como Jesus nos ensinou, significa manifestar também qualidades e virtudes que a acompanham, tais como: humildade, benevolência, indulgência, justiça (na formulação de Kardec), paciência, prestabilidade, simplicidade, discrição, desapego, mansidão, inocência, verdade (na formulação de Paulo, o apóstolo).

2.2. A Caridade concebida pelo espiritismo-kardecista

O espiritismo-kardecista tomou a si, a tarefa de ajudar a humanidade nessa profunda reforma da sua natureza egoísta, com base nas Leis Morais ensinadas por Jesus Cristo, nos ensinamentos trazidos pela *Terceira Revelação*⁷³ e na prática da Caridade, que, para Kar-

⁷² In BÍBLIA Tradução Ecumênica, (1995, p. 2412)1ª Epístola de João, capítulo 5, versículo 2 .

⁷³ In KARDEC, (1978, p.36).Terceira Revelação: “ o Espiritismo é a Terceira Revelação da lei de Deus, mas não está personificada em nenhum indivíduo, porque ele é o produto de ensinamento dado, não por um homem, mas pelos Espíritos, que são as vozes do céu, sobre todos os pontos da Terra, e por uma multidão inumerável de intermediários: é, de alguma sorte, um ser coletivo compreendendo o conjunto de seres do mundo espiritual, vindo cada um trazer aos homens o tributo das suas luzes para fazê-los conhecer esse mundo e a sorte que nele os espera.”

dec, significa *sentimento de benevolência, de justiça e de indulgência relativamente ao próximo, baseado no que quereríamos que o próximo nos fizesse*.⁷⁴ Nas palavras de Kardec:⁷⁵

Quando se considera o estado atual da sociedade, é- se tentado a olhar sua transformação como milagre. Pois muito bem! Este é o milagre que o Espiritismo deve e pode realizar, pois que está nos desígnios de Deus, e isto com o auxílio de uma divisa: *Fora da caridade não há salvação*. Tome a sociedade humana esta máxima por emblema, conforme a ela sua conduta, substituindo-a por outra, que está na ordem do dia: *A caridade bem ordenada é a parte dos outros para nós*, e tudo se modificará.

Nesse texto, Kardec coloca a Caridade como um instrumento auxiliar, designado por Deus para a salvação da sociedade, e coloca o Espiritismo no lugar de condutor desse processo de transformação. Propõe que se tome a Caridade como emblema, ou seja, como signo de uma idéia que possa conclamar a sociedade humana, para tornar-se ativa no bem, tanto individual quanto socialmente, conformando sua conduta à máxima *Fora da Caridade não há salvação* e substituindo a máxima vigente que preconiza passividade pessoal no bem e o deslocamento para o outro da responsabilidade da ação caridosa.

Com essa proposta, Kardec conclama os homens, de seu tempo e de agora, para que saiam dos seus *guetos*, quaisquer que sejam eles – étnicos, religiosos, ideológicos etc.- e se responsabilizem, individual e socialmente, por todo bem desinteressado que cada um seja capaz de fazer, como também por todas as consequências de todo o bem que não foi feito por omissão e/ou indiferença moral.

Toda a questão será fazer esse lema aceito.[...] Muitas pessoas poderão dizer: Eis um belo sonho! Infelizmente é apenas um sonho. O homem é egoísta por natureza, por necessidade e para sempre será assim. Mas, se tal proposição é verdadeira - o que seria realmente triste! - o caso é de se perguntar com que finalidade o Cristo veio até nós, pregando a caridade aos homens. Com

⁷⁴ In Kardec (2000, p. 67).

⁷⁵ In Kardec (2000, p. 64) .

igual resultado teria pregado aos animais. Todavia, examinemos a questão.⁷⁶

Aqui, Kardec coloca em questão o papel das Utopias na vida humana, ou seja, sendo o homem capaz de sonhar com uma vida mais ética e mais estética na Terra, não será ele capaz de concretizar esse sonho? De que matéria é feito o sonho, senão da substância anímico-espiritual que permeia a vida de cada sonhador? Que caminhos nos separam e nos aproximam dos nossos sonhos? Será que vivemos com a consciência de que o que nos afasta dos nossos sonhos é a parte de nós que - separada e esquecida de que foi criada à imagem e semelhança de Deus, para viver n'Ele - se arrasta sozinha e lúgubre, como uma velha e solitária lagarta que resiste ao caminho e às experiências necessárias a tornar-se borboleta? Será que, porventura, somos capazes de lembrar que sonhamos, enquanto nos escondemos da vida, por entre as folhas umedecidas e murchas, que entoam seu cântico de retorno à Terra? Será que sequer nos é permitido olhar para o alto e contemplar a folhagem das árvores que, altivas e luminosas, dançam a delicada melodia das brisas que entoam o cântico das alturas, no farfalhar das copas?

Será que, de fato, sabemos que, ao nos recusarmos a deixar a concretude e a segurança da Terra para colocarmo-nos quietas e silenciosos na transitoriedade da crisálida, estamos recusando, ao mesmo tempo, que cresçam em nós asas leves e multicoloridas, que preencheriam nossa alma do encanto das cores e da delicadeza das flores? Nas palavras do Espírito Amigo:⁷⁷ *Os sonhos são as asas dos homens, são pedaços de Deus acordados dentro dos homens.*

Há progresso, do selvagem ao homem civilizado? Não se procura, diariamente, melhorar os costumes dos selvagens? Mas, com que finalidade, se o homem é incorrigível? Estranha bizzaria! Estais certos de educar os selvagens e acreditais que o homem civilizado não pode melhorar. Se o homem civilizado tivesse a pretensão de ter atingido o último limite do progresso acessível à espécie humana, bastaria comparar os costumes, o caráter, a legislação, as instituições sociais de hoje com as de outrora. E, entretanto, os ho-

⁷⁶ In KARDEC (2000, p. 64 e 65)

⁷⁷ In psicografia do Espírito Amigo em 1990, através da médium Eliana Santos, para a pesquisadora.

mens de outrora, também eles, supunham ter alcançado o último degrau. O que teria respondido um grão senhor ao tempo de Luís XIV se lhe tivessem dito que poderia dispor de uma ordem social melhor, mais justa, mais humana do que a vigente então? Se lhe afirmassem que o regime mais eqüitativo se caracterizaria pela abolição dos privilégios de classe e a igualdade do grande e do pequeno diante da Lei? O audacioso que isso proclamasse, certamente bem caro pagaria a sua temeridade.

Disso concluímos que o homem é eminentemente perfectível e que os mais adiantados hoje parecerão atrasados dentro de alguns séculos. Negar este fato será negar o progresso, que é uma lei da natureza. ⁷⁸(grifo nosso)

Kardec nos coloca frente a frente com as dificuldades que cada homem e, conseqüentemente, que os agrupamentos de homens, quando materialistas, enfrenta, em reconhecer e lidar com todas as fases, nuances e particularidades do processo de metamorfose de lagarta em borboleta, ou seja, de homem selvagem em homem espírito, ao longo das reencarnações. Essa dificuldade é própria do homem, que, ao se comportar como a lagarta, rastejando no chão entre folhas úmidas, não olha para o alto e esquece que também é um pequenino sol, uma centelha Divina, encarnada na matéria para, de dentro dela construir asas e poder voar por entre os delicados aromas e as surpreendentes nuances com que as flores adornam os jardins da vida.

Sem essa memória de si mesma como espírito, ativada, a alma vai se preenchendo de medos, que, aos poucos, são encobertos pelo orgulho e pela arrogância. Parece que são esses medos, encobertos até de si mesmo, que impedem o espírito de reconhecer com naturalidade os limites – sejam eles geográficos, biológicos, históricos ou culturais – colocados pela pedagogia divina em cada vida, bem como a transitoriedade de cada experiência reencarnatória, dentro do longo processo de busca de perfectibilidade através das encarnações sucessivas. Ao homem para quem esteja clara a percepção de si mesmo como um espírito eterno - feito à imagem e semelhança de Deus - vivendo como alma encarnada, mais uma experiência reencarnatória, não é difícil de compreender o sentido da Lei do Progresso e, inclusive, do propósito pedagógico, no sentido cósmico, dos limites oferecidos por cada

⁷⁸ In KARDEC, (2000. p. 66).

experiência reencarnatória. As dificuldades em aceitar os limites colocados por Deus, para cada alma, em cada experiência encarnatória, sejam eles quais forem, bem como a resistência em compreender o propósito curativo desses limites, compromete a compreensão do caminho de construção da perfectibilidade humana, através das reencarnações sucessivas.

Embora o homem tenha progredido do ponto de vista moral, é preciso, entretanto, convir que esse progresso se realizou, mais acentuadamente, no sentido intelectual. Por que motivo? Eis aqui, um outro problema que foi dado ao Espiritismo explicar, mostrando que a moral e a inteligência são dois caminhos que raramente seguem juntos. Quando o homem dá alguns passos num deles, se retarda no outro. Todavia, mais tarde, torna a ganhar o terreno que havia perdido, e as duas forças acabam por se equilibrar, através de sucessivas reencarnações.⁷⁹

Portanto, como os avanços alcançados nesse último século são mais de ordem intelectual, é compreensível constatar que a mesma Ciência que comprova através dos estudos retrospectivos - biológicos, antropológicos, históricos, etc. - a evolução pela qual passou o homem ao longo da sua experiência na Terra - desde a vida nas cavernas até a vida em nossos dias, onde vivemos em uma aldeia global cibernetizada - não seja capaz de fazer estudos prospectivos quanto à evolução espiritual da vida humana nesse planeta azul.

Como a evolução foi mais intelectual, é compreensível que essa ciência nem sequer considere que os sonhos e as utopias, anunciadores tão fidedignos dos avanços tecnológicos – na criação de máquinas e engenhocas como o avião, o submarino, o foguete etc – possam também ser tomados como fiéis indicadores dos avanços a serem vividos pela humanidade, tanto no sentido sociológico, psicológico, como no sentido espiritual. Avanços que podem ser comprovados, pelas biografias de muitas almas, de todas as épocas e culturas da Terra, que testemunharam com suas vidas a experiência de ampliação da própria identidade, enquanto espírito eterno, ao viverem na temporalidade, deixando, contudo, que suas vidas sejam conduzidas pelos Motivos do Ser - que se traduzem em impulsos morais e na prática das virtudes, como benevolência, justiça, indulgência etc.

⁷⁹ In KARDEC, (2000. p. 66) .

[...] *O homem chegou a uma fase em que as ciências, as artes e as indústrias atingiram um alcance até hoje desconhecido. Se a satisfação que delas tira, satisfaz à vida material, deixa um vazio na alma: ele aspira qualquer coisa de superior, sonha com melhores instituições, deseja a vida, a felicidade, a igualdade, a justiça para todos. Mas, como atingir tudo isso com os vícios da sociedade e, sobretudo, com o egoísmo imperando?*

O homem sente, pois, a necessidade do bem para ser feliz, compreende que só o reino do bem pode lhe dar a felicidade pela qual aspira. Esse reinado, ele o pressente, pois, instintivamente, crê na justiça de Deus e uma voz secreta lhe diz que uma nova era vai se iniciar.⁸⁰ (grifo nosso)

É importante chamar a atenção para o fato de que Kardec escreveu esse texto em 1862, portanto antes das duas guerras mundiais, do uso da energia atômica para a destruição, do muro de Berlim, da guerra fria, da Aids, do terrorismo, das drogas e da fome que hoje mata mais do que a guerra, apesar do alto desenvolvimento tecnológico na área da engenharia de produção e de processamento dos alimentos. Só o crescimento avassalador do uso de drogas - cada vez mais destrutivas – no seio da juventude fala por si mesmo do vazio que é levada a experimentar a alma que é conduzida a viver uma vida prioritariamente dirigida para conquistas materiais. Essa alma facilmente cai na armadilha da pseudo e efêmera alegria química, que o mundo das drogas oferece.

É claro que essa juventude *aspira qualquer coisa de superior, sonha com melhores instituições, deseja a vida, a felicidade, a igualdade, a justiça para todos*, pois que sonhar é próprio dos homens e particularmente dos jovens, nos quais o fogo da vida é aceso de forma exuberante pela chama dos ideais e das utopias, que jorram da alma como substância plasmadora e concretizadora dos sonhos de Deus, que vieram sonhar na Terra. Contudo, a juventude não pode prescindir, nessa caminhada – sob o risco de perder a direção - do testemunho dos homens que ao lhe antecederem, reconhecendo-se e vivendo como espíritos eternos - em viagem reencarnatória na estrela Terra – deixaram para eles, seus filhos, a herança maior que um homem pode herdar de outro homem, ou seja, a compreensão de *que só o reino do bem pode lhe dar a felicidade pela qual aspira*.

⁸⁰ In KARDEC, (2000. p. 66 e 67).

Como ocorrerá isso? Ora, se o Reino do bem é incompatível com o egoísmo, é preciso que o egoísmo seja destruído. Mas, o que pode destruí-lo? A predominância do sentimento do amor, que leva os homens a se tratarem como irmãos e não como inimigos. A caridade é a base, a pedra angular de todo o edifício social. Sem ela o homem construirá sobre a areia. Assim sendo, urge que os esforços, e sobretudo os exemplos de todos os homens de bem, a difundam, e que eles não se desencorajem ao defrontarem as recrudescências das más paixões. Elas são os inimigos do bem. Ganhando terreno, lançam-se contra ele; mas está nos desígnios de Deus que, por seus próprios excessos, elas se destruam. O paroxismo de um mal é sempre o sinal de que chega ao seu fim. ⁸¹ (grifo nosso)

Ora, se o Reino do bem é incompatível com o egoísmo, é preciso que o egoísmo seja destruído na interioridade de cada homem. Contudo, para que o egoísmo deixe de habitar no coração do homem, é preciso, primeiro, que nos tornemos capazes de identificá-lo em nós, ou como nos ensinou Jesus,⁸² dedicarmo-nos a *tirar primeiro, a trave dos nossos próprios olhos*. Precisamos também, tornarmo-nos capazes de arrependermos-nos verdadeiramente, de termos agido movidos pelo egoísmo, para recebermos as bênçãos da promessa feita por Jesus⁸³ - *Misericórdia quero, e não holocausto; pois não vim chamar justos, e sim pecadores ao arrependimento* – e sermos, então, capazes de modificar nossa atitude, e sustentá-la como nos ensinou Jesus: ⁸⁴ *Vigiai e orai para que não entreis em tentação*.

O homem que consegue, *em verdade*, olhar para as atitudes nascidas do seu egoísmo, arrepender-se delas e mudar seu comportamento, inspirado na Lei de Amor, vai, pouco a pouco, libertando-se do homem Adâmico. Como é relatado em Gênesis,⁸⁵ mesmo tendo recebido a própria vida, uma companheira e todo o Jardim do Éden das mãos do Criador, o homem Adâmico, não foi capaz de atender ao único pedido de Deus a ele, ou seja, o de não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Também não foi capaz de arrepender-

⁸¹ In KARDEC, (2000, p.67)

⁸² In BÍBLIA de Estudo de Genebra, (1999, p.1191} Evangelho de S. Lucas cap.6, v.42, .

⁸³ In BÍBLIA de Estudo de Genebra, (1999, p. 1113) Evangelho S. Mateus, cap.9, v.13.

⁸⁴ In BÍBLIA de Estudos de Genebra (1999, p.1139) Evangelho de S. Mateus, cap.26,v. 41

⁸⁵ In BIBLE de Estudos de Genebra, (1999, p.17) Genesis, cap. 2, v.17

se do seu ato, uma vez que, quando interpelado por Deus⁸⁶, acusa a mulher que Deus lhe deu, responsabilizando sutilmente, o próprio Deus, pelo seu ato. *Perguntou-lhe Deus: Comestes da árvore que te ordenei que não comestes? Disse o homem: A mulher que tu me destes por esposa, ela me deu da árvore, e eu a comi. Disse o Senhor Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou e eu comi.*

O homem Adâmico não é ainda capaz de assumir a responsabilidade pelo próprio ato, e muito menos de arrepender-se dele, mudando na prática seu comportamento: por isso perde o paraíso. Se observarmos atentamente, essa cena continua acontecendo cada vez que agirmos pensando só em nós próprios, esquecidos das necessidades dos demais, deixando o egoísmo dirigir as nossas vidas e trazendo sofrimento para os que nos cercam. Se não nos arrependermos concretamente, através da mudança da nossa atitude, continuaremos a perder o Jardim do Éden a cada dia, ao perder o paraíso do afeto, da ternura e da paz íntima, uma vez que o paraíso, é a consequência natural da predominância do amor concreto, por Deus, por si mesmo, e por cada outro no coração de cada homem.

[...]Entretanto, é preciso reconhecer que a base da caridade é a crença; que a falta da crença conduz ao materialismo, e o materialismo ao egoísmo. Um sistema que, por sua natureza, requer para sua estabilidade virtudes morais no mais supremo grau, haveria que ter seu ponto de partida no elemento espiritual. Pois muito bem, ele não o leva absolutamente em conta, já que o lado material é sua finalidade exclusiva. Muitas dessas concepções são fundamentadas em uma doutrina materialista confessada alta e bom tom, ou sobre um panteísmo que não passa de uma espécie de materialismo disfarçado. *Isso quer dizer que são enfeitadas com o nome da fraternidade, mas a fraternidade, assim como a caridade, não se impõem se decreta, é algo que existe no coração e não será um sistema que a fará nascer, se ela aí já não se encontra alojada.* Ao mesmo tempo em que isso ocorre, o defeito antagônico à fraternidade [o egoísmo] arruinará o sistema e o fará cair na anarquia, já que cada pessoa quererá tirar para si a melhor parte. A experiência aí está, diante de nossos olhos, para provar que eles não extin-

⁸⁶ In BÍBLIA de Estudo de Genebra, (1999, p. 14) Genesis, cap. 3, v. 11-13.

guem nem as ambições nem a cupidez.⁸⁷ (palavra dentro do colchete e grifo, nosso)

Kardec afirma que uma atitude Caridosa só se sustenta caso se baseie na crença espiritual, pelo fato de requerer para a continuidade da sua prática, um conjunto de virtudes morais do mais supremo grau - *sentimento de benevolência, de justiça e de indulgência* - que encontram, na busca individual de crescimento espiritual, seu ponto de partida. Se, portanto, a experiência individual de crescimento espiritual não é vivida, o desenvolvimento conseqüente das virtudes morais necessárias para sustentação dessa prática não acontece, gerando, então, uma anemia na ação amorosa, caridosa, que com o tempo atrofia-se e muitas vezes até deteriora-se, em uma ação personalista, em decorrência da presença do egoísmo.

Kardec, nesse texto, se refere - como exemplo dessa impossibilidade de sustentação da ação caridosa, a menos que o elemento espiritual seja vivido como ponto de partida e ponto de referência - à experiência de Robert Owen, célebre socialista utópico, nascido em 1771 e desencarnado em 1858. De 1800 a 1829 dirigiu uma grande fábrica em New Lanark, na Escócia, onde implantou várias melhorias para os trabalhadores: reduziu jornada de trabalho, criou escola modelo para os filhos dos operários, casa berçário, jardim de infância etc. Suas idéias filantrópicas levaram-no ao Socialismo, contudo sonhava com uma ordem social nova, na qual a comunidade seria a célula elementar, responsável pela correção socialista das relações sociais, que não deveriam ser feitas, então, por meio da violência. Foi para os Estados Unidos em 1825 colocar em prática essas idéias; depois do fracasso da experiência, retornou para a Grã-Bretanha em 1829, onde, depois de fundar a *Harmony Hall de Queenwood, no Hampshire, em 1839*, converteu-se ao Espiritismo, fundando o primeiro Centro Espírita da Inglaterra.⁸⁸

Então, nessa compreensão apresentada por Kardec, enquanto não houver uma crença espiritual que sustente a atitude Caridosa através da prática de virtudes espirituais, enquanto as atitudes fraternas forem apenas fruto de um decreto ou de uma lei, promulgada por alguns homens inflamados de ideais, estamos apenas diante de atitudes *enfeitadas com o nome da fraternidade*, pois que a *fraternidade, assim como a caridade, não se impõe*

⁸⁷ In KARDEC, (2000, p.68)

⁸⁸ In KARDEC, (2000, p. 69)

nem se decreta, é algo que existe no coração e não será um sistema que a fará nascer, se ela aí já não se encontra alojada. Para que ela esteja alojada, precisa antes ser cultivada no coração de cada homem.

[...]Antes de fazer .a coisa para os homens, é preciso formar os homens para a coisa, como se formam obreiros, antes de lhes confiar um trabalho. Antes de construir, é preciso que nos certifiquemos da solidez dos materiais. Aqui, os materiais sólidos são os homens de coração, de devotamento e abnegação. Sob o egoísmo, o amor e a fraternidade são, como já dissemos, palavras vazias. Assim sendo, de que maneira, sob o império do egoísmo, fundar um sistema que requeira a abnegação em um sentido tão amplo que tenha por princípio essencial a solidariedade de todos para cada um e de cada um para com todos?(grifo nosso).⁸⁹

Kardec afirma que *é preciso formar os homens para a coisa*, ou seja, formar o homem para a atitude caridosa, uma vez que a Caridade, com todas as virtudes a ela agregadas - *sentimento de benevolência, de justiça e de indulgência* - não fazem parte do rol das capacidades e habilidades consideradas prioritárias pela sociedade atual, na qual, o sistema de produção baseado na competição e no lucro fazem predominar valores morais, às vezes, bem opostos. Portanto, para que a atitude Caridosa e todas as virtudes a ela agregadas cresçam no coração de cada homem, há que haver um outro caminho, através do qual cada alma seja estimulada a desenvolver os valores morais associados à Caridade, bem como confrontar-se com os valores associados ao egoísmo – insensibilidade com a dor do outro, indiferença, comodismo, apego etc – já introjetados.

Daí a necessidade premente para todos aqueles que tenham algum interesse em desenvolver e sustentar uma atitude fraterna e Caridosa, no seu cotidiano, de se tornarem *homens de coração*, capazes *de devotamento e abnegação*, ou seja, *materiais sólidos*, na construção dessa obra. Para tal é necessário passar por um processo de renovação de valores, baseados em uma crença espiritual, que no caso de Kardec, é a Doutrina Espírita, associada aos ensinamentos morais do Evangelho.

⁸⁹ In KARDEC, (2000, p. 68 e 69)

*[...]. Quando a caridade tiver penetrado as massas, quando se tiver transformado na fé, na religião da maioria, então vossas instituições se tornarão melhores pela força mesma das coisas. O abusos, nascidos do personalismo exacerbado, desaparecerão. Ensinai, pois, a caridade e, sobretudo, pregai pelo exemplo: é a âncora da salvação da sociedade. Só ela pode realizar o reino do Bem na Terra, pois o reino do Bem é o reino de Deus. Sem ela, por mais que vierdes a fazer, não criareis senão utopias, das quais não vos resultarão senão decepções. Se o Espiritismo é uma verdade, se ele deve regenerar o mundo, é porque tem por base a caridade. Ele não vem derubar qualquer culto nem estabelecer um novo. Ele proclama verdades comuns a todos, base de todas as religiões, sem se preocupar com particularidades. Não vem destruir senão uma coisa: o materialismo, que é negação de toda religião! Não vem pôr abaixo senão um templo: o do orgulho e do egoísmo!*⁹⁰(grifo nosso)

Transformar a Caridade, ou seja, o amor espiritual, na religião da maioria, é a proposta do Espiritismo para a *salvação da* sociedade. Ou seja, estabelecer *um reino de paz e prosperidade na Terra*, através da disponibilidade e do compromisso de cada homem em enxergar e ouvir o outro e suas necessidades - qualquer que seja esse outro, de qualquer raça, religião, sistema econômico etc. – respeitando-o e atendendo-o, pelo menos, nas suas necessidades básicas, de sobrevivência. Se pensarmos só nos aspecto social dessa proposta, essa parece ser também a proposta do mundo civilizado, a qual se evidencia, por exemplo, na reprovção manifesta na mídia dos *quatro cantos do mundo*, frente ao terrorismo, às guerras religiosas, ao massacre das etnias, e ao grande número de pessoas vivendo uma vida, abaixo do nível da miséria etc. Contudo, o espiritismo-kardecista, propõe que essa atitude esteja mais profundamente nos pequenos detalhes da vida de cada homem. E ,que portanto, seja cultivada, por cada homem, num contexto de busca da salvação da própria alma, tendo como fundamento a prática do amor espiritual, e não apenas uma prática de equidade social, vinculada à modernamente chamada prática da cidadania. Propõe, também, que a situação dos desvalidos não seja abandonada na responsabilidade dos governos e das instituições, usando o pagamento de impostos como justificativa para escamotear, nossa maneira “civilizada” de praticar frieza e indiferença moral. Na concepção espírita-

⁹⁰ In KARDEC,, (2000, p.70)

kardecista, a atitude amorosa é uma experiência a ser vivida por cada homem, na sua relação com todos aqueles que Deus lhe colocar frente a frente, com os mais variados tipos de necessidades, sejam elas materiais, anímico ou espirituais, sem qualquer acepção, inclusive frente aos *inimigos*. O espiritismo-kardecista, propõe, ainda, que a Caridade seja ensinada e, sobretudo, pregada pelo exemplo prático, ou seja, através do testemunho de homens de bem, que colocaram o *Mandamento do Amor*, vivido e exemplificado por Jesus, no centro de suas vidas, o que, segundo Kardec, não é possível de ser realizado, a não ser por alguém, que esteja movido por uma busca de crescimento espiritual.

[...] Demonstramos que a incredulidade, a simples dúvida em relação ao futuro, leva o homem a se concentrar sobre a vida presente, o que muito naturalmente desenvolve o sentimento do egoísmo. O único remédio para o mal é concentrar a atenção sobre um outro ponto e desenraizá-lo, por assim dizer, a fim de que, desta forma, todos os hábitos a ele inerentes sejam modificados. O espiritismo, provando de maneira patente a existência de um mundo invisível, *leva forçosamente a uma ordem de idéias bem diversa, pois que dilata o horizonte moral limitado da Terra.*⁹¹ (grifo e conteúdo dentro do colchete, nosso).

2.3. A Caridade proposta pela espiritualidade dirigente da CEA-AMIC

Ah! Quão doce seria a vida na Terra, se na hora da dor, da angústia, da solidão, cada homem pudesse ser capaz de realizar o gesto – próprio dos gigantes espirituais – de elevar seu coração aos céus e colocar-se, com toda a sua dor, diante da presença de Deus, buscando, no vínculo direto com Ele, a força necessária para passar pelo sofrimento, sem ser por ele arrastado para a revolta ou o desespero.

Tivemos um exemplo eloqüente desse *momentum em que o humano se diviniza*, na crucificação de Jesus de Nazaré, quando em meio à dor pungente da solidão humana na cruz - abandonado por seus discípulos e amigos - [...] *clama Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lamá sabactâni? O que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparas-*

⁹¹ In KARDEC, (2000, p.71)

te?⁹² Por ter clamado ao pai, e se fortalecido Nele, pôde Jesus, momentos depois de entregar-se e de entregar a sua dor ao Pai, pronunciar diante daqueles que o escarneciam o sublime mandato do perdão deixado por Jesus, como lume para o caminho, de cada um de nós: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*⁹³.

Quão doce seria a vida na Terra se na hora da dor, qualquer que seja ela – falta do alimento para o corpo físico, para a alma ou para o espírito – , cada homem pudesse também ser capaz, de apenas humilde e silenciosamente, estender a mão sofrida e pedir a outro homem, seu irmão em Deus, que não lhe abandone naquela hora, que partilhe com ele, naquele momento sofrido, o amor de Deus que - mesmo que ele naquele momento não saiba - pulsa em seu coração. Quão doce seria a vida na Terra, se esse gesto de pedir ajuda, no momento da dor pungente, pudesse ser acolhido por um terno sorriso, um abraço amigo, uma oração fervorosa, um prato de comida feito com carinho, um agasalho quentinho, gestos que saciam a fome do corpo e da alma, tanto de quem recebe, quanto de quem dá. Nas palavras do Espírito Amigo:

“Caridade organizada no tratamento afetivo no momento de doar aquilo que vou doar, aquilo que me é pedido: “tenho sede”, e o copo d’ água vem envolvido em um abraço, no olhar singelo e na gratidão por existir aquele que pede, pois que, se não tivesse, não poderia eu dar. O prato de alimento é ofertado com as mãos cheias de carinho, o olhar sorridente, o coração batendo, pois se não houvesse quem, humilhando-se, viesse pedir, o prato não sairia de nossas mãos, nossos fogões não teriam chamas e nossas panelas estariam vazias.”⁹⁴

A prática da Caridade, concebida na CEA-AMIC é uma pergunta continuamente endereçada às fibras sensíveis do nosso coração: onde temos colocado nossa sensibilidade, o que nos tem impedido de olhar e ser capaz de ver que vivemos, todos, dentro de um belíssimo ninho Cósmico, cheio de estrelas, auroras, primaveras, flores, cores, sorrisos, brisas, amores... onde, onde andam nossas delicadezas, as memórias de nós mesmos, como seres

⁹² In BÍBLIA de Estudos de Genebra, (1999, p.1142) Evangelho de S. Mateus, cap. 27, v.46.

⁹³ In BÍBLIA de Estudos de Genebra, (1999, p.1221) Evangelho de S. Lucas cap.23, v.34

⁹⁴ In BOA NOVA 161, p. 16.

amantes, amados, capazes de espargir pelos caminhos, ternura, afeto, sonhos? Não, não somos feitos de aço, de ferro ou de qualquer outro frio metal. Em nossas entranhas habita a vida, em nosso peito pulsa um sangue rubro e quente; no que temos transformado nossos corações, o que temos feito de nós e conosco, enquanto humanidade? Nas palavras do Espírito Amigo:

“O que é a indiferença, meus filhos, senão um coração batendo na UTI, filhos queridos, na internação sofrida do fim do tempo cristão, o corpo cristão morrendo. A indiferença é filha dileta deste sentimento de dissociação fraterna: não há um Deus, e não há um Pai, e não há irmãos, e eu estou dissociado da sorte das multidões. [...] Examina a qualidade da tua semente e, se não há semente, reflete com bondade e profundidade sobre teu gesto. Sacode esta indiferença. Esta indiferença, ela é o ponto de dor da tua alma, e é ela que está te tornando cada vez mais cabisbaixo, cada vez mais solitário, cada vez mais perdido, cada vez mais longe, mais longe, mais longe da paz que tanto almejas.”⁹⁵

A prática da Caridade, concebida na CEA-AMIC é também um contínuo e amoroso convite, endereçado às fibras da nossa vontade: onde temos colocado nossa capacidade de agir, de atuar, de transformar, de perceber que, através da boa-vontade, podemos atuar como co-criadores com o Plano Divino? Por que será que esquecemos tão facilmente de que *Deus precisa de nós*, do nosso sim sincero e da nossa cooperação, para que a vida Divinizada pelo amor, floresça no ventre da nossa alma? Que *Ele também precisa de nós*, para que a vida que floresce mansamente - tanto no ventre da mãe Terra e se transforma em água, alimento, roupa, remédios, quanto a vida que floresce em nosso coração e se transforma em ternura amiga, afeto, doçura etc. - seja repartida entre todos os seus filhos e não se perca e não se deteriore pelo manuseio egoísta dessas riquezas, pela nossa inércia, distância e indiferença. Nas palavras do Espírito Amigo:⁹⁶

⁹⁵ In BOA NOVA, 161, p. 31, 32, 33.

⁹⁶ In BOA NOVA, 161, p. 26 e 27.

“Não passo esta dor: *fiz-me mendiga entre os mendigos*,⁹⁷ fiz-me mendiga, não sou mendiga, mas me fiz para não humilhar, para afetivamente estar com eles e pedir por eles, para que eles não precisem se humilhar. A AMIC, a associação, tem por preceito este caminho. Por isso nossos jovens sempre estão à rua, por isso nossos trabalhadores mais próximos deste corpo doutrinário kardecista, estão pedindo, falando, organizando eventos: para que quem está sofrendo, não sofra ainda mais. Isto é caridade, isto é amor! Não é o que nós damos e na hora em que damos, é o que há antes de dar: o afeto, a dor, a inquietação. Somos a Doutrina Espírita-Cristã [e ela] propugna uma inquietação quanto à dor alheia. Oh! Coração inquieto, não posso dormir enquanto as crianças gemem, os homens choram, as mulheres gritam; meu coração se inquieta.”

Essa Caridade que a CEA-AMIC se propõe realizar se constitui, portanto, em uma prática de amor incondicional e, por isso, pede a cada um que dela queira participar que se dedique a aumentar a sua sensibilidade e a alargar o espaço ocupado em suas vidas pelos impulsos do coração, que potencializam a capacidade amorosa. Pede a cada um para praticar uma qualidade de amar que não se ocupa em julgar, em dirigir, em controlar o seu amado (as pessoas com necessidades), mas apenas em amar, certo de que, tanto o ato de amar e cuidar, quanto o ato de se sentir cuidado e amado, são forças profundamente restauradoras da vida, onde quer que elas se manifestem.

Tanto para aqueles que recebem o cuidado e o gesto amoroso, quanto para aqueles que têm a doce ventura de experimentar essa delicada face da presença de Deus na alma humana, através da prática do amor concreto e desinteressado, por alguém que não pertence ao ciclo pessoal de relações e afetos e que, certamente, não poderá retribuir o gesto, essas forças restauradoras da vida estão presentes.

Portanto, uma profunda e transformadora experiência espiritual permeia os encontros humanos realizados sob os auspícios da Caridade - aqui compreendida como *o envolvimento do coração na dor do outro* - uma vez que, através da própria dor, cada pessoa que chega para pedir ajuda, oferece ao voluntário da CEA-AMIC - que naquele contexto

⁹⁷ In KARDEC, (2000, p. 178) 255^a Ed.

está no lugar de quem traz a ajuda - a oportunidade de vivenciar o amor incondicional, essa dimensão sutil e delicada da existência humana. Nas palavras do Espírito Amigo:⁹⁸

Eu só posso ter paz e receber este Príncipe secreto da paz neste jardim secreto do meu coração, onde só Deus o penetra e Ele, o Príncipe, nosso Senhor Jesus, quando parte de mim sai com alegria em direção ao outro - seja levando o prato de alimento, seja dando o pão, seja acariciando os cabelinhos destas crianças...e quando não posso ir, sabendo que, com os meus meios, alguém está a ir. Hoje não pude ir, mas alguém foi no meu lugar.”

Essa qualidade de trabalho voluntário, proposta e praticada na CEA-AMIC, sob o nome de Caridade, implica, portanto, em um envolvimento coracional com a dor do outro. Sustenta-se através da busca e do crescente encontro pessoal com Deus, que vai acontecendo, no dia a dia da vida de cada voluntário, através da prática Lei do Amor⁹⁹ tanto na Caridade pessoal, quanto na Caridade para com o outro. Dessas práticas, vai nascendo uma relação de confiança plena na ação da Providência Divina, que tudo vê e tudo guarda, e que percorre caminhos às vezes incompreensíveis pela racionalidade humana. Contudo, esses caminhos são permeáveis à sabedoria que vem do coração, e que se entrega ao ofício de *amar mais a Deus do que aos homens, e mais aos homens que a si mesmo*.

Através dessa sabedoria vinda do coração, é possível entrever no ato da Caridade, proposta pelo espiritismo-kardecista e praticada na CEA-AMIC, a mão de Deus, reunindo abismos oriundos, todos eles, da experiência de segregação do homem pelo homem, seja por motivos de ordem social, étnica, filosófica, religiosa etc. É possível perscrutar um poema vivo de reconstrução da unidade de cada homem com Deus, sendo escrito, na alma do

⁹⁸ In BOA NOVA 161, p.27 e 28.

⁹⁹ In KARDEC, (1991, p.343) “Amai-vos uns aos outros, é toda a lei, a lei divina pela qual Deus governa os mundos.O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados; a atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.”

In BÍBLIA de Estudos de Genebra, (1999, p.1132) Evangelho de S. Mateus, cap. 22, V. 36 a 40. Jesus responde à pergunta de um fariseu⁹⁹: “Mestre, qual o grande mandamento da Lei? Jesus declarou-lhe: “*Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento*. Eis o grande, o primeiro mandamento. Um segundo é igualmente importante: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.”

Universo, através das silenciosas páginas, cheias de pequeninos gestos anônimos, de amor concreto. Nas palavras do Espírito Amigo:¹⁰⁰

“Cada mexida [...] que damos nessas panelas, nós agradecemos, Senhor, o alimento que nela entra, Senhor, o fogo que aquece, Senhor, os lábios que tomarão esta dádiva da caridade: fazer com amor e por amor a Deus...Um cântico social, filhos queridos, amoroso e afetivo, sem constrangimento. Esta é a poética da caridade, a poética social da caridade, a palavra afetiva.”

Nesse sentido, o momento em que as pessoas que estão passando necessidades e vêm até a CEA-AMIC pedir ajuda, constitui-se em um altar vivo, diante do qual, os voluntários são chamados a viver um sagrado momento, e de atuarem como um instrumento do amor de Deus aos homens, acolhendo coracionalmente Seus filhos em dor, seus irmãos em humanidade.

Para ser capaz de agir em conformidade com essa proposta, tornando-se em instrumento útil nas mãos de Deus - concretizando a Lei de Amor na Terra e amenizando a dor e o sofrimento daqueles que Ele coloca no caminho - é preciso que o voluntário compreenda a imperiosa necessidade de trabalhar-se interiormente, e assuma a responsabilidade de empreender sua reforma íntima com base nos ensinamentos morais do Evangelho. Só assim, empreendendo devocionalmente sua reforma íntima, e confrontando-se com seu próprio egoísmo, pode cada voluntário tornar-se capaz de atuar no trabalho da Caridade, como um instrumento vivo do amor de Deus, pelos Seus filhos, nossos irmãos.

Nesse sentido, é oferecido ao voluntário, pela direção espiritual da CEA-AMIC, vários recursos auxiliares desse processo de crescimento espiritual:

- preleções, tratamentos espirituais, orientações espirituais, grupos de oração, retiros espirituais, instruções espirituais, estudo, vivências de auto-conhecimento, experiência de partilha, experiências de renovação integradas à prática do trabalho voluntário, experiências da vida em comunidade etc.

Além de todos esses recursos auxiliares, o crescimento espiritual é também cultivado pela forma concentrada e meditativa de fazer as tarefas de ordem prática - como o

¹⁰⁰ *In*, BOA NOVA, 161, p.16 e17.

preparo das cestas, roupas, remédios, alimento etc. – propostas pela direção espiritual, tanto para permitir à espiritualidade *fluidificar*¹⁰¹ as doações que serão repassadas para a população, quanto para oferecer ao voluntário a experiência de trabalhar na presença de Deus.

É esse intenso e contínuo trabalho de *reforma íntima* vivido por cada voluntário - compreendido na CEA-AMIC como Caridade pessoal - que deságua em uma atitude renovada, ao fazer o trabalho voluntário, ou seja, a Caridade para com o outro.

A Caridade, praticada na CEA-AMIC tem atraído, não somente as pessoas com necessidades materiais, que lá chegam e sentem suas necessidades coracionalmente atendidas pela espiritualidade e pelos voluntários, como também os recursos necessários, tanto materiais como espirituais, para responder às necessidades trazidas por tais pessoas. Tem atraído também pessoas que chegam em busca de ajuda espiritual e se sentem coracionalmente atendidas pela espiritualidade e pelos voluntários e, terminam, por vincular-se ao trabalho de Caridade realizado na CEA-AMIC, como voluntários, e via de regra, levam seus amigos para conhecer o trabalho. A cada vez que isso acontece um novo ciclo - que envolve ser convidado por algum amigo, chegar até a Casa, se identificar com o trabalho, receber a ajuda que precisa, seja ela espiritual ou material, e, finalmente, escolher se integrar como voluntários da CEA-AMIC, nos trabalhos de Caridade - se reinicia.

O trabalho da CEA-AMIC tem atraído um certo tipo de voluntário, que encontra no trabalho aqui realizado algum alimento para seus anseios mais íntimos, muitas vezes ainda não totalmente conscientes, mas potencializados no encontro vivencial com o trabalho da Caridade. Esse tipo de voluntário que se sente atraído pelo trabalho da CEA-AMIC, via de regra, é alguém que tem uma necessidade profunda e ativa de crescimento anímico e espiritual. Isso porque, tornar-se voluntário da CEA-AMIC, significa mais do que doar algum tempo de trabalho: significa engajar-se em um processo profundo de aperfeiçoamento pessoal – aqui chamado de iniciação cristã - através da prática de *reforma íntima*¹⁰² e através da prática da Lei do Amor.

¹⁰¹ Agregar o “*fluido magnético espiritual (perispiritual)*.” In Kardec,(1997, p.64)

¹⁰² In EMMANUEL/F.C.Xavier, (1961, p. 232). Reforma íntima: dever, simples de nossa parte [de] operar a própria transformação para o bem, a fim de que sejamos para os outros, ainda hoje, o que desejamos sejam eles para nós amanhã.

Essa prática da iniciação cristã - agregada ao trabalho de Caridade realizado na CEA-AMIC – atrai como voluntário pessoas interessadas em viver um processo de auto-conhecimento e *reforma-íntima*, como aqui é feito, sob a égide dos princípios cristão.

Essa prática de iniciação-cristã, vivida pelos voluntários, tende a beneficiar todos os envolvidos: tanto o voluntário, que se sente crescendo interiormente – na capacidade de amar incondicionalmente - com o trabalho que realiza, quanto aqueles que vêm pedir ajuda material e espiritual e são, então, acolhidos com os frutos dessa experiência de iniciação cristã, ou seja, são acolhidos com uma atitude amorosa que se enraíza na prática do amor Divino, que é o amor de Deus.

Ser acolhido por um voluntário da CEA-AMIC comprometido com esse processo de iniciação-cristã, significa, então, não só receber alimento, roupa, remédio, brinquedos, oração, passes, tratamentos etc, mas também receber a experiência de ser ouvido e atendido por alguém que busca viver na presença de Deus e retira dessa prática a força espiritual necessária para sustentar, de uma forma singela e silenciosa, a proximidade fraterna e a ternura amiga nos atendimentos à população desvalida, material e/ou espiritualmente.

A espiritualidade dirigente da CEA-AMIC afirma que, *infelizmente* – no sentido de ser humanamente vergonhoso, o fato de a fome, ainda ser, em 2002 um motivo de grande aflição para muitos seres humanos - *as dores e necessidades mais prementes que têm chegado à CEA-AMIC para serem acolhidas, são falta de alimento material*. Portanto, a resposta da CEA-AMIC tem se concentrado no trabalho de combate à fome, consciente de que esse trabalho - além de resolver o problema imediato de quem não tem o que comer - representa uma ação preventiva frente a tudo que decorre do fato de não existir o alimento na mesa, especialmente para as crianças:

- problemas de ordem física, como a subnutrição e suas conseqüências;
- problemas de ordem emocional e mental, tais como: quadros de rejeição e abandono, transvestidos em revolta e rebeldia; quadros de abusos diversos - frutos da falta de proteção e cuidados - transvestidos de agressividade e violência;
- problemas de ordem social, como por ex., evasão escolar, trabalho infantil, marginalização social, e todas as conseqüências decorrentes : iniciação nas drogas, iniciação no furto, formação de pequenas gangues etc

Portanto, a CEA-AMIC *convive, com profunda vergonha moral, com o fato de que a dor e o sofrimento que batem à sua porta, pedindo por ajuda, ainda seja a fome*, em um mundo no qual somente o alimento perdido pelo desperdício e pelas perdas na comercialização, daria para alimentar a muitos dos que têm fome.¹⁰³

Na concepção espírita-kardecista, praticada na CEA-AMIC, compreende-se que, se há fome em um mundo que produz com tanta abundância, ela é consequência direta do nosso egoísmo, o qual administra os bens da Terra com avareza, sem levar em conta:

- que os bens da Terra nos foram dados por Deus para usufruto de todos os homens, pois todos são Seus filhos;
- que Deus, que é um Pai amoroso, não enviaria Seus filhos para a *Escola Terra* sem colocar nela a Natureza para sustentá-los, através do trabalho que, ao mesmo tempo, oferece as condições para o desenvolvimento das qualidades do coração e da inteligência;¹⁰⁴
- que, enquanto alguém tiver fome, isso significa que o egoísmo e a indiferença moral estão transformando os corações humanos em “corações de pedra”.

Para a CEA-AMIC, toda dor física, anímica, ou espiritual, decorrente do estado de fome, é, então, compreendida como o fruto amargo do egoísmo que leva os homens a se apropriarem - para usufruto pessoal - dos bens criados por Deus para o benefício de toda a humanidade. Nessa compreensão o egoísmo prevalece não porque o homem não conheça a Lei de Amor, que postula que devemos “*Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.*” Ele a conhece e a pratica intensamente, só que ele a adultera, quando só a aplica para si e para os seus, dentro de uma concepção biológica de proximidade, deixando os demais, filhos do mesmo Pai, e portanto irmãos, ao abandono. Nas palavras do Espírito Amigo:¹⁰⁵

“Por isso, queridos, nesta Doutrina Espírita-Cristã, nós temos, junto à atividade religiosa de oração, de prece e de curas, a ativi-

¹⁰³ www.an.com.br/2000/dez/10/0ecc.htm : Segundo o estudo, [Secretaria de Abastecimento de São Paulo] há um desperdício de produtos agrícolas equivalente a 1,4% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. Calcula-se um prejuízo em torno de R\$ 10 bilhões, o que daria para fornecer cestas básicas mensais, no valor de R\$ 120,00 a quase 7 milhões de famílias, durante um ano. Estatísticas revelam ainda que 9 milhões de famílias enfrentam a fome diariamente no País.

¹⁰⁴ In KARDEC, (1978, p. 54-55)

¹⁰⁵ In BOA NOVA, 161, pág. 13.

dade do amor a Deus e amor ao próximo, seguindo os preceitos básicos de Cristo: *estive nu e me cobriste, tive fome e me deste de comer, estive preso e estiveste comigo, tive sede e me deste de beber*. Seguindo este preceito básico, não fazemos isto de forma pessoal, mas uma comissão faz. Temos a AMIC - A Associação dos Amigos da Criança, porque é uma associação com associados, almas sócias de um projeto afetivo na Terra. Nessa sociedade, o seu fim é amar. E por isto carregamos, em nossas mãos, um coração vivo,¹⁰⁶ pois que toda obra de amor deve partir do coração, sem pena e sem constrangimento”

Por isso, a CEA-AMIC propõe uma escuta *coracional* e uma resposta de amor concreto a cada dor, a cada necessidade, seja ela material ou espiritual, trazida por alguém. Sob essa égide, nasceu o trabalho da CEA-AMIC, que se propõe a ser um coração pulsando anonimamente, acolhimento e amor, para cada alma em sofrimento, que bata em sua porta. Um coração pulsando, vários corações pulsando anonimamente e em uníssono o amor de Deus entre os homens. Nas palavras do Espírito Amigo:

“A rota para a paz, o caminho para a paz é a CARIDADE, filhos, pois que pacifica um homem com o outro, torna irmão de fato o que é irmão em princípio, torna irmão; faz o conceito de irmandade real, concreto, torna-se real e concreto. Faz com que o conceito de irmandade se transforme em realidade irmã. Na Caridade, a teoria transforma-se em prática... A fé exultante, em obras. A caridade é a parte da tua obra de Deus na Terra. A obra de Deus não é feita sem ti, sem a tua presença, sem a tua doação, sem teu coração; seja como for que tu dê. A obra de Deus é filha da tua capacidade de amar!”¹⁰⁷

¹⁰⁶ A Entidade Espiritual se refere ao símbolo da AMIC, que é uma criança ajoelhada com um coração pulsando entre as mãos. Ver anexo 9.

¹⁰⁷ In BOA NOVA, 161, p.33 e 34.

3. Olhar psicoético

Ao longo desse percurso, no qual tentamos encontrar em distintos referenciais elementos que nos permitissem avançar na compreensão do fenômeno da Caridade, foi ficando cada vez mais visível que a prática da Caridade para com o outro, como concebida no espiritismo-kardecista, exigia - para que fosse real e efetiva -, de quem a quisesse praticar, uma outra prática simultânea, ou seja, a Caridade Pessoal ou a Reforma Íntima. Isso porque, quando o espiritismo-kardecista define a Caridade para com o outro como uma prática do amor Divino, na relação com o *desconhecido-necessitado* de qualquer natureza, coloca, ao mesmo tempo, para a pessoa que deseja praticar a Caridade, a necessidade de se tornar capaz de amar concretamente esse amor Divino para com o outro.

Só é possível oferecer essa qualidade de amor ao outro se essa qualidade existir, de fato, na alma de quem se propõe a oferecê-la, ou se pelo menos existir a vontade de cultivá-la. Nesse sentido, a reforma íntima, como proposta pelo espiritismo-kardecista, se transforma em um processo lento e gradual de construção dessa qualidade de amar, através da prática – espiritualmente assistida - da Caridade, como caminho para salvação da própria alma. Percorrer esse caminho significa, então, colocar-se sob os cuidados de uma pedagogia e de uma terapêutica da alma, com base nos ensinamentos morais dos evangelhos, com vistas a alcançar um estado de crescente união com Deus, no qual a Caridade - ou a prática do amor Divino, ou a prática do amor incondicional ao desconhecido e de todas as virtudes a ele agregadas - é uma expressão natural, fruto de um pleno desenvolvimento e de uma plena expressão da maturidade do senso moral.

Nesse momento da pesquisa, sentimos a necessidade de buscar nos estudos contemporâneos sobre desenvolvimento do senso moral, referências para localizar o que, de fato, o espiritismo-kardecista está propondo, através da Caridade Pessoal ou Reforma Íntima - com base nos ensinamentos morais do evangelho de Jesus Cristo – como condição para a prática da verdadeira Caridade para com o outro. Chamamos a esse conjunto de informações de Olhar Psicoético.

3.1 Sobre o Desenvolvimento do Senso Moral

Fazer caridade – como concebida e praticada na CEA-AMIC - significa ser capaz de agir de uma forma verdadeira, amorosa e desinteressada, para consigo mesmo (caridade pessoal) ou para com o outro, qualquer que seja esse outro e qualquer que seja a necessidade por ele apresentada. Essa postura pressupõe um nível bastante avançado de desenvolvimento do senso moral, o qual é tido, pelos estudiosos desse tema, como raro de ser encontrado. Para sustentar esse padrão da Caridade, a pessoa precisa:

- já ter ultrapassado as etapas iniciais do desenvolvimento moral, que são ego-centradas, porque são dedicadas à conquista da “diferenciação do eu” do ambiente circundante, tanto físico, emocional como mental. Essa conquista exerce um papel estrutural no transcurso da vida de cada pessoa; por isso que as intercorrências traumáticas vividas neste período resultam em transtornos e patologias (tanto psíquicas como sociais), que se arrastam por toda a vida;
- já ter ultrapassado, também, a segunda etapa de desenvolvimento do senso moral que - apesar de já ser sociocêntrica, pois o eixo do desenvolvimento não é mais pessoal - ainda é etnocentrada, ou seja, a pessoa já é capaz de se interessar e cuidar de outros, contanto que esse outro faça parte do seu grupo de proximidade, seja ele familiar, religioso, intelectual etc.;
- já estar vivendo a terceira etapa de desenvolvimento do senso moral, que é cosmo-cêntrica, ou seja, tem como eixo de desenvolvimento uma consciência universal, na qual não importa mais a quem, onde e quando ajudar; o que importa é que alguém, que teve uma necessidade, foi socorrido por um dos membros da família universal.

A prática da Caridade e o desenvolvimento avançado do senso moral precisam *andar de mãos dadas*, uma vez que, para ocupar-se desinteressadamente com o outro, é necessário ter completado harmoniosamente um desenvolvimento que a grande parte da humanidade não alcançou e, inclusive, coloca como algo distante, ao classificar esse estado de maturidade do senso moral como *coisa de santo*, por exemplo. Consideramos necessário buscar, nos estudos acerca do *desenvolvimento do senso moral*, elementos que ampliem nossa compreensão dos processos subjacentes à prática do trabalho voluntário, tal como concebido e praticado nas Instituições espíritas-kardecistas, e particularmente na CEA-

AMIC.

Escolhemos tomar como referência para essa reflexão sobre o desenvolvimento do senso moral, o modelo de desenvolvimento da consciência criado por Ken Wilber (1977,1986,1996,1998,2001), um dos mais importantes teóricos contemporâneos da Psicologia Transpessoal.¹⁰⁸ Esse modelo foi criado a partir de um exaustivo estudo comparativo de sessenta teóricos do desenvolvimento, tanto do Ocidente, como C.C. Jung, Jaspers, Assagioli, Abraham Maslow, Jane Loevinger, Lawrence Kohlberg, Jean Piaget etc., quanto do Oriente, Buddhaghosa, Patanjali, Asanga, Aurobindo, Vajrayana, por exemplo.

De acordo com Wilber(1998), embora existam variações de entendimento quanto a pormenores no trabalho desse conjunto de teóricos, é possível chegar a um consenso geral quanto ao percurso necessário de ser vivido por cada ser humano, para que aconteça o pleno desenvolvimento e a plena maturidade do senso moral, em homens e mulheres. Tal percurso sugere a existência de três grandes estádios de desenvolvimento do senso moral, que são mais comumente encontrados no homem contemporâneo comum, e a existência de alguns estádios mais avançados, encontrados apenas em homens e mulheres que se distinguiram do conjunto, pelo empenho que colocaram no seu crescimento moral.

O primeiro estágio prolonga-se até 7 anos, tendo como eixo a “diferenciação do eu”, nos níveis físico, emocional e mental, dentro de uma perspectiva egocêntrica. O segundo estágio acontece entre 7 e 14 anos, tendo como eixo o processo de “diferenciação do eu” em nível social, dentro de uma perspectiva sociocêntrica. O terceiro estágio inicia-se a partir dos 15 anos, tendo como eixo o processo de “diferenciação do eu” no nível universal, dentro de uma perspectiva cosmocêntrica.

Wilber também chamou esses três estádios de pré-convencional, convencional, e pós-convencional, como foram originalmente nominados por Kolberg (apud Wilber, 1986, p. 28). Em cada um desses estádios é esperado que uma experiência única e própria seja vivida, permitindo a emergência de um “eu” que se diferencia do ambiente, configurando as conquistas concernentes àquela etapa do desenvolvimento em curso, sejam elas físicas, emocionais, mentais ou espirituais. Esse “eu” - que emerge desse processo de diferencia-

¹⁰⁸ Psicologia Transpessoal: corrente da Psicologia Contemporânea, que coloca o Self, como o centro da identidade humana, e não o Ego, como o faz a Psicanálise.

ção do ambiente - também consubstancia o grau de desenvolvimento do senso moral, possível de ser alcançado naquele estágio, seja ele egocentrado, sociocentrado, ou cosmocentrado .

Caso esses estádios transcorram sem intercorrências traumáticas, eles guardam, entre si, uma relação holárquica, na qual cada novo estágio, ao se diferenciar, inclui e transcende o anterior. Caso aconteçam intercorrências traumáticas, em algum estágio, essa relação de diferenciação, inclusão e transcendência é comprometida, dando lugar a processos de fixação e dissociação naquele estágio onde ocorreu a intercorrência. Isto tende a comprometer tanto o desenvolvimento normal daquele estágio, como o dos posteriores, uma vez que essas deficiências são arrastadas, amalgamadas, e alocadas nos novos, limitando o desenvolvimento possível de ser alcançado por aquela pessoa, tanto nos aspectos físico, emocional, mental, quanto no aspecto espiritual, que, entre outros elementos, traduz-se pelo desenvolvimento do senso moral alcançado.

Nessa compreensão, as deficiências físicas, emocionais, mentais e espirituais, bem como as deformações do senso moral, manifestam-se a partir de intercorrências mais ou menos graves ao longo do processo natural de desenvolvimento. Isso significa que, quando se fala, no senso comum, que alguém é perverso, violento, manipulador etc., no sentido mais profundo é analogamente semelhante a dizer que essa pessoa está gravemente doente no físico. Por exemplo, está com câncer, então precisa urgentemente da ajuda de um especialista para conduzir o tratamento, de medicamentos, de um local adequado para que os cuidados médicos sejam feitos adequadamente etc. Traduzindo mais tecnicamente essa analogia significa dizer ,que quando se fala que alguém é perverso, violento, manipulador etc., isso significa que aquela pessoa não conseguiu realizar o processo de diferenciação e integração do seu “eu”;¹⁰⁹ está psiquicamente cindida, apresentando uma fixação¹¹⁰ ou dis-

¹⁰⁹ In WILBER, (1998, p. 47) Todos os processos saudáveis e naturais de crescimento ocorrem por diferenciação e integração. O exemplo mais claro desse processo é o crescimento de um organismo complexo a partir de um ovo unicelular: o zigoto se divide em duas células, depois em quatro, depois oito, dezesseis, trinta e dois... até milhões de células, literalmente. Enquanto esta extraordinária diferenciação está ocorrendo, as diferentes células estão sendo integradas em tecidos e sistemas de refinada unidade e integridade funcional. De uma simples semente ao majestoso carvalho, num extraordinário processo de diferenciação e integração. Nesse processo de crescimento, se algo der errado em uma de suas ramificações – diferenciação e integração – o resultado será uma patologia.

¹¹⁰ In WILBER, (1998, p. 47) Se a diferenciação deixar de ocorrer, o resultado será uma *fusão*, uma fixação e interrupção geral. O crescimento fica bloqueado em um determinado estágio; não há crescimento posterior, porque a diferenciação seguinte deixa de ocorrer. [...] Elas permanecem “fundidas” nesse impulso, que lhes domina obsessivamente a percepção.

sociação¹¹¹ em uma das fases do seu desenvolvimento, e por essa razão, houve um comprometimento das funções previstas de serem desenvolvidas naquela etapa, com um conseqüente comprometimento da conformação do senso moral, o qual era esperado que ocorresse em paralelo, dentro daquela etapa de desenvolvimento.

Os comportamentos que o senso comum chama de perverso, violento, manipulador etc., são, na verdade, plasmados em cada vida por graves intercorrências ao longo do processo de diferenciação do “eu”- e comprometem não só as funções psíquicas específicas previstas de ser desenvolvidas naquela etapa, mas também o desenvolvimento do senso moral previsto de acontecer ao mesmo tempo. Se pensarmos em dar conseqüências morais a esse conhecimento, poderíamos afirmar que não precisamos tanto de cadeias, ou presídios na Terra. Precisamos, sim, de espaços físicos e anímicos adequadamente preparados, e especialmente, de pessoas animicamente preparadas para acolher e ajudar na restauração dessas pessoas portadoras de cisões psíquicas graves, presas a fixações e/ou dissociações consubstanciadas por experiências de rupturas violentas ocorridas no curso natural do desenvolvimento pessoal.

Com base nessa compreensão acerca da etiologia das doenças e transtornos psíquicos, poderíamos também afirmar que os comportamentos denominados pelo senso comum de frios, distantes, indiferentes, egoístas etc., são, na realidade, também conseqüência de intercorrências durante o processo de diferenciação do “eu” e que, conforme já ressaltado, comprometeram não só as funções específicas daquela etapa, mas também o desenvolvimento do senso moral previsto de acontecer em paralelo. Apesar de serem transtornos um pouco mais leves que os anteriormente descritos, são igualmente necessários espaços e pessoas animicamente preparadas para ajudar na restauração dessas pessoas que também são portadoras de cisões psíquicas e que também têm o curso natural de suas vidas alterado por fixações e/ou dissociações, às quais estão presas, e que são consubstanciadas através de rupturas vividas durante o curso de suas vidas.

A partir dessa compreensão, a indiferença moral e o egoísmo são considerados como estados de desequilíbrio, transtornos psíquicos que precisam ser devidamente trata-

¹¹¹ In WILBER, (1998, p. 47) Por outro lado, se a diferenciação tiver início, mas for muito longe, o resultado será a dissociação ou fragmentação. A diferenciação foge ao controle e os vários subsistema não podem ser integrados com facilidade: eles se distanciam, em vez de se juntar.

dos, e não simplesmente punidos ou opostamente tomados como uma referência natural para os padrões de interação homem a homem.

Passaremos, agora, a examinar as conseqüências sobre o desenvolvimento do senso moral, tanto das experiências de um desenvolvimento sadio em cada um dos três estádios, quanto das experiências de fixação e/ou dissociação, também em cada um dos três estádios de desenvolvimento do senso moral, mais comumente encontrados nos seres humanos contemporâneos.

No estágio pré-convencional do desenvolvimento moral - que ocorre até os 7 anos e, portanto, em paralelo aos Fulcros¹¹² 1, 2 e 3 - a criança experiencia o mundo de uma forma hedonista, ou seja, totalmente dirigida pela busca de prazer, do bem-estar e da homeostase sensório-motora. Nesta fase do desenvolvimento, a criança se coloca nas situações e nas relações, numa perspectiva egocêntrica, isto é, totalmente voltada e concentrada em si mesma, buscando a satisfação de seus desejos e necessidades.

Essa busca de satisfação inicia-se no Fulcro 1 e se alonga até os 2 anos, dentro de uma dinâmica de fusão e identificação com o ambiente físico, o que leva a criança (que ainda não vivencia a si mesma diferenciada do mundo à sua volta) a fundir e confundir seus desejos com o mundo que a circunda, prevalecendo no seu comportamento, portanto, um tom mágico e impulsivo.

A partir dos 4 meses, a criança começa a perceber a diferença entre as sensações físicas que acontecem no seu corpo e as que acontecem no ambiente. Descobre a diferença entre seu dedão do pé e a coberta a partir das distintas sensações que tem quando, por exemplo, morde a coberta ou o seu dedão do pé; assim, vai se diferenciando, pouco a pouco, do ambiente. Se não houver intercorrências graves, ao final do primeiro ano de vida, a consciência do eu físico, através do processo de diferenciação, emerge dessa matriz de fusão primária com o mundo circundante; então, a criança passa a não se sentir mais fundida fisicamente com o mundo sensório-motor, pois ela começa a existir como um “eu” físico.

Contudo, se houver intercorrências graves, nesta etapa do desenvolvimento, e o eu

¹¹² In WILBER, (1986, p. 61 a 87) Fulcro, nome dado por Wilber aos 9 níveis distintos de desenvolvimento e organização da personalidade, para que ela atinja a sua plena maturidade de desenvolvimento do senso-moral. Foram agrupados por Wilber, em três grandes grupos, que caracterizam a essência do desenvolvimento que deveria ocorrer em cada um desses estádios : Pré-pessoal, Pessoal e Transpessoal.

falhar nessa diferenciação, ele permanece em fusão com a matriz primária e a criança não disporá da capacidade de, por exemplo, distinguir onde seu corpo termina e onde começa a coberta que cobre seu corpo. Passa a viver com a incapacidade de estabelecer os limites físicos do seu eu, seguidas de confusão entre os seus pensamentos e os dos outros, o que se configura como os primeiros sintomas de possíveis transtornos mentais graves. Neste contexto, ocorrem graves distorções do senso moral, incluindo possibilidades inclusive de violência física até níveis extremos, sem que a pessoa se dê conta, conscientemente, do que está fazendo consigo e com o outro.

Ao contrário, se tudo transcorrer bem, a criança estabelece limites realistas do seu eu físico e se torna, portanto, capaz de diferenciá-lo do ambiente físico. No entanto, não é ainda capaz de diferenciar o seu eu emocional do seu ambiente emocional; ela, então, se funde e se identifica emocionalmente com os que a circundam - especialmente a mãe ou quem a substitua,- tratando o mundo à sua volta, como uma extensão de si mesma. Como não diferencia a si mesma do mundo emocional que a cerca, vivencia o que sente, como se fosse exatamente o que o mundo sente; o que quer, como se fosse o que o mundo quer; o que vê, como se fosse o que o mundo vê. Essa fusão emocional do seu eu com o ambiente cria, para a criança, uma atmosfera mágica de manuseio do mundo, centrada nos seus desejos e vontades.

Por volta dos 2 anos inicia-se o Fulcro 2, no qual o eu emocional diferencia-se do ambiente emocional que o circunda; a criança começa a ter experiências emocionais de si mesma, distintas das experiências emocionais do ambiente. Ela começa, então, a perceber que nem ela é uma continuidade natural do ambiente emocional, nem o ambiente é uma continuidade natural dela e das suas experiências emocionais. Começa a se diferenciar emocionalmente, através de experiências como, por exemplo, sentir que não gosta de “alguma gracinha” que fazem com ela e, apesar de todos sorrirem, ela não se funde com o sorriso de “todos”; ela vivencia que não gosta e expressa que não gosta; e, enquanto todos sorriem, ela faz cara feia, chora etc. A partir de experiências de diferenciação do seu eu emocional, a criança vai, aos poucos, percebendo a si mesma como um ser emocionalmente distinto do ambiente e, se não houver intercorrências graves, esse processo se completa com o que se convencionou chamar de nascimento do eu emocional, ou seja, a percepção de si mesma como um ser emocionalmente autônomo e interdependente, ao mesmo tempo.

Caso ocorram intercorrências graves nesta etapa do desenvolvimento, e o eu falhar nessa diferenciação emocional eu-mundo circundante, a criança permanece em fusão com essa matriz emocional primária, pois não consegue desenvolver limites emocionais realistas para o eu; então, desenvolve - em níveis variados de gravidade - a chamada Desordem da Personalidade Narcisista, a partir da qual o eu trata o mundo como uma extensão de si mesmo.

Dentro deste contexto, são criadas várias distorções no senso moral, pois essa criança torna-se um adulto com sentimentos grandiosos de própria importância, de ser merecedor de favores especiais, como se o mundo girasse ao seu redor e seus desejos fossem ordens a ser atendidas por todos, tendendo, inclusive, a se aproveitar dos que estão ao seu redor. Se é criticado tende ou a responder com frieza e indiferença, a ponto de inverter a situação e colocar o outro numa situação de insegurança, ou a entrar em colapso, pois seu ego superinflado não aguenta pressão e tenta, então, manipular o ambiente dessa forma.

Por ser muito auto-centrado, esse tipo de pessoa tem dificuldades de manter relacionamentos e tende a ser muito narcisista, egocêntrica, sem espaço interno para recepção e acolhimento do outro e das necessidades deste. Tal pessoa, no senso comum, seria chamada de egoísta, espaçosa, “folgada”, pois nada enxerga a não ser a si mesma e seus desejos e necessidades pessoais. O outro ainda não existe como uma realidade interna para si.

Pode ocorrer, também, que essa diferenciação emocional eu-mundo circundante tenha se iniciado normalmente, mas que, durante seu curso, tenha ocorrido um rompimento brusco e repentino com o padrão anterior de fusão emocional eu-mundo circundante; neste caso, ocorre, então, uma dissociação com o padrão anterior e não uma diferenciação, como era esperado, dando lugar, portanto, à chamada Desordem Marginal - assim chamada por ficar na linha divisória entre a psicose e a neurose, processo este em que o eu se sente constantemente invadido e torturado pelo mundo.

A Desordem Marginal tem uma sintomatologia bem ampla, agrupada em quatro padrões. No primeiro, a pessoa sente-se ameaçada por todos os lados, pois predominam sentimentos de suspeição e desconfiança injustificados acerca das pessoas à sua volta. Tende, então, a ficar ansiosa, distante, mal-humorada e argumentativa criando sempre, em sua volta, “tempestades em copos d água”. No segundo, predominam os sentimentos de falta de interesse nas pessoas e nos relacionamentos sociais, e, portanto, a pessoas nem busca con-

tato nem responde ao demais. Ela é fria, distante, mal-humorada e tende a ser solitária física, emocional e intelectualmente.

No terceiro padrão - que é bem próximo do segundo – há o acréscimo no sentido do indivíduo tender a ter comportamentos excêntricos e peculiares, algumas vezes ligados a crenças bizarras, além de alguns comportamentos motores estranhos. No quarto padrão, o que predomina é a instabilidade nos sintomas, os quais giram ao redor de problemas de humor, distúrbios leves em processos de pensamento e comportamento auto-injuriioso impulsivo.

Toda essa sintomatologia cria considerável comprometimento do senso moral, levando essas pessoas a estarem quase sempre enredadas na sua própria problemática pessoal e nas dificuldades de relacionamento que criam à sua volta, sem espaço nem tempo para o outro e suas necessidades. São comumente chamadas, pelo senso comum, de fechadas, agressivas, temperamentais, criadoras de problemas, estranhas, desconfiadas, frias, distantes, indiferentes, egoístas etc.; em suma, são pessoas que demandam compreensão extra, atenção extra, benevolência extra etc.

Tais pessoas ainda estão inconscientemente presas às situações traumáticas que viveram; ainda vivenciam o mundo e o outro como algo ameaçador e intrusivo; e estão sempre se protegendo ou se defendendo automaticamente; portanto, não desfrutam da possibilidade de pensar no outro como alguém vulnerável, que precisa de ajuda. Estão identificadas com a vulnerabilidade; o outro é a ameaça e, por isso, vivem defensivamente - embora aparentemente sua atitude exterior seja ostensivamente auto-centrada, egoísta e indiferente.

É importante ressaltar que, no atual momento social em que vivemos (fim/começo de século) esse processo de diferenciação do eu emocional - que ocorre no Fulcro 2 e que acontece entre 2 e 4 anos - parece o mais comprometido e o que mais deixa seqüelas de variados níveis de gravidade nas pessoas e nas inter-relações sociais. Esta situação, na proporção um tanto alarmante em que acontece hoje, parece ter algo socialmente vinculado à rápida mudança de costumes - ocorrida nas últimas décadas - no que se refere a por quem e como as crianças nessa faixa de idade são cuidadas; parece estar relacionada, também, com a compreensão do papel e do lugar da maternidade e da paternidade, no conjunto dos compromissos, tarefas, obrigações e escolhas que as mulheres e os homens da modernidade

urbana têm tido enquanto prioridades em suas vidas.

Ainda dentro do estágio pré-convencional, a criança passa por mais uma diferenciação do mundo circundante, com o nascimento do eu mental; esse processo ocorre mais ou menos em torno dos 4 anos, dentro do Fulcro 3, sendo que este se alonga até os 7 anos. Voltando ainda ao Fulcro 2, em paralelo ao processo de diferenciação emocional, a criança começa a viver as primeiras experiências da mente representacional, que é similar ao que Piaget chamou de cognição pré-operacional e que se constitui de imagens e símbolos.

Dos quatro anos em diante, ela começa a não se identificar completamente com o nível emocional e inicia-se um processo de interesse pelos conceitos, que começam a se tornar o foco principal de atração para a criança nesse momento; tais conceitos são entendidos, aqui, como estruturas ou capacitações básicas disponíveis na consciência. Nessa fase, a criança manifesta um grande interesse em manusear todos os conceitos que conhece e, então, brinca de aplicar um mesmo símbolo para vários objetos diferentes dentro de uma mesma classe; por exemplo, reconhece e nomina como cachorro todos os cachorros que vê, de todos os tamanhos e raças.

Junto com essa habilidade de manusear os conceitos, o eu mental ou conceitual vai se diferenciando e a criança começa a se perceber não apenas como um conjunto de sensações e emoções próprias, mas também como um conjunto de símbolos e conceitos, através dos quais ela experimenta a si mesma e atua no mundo circundante (inclusive no mundo lingüístico). Começa a ter a experiência de poder atuar também sobre si mesma através do pensamento, visualizando coisas em sua mente que não estão presentes nos seus sentidos; um exemplo disto seria poder pensar no passado e experimentar sentimentos diversos como alegria, tristeza, remorso etc.; pode pensar no futuro, experimentando também sentimentos diversos, tais como felicidade, ansiedade, medo etc.

A criança pode, inclusive, controlar funções corporais e emocionais, sendo capaz de transcendê-las, redimensioná-las e integrá-las ao novo processo de diferenciação do eu mental/conceitual em curso, processo este que, apesar de se constituir numa realidade distinta e própria, pode atuar em harmoniosa parceria com o eu emocional e físico anteriormente diferenciados, ampliando, assim, os espaços de experiência e aprendizado internos e externos.

Caso ocorram intercorrências graves neste período, ao invés de transcender e en-

globalar seus impulsos físicos e emocionais, redimensionando-os à luz do seu eu mental/conceitual emergente, a criança tende a se identificar com esse eu mental/conceitual, reprimindo, distorcendo e renegando os impulsos vindos da esfera física e emocional; em consequência disto, vai criando uma dissociação entre o seu eu mental /conceitual e seu próprio mundo emocional e físico, e também com o mundo emocional e físico à sua volta. Essa dissociação dá origem a uma psicose, cujos transtornos mais conhecidos são : ansiedade neurótica, depressão neurótica, transtornos fóbicos, transtornos obsessivos-compulsivos.¹¹³

Na dinâmica de fundo de todos esses transtornos, está a presença de um eu mental/conceitual forte, coeso e razoavelmente estável, investido no papel de reprimir, distorcer e renegar tanto a própria “natureza interna” (impulsos, sensações e emoções, sentimentos), como a “natureza externa”, através da repressão, distorção e negação da “natureza interna” dos outros seres humanos ou da vida natural nos distintos eco-sistemas. Neste aspecto, enraizam-se várias distorções do senso moral, uma vez que essa dinâmica de repressão, distorção e negação da “natureza interna e externa” “anda de mãos dadas” com: rigidez, endurecimento, frieza, contenção, distância anímica, indiferença, egoísmo, etc.

Dentro desse quadro de supressão neurótica dos impulsos, sensações, emoções e sentimentos, a pessoa não consegue ter espaço interno aberto e disponível para acolher o outro e as necessidades deste, pois não o tem para suas próprias necessidades; por esta razão tende a se tornar estrategicamente esquiva, quando não indiferente, uma vez que a necessidade do outro coloca a pessoa que vive essa situação, inconscientemente, em contato com as suas próprias necessidades não acolhidas internamente; isto, por sua vez, acirra todos os conflitos que carrega consigo. *Não existem homens maus, existem homens fracos.*

Segundo Wilber (2001), essa relação neurótica (extrapolada para a “natureza externa”) torna-se bem evidente na grave crise ecológica que vivemos atualmente, na qual a relação homem - natureza foi brutalmente distorcida e o homem tem agido de uma forma dissociada, como se ignorasse a dependência que todos temos da natureza, tanto para a sobrevivência pessoal como da humanidade como um todo.

Essa relação com a natureza evidencia, sobremaneira, uma profunda distorção do

¹¹³ Para maiores informações acerca desses transtornos, vide DALGALARRONDO, Paulo, “*Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*”, Porto Alegre, Ed. Artes Médicas Sul Ltda., 2000.

senso moral, uma vez que, em função de maiores lucros imediatos, tem-se agido destrutivamente com bens - como por exemplo, a camada de ozônio, os mananciais de água potável etc. - que além de não serem da propriedade particular de ninguém, comprometem a qualidade de toda vida na Terra. A crise ecológica também nos possibilita pensar nessa relação neurotizada que o homem urbano contemporâneo mantém com a natureza, como sendo uma macro analogia, visível a olho nu, da qualidade das relações que esse mesmo homem cerebral - e amputado nas emoções e sentimentos - consegue manter consigo mesmo e com os outros seres humanos à sua volta, qualquer que seja o vínculo que tenha com estes.

Atualmente, o que se observa, especialmente nos grandes centros urbanos, é uma relação homem a homem marcada pela frieza, distância e indiferença; desprovida, portanto, da capacidade de estabelecer vínculos positivos e profundos com o outro ser humano, qualquer que seja o seu papel e o seu lugar em nossas vidas. Esse tipo de relação impossibilita que os seres humanos desfrutem entre si do aconchego, do sentimento de fazer parte, de poder contar com o outro, experiências que só a proximidade afetiva e a cumplicidade daí resultante podem oferecer.

Com o final do estágio pré-convencional, que se estende até os 7 anos e engloba os Fulcros 1, 2 e 3, se tudo correu bem e a criança conseguiu diferenciar-se do ambiente (sem fixações nem dissociações pendentes), experienciando a si mesma como um “eu” físico, emocional e mental, autônomo, íntegro e, ao mesmo tempo, interdependente, começa a findar a perspectiva egocêntrica - que caracteriza o desenvolvimento do senso moral nesta etapa - na qual a criança vive centrada em si mesma; esse egocentrismo ocorre pelo fato de a criança estar totalmente ocupada com a construção das estruturas básicas do seu “eu”, a partir das quais desenvolverá sua identidade física, emocional e mental.

Entretanto, se acontece alguma intercorrência grave, em algum dos fulcros, e a criança não consegue se diferenciar enquanto “eu” do ambiente circundante, ela carregará consigo fixações ou dissociações naquela etapa do seu desenvolvimento, comprometendo tanto as funções específicas daquele Fulcro, como também o desenvolvimento do senso moral que ocorre em paralelo.

Como a tônica do desenvolvimento do senso moral no estágio pré-convencional - que se estende ao longo dos Fulcros 1, 2 e 3 - é egocêntrica, a criança que é portadora de

alguma fixação ou dissociação nesses Fulcros fica também comprometida no desenvolvimento do seu senso moral; conseqüentemente esta criança fica, então, aprisionada a uma perspectiva egocêntrica do mundo, centrada em si mesma. Há muito o que pensar sobre as conseqüências de como tem sido compreendida e tratada a infância nesse fim/começo de século e muito o que refazer, tanto em relação às condições oferecidas socialmente e familiarmente para o desenvolvimento de cada pessoa, como em relação à atuação posterior destas crianças afetivamente lesadas, na vida social e na vida da natureza. Crianças desprotegidas, “profissional e eficientemente” cuidadas, “mal amadas”, dissociam-se dos sentimentos e se transformam em adultos frios e egoístas, indiferentes, nas mãos de quem a vida - onde quer que esta se manifeste - corre perigo.

Passaremos, agora, a examinar o estágio convencional de desenvolvimento do senso moral, cujo período vai dos 7 aos 14 anos, ocorrendo em paralelo com o Fulcro 4. Neste estágio, a criança - e depois o pré-adolescente - experiencia o mundo de uma forma “conformista”, ou seja, dirigida para a busca da aprovação dos outros; a criança - e depois o pré-adolescente - coloca-se nas situações e nas relações com as pessoas, numa perspectiva sociocêntrica; isto é, direcionada para se tornar capaz de se adaptar aos papéis, aos grupos de convívio, seja na família, na Escola, na moradia etc.

Se esse processo transcorre sem intercorrências graves, a criança descentraliza-se de si mesma, diferencia-se, transcende-se. Seu eu não é mais o único eu no universo; o outro começa a existir para ela e a ocupar um lugar muito importante na sua vida. Um lugar tão importante a ponto de ela tratar com o mesmo grau de relevância, como ela se sente com o outro, e como o outro se sente em relação a ela. Aos poucos ela adquire a capacidade de se colocar no lugar do outro, como se assumisse o papel que ele está vivendo, para melhor compreendê-lo.

Se tudo continua correndo bem, esse processo de se vincular ao outro é vivido em profundidade e o pré-adolescente desenvolve uma capacidade de enxergar, considerar e mesmo cuidar do outro; todavia, nesse estágio, essa capacidade ainda se limita ao grupo de proximidade. Então, se ele participa de um grupo de jovens com a mesma mitologia, a mesma ideologia, a mesma religião etc., ele pode, sem medo, contar com seu grupo de proximidade, pois proteger e ajudar um membro da própria “tribo” - neste estágio de desenvolvimento do senso moral - é proteger a própria identidade pessoal que, neste estágio,

está muito vinculada ao grupo de referência.

Isso acontece porque a pessoa, nesse estágio de desenvolvimento do senso moral, consegue descentralizar-se do seu eu para o seu grupo; entretanto, pelo fato de o seu grupo ser, para ela, o único no mundo, ela ainda não consegue descentralizar-se do seu grupo. Apesar dos limites dessa descentralização, já existem sinais claros de uma diminuição do egocentrismo e do narcisismo, bem como há um início de transcendência da auto-referência. Caso não haja qualquer fixação nem dissociação do eu, ao final desse estágio convencional, a criança (e em seguida o pré-adolescente) consegue adotar uma perspectiva sociocêntrica, conscienciosamente conformista, na qual as leis e as regras sociais (aqui compreendidas como as regras dos grupos aos quais está vinculada) são bem-vindas.

O corpo da criança e, depois, o pré-adolescente, bem como seus impulsos imediatos e suas emoções, não são mais sua referência para a ação; a criança, e depois o pré-adolescente, foram definitivamente inseridos no mundo das regras, dos papéis e dos *scripts*, através dos quais vão aprendendo a sair de si mesmos e a se colocar dentro do círculo de cultura intersubjetiva; neste, a criança (e depois o pré-adolescente), começa a experimentar uma ampliação da sua própria consciência e da sua própria identidade, através do novo espaço ocupado pelo outro, no seu próprio mundo subjetivo.

Se houverem intercorrências graves neste Fulcro 4, elas darão origem às patologias deste estágio de desenvolvimento do senso moral, que tanto podem ser fruto de fixações, como de dissociações. As fixações, neste estágio, tendem a criar as “patologias do *script*”; isto acontece quando a pessoa fica presa a distorções, crueldade, mal-adaptação etc., agregadas aos *scripts* e, nesse contexto, os papéis - sejam eles familiares, profissionais, religiosos etc. - são usados como máscaras falsas, que sustentam mentiras tanto pessoais como sociais.

Não se trata somente de perder o contato com os sentimentos e emoções, como acontece no Fulcro 3; aqui, esse processo vai mais longe: o próprio eu, perde-se de si mesmo, ficando fora de contato com o eu que ele poderia “vir a ser” no mundo em que vive. É como se fosse engolido pelos seus próprios mitos, pelos falsos jogos de papéis, que precisam ser desmontados para que a pessoa volte a si, e possa diferenciar-se enquanto eu, não se tornando apenas uma peça de uma engrenagem com a qual não sente o seu eu vinculado.

Essa condição é comumente encontrada em pessoas que, mesmo não sentindo mais

vínculo interno com algum papel - por elas assumido, em algum momento da sua biografia - não conseguem sair dele e se colocar num outro *script*; permanecem ali mais ou menos anestesiadas animicamente, até que aquela situação entre em algum tipo de colapso, o qual as movimenta a partir de um estímulo vindo de fora.

As dissociações neste estágio tendem a cristalizar o senso moral numa postura etnocêntrica, que, dependendo do contexto, pode variar: entre uma preferência um pouco exagerada e excludente pela própria cultura, língua, religião etc, até chegar ao extremo de posturas separatistas, segregacionistas - as quais, inclusive, têm estado em franca expansão atualmente - seja através dos grupos neo-nazistas, das lutas entre Palestinos e Judeus, ou de todos os demais confrontos “etnocêntricos” em curso, estejam eles acontecendo num cenário religioso, político ou racial.

De modo geral, as pessoas portadoras desse tipo de patologia no desenvolvimento do senso moral, além de serem vítimas dos próprios mitos segregacionistas que carregam consigo, são uma fonte potencial de tensão para a sociedade, uma vez que são facilmente manipuláveis por interesses que não hesitam em potencializar confrontos etnocêntricos caso algum lucro possa ser daí extraído. Há muito o que pensar sobre a moderna manipulação sócio-econômico-política dessas patologias no desenvolvimento do senso moral:

- seja em nível pessoal, quando algum *script*, é hipervalorizado, estimulando a pessoa a circular dentro de uma estreita faixa de papéis, aos quais ela fica aderida, sem conseguir diferenciar-se como eu, transcendendo-os e englobando-os. Essa patologia, por exemplo, é muito manipulada quando se prepara pessoas para a guerra e exacerbadamente manipulada nas “guerras santas” quando, em nome de Deus, que em princípio é Pai de todos, se prepara alguém para matar “irmãos” transformados em inimigos.

- seja em nível grupal, que se manifesta através de uma fraternidade excludente, que limita a pessoa a uma consciência de clã, dissociando-a da totalidade da comunidade humana e planetária. Essa patologia torna-se um instrumento poderoso nas mãos das forças interessadas em dividir, enfraquecer, e tirar vantagens econômicas e políticas desses confrontos etnocêntricos.

- seja em nível de Nação: um exemplo bem atual da manipulação política desse tipo de patologia moral, são os argumentos utilizados pelo governo dos Estados Unidos da América para justificar, perante o povo americano e o mundo um ataque ao países do Ori-

ente Médio. Aqui se vê uma manipulação moral em cadeia, uma vez que argumentos etnocêntricos também foram utilizados por aqueles que prepararam o grupo que jogou os aviões contra as Torres Gêmeas.

Com o final do estágio convencional (que se estende até os 14 anos, englobando o Fulcro 4), se tudo correu bem e a criança conseguiu diferenciar-se do ambiente social, experienciando-se a si mesma como “eu” social autônomo, íntegro e, ao mesmo tempo, interdependente, sem fixações nem dissociações pendentes, finda-se também a perspectiva sociocêntrica. Esta perspectiva sociocêntrica caracteriza o desenvolvimento do senso moral nesta etapa, período no qual a criança (e depois o pré-adolescente) vive centrada no grupo, totalmente ocupada com o aprendizado dos papéis sociais, das regras, da lei e da ordem.

O estágio pós-convencional de desenvolvimento do senso moral inicia-se a partir dos 15 anos, em paralelo com o Fulcro 5, e traz consigo mais uma mudança profunda de perspectiva. Neste estágio, é esperado que o jovem vivencie o mundo de forma conscienciosa e individual, dirigido para a aquisição dos princípios individuais da consciência. O “se” e o “como se” são vividos com intensidade, pois a consciência ganha asas e o jovem é capaz, pela primeira vez, de experienciar-se como um verdadeiro sonhador. Sonha com mundos ideais que ainda não existem e imagina, a si mesmo, transformando o mundo no qual ele se encontra em um mundo que ainda está no devir, mas que, nos seus sonhos, já é real.

Tudo isso só é possível porque, nesse momento, ele é capaz de pensar sobre o pensamento, o que significa que, pela primeira vez, consegue fazer uma verdadeira introspecção. Seu próprio mundo interior se torna acessível e se transforma num lugar de onde é possível olhar para o mundo que o circunda, avaliando suas regras, suas convenções; examinando-as, avaliando-as; dando-se, inclusive, o direito de concordar ou discordar delas e de, até mesmo, renormatizá-las de modo a incluir-se nelas.

Se tudo corre bem, a pessoa se desidentifica do papel daquele que cumpre regras para ser aceito, sem, contudo, abandonar as regras, pois passa a compreendê-las como um ponto de equilíbrio entre direitos e deveres. Desenvolve a capacidade de se colocar a uma distância crítica e de fazer escolhas que transcendem a identificação exclusiva com os papéis sociocêntricos. Desse modo, seu universo referencial vai se ampliando numa direção na qual o que importa não é só o bem para o seu pequeno mundo de proximidades, mas o bem do todo, incluindo a sua própria pessoa; aproxima-se, pouco a pouco, de uma postura

cosmocêntrica, o que não era possível no estágio anterior, no qual a ênfase estava em se ajustar às regras do ambiente circundante imediato.

O eu começa, então, cada vez mais, a buscar e se comprometer com o que é bom e justo não apenas para si e os que o cercam, mas para toda a humanidade. A medida em que essa postura vai sendo integrada no dia a dia, a pessoa vai passando por uma profunda transformação do seu senso moral, que se desloca de uma perspectiva sociocêntrica para uma perspectiva cosmocêntrica. Quando isso acontece, pode-se observar um profundo e natural declínio do narcisismo e da etnocentria - que são aspectos ainda não diferenciados, trazidos das fases anteriores - pois o eu, agora, diferencia e descentraliza seu grupo de referência dentro do mundo, transcendendo-o e englobando-o na grande família planetária.

Pode-se, então, dizer que o “eu” percorreu uma longa jornada: primeiro peregrinou de um senso moral egocêntrico para um senso moral etnocêntrico, conquistado a partir de uma descentralização do próprio eu dentro do grupo; em seguida, peregrinou de um senso moral etnocêntrico para um senso moral cosmocêntrico, a partir da descentralização do próprio grupo de referência, dentro da família planetária. Nessa concepção, se esse ponto no desenvolvimento do senso moral é alcançado, o eu experimenta olhar o mundo com “os olhos do espírito”, os quais enxergam um mundo totalmente descentralizado de si mesmo, mas que, ao mesmo tempo, é interdependente. Prevalece então, uma postura de cuidado, dedicação e compaixão desinteressada por todas as pessoas, quaisquer que sejam elas, quaisquer que sejam suas diferenças quanto a: raça, origem social, credo religioso, político e filosófico etc.

Em outras palavras, quando alguém alcança o patamar cosmocêntrico de desenvolvimento do senso moral, brota, naturalmente, da interioridade dessa pessoa, um certo jeito de viver na Terra, exemplificada por tantos homens que receberam, conforme a cultura na qual viveram, a alcunha de santo, mestre, guia etc. Essa qualidade moral foi exemplificada pela vida de Jesus Cristo, pelos Apóstolos, e mais tarde foi revelada pelos espíritos a Kardec, como eixo para o espiritismo-kardecista, através da máxima *Fora da Caridade não há salvação*. Contudo, esse grau de desenvolvimento e maturação do senso moral só acontece para aqueles que escolhem referenciar as suas vidas pelos parâmetros morais cosmocêntricos, priorizando-os face a quaisquer outros apelos do mundo, que, de modo geral, brotam de um patamar menos avançado no que diz respeito ao desenvolvimento do senso moral.

Contudo, segundo essa concepção, esse grau de desenvolvimento do senso moral, embora seja acessível para todos aqueles que escolham referenciar as suas vidas pelos parâmetros cosmocêntricos, é um pouco raro de ser encontrado, concretamente, entre os homens plenamente engajados na cultura contemporânea, marcadamente materialista e imediatista. Quando esse grau de desenvolvimento do senso moral é alcançado por algum ser humano, é a primeira vez, então, que o eu experimenta uma postura verdadeiramente universal e se abre para um despertar genuinamente espiritual e transpessoal.¹¹⁴ Biblicamente falando, este é *o momentum*, no qual o homem Adâmico, para o qual o Ego - construído apenas com as referências culturais e familiares - dá lugar ao homem espiritual, no qual o Self - imantado pelas referências universais e cósmicas - prevalece natural e espontaneamente, gerando *um modus vivendi*, que em tudo é similar ao exemplificado por Jesus Cristo e seus Apóstolos, e proposto também pelo espiritismo-kardecista, através da prática da Caridade.

Esse estilo de vida, chamado CARIDADE, fica bem visível na parábola do Bom Samaritano,¹¹⁵ que foi contada por Jesus em resposta a um legista (escriba) que lhe perguntou :

E quem é meu próximo ? Jesus continuou : Um homem descia de Jerusalém a Jericó, caiu na mão dos bandidos, que tendo-o despojado e coberto de pancadas, foram-se embora e o abandonaram quase morto. Aconteceu que um sacerdote descia por esse caminho; ele viu o homem e passou à boa distância. Do mesmo modo um levita chegou a esse lugar; viu o homem e passou à boa distância. Mas um samaritano que estava de viagem chegou perto do homem: ele o viu e tomou-se de compaixão. Aproximou-se, atou-lhes as feridas, derramando nelas azeite e vinho, montou-o sobre a sua própria montaria, conduziu-o a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, tirando duas moedas de prata, deu-as ao hospedeiro e disse: 'Toma conta dele, e se gastares alguma coisa a mais, sou eu que te pagarei na volta'. Qual dos três, a teu ver, mostrou-se o próximo do homem que caíra nas mãos dos bandidos?" O legista respondeu : "Foi aquele que deu prova de

¹¹⁴ Transpessoal - que vai além da experiência pessoal de cada um, e se abre para experiências de caráter Universal, ou seja que é comum a todos os homens, independente de raça, grupo social, político etc.

¹¹⁵ In BÍBLIA, de Tradução Ecumênica, Lucas, 10:29, Ed. Loyola, SP. Brasil, 1994.

bondade para com ele.” Jesus lhe disse: “Vai e tu também fazes o mesmo”.

Jesus mostra, com esta parábola, que mesmo em meio a fortes divergências políticas e religiosas como as que existiam entre Judeus e Samaritanos¹¹⁶ na época, é possível a cada homem, individualmente, avançar moralmente, superando as referências morais do seu contexto social e histórico, que, naquele caso, eram arraigadamente etnocêntricas. Aquele Samaritano agiu como um homem que tinha alcançado um senso moral cosmocêntrico, sem dar, portanto, a menor importância aos valores etnocêntricos, praticados por todos aqueles que o discriminavam por ser samaritano.

O importante para ele naquela situação foi que alguém estava precisando de ajuda e que a vida colocou-o frente àquele homem, naquele momento, para que pudesse ajudá-lo, mesmo sem conhecê-lo e sem vir a conhecê-lo, pois, depois de cuidar pessoalmente dele, deixou-o sendo cuidado na hospedagem sob seus auspícios e seguiu seu caminho. Isto é a Caridade - o comportamento natural do homem que avançou no seu desenvolvimento moral a ponto de sentir cada pessoa como seu irmão na família Universal; homens unidos por laços de boa vontade e de amor desinteressado.

O que é intrigante nessa parábola é que esse comportamento moral avançado não foi, como se poderia esperar, o comportamento do sacerdote, mas sim o do samaritano. Os Samaritanos eram vistos, pelos judeus ortodoxos da época, como heréticos e, por isso mesmo, eram desprezados, anatematizados e perseguidos. Jesus contou essas parábolas justamente a um judeu ortodoxo, mais especificamente a um escriba, que era, na época, um doutor da lei, “que ensinava a Lei de Moisés e a interpretava para o povo.”¹¹⁷ Com isso, Jesus mostrava que não basta vestir a “veste exterior” do sacerdote para ser um homem que age com o amor espiritual, o amor de Deus. É preciso vestir a veste interna, ou seja, a veste da maturação do senso moral que leva um homem naturalmente a separar-se do egoísmo,

¹¹⁶ Os judeus, naquela época, evitavam as relações com os Samaritanos, com quem tinham profundas divergências políticas e religiosas, desde a época do cisma das 10 tribos, quando a Samaria tornou-se a capital do reino dissidente de Israel, formando inclusive uma religião à parte.

¹¹⁷ In KARDEC, (1978, p. 25).

do egocentrismo, e ter o coração cheio do amor Divino; cheio, portanto, da Presença de Deus, que ele, então, esparge no mundo através de uma vida em CARIDADE.

Uma vez desenvolvido esse senso moral que nessa parábola Jesus exemplificou através da atitude do Samaritano, ele servirá de base para a continuidade do desenvolvimento do senso moral que segundo essa compreensão trazida por Wilber (1986, p.30 a 34) continua para acima e para adiante. Na vida dos grandes santos, sábios e mestres da Humanidade, podemos vislumbrar essa etapa superior de desenvolvimento do senso moral, que tem como plataforma de saída o senso moral cosmocêntrico.

Nessa etapa superior de desenvolvimento do senso moral, prevalece, então, não apenas uma postura de cuidado, dedicação e compaixão desinteressada pelas pessoas, quaisquer que sejam elas, mas também em relação a todo ser vivo e pelo mundo como um todo, ou seja uma atitude amorosa, generalizada para com tudo e todos.

Essa postura foi sobejamente exemplificada, tanto no Oriente quanto no Ocidente pela vida de tantos homens, que exemplificaram esse caminho possível deixando seu legado de fé e de esperança para todos nós. Dentre eles, no Ocidente tivemos a figura doce de Francisco de Assis no sec. XII, e, nesse último século, o exemplo de Gandhi, Madre Tereza de Calcutá e, mais recentemente, o exemplo vivo entre nós de Francisco Cândido Xavier.

Modernamente, podemos entrever o nascimento e o desenvolvimento dessa capacidade de amar, cuidar e zelar de todos os seres vivos na Terra - sejam eles minerais, vegetais, animais, e hominais – através das propostas trazidas pelo pensamento Ecológico, que compreende o universo como um todo interatuante e interdependente, e que encontra, cada vez mais, um encantado acolhimento em parcelas cada vez maiores da juventude contemporânea, que conseguiram escapar do jugo de um projeto materialista e reducionista de vida.

Essa constatação coloca a Educação da Alma, especialmente dos jovens, com base em princípios Universalistas e Fraternos, e com vistas a uma plena maturação do senso moral, em um lugar de importância central, na Comunidade Humana, inclusive quando se pensa na preservação da vida no e do Planeta.

3.2 . Sobre a prática desse caminho

Depois do exposto, poderíamos nos perguntar o que fazer para que a prática desse amor espiritual – Caridade - possa realizar o *milagre da transformação* da forma de viver da maioria das pessoas na Terra, como propunha Kardec ?

Na prática, a resposta a esta pergunta nos tem sido dada pela vida dos homens e mulheres que passaram pela Terra, muito amaram e muito ensinaram a amar àqueles com quem conviveram. Jesus foi um exemplo vivo e exuberante desse caminho, mas não foi o único nem o último que reuniu pessoas; doou-se a elas em convívio íntimo e, através dessa convivência profundamente amorosa, foi forjando, nelas, novos horizontes, sonhos, anseios, referências e padrões morais.

Portanto, a resposta para essa pergunta, acerca do que fazer para contribuir para que o amor prevaleça dentro de cada um de nós e, em consequência, na Terra, passa por um longo e delicado aprendizado. Passa pela lenta incorporação dos ensinamentos exemplificados pela vida desses homens e mulheres que muito amaram e muito amam, do que os move, do que os impulsiona e do que os sustenta, tanto nas solitárias horas de *semeadura*, quanto nas doridas horas do *parto do espírito*, bem como nas horas doces da *colheita* das bênçãos desse amor, espargidas na Terra sob os auspícios da Caridade.

Através dos livros sagrados – revelados por inspiração Divina - das várias culturas, tanto os já reconhecidos pelas autoridades religiosas temporais, quanto os ainda não conhecidos, a humanidade tem registrado a vida e a obra daqueles que, por muito amarem, atuaram ou atuam como referência e guia para a humanidade. A ciência neste último século, também tem descrito, intensivamente, o comportamento das pessoas que estão vivendo o lado oposto, ou seja, por não conseguirem amar nem ser amadas e, nem conseguirem se abrir para enxergar o egoísmo em que vivem, se fecham, se isolam e desenvolvem, então, vários transtornos de comportamento, responsáveis por graus variados de comprometimento da saúde psíquica e física.

Existe contudo, uma faixa intermediária de pessoas, já capazes de reconhecer que não sabem amar, já cansadas de *si mesmas* e também capazes de buscar e aceitar ajuda para reformar os padrões emocionais, mentais e culturais, que as aprisionam ao egoísmo e, conseqüentemente, ao sofrimento anímico-espiritual; pessoas que já desenvolveram a capaci-

dade de arrepender-se, de verdade, de todas as transgressões que ainda cometem frente à Lei de Amor, e de buscar ajuda, na vida em comunidade, para reformar, nas suas almas, os padrões egocêntricos aos quais ainda estão presas e que as impedem de amar com plenitude esse amor espiritual, esse amor ágape.

Essas almas que não desistiram de aprender, porque de alguma forma já pressentem a possibilidade da perfectibilidade humana e aspiram ardentemente por ela, crescem a cada dia em número, em dor e também em solidão. Aos quatro ventos gritam - muitas vezes através de gestos mudos e dramáticos – buscando, desesperadamente, pessoas que possam escutá-las com os *ouvidos de ouvir* e enxergá-las, com *olhos de ver*, e que as ajudem a encontrar saídas para o sofrimento, muitas vezes atroz, no qual suas vidas está enredada, e frente ao qual, via de regra, não sabem nem sequer dar um nome.

De modo geral, a cultura e a ciência da nossa época não sabem o que fazer com os sentimentos dessas pessoas, que, aparentemente, têm tudo para estar felizes mas sentem angústia. Sentem falta de alguma coisa, que, apesar da concretude com que lhes invade o peito, não tem, aparentemente, uma causa justificável. Sentem falta de algo inefável, indelével, e, apesar de não saberem descrever como seria, sofrem com a presença ostensiva da sua ausência. Normalmente, no início desse processo, essas pessoas não se percebem em desequilíbrio, nem são percebidas pelo ambiente circundante como tal, a ponto de alguém sugerir que procurem um médico, um psiquiatra ou um psicólogo, como é a prática da época para quando alguém não está anemicamente bem. Normalmente também, nesse pedaço do percurso, não dispõem de nenhum vínculo humano profundo e maduro o suficiente, para ajudá-las a compreender que essa dor que lhes dilacera o peito é de natureza moral e espiritual, e precisa ser encaminhada a partir dessa compreensão, para que traga resultados transformadores.

Na sua grande maioria, esse grupo de pessoas avançou no desenvolvimento da sua inteligência a ponto de não se sentir mais acolhido por uma fé, que seja cega, cheia de dogmas e desprovida de racionalidade. Normalmente essas pessoas, então, também já não contam com nenhum amparo religioso para a sua dor, pois não avançaram na mesma medida em que avançaram na inteligência, ao encontro de uma religiosidade madura, que possa ser ao mesmo tempo racional e transcendente. Portanto, sequer suspeitam que estão dando

os primeiros passos, em um caminho que as levará inexoravelmente para a experiência de *partejar em si mesmas, o nascimento do espírito*.

Sem interlocutor para essa dor, guardam-na no peito a sete chaves, auto-segregando-se e, via de regra, começam a peregrinar em busca de alívio, através do rosário de invenções criadas pelo materialismo para anestesiar essa dor e aprisionar a alma em um cem número de armadilhas, disfarçadas em licenciosidade, como: o álcool e as drogas, o consumismo, o culto ao corpo, a competição profissional, os títulos, os cargos, os bens materiais etc. Depois de muitas idas e vindas nos altos e baixos das ações compensatórias, desgastadas e exaustas de sofrer de um vazio profundo que lhes consome a alma, reconhecem que algo está errado com suas vidas, mas continuam a não compreender ao certo o que está acontecendo, nem o que podem fazer para mudar o rumo que está sendo impresso às suas vidas; sentem-se sós na dor, envergonhadas, sem interlocutores, sem esperança, paralisadas e sem horizontes.

Na prática, essas pessoas estão presas a fixações e/ou dissociações nas fases ego-cêntricas e/ou etnocêntricas do seu desenvolvimento do senso moral, o que as impede de amar incondicionalmente e vivenciar as benesses que só o amor espiritual propicia. Esses transtornos no desenvolvimento do senso moral impedem, também, que as dimensões transcendentais e transpessoais do ser se expressem, se integrem e participem do dia a dia das suas vidas, substituindo a angústia e o vazio que sentem – ao não realizar plenamente seu potencial moral e amoroso – pela realização crescente do seu Ser enquanto um espírito eterno.

Ainda é comum, nesse início do século XXI, para grande parte das pessoas que habita as grandes metrópoles, que o tempo cronológico apenas passe, sem que ocorra, nesse percurso, o amadurecimento anímico-espiritual previsível, o que, então, determina que os conflitos e as angústias se tornem recorrentes e crônicos. Quando assim acontece, as pessoas vão se des-sensibilizando e convivendo com seus transtornos, como se eles fossem padrões naturais e aceitáveis para o comportamento humano. Para algumas, acontece o inverso: esses conflitos se potencializam e começam a se manifestar através de um amplo quadro de sintomas psicossomáticos que vão desde simples alergias, úlcera, até as doenças imuno-supressoras etc.

Nessa hora, então, quando o corpo começa a dar sinais de transtorno é que se costuma procurar ajuda terapêutica, sendo habitual a busca do auxílio da medicina materialista (alopática) que, via de regra, prescreve uma medicação para suprimir os sintomas que o corpo estava produzindo, criando uma falsa idéia de saúde. Contudo, suprimir os sintomas criados pelo corpo, é, na verdade, interceptar os recursos criados pelo corpo mesmo para tentar restaurar a saúde, propiciando ao paciente as experiências físico-anímicas, pelas quais a pessoa precisaria passar para que o processo de transformação pessoal, ou seja, de reforma íntima, o real responsável pela cura, possa então se iniciar.

Quando as pessoas procuram uma medicina não materialista (atualmente existem várias disponíveis: homeopatia, antroposofia, medicina chinesa, medicina aururvédica, medicina indígena, florais de distintos lugares da Terra - da Inglaterra, Califórnia, Himalaia, dos povos do deserto, do Brasil etc.), são, via de regra, levadas a compreender, ao longo do tratamento, que os sintomas apresentados são funcionalmente semelhantes à febre. Ou seja, são apenas tentativas do Self de promover alguma alteração funcional no organismo - no caso da febre, no corpo calórico - para tentar suprir a deficiência, no caso imunológica, que permitiu o aumento dos organismos patogênicos no corpo. Esse aumento do calor, chamado de febre, é, na verdade uma ação emergencial do Self tentando retomar as rédeas daquele organismo. Além de sinalizar a precária situação do sistema imunológico naquele organismo, essa alteração funcional inicia, de fato, o enfrentamento do real problema, no caso a febre: ou seja, o distanciamento daquele corpo e daquela vida, do projeto original trazido pelo seu próprio Eu espiritual, o qual produz, primeiro, sintomas na psiquê, e depois no corpo, o que a ciência atual chama de transtornos psicossomáticos.

Noa centros mais avançados, as pessoas que apresentam transtornos psicossomáticos persistentes, são aconselhadas pelos médicos a procurar um psicoterapeuta e, aí também, pode acontecer coisas muito distintas, a depender da cosmovisão de mundo que sustenta o trabalho desse profissional. Se encontram um psicoterapeuta cujo trabalho se apóia numa visão materialista da vida, como a psicanálise por exemplo, esses conflitos vinculados à busca de transcendência e transpessoalidade, aqui chamados de *prenúncios do parto do espírito*, não serão compreendidos como legítimos em si, mas como resultado de algum processo repressivo, que precisa então ser analisado. Se encontram um psicoterapeuta comportamental, cujo trabalho também se apóia em uma visão materialista da vida, serão con-

vidadas a aprender a observar e a controlar contingências externas, para levar à extinção, os comportamentos desencadeadores dos conflitos que estão vivendo.

Se encontram um psicoterapeuta humanista, serão ajudadas a aceitar e examinar seu conflito como uma expressão natural da dinâmica entre suas distintas faces, que precisam ser conhecidas e integradas. Se tiverem a sorte de encontrar um psicoterapeuta com alguma formação transpessoal – que fundamente seu trabalho em uma cosmovisão do homem, cujo objetivo maior é a integração do *Self*, ou do *Eu Espiritual*, no dia a dia da vida – poderão, então, ter seu sofrimento compreendido como uma manifestação legítima e esperada da emergência do seu *eu espiritual* e dos conflitos egoícos remanescentes, daí resultantes. Serão, via de regra, ajudadas a acolher essa emergência do *eu espiritual* - necessária para o pleno desenvolvimento do seu senso moral - e a integrá-la no dia a dia das suas vidas, como uma manifestação legítima, esperada e necessária do seu vir-a-ser como um espírito eterno, vivendo na matéria.

Quando uma pessoa chega a um ponto em sua vida, em que alcançou grande parte daquilo que sonhou, mas mesmo assim começa a sentir um vazio que não sabe explicar de onde vem e por onde chega, na verdade, o que ela está vivendo é a emergência do seu Eu Espiritual, e, por isso, as coisas materiais não podem de fato preenchê-la. Se essa pessoa não tem internalizadas imagens negativas concernentes ao desenvolvimento espiritual – o que é modernamente muito raro - esse momento é vivido naturalmente e essa pessoa vai integrando no dia a dia da sua vida, essa busca de transcendência e transpessoalidade emergente, sem grandes problemas. Pouco a pouco, vai fazendo, então, sua *metanóia*, ou seja, vai re-significando e reorganizando sua vida sob o prisma da emergência do *eu espiritual*, para o qual a referência máxima a ser alcançada é *o serviço desinteressado à humanidade*, através da prática do amor espiritual, também chamado de amor ágape, na cultura grega, e de Caridade, na cultura cristã.

Contudo, se essa pessoa tem conflitos não identificados e não equacionados nesta área e, portanto, não tem permissão interna para entrar em contato com essa necessidade de transcendência e de transpessoalidade e integrá-la na sua vida – como resultado imediato, da introjeção de valores, crenças e imagens negativas em relação à religiosidade, advindas da relação vivida com a religião de seus pais e à sua religião de infância - essa pessoa tende, ou a negar ou a suprimir essa emergência do seu *eu espiritual*, por se sentir ameaçada

por uma experiência que se afigura à sua mente como algo irracional, cheia de dogmas, cheia de rituais externos, quase bizarros aos seus olhos. A pessoa que passa por essa experiência, está fixada em uma imagem reduzida e regredida de espiritualidade, e, por isso, vive um impasse íntimo profundo, que paralisa a alma e gera sofrimento pela falta de perspectiva para caminhar. De um lado, o que o mundo oferece já não brilha tanto como antes, a ponto de encher de ilusão seu coração; e de outro a pessoa não enxerga outros horizontes, que aos seus olhos se mostrem pelo menos razoáveis e convidativos para levar a pessoa a correr riscos e quebrar valores e crenças cristalizadas, superar a si mesmo, e caminhar resolutamente ao encontro da qualidade de vida que o coração, quando livre da ilusão, sonha.

Essa pessoa está presa na armadilha do seu próprio ego, tornou-se refém de uma prisão invisível aos seus próprios olhos, pois suas grades são feitas com as distorções egóicas herdadas de si mesma e re-introjetadas em cada nova vida, como tendências psíquicas, presentes no âmbito do mundo familiar e social. Considerando o princípio espiritual-kardecista das múltiplas vidas, seriam apenas espelhamentos kármicos da trajetória do próprio espírito, ao longo das reencarnações, que se torna portador de todas as distorções a ele agregadas, pelo uso - em cada uma das oportunidades reencarnatórias - do livre arbítrio, dissociado das Leis de Deus, que, como nos ensinou Jesus, se resumem na Lei de Amor.

Essas distorções re-introjetadas e não re-significadas pela atuação do *eu espiritual* através da reforma íntima atuam como uma substância anestésica, não permitindo à pessoa entrar em contato sensível com a emergência interna do seu *eu espiritual*. A pessoa, nessa circunstância, não tem consciência do aprisionamento real em que vive, não relaciona a ele seu sofrimento e, portanto, não busca saídas efetivas para essa paralisação da vida anímica-espiritual. Essa paralisação da vida anímica-espiritual, da qual sofre grande parte da humanidade, leva a alma a sentir um vazio avassalador e a buscar compensação através da super-estimulação da vida material, que normalmente se associa a uma ausência total de contato com a experiência de transpessoalidade e de transcendência. Em consequência, a alma fica aprisionada à valores reducionistas e segregacionistas, que são o subproduto mais imediato de uma vida materialista, que termina por comprometer profundamente a percepção de si mesmo como um espírito eterno.

Uma pessoa, nessa circunstância, não tem consciência dos riscos que corre, no sentido da estagnação no seu desenvolvimento pessoal e integral, e da diferenciação do seu

eu espiritual frente a essa herança de si mesmo, introjetada e ilusoriamente vivida como se fossem referências reais do Ser. Não percebe que está presa em uma teia, cujos fios são feitos de valores e crenças que, de fato, são apenas memórias atávicas – de si mesma - que ainda não foram repassadas à luz das necessidades de transcendência e transpessoalidade que traz consigo, e da experiência de emergência do seu *eu espiritual*. Essa teia só começa a afrouxar-se, à medida que a alma vai se cansando e até mesmo se exaurindo de viver para produzir efemeridades: coisas que inflam a alma, fazendo-a parecer, aos menos avisados, ampla e algumas vezes até mesmo grandiosa, através dos símbolos de conquistas exteriores que ostentam: cargos, *status*, bens materiais etc. Na verdade, uma alma assim está em desequilíbrio e subnutrida – semelhante à subnutrição encontrada nas crianças da periferia das grandes cidades, as quais, em consequência da falta de nutrientes substanciais na dieta, incham e, só para um olhar muito superficial, parecem gordas, quando, de fato estão inchadas e subnutridas. Essa subnutrição anímico-espiritual, via de regra desenvolve-se em duas direções:

- ou cronifica-se produzindo, então, uma cultura endurecida e cindida da experiência de Deus e de si mesmo como sua imagem e semelhança, tão característica da modernidade;
- ou agudiza-se, encaminhando a pessoa para distintas experiências de dor, que a levarão inexoravelmente ao *momentum* de parto de si mesmo como espírito.

As experiências que caracterizam esses momentos que antecedem o parto de si mesmo como espírito, foram chamadas poeticamente por São João da Cruz de Noite da Alma. Noite da Alma, momento em que a luz do sol - aquela que encontramos refletida no mundo material - se vai no ocaso, deixando para nós, em meio à escuridão da noite, a memória de um céu limpo e aberto - revelando o firmamento pontilhado de estrelas - a nos convidar para nos afastar um pouco da luz artificial e dirigir o nosso olhar para o alto, para o imponderável, para o transcendente.

Lá encontraremos pequeninos pontos de luz a brilhar no meio da escuridão, na verdade gigantescas massas de luz, transformadas em pequeninos pontos de luz pela distância com que nos encontramos deles. Pequeninos-gigantes pontos de luz, apontando direções, sinalizando caminhos, sustentando os horizontes de esperança no coração dos homens. Assim como fez Jesus de Nazaré, o *Cristo de Deus*, ao nascer em uma manjedoura, tornar-se

carpinteiro e, ao mesmo tempo, exemplificar com sua vida e com a sua morte na cruz a Lei de Amor, que é a Lei de Deus. Há que se cultivar e preservar nos homens a sensibilidade do coração, que se expressa através de olhos sensíveis, os quais em meio à grande noite da alma, escolhem deixar as luzes da ribalta e sair peregrinando em busca das estrelas, apenas porque ainda sentem saudades da sua luz suave. Homens e mulheres capazes de reconhecer o falso brilho das luzes que artificialmente tentam disfarçar a escuridão da noite, ou seja, homens e mulheres, capazes de, perante si mesmos, nominar a própria ilusão que os visita, de ilusão, e voltar, então, seus olhos para os céus e encontrar estrelas a brilhar.

Se a vida interior do indivíduo não é cultivada, se nada é construído no plano do sensível, pouco a pouco essa alma vai sendo contaminada pelo vazio deixado por uma vida predominantemente externa e materialista, na qual tudo passa a começar pelo próprio corpo físico que vai envelhecendo e *voltando ao pó*. Se a vida interior não é então cultivada, a percepção de si mesmo se fixa aos papéis, assumidos na vida temporal, sejam eles familiares, profissionais, sociais etc. A experiência do *eu espiritual* não desabrocha, portanto, e a pessoa começa a sentir que a vida vai murchando e, aos poucos, morrendo, à medida que os papéis vão perdendo sua funcionalidade.

Existem, inclusive, descritos na literatura especializada, vários quadros de depressão e angústia em consequência da perda de papéis - seja na aposentadoria ou quando os filhos casam, ou quando o casamento se desfaz etc. - associada ao fato da identidade da pessoa ter se construído circunscrita aos mesmos. Enquanto vivermos fascinados, ou mesmos capturados pelos nossos papéis temporais e não tivermos tido a oportunidade de experimentar as dimensões transcendentais e/ou transpessoais da vida, somos como uma promessa de borboleta que poderia estar voando pelo jardim e, contudo, ainda estamos como uma lagarta a rastejar pelo chão, ou, no máximo, uma lagarta asfíxiada pela permanência prolongada dentro de um casulo. A angústia vem em consequência do fato de que tanto a lagarta que rasteja ao chão, como a que se prepara na pupa, reconhecem na borboleta o seu devir e sofrem quando estagnadas, perdem o contato sensível com esse horizonte e essa direção.

Nessa condição, é muito difícil que se mantenha algum espaço vazio das angústias conseqüentes do egotismo,¹¹⁸ disponível para cultivar a suprema arte do amor ágape, do

¹¹⁸ Egotismo: fixação do Ego Infantil.

amor divino, da caridade. Essa condição não depende só da idade física, mas sim da idade moral do espírito, pois existem jovens que já nascem com esse sentido do outro aguçado, e anciões que ainda são prisioneiros dos desejos e caprichos egocêntricos. Não depende também de cultura, uma vez que existem eminências da cultura humana, totalmente ignorantes até dos primeiros passos nessa delicada arte do amor ágape; como temos pessoas analfabetas, donas de uma profunda intimidade com essa sublime arte de amar. Não depende, tampouco, de raça ou nível socio-econômico, ou de qualquer outra característica externa. Para o espiritismo-kardecista, esse fenômeno, entre outros da mesma natureza, como dons, talentos e deficiências, são passíveis de serem compreendidos à luz do princípio da Pluralidade das Existências,¹¹⁹ que introduz no nosso limitado espectro temporal tanto o conceito de eternidade, quanto o conceito de consequência agregado a cada ato.

3.3. Sobre as condições necessárias para praticar esse caminho

O espiritismo-kardecista compreende que a capacidade de amar de cada ser humano pode ser aperfeiçoada ao longo da vida. Para que esse aperfeiçoamento se faça através da Lei do Amor e não através do sofrimento, urge que cada pessoa se disponha a trilhar o caminho da Caridade tanto para consigo mesmo, como para com o Outro. Trataremos aqui, mais especificamente, da Caridade para consigo mesmo, que no espiritismo-kardecista é chamada de *reforma-íntima*, e descrita por Emmanuel como *o dever simples da nossa parte [de] operar a própria transformação para o bem, a fim de que sejamos para os outros, ainda hoje, o que desejamos sejam eles para nós amanhã*.¹²⁰

A reforma íntima proposta pelo espiritismo-kardecista é toda ela fundamentada nas leis morais, contidas no Evangelho de Jesus Cristo. O grau de profundidade com que ela pode ser realizada por cada um depende do grau com que, cada aspirante da reforma íntima, seja capaz de praticar contínua e devocionalmente o trabalho de conversão da própria alma, amplamente descrito na literatura cristã e espírita-cristã, e aqui compreendido como um processo composto das seguintes etapas: localização, responsabilização arrependimento, regeneração e frutificação.

¹¹⁹ Pluralidade das existências, ou reencarnação- retorno do espírito à vida corporal, para continuar seu caminho evolutivo.

¹²⁰ In EMMANUEL, Xavier, Francisco Cândido, (1978, p.232).

Para tornar mais visíveis as duas primeiras etapas desse processo de Reforma Íntima, faremos uma reflexão sobre uma passagem do Gênesis.¹²¹ Essa passagem nos deixa uma exemplificação de como age o homem natural – aquele que vivia no Éden, em plena harmonia com a Lei de Deus¹²² – e como age o homem Adâmico, que passou a existir a partir de desobediência à Lei de Deus no Éden, quando Adão e Eva romperam com a única restrição feita por Deus a eles, no paraíso. Ao desobedecerem a Lei de Deus, usaram sua vontade dissociada da Vontade Divina, criando então uma outra lei, ou seja, a lei dos homens, fruto da ruptura com a Presença de Deus no coração de cada homem, e responsável pela criação de toda essa cultura materialista em que vivemos.

A ruptura com a Lei de Deus implica na criação automática de outra lei - a lei dos homens - , fruto da dissociação entre o homem e Deus, cuja mecânica e dinâmica estão apoiadas, em alguns padrões de comportamento construídos por esse *eu Adâmico*, dissociado da presença de Deus.¹²³

A Reforma Íntima, ou a Caridade Pessoal – associada à prática da *Caridade para com o outro* - é o caminho proposto pelo espiritismo-kardecista, como recurso para o retorno desse homem Adâmico - que usa o Livre Arbítrio dissociado da Presença de Deus - à Lei Divina, que em Jesus Cristo foi revelada como Lei de Amor.

Para que o homem Adâmico, o qual tão arraigadamente ainda sobrevive e impulsiona o comportamento do homem moderno e da cultura materialista contemporânea, possa voltar à Lei de Amor, que é a Lei de Deus, ele precisa escolher dedicar-se, prioritariamente, a renovar em si mesmo – através de uma profunda reforma íntima - a resposta que Adão e Eva deram a Deus no Éden, ou seja, ele precisa tornar-se capaz de:

1 - *localizar-se, e em verdade olhar, ver e responder* de um lugar renovado, para si mesmo e, quando necessário, para sua família, e para sua comunidade de vida e trabalho, a primeira pergunta feita por Deus ao homem, quando no Jardim do Éden, na viração do dia:

¹²¹ In BÍBLIA de Estudos de Genebra, Genesis, (1999, p. 14) cap. 3, v. 9 -13.

¹²² A lei de Deus tem sido trazida para os homens, através dos ensinamentos transmitidos pelas inúmeras Tradições Espirituais nos cinco continentes e, registrada nos inúmeros Livros Sagrados que contêm as Leis de Deus como reveladas pelos profetas das várias Tradições Espirituais. Na Tradição Judaico-Cristã, a Lei de Deus foi trazida, primeiro, diretamente de Deus ao homem, no Éden, em seguida foi revelada pelos profetas e registrada no *Velho Testamento* e, por último, foi diretamente exemplificada por Jesus Cristo através de sua vida, e registrada pelos seus discípulos no *Novo Testamento*.

¹²³ O comportamento típico desse homem Adâmico, rompido com Deus, descrito originalmente no livro do Gênesis, muito se assemelha ao que a psicanálise descreveu como Mecanismos de defesa do Ego.

“esconderam-se da Presença do Senhor Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás”?

Onde estás, Adão, onde colocaste a ti mesmo, filho querido, com quem estás a fazer aliança, a quem e a quem estás entregando a direção do teu coração e do teu destino?

Oh! Quão gentil e delicada pergunta, essa, que Deus continua a nos fazer a cada momento através da Sua Presença, no Tabernáculo do nosso coração! Pudéssemos nós, nunca termos fechado os *ouvidos para ouvir* essa doce e encantada melodia, tentando conduzir nossos passos pelo caminho do amor, a cada dia!

Se cada homem pudesse incorporar como rotina - preventiva na manutenção da saúde físico-anímica, e da paz de espírito - o hábito de, diariamente, localizar-se, com base na pergunta feita por Deus no Jardim do Éden, a Adão: *onde estás, onde tens estado, onde tens te colocado com tuas escolhas e teus atos?*

Se cada homem adquirisse o hábito de conviver com o ressoar da primeira pergunta feita por Deus ao homem e, em verdade, colocar-se frente a ela, examinando, diante da luz que habita o Templo do seu coração, a trajetória interna e externa percorrida por sua alma, a cada dia!

Se cada homem pudesse, diariamente, submeter a sua vida ao crivo da Lei do Amor - subjacente ao *onde estás ?* - ele poderia fazer novas escolhas, aperfeiçoá-las e ajustá-las aos valores morais a ela agregados, mantendo esses valores - *sentimento de benevolência, de justiça e de indulgência relativamente ao próximo, baseado no que quereríamos que o próximo nos fizesse.*¹²⁴ - como bússola para sua peregrinação na Terra!

Quando cada homem se tornar capaz de colocar em sua vida, como parte do seu compromisso com Deus, *o confronto em verdade*, através dessa tão antiga - no sentido de ter sido a primeira – e, ao mesmo tempo, tão nova pergunta, *onde estás?* – no sentido de ainda não ter sido incorporada pela cultura humana moderna – certamente haveria uma renovação da própria resposta dada pelo homem a Deus. Se não fosse assim, Deus não teria semeado essa pergunta – *onde estás?* - no coração do homem, naquele momento delicado, no qual o homem se viu frente a frente com os frutos da sua escolha desobediente e teve que deixar o Éden. O retorno ao Éden da paz íntima, familiar, social, e planetária etc. passa, então, por uma re-localização de si mesmo e de uma re-escolha de caminho, através de um

¹²⁴ In KARDEC, (2000, p. 67).

re-encontro e de uma nova resposta à pergunta - *onde estás?* - que Deus semeou, no Éden do coração do homem, como um horizonte de esperança para o devir da alma humana.

Quando renovarmos individualmente, e em verdade, essa resposta dada por Adão a Deus – olhando para cada ato de ruptura com Ele, frente a frente, reconhecendo-o como tal, e assumindo a responsabilidade de tê-lo praticado – certamente brotará em nosso coração um arrependimento profundo, premissas do renovo das promessas de Deus ao homem e, quem sabe, não precisaríamos mais continuar a ser expulsos do Jardim do Éden - da paz íntima, familiar, social, e planetária – restaurando, assim, o reino do amor em nossas vidas.

2- *responsabilizar-se individualmente* por todas as ações que, porventura, tenham sido realizadas no estado de ruptura com a Lei de Deus que é a Lei do Amor, bem como por todas as conseqüências advindas dos atos feitos a partir de uma desconexão com a Presença de Deus em nós, também chamada de Eu Espiritual. Não fugir de confrontar-se, em verdade, com os seus atos, justificando-se, como fez Adão no Éden, em resposta à primeira pergunta de Deus, *Onde estás?* **Ele respondeu:** *Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo e me escondi.* Estar nu e sentir medo, não é a causa real do esconderijo de Adão, mas, sim, a conseqüência do seu ato de desobediência ao pedido de Deus. Ao inverter essa relação de causalidade, ele cria para si mesmo um profundo equívoco, que o impede de localizar-se verdadeiramente e de, inclusive, apreendendo a dimensão do seu erro, arrepender-se em profundidade do seu ato.

Desenvolver a coragem de, uma vez tendo desobedecido à Lei de Amor, responder em verdade, para si mesmo e para sua comunidade, a *primeira* pergunta que Deus fez ao homem no Jardim do Éden, e que ainda continua ressoando sobre o Jardim do Éden dos nossos corações, lá onde Deus habita em nós, lá onde prevalece a inocência do homem natural¹²⁵ - revivida por cada homem quando criança - nos conclamando para uma vida em verdade, com o Pai: Filho, *onde estás?*

Bendita hora essa, em que pudermos com simplicidade responder apenas: Pai, desobedeci a ti, sinto-me nu e desvestido da veste da Tua Presença em mim. Ela me preenchia de confiança, de alegria e plenitude. Sinto medo de permanecer assim, separado da Tua Presença meu coração está sombrio e apertado: tenho também vergonha de Ti, de estar diante da Tua presença, assim tão separado de Ti, perdoa-me Pai, perdoa-me.

¹²⁵ Aquele que vivia no Éden, em harmonia com toda a criação de Deus, antes da tentação e da queda.

Certamente, desse gesto brotará no Jardim do Éden de cada coração humano uma imensa e restauradora saudade de estar, permanecer e viver na Presença de Deus, diante da qual findam-se o medo, a vergonha e o labirinto das justificativas, das acusações e dos deslocamentos de responsabilidades. Contudo, enquanto não dermos esse passo de verdade e de confiança na bondade infinita do amor de Deus, enquanto não partejarmos esse gesto em nossa alma, resta nos movimentarmos no estreito, sofrido e sombrio espaço criado pela auto-ilusão, a serviço de um sombrio projeto de manutenção do homem em ruptura com a Presença de Deus, no sacrário do seu coração:

- seja através dos ouvidos moucos, à pergunta feita por Deus a ele, e da não compreensão de que se essa pergunta foi feita por Deus, nesse momento, nela está a chave para a reversão dessa situação. *Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore que te ordenei que não comesses?*

É como se, através dessa pergunta, Deus estivesse a lhe dizer: Filho amado, já te deste conta do que aconteceu? De quem, em ti e fora de ti, conduziu-te a esta condição de nudez da tua veste Divina em que estás? A quem ouviste, Filho querido, a quem deste a tua atenção, a quem colocaste no lugar que antes tinhas reservado para a Minha Presença em ti? E por que fizeste isso, amado Meu? Porque quiseste comer do fruto da única árvore que te ordenei que não comesses? Por que não foste capaz de atender com satisfação e alegria ao único pedido feito por Mim a ti? Porventura, o amado não se plenifica e não se preenche em atender, por amor, ao único pedido daquele a quem ama? O que fizeste com nosso amor, que ele já não te preenche o coração e os dias, criando brechas por onde entram e se aninham as serpentes? Oh! filho do meu coração, mais que de tudo, é do amor e do amar que estás rompido. Volta, Filho, volta ao amor e ao amar!;

- seja através da dureza de um coração tornado pedra, que está presente na resposta dada por Adão a Deus - e ainda repetida cotidianamente pela grande parte dos homens viventes na Terra - na qual ele faz uma dupla acusação, ao próprio Deus e à mulher.

Disse o homem, então: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi. O homem Adâmico - onde quer que ele se encontre, no Éden ou dentro de nós - não consegue parar o automatismo que o leva a fugir do enfrentamento, em verdade, de si mesmo, e postar-se para *ouvir, com os ouvidos de ouvir*, à pergunta do Deus Misericórdio-

so. Não consegue também virar as costas à ilusão, e acolher nas suas entranhas à pergunta do Deus Salvador a indicar-lhe o caminho para a compreensão do que havia acontecido no Éden.

Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Por isso, não consegues responder com o coração de um filho que ama e confia à pergunta re-orientadora de teu Pai. *Comeste da árvore que te ordenei que não comesses?*

Imputa, então, ao outro, a responsabilidade pelo próprio ato, como fez Adão ao dizer: *a mulher que me deste por esposa*, foi ela a responsável pela minha desobediência. Via de regra, esse lúgubre discurso transforma-se em acusação: Tu és então responsável pelo que ela fez a mim, pois foste Tu que me deste, a ela, como mulher. Algumas vezes, conduz a pessoa, a colocar-se como vítima da situação: *foi ela quem me deu da árvore, eu só comi*. Em momentos de mais desequilíbrio, leva a pessoa a blasfemar: como podes oh! Deus, cobrar de mim pelo Teu erro! Tu me deste como esposa essa mulher! Tu deixaste a serpente nos tentar!

Tampouco é possível fugir da responsabilidade pelo próprio ato, atribuindo-a ao outro, como fez a mulher. *Disse o Senhor Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou e eu comi*. Ao agir assim, a mulher além de ter tentado isentar-se da responsabilidade pelo seu ato, colocou-se como pobre vítima enganada pela serpente. Tentava assim ocultar, de si mesma, e de Deus, tanto o seu gesto de desobediência ao que Deus tinha lhe ordenado, quanto o fato de que deu mais crédito à palavra da serpente do que à palavra de Deus. *Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal*.

Na base do ato da mulher de comer do fruto proibido, desobedecendo a ordem de Deus, se oculta o verdadeiro motivo da desobediência, ou seja, o desejo de poder Divino, um desejo de tornar-se igual a Ele, que foi acionado e nutrido pela promessa embutida na fala da serpente, quando disse: *no dia em que dele comerdes [o fruto], se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal*.

Não responsabilizar-se pessoalmente pelos atos de desobediência à Lei de Deus, e arrepender-se de tê-los feitos, significa comprometer-se com uma atitude estrategicamente voltada para manter ocultos os verdadeiros motivos da desobediência – no caso, cobiça do

poder de Deus - e preservá-los, portanto, intactos e atuantes. Quando uma alma age assim, naquele momento, ela está escolhendo preencher-se de si mesma e dos seus desejos de poder, e não da Presença pacífica e amorosa de Deus. O que acontece em seguida – justificativas, acusações, deslocamento de responsabilidades para os outros etc.- são apenas procedimentos para manter os desejos de poder do Ego preservados e intactos.

A escolha portanto, de não se responsabilizar pessoalmente pelos atos de ruptura com a Lei de Deus, impede a alma de entrar em contato com a substância do verdadeiro arrependimento, que naturalmente brota e cresce, no coração de todo aquele, que permite a si mesmo responder, em verdade, a pergunta localizadora de Deus a Adão - *Onde estás?*

3- *arrepender-se verdadeiramente de ter desobedecido a Deus, e ter agido no mundo, em confronto com a Sua Lei*, significa muito mais do que apenas – como falou Adão – sentir-se nu e com medo. Esses sentimentos, juntamente com outros – como remorso, autopunição, depressão, pânico– foram os que conduziram Adão a tentar esconder-se da Sua Presença, na viração do dia.

Para que o verdadeiro arrependimento viceje, é necessário que cada pessoa compreenda a importância do auto-conhecimento, criando assim, um espaço - tanto para si mesmo, quanto social, comunitário - para que a face libertadora do Deus espelho possa participar da construção da sua vida. É necessário que a pessoa, crie o hábito de fazer a geografia do seu momento anímico, localizando-se e, respondendo cotidianamente, a ontológica pergunta de Deus a Adão e a todos nós: *Onde estás?*

Só assim, uma pessoa pode tornar-se capaz de reconhecer seus erros sem culpas devastadoras, pedir ajuda, e partilhar sem melindres, as suas conquistas aos seus pares. Ao agir assim, brota no seu coração, o verdadeiro arrependimento, que vai clarificando e modificando as disposições de cada coração, tocado pela sincera vontade de não mais desobedecer a Deus, por amor e por amar, e não apenas por culpa ou medo.

Nesse sentido, o ato do arrependimento significa, já em si mesmo, o começo da regeneração, através da saudade de estar na Presença de Deus, que só brota no coração de cada homem, quando a alma escolhe, na maior parte das vezes pela exaustão, olhar em verdade, para a sua desobediência. *Olhar com os olhos de ver*, que são os olhos do coração, permite enxergar os mecanismos criados pelo Ego – tais como justificativa, acusação, deslocamento de responsabilidade etc.- para permanecer em ruptura com a Presença de Deus.

Permite, portanto, que através do arrependimento, o que significa renunciar aos mecanismos de poder do próprio Ego, brote o comprometimento e a entrega ao cultivo da presença de Deus e da prática da Lei do Amor, tanto para consigo mesmo, como para com o outro, e com ela a re-significação de valores, objetivos de vida, atitudes e comportamentos, em suma, o próprio estilo de vida. Significa, portanto, na Tradição Cristã, dar cumprimento às palavras de Jesus: *O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho.*¹²⁶

4 -*Regenerar-se*, ou seja, dar cumprimento às mudanças decisivas que demarcam um retorno a uma vida de obediência às Leis de Deus. Na fala de João Batista, citando o Profeta Isaías: *Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.*¹²⁷

Na fala de Jesus à mulher encontrada em adultério: *Mulher onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais.*¹²⁸ Quando esse momento acontece, e o retorno à Presença de Deus é colocado como projeto central na vida de alguém, a alma começa a ter sua vida conduzida pela prática da verdade, que significa, entre outras coisas, ser capaz de reconhecer e assumir a responsabilidade pelos próprios erros, e de arrepender-se sinceramente de tê-los cometido. Significa também colocar a prática do amor, que o espiritismo-kardecista chama de Caridade, no centro da vida – o que leva a alma, pouco a pouco, a sentir saudades de estar imersa e sustentada pela Presença de Deus no seu cotidiano. Praticar viver na Presença de Deus leva a alma, pouco a pouco, a tornar-se benevolente, misericordiosa, mansa e pacífica, portanto, capaz de dar frutos, renovando as promessas feitas por Jesus Cristo: *Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.*¹²⁹

5- *Frutificar*, ou seja, tornar-se *pescador de homens*, é, então, uma questão de tempo, para quem dá, em verdade, os quatro passos anteriores e constrói na alma o compromisso ativo de, a cada vez que se perceber fora da Presença de Deus, parar tudo e re-praticar os quatro passos já dados anteriormente : *localizar-se, responsabilizar-se, arrepender-se e regenerar-se*. Isso implica em optar por construir um estilo de vida e uma rotina que per-

¹²⁶ In BÍBLIA Sagrada, Evangelho de S.Marcos, cap. 1, v. 15.

¹²⁷ In BÍBLIA Sagrada, Evangelho de São Mateus, cap. 3, v.3.

¹²⁸ In BÍBLIA Sagrada, Evangelho de São João, cap. 8, v. 10,11.

¹²⁹ In BÍBLIA de Estudo de Genebra, Evangelho de São Marcos, Cap. 1. V. 17

mita e até facilite a prática desse compromisso ativo, e também eleger novas prioridades e fazer novas escolhas.

Em outras palavras, significa encontrar um jeito de viver, no qual a pessoa não se isole do mundo, mas pelo contrário, esteja ativamente presente dentro dele, como *o fermento dentro da massa*, mantendo sua identidade de *fermento*, à qual estão agregadas algumas qualidades e funções específicas, reconhecidas como necessárias e úteis por todos aqueles que desejam fazer pão. Implica também em não permanecer sozinho nessa caminhada, e sim ajuntar-se com outros que partejam os mesmos sonhos e construir com eles comunidades de vida e trabalho, nas quais cada caminhante encontra, tanto as forças de renovação na hora das tentações e das quedas ao longo do caminho, quanto as bênçãos nos momentos de celebração e alegria pelas vitórias obtidas sobre si mesmo.

Viver esse processo de reforma íntima, em busca de aperfeiçoamento moral, como um estilo de vida, significa então dedicar-se como prioridade a *localizar em si* o homem Adâmico, *responsabilizar-se pelos seus atos*, enfrentar, em verdade, as suas raízes na própria alma, *arrepender-se verdadeiramente dos atos cometidos* e, pouco a pouco, na bênção dos dias, ir *regenerando-se*. Ou seja, transformando o Homem Adâmico em um Homem Espiritual, capaz de *frutificar na prática do amor de Deus* para consigo mesmo e para com o outro, ou seja, na Caridade, assim definida pelo espiritismo-kardecista :

Amar ao próximo como a si mesmo; fazer para os outros o que quereíamos que os outros fizessem por nós, é a mais completa expressão da caridade, porque resume todos os deveres para com o próximo. Não se pode ter guia mais seguro a esse respeito, que tomando por medida do que se deve fazer para os outros, o que se deseja para si. Com qual direito se exigiria dos semelhantes bons procedimentos de indulgência, de benevolência e de devotamento do que se os tem para com eles? A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo; quando os homens as tomarem por normas de sua conduta e por base de suas instituições, compreenderão a verdadeira fraternidade e farão reinar, entre eles, a paz e a justiça; não haverá mais nem ódios nem dissensões, mas união, concórdia e benevolência mútua.¹³⁰

¹³⁰ In Kardec, (2000, p.144) 255ª Ed.

4. Olhar antropológico

Se examinarmos o engajamento das pessoas, que chegam na CEA-AMIC pedindo ajuda espiritual para seus problemas pessoais, como voluntárias no trabalho realizado por essa Instituição, através do modelo desenvolvido por Mauss (1991, p.163-170), poderíamos considerar que elas apenas deram o passo esperado em uma relação regida pelas obrigações de dar-receber-retribuir, e na qual os vínculos são regidos pelo princípio da dádiva e da reciprocidade.

Esse modelo, foi construído por Mauss a partir da observação da rede vincular de algumas tribos indígenas norte-americanas, nas quais os vínculos são permeados por idéias de “obrigação” e “compromisso”, e por práticas de retribuição que, ao mesmo tempo que tornam-se centrais na relação, alimentam os laços de dependência mútua entre as pessoas ligadas por interesses e necessidades.

Fernandes (1994,p.120/1), considera que na da cultura judaico-cristã, o comportamento do princípio da reciprocidade, sofre *uma variação importante*, uma vez que a dádiva é orientada para os pobres. Ou seja, o sacerdote ao fazer voto de pobreza, não tem nas doações retributivas dos fiéis, uma fonte de acúmulo de poder material, pois salvo as exceções desonrosas, apenas as recebe, para repassá-las aos pobres. Essa variação no princípio da reciprocidade, introduz não só um terceiro elemento em uma relação originalmente biunívoca, mas também, através desse terceiro elemento – os pobres - , introduz uma relação de pertinência entre o espírito da dádiva e o problema da desigualdade social. Isto implica uma re-significação da própria função do princípio da reciprocidade, uma vez que nas tribos norte-americanas, tanto o princípio da reciprocidade quanto o espírito da dádiva eram usados para demonstrar e regular as relações - inter-chefes-tribais – em uma esfera de manutenção de poder horizontal e temporal.

O princípio da reciprocidade e o espírito da dádiva, originalmente descrito por Mauss, sofrem uma re-orientação, quando lhes é agregado, uma experiência de espacialidade e temporalidade vertical e transcendente, característica da cultura judaico-cristã e, ainda mais especificamente, da cultura espírita-kardecista-cristã, que poderia ser traduzida nas seguintes palavras de Jesus: *Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu*

vo-lo teria dito.¹³¹ Essa re-orientação se concretiza através da relação de livre reconhecimento e submissão ao poder vertical e transcendente do amor de Deus.

Através dos homens que reconhecem e reorganizam suas vidas em torno da prática desse *amor a Deus sobre todas as coisas e, ao próximo como a si mesmo*, Deus opera Seu amor por todos os homens. A prática da Caridade é portanto, a expressão do pleno reconhecimento da filiação Divina e, dos vínculos fraternais n'Ele, especialmente frente aos pobres e desvalidos, para quem na cultura judaico-cristã aflui a dádiva, fruto da ação do princípio da reciprocidade.

A caridade judaico-cristã introduziu uma variação importante no princípio de reciprocidade. Orientou-a em primeiro lugar aos pobres, associando o espírito da dádiva ao problema da desigualdade. Isto não ocorria entre as tribos norte-americanas discutidas por M.Mauss.¹³²

A cultura judaico-cristã, nas palavras de Fernandes, também atribui *aos pobres um carisma especial*, o qual se torna bem visível na vinculação entre a divindade e a pobreza, concretizada por intermédio da vida de Jesus Cristo - *o Filho unigênito de Deus*. Além de nascer como filho de carpinteiro, veio ao mundo entre os animais, em uma estrebaria, porque não encontrou lugar para ser acolhido na casa dos homens. Essa inquietante *inversão cósmica*, realizada através de um Deus que nasce pobre, vai frontalmente de encontro à própria cultura judaica que esperava um rei, ou um descendente da casa real, como Messias. Essa *inversão cósmica*, chega ao *escândalo da cruz*, de acordo com Fernandes,¹³³ quando o Filho de Deus morre crucificado e humilhado pelos homens, entre dois ladrões, todavia em perfeita unidade com Deus, a quem pedia momentos antes de expirar: *Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem*.¹³⁴ Sua vida e Sua morte na cruz *impregnaram* de forma dramática a experiência da *pobreza de conteúdo místico*, uma vez que, além de ter

¹³¹ In Bíblia de Estudo de Genebra, Evangelho S. João cap. 14, v.2.

¹³² In Fernandes, (1994, p.120).

¹³³ In FERNANDES, 1994, p. 120 “A cultura judaico-cristã, no entanto, atribui aos pobres um carisma especial. O escândalo da cruz, inversão cósmica implicada por uma divindade que nasce e morre na condição de um homem pobre e humilhado, impregnou a pobreza de conteúdo místico e orientou a reciprocidade numa direção messiânica”.

¹³⁴ In BÍBLIA, de Estudo de Genebra, Evangelho de S. Lucas, cap.23, v.34.

nascido, vivido e morrido como pobre, trabalhou predominantemente com eles e para eles, afirmando, inclusive: *Em verdade em verdade vos digo, que um rico dificilmente entrará no reino dos céus.*¹³⁵

Quando, portanto, após a Sua morte, Seus apóstolos fundaram as *Casas do Caminho* e nelas atendiam aos doentes, famintos e desvalidos, continuaram a colocar a pobreza no centro das suas atenções. Quando hoje, modernamente, as várias Instituições, que atuam a partir dos ensinamentos de Jesus Cristo, praticam a Caridade, elas estão mantendo a pobreza no lugar carismático no qual ela foi colocada por Ele, agregando à tarefa de cuidar e zelar da pobreza *uma direção messiânica*, destinada a consubstanciar a salvação da própria alma. Fernandes, vê nesse ato um aspecto de positividade – mesmo considerando as funções sistêmicas a ele associadas – uma vez que *faz da pobreza e da desigualdade, um problema moral*, não nos deixando cair na acomodação e/ou na indiferença moral que nos leva a *ignorar a miséria alheia* e viver uma vida socialmente autista. Contrariamente, a prática da Caridade, além de realizar uma significativa ajuda pontual à necessidade de pessoas em estado de extrema necessidade, *puxa o fio do inconformismo moral e não o solta*, como o faz o tecelão que abraçou os ensinamentos morais trazidos por Jesus, ao colocar a urdidura no tear da vida, no qual, tecendo com os multicores fios com os quais expressa sua interioridade, vai construindo, pouco a pouco, o tecido da sua própria existência em Cristo, sob os auspícios do Novo Mandamento dado por Jesus: *que vós ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vós ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros.*¹³⁶

[..] Quaisquer que sejam as suas funções sistêmicas, à caridade não se negará um aspecto de positividade: faz da pobreza e da desigualdade um problema moral. Para além do que fazem de concreto (que, como se viu, é muito), as obras de caridade não nos deixam ignorar a miséria alheia. Entre as muitas interpretações possíveis sobre a miséria humana, a caridade puxa o fio do inconformismo moral, e não o solta. É pouco, talvez, posto que vago e elementar; mas é possível também que seja o principal, um princípio, um fio apenas puxado, livre ainda e sempre enquanto disposição

¹³⁵ In BÍBLIA, de Estudo de Genebra, Evangelho de S. Mateus, cap. 19, v.23

¹³⁶ In BÍBLIA de Estudos de Genebra, Evangelho de João, cap. 13, v. 34 –35.

moral, para a tessitura de outros desenhos.¹³⁷

Toda dádiva, feita a partir do lugar no qual prevalece a busca de aperfeiçoamento na sublime arte de amar o amor ágape, agrega uma *qualidade espiritual*¹³⁸, que envolve sensivelmente as pessoas envolvidas - por vínculos sutis e intersubjetivos - em nuances de virtudes que se desenvolvem junto com a prática da Caridade: *sentimento de benevolência, de justiça e de indulgência relativamente ao próximo, baseado no que quereríamos que o próximo nos fizesse*. Nessa pesquisa tomaremos como referência para nossas reflexões, os elementos trazidos por Fernandes (2000, p.120/1) acerca do princípio da reciprocidade e do espírito da dádiva dentro da cultura judaico-cristã, que acrescem ao conceito original criado por Mauss novas significações. Compreendemos, então, que a prática da dádiva dentro das circunstâncias descritas por Fernandes – cultura judaico-cristã - envolve mais que objetos, necessidades e obrigações, tornando-se portadora de uma qualidade espiritual entre as partes envolvidas: em termos cristãos, um vínculo de amor, em termos espíritas-kardecistas, Caridade.

Em concordância com Fernandes, compreendemos que o espírito da dádiva, dentro das relações de reciprocidade como originalmente descritas por Mauss (1991, p.163-170), sofre, através da proposta original do Cristianismo, uma re-orientação na direção messiânica, a qual torna-se especialmente aguda na proposta da Caridade, tal como compreendida pelo espiritismo-kardecista - *Fora da Caridade não há Salvação*. Esta proposta, além de orientar a dádiva em uma direção messiânica, associando a salvação da própria alma ao ato de colocar-se como um instrumento do amor divino – através da Caridade – na salvação da vida do outro:

- integra a dimensão espiritual e social, uma vez que, associando à dádiva uma qualidade espiritual a qual, segundo Fernandes, *opus cit.* 120/1, *estabelece um vínculo subjetivo entre as partes envolvidas - em termos cristãos, um vínculo de amor- vincula-a ao problema da desigualdade social, colocando os pobres e desvalidos como prioridade máxima para o direcionamento da dádiva espiritual;*

¹³⁷ In FERNANDES, (1994, p.121).

¹³⁸ In FERNANDES, (1994, p.122). “Nessa ótica, a dádiva envolve mais do que objetos, necessidade e obrigações. Ela é portadora de uma qualidade espiritual (ponto que M.Mauss acreditava ser universal) que estabelece um vínculo subjetivo entre as partes envolvidas - em termos cristãos, um vínculo de amor”.

- integra a dimensão pessoal e social, ao condicionar a prática da Caridade para com o outro (material e espiritual) à prática da Caridade para consigo mesmo, criando vínculos de amor no sentido cristão, entre as partes.

5. Olhar Educacional

Quem educa?

Educa a quem, por que educa, para que educa? Essas perguntas nos colocam frente a alguns aspectos delicados, pertinentes ao ato de educar. A depender da concepção de mundo e de homem, na qual o educador fundamenta a sua prática educacional, teremos respostas bem distintas e até bem opostas a essas perguntas, a exemplo das margens de um rio, que caminham paralelas ao longo do seu leito.

De modo geral, em uma dessas margens, encontramos uma concepção de educação mais proeminente na comunidade humana pós-moderna, e na qual o esforço educacional é direcionado para *treinar habilidades e competências*, dentro de uma perspectiva competitiva e individualista, que não estranha que a luta do homem contra o homem seja colocada como uma força propulsora do processo de aprendizagem. Um exemplo típico desse modelo é o funil do vestibular, no qual os jovens são conduzidos a viver um ritual de passagem para a vida adulta, marcado pelo acirramento do egoísmo, através de uma competição cega na qual a preocupação dominante é obter mais pontos nas provas, colocar-se na frente dos colegas e conquistar para si o direito de se matricular em uma das opções elegidas. Nesse modelo há uma preocupação dominante com o produto a ser conquistado e um descuido acentuado no que se refere ao processo percorrido para se obter esse produto. É semelhante às guerras, nas quais a conquista dos territórios cobiçados é feita a qualquer preço, deixando, contudo, atrás de si, um rastro de destruição, que sobrecarrega a alma com marcas traumáticas de uma competição embrutecedora, que lhes rouba a possibilidade de viver uma vida inspirada nos valores do espírito.

Na outra margem desse rio, encontramos uma concepção de educação na qual o esforço educacional é voltado para apoiar e instrumentalizar o desenvolvimento do potencial espiritual latente de cada ser, estritamente submetido e vinculado ao desenvolvimento moral alcançado por cada indivíduo. O objetivo central desse esforço educacional é o de

ajudar a cada indivíduo a viver a experiência de reconhecer-se como um espírito, e de viver como um espírito, em comunhão com a presença de Deus, nos mínimos detalhes do cotidiano. Um exemplo desse tipo de educação era aquela realizada, nos antigos templos de mistérios, e que ainda é a realizada em *ashrans e monastérios*, por distintas escolas iniciáticas, nos quais o neófito é separado da vida comum dos homens, tanto no sentido geográfico, quanto no sentido prático operacional, e, nesse mundo à parte dos homens e dos problemas materiais, sociais, psíquicos e espirituais da sua época, vivem um processo de iniciação em práticas avançadas da vida espiritual, passando a viver uma vida inteiramente devotada às tarefas do espírito, e circundada pelos votos de pobreza, castidade e obediência.

O objetivo do primeiro projeto educacional, que via de regra está secundado por uma compreensão materialista do mundo da vida e do homem, é, portanto, treinar habilidades e competências para ser um vencedor no mundo da matéria. O objetivo do segundo projeto, que via de regra está secundado por uma compreensão espiritual ou espiritualista do mundo, da vida e do homem - e aqui não nos referimos a nenhuma escola iniciática ou religião em particular, mas à ação complementar do conjunto de todas elas - é educar almas para se reconhecerem e viverem na matéria como espírito, e portanto, serem espiritualmente vencedoras .

É possível contudo, vislumbrar, mesmo que ainda em um território invisível, uma *terceira margem* - como nos fala Guimarães Rosa - nesse rio da vida. Nessa terceira margem, há um claro objetivo: o de educar almas, e de ajudar a cada pessoa a se perceber como um espírito eterno, e a tentar viver, como espírito, uma vida na matéria, plenamente comprometida com as questões e as dores e os sofrimentos do seu tempo. Para tal, nessa terceira e indelével margem do rio da vida, não se descuida também de desenvolver, tanto quanto seja possível, os dons e talentos que cada um trouxe consigo, compreendendo-se que: *Se Deus em seus desígnios vos fez nascer num meio onde pudestes desenvolver a vossa inteligência [ou qualquer outro talento ou dom] é que ele quer que dela useis para o bem de todos; porque é uma missão que vos dá, colocando em vossas mãos o instrumento com a ajuda do qual podeis desenvolver, a vosso turno, as inteligências retardatárias e as conduzir a Deus. A natureza do instrumento não indica o uso que dele se deve fazer?*¹³⁹

Nessa concepção, que podemos chamar de integrativa, espírito e matéria são com-

¹³⁹ In KARDEC, (2000, p.111) 255^a Ed.

preendidos como faces de uma mesma e única realidade, portanto, os dons e talentos trazidos pelas pessoas são considerados como instrumentos, recebidos pelo ser humano das mãos de Deus, para que ele possa servir do modo mais pleno, tanto à família biológica, quanto à família espiritual, à sua comunidade e à sua época. Compreende-se também, que a cada dom e talento manifesto em cada vida humana, sejam agregadas tarefas e missões específicas, que permitirão a cada um tornar-se um instrumento nas mãos de Deus, para que a lei do progresso se manifeste na terra, permitindo tanto o avanço material, quanto o moral de cada época.

Portanto, nessa compreensão integrativa da vida, o processo educacional favorável ao pleno desenvolvimento do ser humano não deve negligenciar a tarefa de desenvolver os dons e os talentos com os quais cada indivíduo já vem pré-direcionado por Deus para sua experiência encarnatória; deve, apenas, subordinar devocionalmente o desenvolvimento desses dons e talentos ao crivo das conquistas morais e espirituais, alcançado pelos indivíduos, de modo que os dons e talentos recebidos por todos não se desvirtuem - através de uma cega apropriação egóica dos mesmos - e possam, de fato, estar a serviço das missões a eles agregadas por Deus. Através dos dons e talentos que cada homem traz, e dessas missões a eles agregadas, Deus fala com cada época, e aponta caminhos para que a Lei do Progresso garanta a evolução da vida na Terra.

Também nessa compreensão de desenvolvimento humano, que integra espírito e matéria, não é necessário o isolamento geográfico praticado pelas antigas escolas de mistério e por algumas escolas iniciáticas ainda atuantes até os nossos dias. Bem ao contrário, é preciso estar entre os homens, convivendo com eles nas suas dores, sofrimentos e alegrias, como fez Jesus de Nazaré e também os seus discípulos. Contudo, é necessário um *certo* afastamento, mas não geográfico e sim moral, não externo, mas interno, do *velho homem ímpio*, que ainda carregamos conosco, herdado de nós mesmos e da nossa própria história de desobediência às leis de Deus, construída com as pedras do egoísmo, do orgulho e da vaidade, e com a argamassa da nossa impiedade.

É necessário também, ao mesmo tempo, dedicar-se a construir prioritariamente o *novo-homem* renovado pela prática da Lei do Amor, dentro de nós mesmos. Esse *novo-homem*, alimentado e fortalecido, então, pelas águas do amor divino, vai pouco a pouco crescendo na prática do bem e da verdade, e *sem pressa, mas com urgência*, vai se tornando

lentamente em uma *boa-nova*, em um testemunho vivo da vida em espírito para todos os que o cercam, um exemplo concreto de uma vida centrada na busca de tornar-se fiel à Lei do Amor. Nas palavras de Jesus de Nazaré, o *sal da terra*¹⁴⁰.

Como reconheceremos esse *homem novo*?

As instruções de Jesus aos seus discípulos, na Última Ceia foram as seguintes: *Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vós ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros.*¹⁴¹

Como tornar-se esse *novo-homem*?

João, o bem-amado discípulo de Jesus, nos deu na sua primeira epístola as seguintes instruções:

Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor. [...] Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado. [...] Deus é amor, e aquele que permanece no amor, permanece em Deus, e Deus, nele.

Nos ensinamentos trazidos e exemplificados por Jesus, através de sua própria vida, a prática do amor é o caminho indicado para experienciar Deus, compreendido como expressão máxima de toda a vida. Mas não somente Jesus apontou a prática do amor como caminho para o pleno desenvolvimento do ser. Sócrates e Platão, filósofos gregos, que viveram no século IV a C. e que são também considerados pela doutrina espírita-kardecista como precursores do cristianismo,¹⁴² compartilhavam dessa idéia, como nos mostra, por exemplo, o seguinte diálogo entre Sócrates e Alcebiades, relatado por Platão:

“Sócrates: *Aquele que ama a tua alma, este é que te ama.*

Alcebiades: *É evidentemente forçoso, nos termos da nossa tese.*

Sócrates: *Mas aquele que ama teu corpo, quando tua flor estiver murcha, não se vai para longe de ti?*

¹⁴⁰ In BÍBLIA de Estudo de Genebra, Evangelho de Mateus, cap. 5, v. 13.

¹⁴¹ In BÍBLIA de Estudo de Genebra, Evangelho de João cap. 13, v. 34, 35.

¹⁴² In KARDEC, (2000, p. 23) 255^a Ed..

Alcebíades: *É evidente.*

Sócrates: *Mas aquele que é amante da alma, esse não se afastará enquanto ela estiver no caminho de se melhorar.*

Alcebíades: *É, ao menos, provável.*

Sócrates: *Ora, eu sou aquele que não se afasta, aquele que permanece uma vez que o corpo perdeu a sua flor, quando todos os outros se foram!*

Alcebíades: *Isso é bom de tua parte, Sócrates! Possas não te afastares de mim!*

Sócrates: *Então, de todo o teu coração, esforça-te para ser moralmente o mais belo possível!”*¹⁴³

Modernamente, encontramos essa pedagogia do amor proposta nos escritos e exemplificada nas escolhas e atos, e, portanto, na própria vida de Pestalozzi, educador Suíço, que viveu entre 1746 e 1827 e sobre o qual encontramos escassez de bibliografia no Brasil.¹⁴⁴ Nas palavras de Pestalozzi sobre o amor, que é o tema central de sua pedagogia:

A manifestação do amor é a salvação do mundo! Amor é o que liga o globo terrestre. Amor é o fio que liga Deus e o homem. Sem amor, o homem está sem Deus, e sem Deus e sem amor, o que é o homem? (...) Não é homem – é inumano o homem sem Deus e sem amor.¹⁴⁵

Segundo Incontri, (1996, p.90), Pestalozzi confiava no amor como força divina, mantenedora e restauradora, tanto do mundo, quanto de cada indivíduo. Pestalozzi convivia, ainda, com a certeza da permanência inalterada em cada indivíduo, ao longo da vida – mesmo que escondida da própria percepção de cada indivíduo sobre si mesmo – de uma divindade interior, a exemplo de um dia sombrio, cujo céu encoberto de nuvens apenas esconde o brilho do sol, que continua inalterado atrás das nuvens. Contatar a divindade interior em cada criança, através de uma ação pedagógica, amorosa e restauradora. era a meta educacional de Pestalozzi. Nas palavras de Incontri, Pestalozzi afirmava com sua ação pedagógica: *a presença de um germe de perfectibilidade em nós – que garante a possibilida-*

¹⁴³ In PLATÃO, *Alcebíades*, 132c, d. apud Incontri, Dora, 1996, p. 89

¹⁴⁴ Na biblioteca da Unicamp, há um único título em espanhol: Como enseña Gertrudis a sus hijos, Pestalozzi, 1936, Espasa-Calpe, S.A.

¹⁴⁵ In INCONTRI, Dora, 1996, p.92, apud Pestalozzi, p.141 (5).

de do homem realizar-se moralmente, sobrepondo-se aos instintos e prescindindo da ação reguladora da sociedade.

Sustentado interiormente por essa crença, Pestalozzi, jogou-se de corpo e alma a tarefa de resgatar, através do *amor-pedagógico* junto aos órfãos de Stans,¹⁴⁶ a divindade interior vivente em cada um deles, e apenas adormecida, segundo suas crenças, pela rudeza e brutalidade das experiências vividas por essas crianças, em meio à extrema pobreza que as cercava e à guerra:

Confiante nas faculdades da natureza humana, que Deus colocou também nas crianças pobres e mais desprezadas, eu não tinha apenas aprendido em experiências anteriores que essa natureza desdobra as mais formosas potencialidades e capacidades em meio ao lodo da rudeza, do embrutecimento e da ruína, mas via, nas minhas próprias crianças, irromper essa força viva, em meio a toda a sua brutalidade.¹⁴⁷

A prática desse amor, tanto no sentido de como implementá-lo, como no sentido dos resultados alcançados através dele, foi, então, exuberantemente demonstrada junto aos 83 órfãos de Stans, uma vez que Pestalozzi extrapolou seu papel de professor e atuou junto a eles como uma devotada mãe, cuidando de seus filhos. Dava-lhes pessoalmente todos os cuidados que uma mãe dedicada precisa dar a seus filhos: alimento, banho, roupas limpas, e todos os demais cuidados pessoais de que precisavam, como curativo das feridas, limpeza de sarnas e piolhos, com os quais muitos estavam infestados. Além de tudo isso, ainda passeava diariamente com eles pelo campo, mantendo também a prática de uma conversa intimista na hora de dormir, com todo o grupo, revendo o dia e seus acontecimentos, de modo a embalar seus sonhos com uma compreensão acerca da convivência entre eles, ao mesmo tempo amorosa e construtora de valores morais.

Portanto, segundo Incontri, (1996,p.91,2,3,4), esse amor- pedagógico, proposto e praticado por Pestalozzi como instrumento de *salvação dos indivíduos e do mundo*, pode ser descrito por dois adjetivos: *materno e cristão*. “No livro ‘*Em como Gertrudes ensina*

¹⁴⁶ Instituto criado por Pestalozzi, para abrigar os órfãos do massacre de Stans:Jan. à Jun. de 1799.

¹⁴⁷ In Incontri, Dora, 1996, p.90 apud Pestalozzi, p.10 (1).

seus filhos”, Pestalozzi descreve o amor materno como ponto de partida para a fé em Deus para a religiosidade da criança. Ou seja, a mãe através de seus cuidados, de sua entrega, representa a Providência Divina junto ao filho e este só adquirirá a confiança na existência de um Deus amoroso, se esse amor divino lhe for demonstrado pela mãe”.

Ou seja, a criança precisa viver a experiência de se sentir amada incondicionalmente, para que os sentimentos resultantes dessa experiência conduzam-na naturalmente à busca de proximidade com a fonte de toda incondicionalidade amorosa, Deus. Pestalozzi acreditava que a mãe era, a pessoa mais privilegiada para oferecer à criança essa vivência de incondicionalidade amorosa, através da estreita e íntima relação vivida durante a gestação, o aleitamento, e os primeiros anos de vida, que facilitam, sobremaneira, a experiência da incondicionalidade amorosa presente no amor materno pela criança.

Pestalozzi acreditava, ainda, que esse amor incondicional, que naturalmente brota nas mães, pode também brotar em qualquer ser humano afinado com a prática do amor divino. Aliás, ele coloca a prática desse amor divino como condição para a realização de uma educação que permita à criança *o pleno desabrochar de suas potencialidades essenciais, visando a autonomia moral e a transcendência espiritual do homem.*

Apesar de toda a sua proposta pedagógica ancorar-se no modelo do amor materno, Pestalozzi, dirige-se constantemente às mães, no sentido de examinar reflexivamente o que é esperado delas na prática da maternidade:

...o que eu desejaria dela é somente amor reflexivo. É natural que eu ponha como primeira condição o amor, que sempre parecerá espontaneamente – apenas eu gostaria de supô-lo diversamente moldado. Tudo o que eu pediria a uma mãe, seria que ela fizesse operar seu amor com a maior força possível, e todavia o regulasse com a reflexão.¹⁴⁸

Segundo Incontri, Dora, (1996,p. 94), Pestalozzi propõe que a ação pedagógica se fundamente na imitação e no exercício do amor materno, e que transfira para a escola as relações familiares - como descrito nas Cartas de Stans¹⁴⁹ - mas, ao mesmo tempo propõe

¹⁴⁸ In INCONTRI, Dora, 1996, p. 94, Apud Pestalozzi, p. 17 (10)

¹⁴⁹ In INCINTRI, Dora, 1996, p, 140. Carta de Pestalozzi a um amigo, sobre sua experiência em Stans.

às mães que perpassem seu amor materno de racionalidade. Propõe, então, que os educadores expandam seu horizonte amoroso, no horizonte do amor materno, e que as mães permeiem seu amor pela reflexão, de modo a não praticarem um amor cego, incapaz de cumprir a real função para o qual é destinado o amor materno :

A formação elementar da natureza humana é a formação da espécie para o amor; obviamente, não para um amor cego, mas para o amor vidente.¹⁵⁰

Segundo Incontri, (1996, p.95) *o amor vidente*, como compreendido por Pestalozzi, é aquele que, além de acolher incondicionalmente cada pessoa que a ele é encaminhado pela maternidade biológica e/ou espiritual, é capaz de, ao acolher cada ser, identificar nele, *seus aspectos conflitantes, sua fragilidade, sua multiplicidade, sem perder de vista sua unidade essencial*. É também capaz de, como um dedicado jardineiro, cuidar de cada delicada floração, não só regando e enriquecendo a terra em volta dela, mas protegendo-a das possíveis ameaças que possam advir sobre ela, como o vento forte, as pragas, etc.

Só o *amor vidente* permite desvendar o homem e ajudá-lo a reconhecer-se como um ser múltiplo, que vive concomitante, interativa e, na maior parte das vezes, ainda inconscientemente, uma existência em distintos níveis : vida biológica, vida instintual, vida psíquica, vida social, vida espiritual. Só o *amor vidente*, por ser um lúcido e comprometido amor, é capaz de reconhecer e implementar as pontes necessárias de serem criadas entre a animalidade instintual, subjacente em todos os homens, e as aspirações e expressões sublimes e ternas do ser divino vivente em cada homem.. Nas palavras de Jesus sobre Madalena: *o amor cobre uma multidão de pecados*.

Nas palavras de Incontri, para Pestalozzi *o amor é o único acesso possível à divindade interior do homem, que é a primeira e mais íntima instância do ser – que garante a superação de todas as contradições*.

Não conhecemos o peso do amor, ele está em falta em nós mesmos. Não o vemos em nós e não o encontramos em nosso

¹⁵⁰ In Incontri, Dora, 1996, p.94, Apud Hulshoff, p.112 (30), Apud Pestalozzi

meio. E, no entanto, só por meio dele, o homem se eleva para a unidade interior do seu todo.¹⁵¹

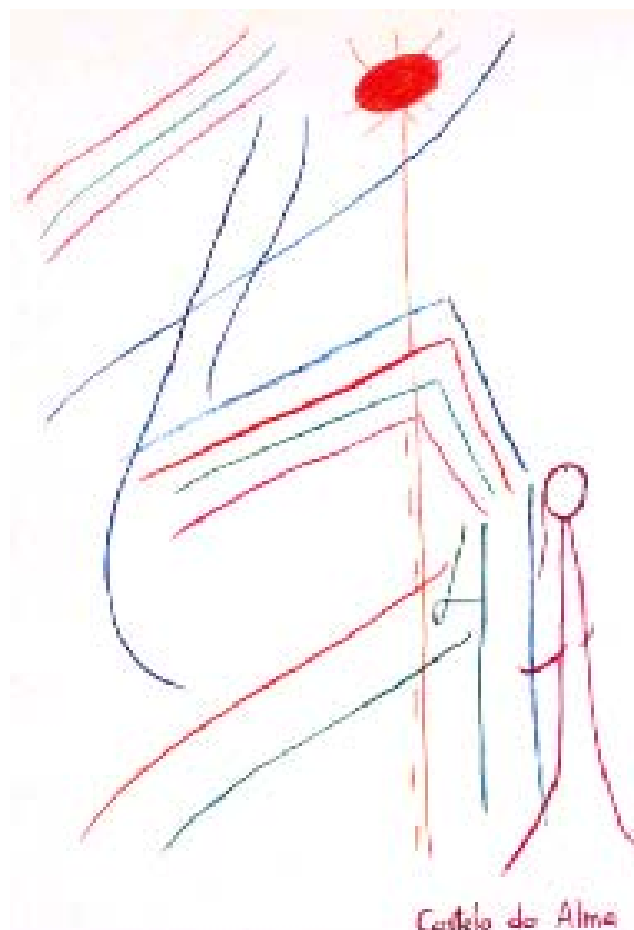
Fica mais compreensível todo o trabalho realizado por Kardec, e mais ainda a máxima – *Fora da Caridade não há Salvação* - por ele cunhada como insígnia orientadora para a prática do espiritismo-kardecista-cristão por ele iniciado, quando consideramos a herança que ele recebeu de Pestalozzi:

- *a manifestação do amor como a salvação do mundo,*
- *o amor como o que liga o globo terrestre, como fio que liga Deus e o homem,*
- *que sem amor, o homem está sem Deus, e sem Deus e sem amor, o homem não é homem, mas sim que é inumano,*
- *o amor como único caminho de acesso à divindade interior presente em cada homem.*

Fica mais compreensível que *o homem herda do próprio homem* se considerarmos, ainda, que Pestalozzi, com toda sua concepção filosófica da vida, concretamente investida nos atos e escolhas do dia a dia, foi o preceptor, professor e mestre de Kardec a partir de quando este tinha 10 anos de idade. Daí em diante, foi seu orientador e diretor, lembrando que Kardec mesmo enquanto estudante, tornou-se seu assistente junto aos alunos menores e que, depois, ao terminar seus estudos, tornou-se professor no Instituto Iverdon, onde estudou. Mais tarde, em Paris, continuou trabalhando com a Pedagogia consubstanciada por Pestalozzi.

Somente uma alma educada com esses valores seria capaz de compreender que só a Caridade, uma expressão concreta do amor divino na vida social, seria capaz de trazer, ao mesmo tempo, a cura para o organismo social e a cura para cada homem dos males do egoísmo, e de instalar na terra *a paz e a concórdia entre os homens de boa vontade*. Só uma alma assim formada seria capaz de romper os parâmetros materialistas do conhecimento, vigentes em sua época e, ao ouvir os espíritos, reconhecer na mensagem trazida por eles *um caminho para a salvação da alma para o homem contemporâneo, através do Cristianismo redivivo*.

¹⁵¹ In INCONTRI, Dora, 1996, p.95, Apud Pestalozzi, v.V p. 342 (15).



Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi e designei para írdes produzir frutos e para que o vosso fruto permaneça, de modo que tudo o que pedirdes ao meu Pai em meu nome Ele vó-lo concederá.

Jão, 15:16,17

CAPÍTULO II – Palavras e atos: A CEA-AMIC através de sua obra

A obra da CEA-AMIC é, toda ela, fruto da prática da Caridade fundamentada nos ensinamentos morais do Evangelho de Jesus Cristo, explicado pelos espíritos e codificados por Allan Kardec no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Apoiada nesses ensinamentos morais, a CEA-AMIC orienta toda a sua ação pelos seguintes princípios:¹⁵²

“A AMIC tem por finalidade promover a proteção à família, à infância, à adolescência e à velhice; e amparar às crianças e adolescentes carentes.

Não faz distinção alguma quanto à raça, cor, condição social, credo político ou religioso, aprovando a atitude ecumênica como proposta religiosa.

Cultiva uma relação homem a homem, *baseada* na solidariedade e na fraternidade, *construindo* assim um perfil sociológico comunitário.

É um órgão assistencial, todo ele fruto deste princípio caritativo ou amoroso que reúne as pessoas voluntariamente e as organiza na repartição dos bens segundo capacidade e disponibilidade de cada sócio amigo da criança.”

Orientada, então, por esses princípios, a obra da CEA-AMIC, iniciada com uma pequena ajuda prestada, em 1991, por uma professora a uma criança, sua aluna, que desmaiou de fome na sala de aula,¹⁵³ vem crescendo ano a ano, tanto no que se refere ao tipo de ajuda prestada pela Instituição, como na sua abrangência, contando em 2002, com as seguintes frentes de trabalho”:¹⁵⁴

1- S.O.S. FOME –tem como objetivo, ao minimizar a fome nas famílias em estado de miséria absoluta, atuar na prevenção dos problemas físicos-psíquicos-sociais decorrentes da fome, que vão desde subnutrição crônica, passando por variados graus de transtornos psíquicos, até graves intercorrências sociais.

¹⁵² In BOA NOVA, 161, p.67.

¹⁵³ Mais sobre o início e crescimento da CEA-AMIC, no Cap. II item 1: Memórias de uma voluntária.

¹⁵⁴ Foram aqui informados os dados contidos na última Ata da Assembléia Extraordinária Geral da AMIC, do dia 17/02/2002.

Na realização desse trabalho no ano de 2001 (com base nos dados parciais, contabilizados até a data da assembléia), foram distribuídas 51.572 cestas de alimento, atingindo um total de 4.500 famílias. Para tal, foram adquiridos pela CEA-AMIC: 85.000 kg. de arroz; 55.000 kg. de feijão; 26.000 kg. de fubá; 24.000kg. de macarrão; 42.000kg. de açúcar; 20.600 litros de óleo; 8.000 kg. de feijão banda.

No ano de 2001, foram distribuídas ainda :

40.200 cestas de verduras, legumes e frutas, e 3.048 litros de leite, visando a melhoria da alimentação diária das crianças e famílias atendidas.

Foi mantido, também, em funcionamento, durante todo o ano de 2001, o Rancho da Luz, que faz um trabalho de socorro emergencial à população, oferecendo diariamente café, leite e sopa para pessoas que estão em um estado de carência absoluta.

Ainda dentro do trabalho de minimização da fome, a CEA-AMIC, com base na ajuda de seus sócios, adquiriu o sítio Luz da Manhã, na região de Mogi-Mirim-SP no qual está sendo plantado feijão, milho, café, e inhame. Mantém também, através de seus voluntários, um trabalho contínuo de produção de pizzas, vendidas diretamente aos sócios interessados, cujos recursos são direcionados para o trabalho de minimização da fome.

A CEA-AMIC participou também, em parceria com a Faculdade de Engenharia de Alimentos da UNICAMP, de um evento voltado para o combate da fome - *S.O.S. Fome* - em Setembro de 2001, no Teatro Castro Mendes, Campinas-SP.

2.- S.O.S. CRIANÇA – seu objetivo é oferecer às crianças um ambiente acolhedor, protetor e amoroso, permeado por vínculos afetivos, à semelhança dos existentes em um ambiente familiar saudável, e onde as crianças possam permanecer em segurança - no período em que não estão na Escola, para aqueles que já estudam, e durante todo o dia para os demais - enquanto suas mães trabalham. Durante o tempo em que lá permanecem, recebem ajuda Pedagógica e participam de distintas atividades: esportivas (exercícios, caminhadas e jogos), artísticas (teatro, circo, pintura, modelagem, marcenaria), educação para a vida (oficinas de bordado, costura e doces) formação de valores (oficinas de leitura, reflexão e dramatização de textos e histórias com conteúdo moral), tendo ainda tempo para brincadeiras livres e associativas no espaço aberto, bem como para brincar no parquinho.

Na realização desse trabalho, a CEA-AMIC manteve em funcionamento os seguintes espaços:

- o Educandário Francisco Cândido Xavier (em homenagem) Unidade I, no bairro Village-Campinas, com funcionamento em período integral em 2001: nele funciona berçário e creche, os quais atendem diariamente 150 crianças de 03 meses até 14 anos. Manteve, para essas crianças 03 alimentações diárias e atividades educacionais diversificadas, adequadas para cada faixa etária, com base no trabalho doado por seus voluntários.

- o Educandário Francisco Cândido Xavier (em homenagem) Unidade II, no bairro Monte Cristo - uma das maiores ocupações de Campinas - funcionando em período integral. Há berçário e creche, que atendem diariamente, 200 crianças de 03 a 07 anos de idade. Também manteve, para essas crianças, 03 alimentações diárias, e atividades educacionais diversificadas, adequadas para cada faixa etária, com base em trabalho voluntário. Ainda dentro do trabalho de proteção à criança, a CEA-AMIC, através do trabalho de seus voluntários no Sítio Luz da Manhã, cuida e mantém a guarda de 5 crianças, irmãs, órfãs, que estavam na iminência de terem que ser separadas, pela adoção por famílias diferentes, ou de terem que ir para o exterior, onde seria mais fácil encontrar uma família que se dispusesse a adotá-las em conjunto.

A CEA-AMIC mantém também, nas manhãs de sábado, o trabalho de Evangelização para crianças de 04 a 12 anos de idade - inclusive as que não freqüentam diariamente os Educandários - , tanto no Village-Campinas como no Monte Cristo. Trata-se de um trabalho de formação de valores morais, através de oficinas de leitura, reflexão, pintura e dramatização de textos e histórias que tenham algum ensinamento moral, à luz dos ensinamentos morais encontrados nos Evangelhos de Jesus Cristo e, posteriormente, explicados pelos espíritos e codificados por Allan Kardec no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

A CEA-AMIC mantém também um trabalho com os jovens, divididos em dois grupos, sendo o primeiro formado por jovens até 14 anos de idade e o segundo por jovens de 15 anos de idade em diante. Nos dois grupos a ênfase é no trabalho de formação de valores, tanto através de oficinas de leitura, reflexão, pintura e dramatização de textos e histórias contendo algum ensinamento moral, quanto através de vivências de auto-conhecimento, experiências na natureza, e do aperfeiçoamento moral através da convivência fraterna e da prática da Caridade.

3- S.O.S SAÚDE DO ESPÍRITO, DA ALMA E DO CORPO – oferece a todos os que procuram na CEA-AMIC ajuda espiritual, para o restabelecimento da saúde - física-

anímica-espiritual - a oportunidade de receber três tipos de ajuda, compreendidas no espiritismo-kardecista como Caridade Pessoal:

- imediata, através dos tratamentos espirituais socorristas;
- a médio prazo, através dos esclarecimentos – recebidos nas preleções e nos Estudos realizados na Escola Emmanuel - acerca dos processos anímico-espirituais que subjazem à perda da saúde físico-anímica-espiritual, e das mudanças interiores necessárias para o seu restabelecimento;
- a longo prazo, através da orientação e do acompanhamento oferecido pela espiritualidade, para as pessoas que escolhem iniciar a sua Reforma Íntima, como é chamado no espiritismo-kardecista o trabalho de enfrentamento dos vícios morais, compreendidos como causa das doenças e dos desequilíbrios;

A pessoa que chega pedindo ajuda espiritual recebe, então, através de uma *consulta espiritual*, a orientação sobre os tratamentos espirituais pelos quais deverá passar, e por quanto tempo cada um. Esses tratamentos incluem a audição das Preleções, a água fluidificada, os Passes na Sala de Cura, os Passes de Captação na Sala Pasteur, e o Trabalho de Desobsessão.

Em seguida, a pessoa passa pela *entrevista espiritual de Orientação* pós-tratamento, na qual lhe é sugerido iniciar uma segunda etapa do tratamento, através da prática da Reforma Íntima, integrada à prática da Caridade para com o Outro, e pela participação na Escola de Evangelização da Alma. A prática conjugada dessas três atividades espirituais sugeridas às pessoas que terminam seus tratamentos iniciais na CEA-AMIC, faz parte do processo de consolidação e ampliação das conquistas de paz íntima, alcançadas ao longo dos tratamentos, e da restauração da saúde físico-anímico-espiritual.

Nem todas as pessoas, após os tratamentos iniciais na CEA-AMIC realizam nela a segunda parte, por motivos diversos. Estes vão desde o fato de morarem em outras cidades, não sentirem empatia com o jeito de trabalhar da CEA-AMIC, até o fato de já estarem anteriormente integradas em outra Instituição religiosa, não necessariamente espírita-kardecista. No entanto, elas são esclarecidas e orientadas para buscarem no seu ambiente geográfico (no caso de distância física), em alguma Instituição que lhes seja simpática, ou no seu ambiente religioso (no caso da pessoa já estar engajada em outra Instituição espírita-kardecista, ou em outra Instituição Religiosa: Católica, Budista, Brahmanista etc.), as con-

dições para a realização dessas três práticas: Educação Espiritual da Alma, Reforma Íntima e Caridade para com o Outro, que são práticas Universais – mudando apenas os nomes pelos quais as distintas Escolas de Iniciação Espiritual, a elas se referem - necessárias para a consolidação das conquistas de paz íntima. Na CEA-AMIC a Educação Espiritual da Alma, é realizada mais especificamente, através do Curso de Evangelização na Escola Emmanuel; a prática espiritualmente orientada na Reforma Íntima é particularmente realizada através de todas as vivências de auto-conhecimento e dos muitos momentos de instrução espiritual pelas entidades espirituais dirigentes dos trabalhos da CEA-AMIC; e a prática da Caridade para com o outro, é realizada pelo trabalho voluntário junto à população desvalida. Esse conjunto de práticas espirituais, que são realizadas integradamente, vai consolidando, pouco a pouco, as melhoras da saúde físico-anímica-espiritual alcançadas nos tratamentos iniciais realizados na CEA-AMIC, uma vez que propiciam o aperfeiçoamento moral que cada pessoa, ao longo desse processo.

A CEA-AMIC ainda oferece, tanto para aqueles que estão passando pelos tratamentos iniciais, como para aqueles que já são trabalhadores voluntários, um grupo de partilha, que tem como função amparar e ajudar a re-significar, com base nos princípios cristãos, as dores e sofrimentos vividos por cada pessoa, na busca de encontrar, através da ajuda dos participantes do grupo, e da oração, os caminhos de enfrentamento interior e pacificação das situações de sofrimento, propiciando assim a transformação de sofrimento em crescimento moral.

O crescimento moral vai permitindo à pessoa viver uma experiência de pacificação dos seus sofrimentos, mesmo quando não são obtidas as mudanças esperadas, relativamente ao motivo originalmente apontado como causa do sofrimento – na concepção espírita-kardecista compreende-se que algumas doenças e sofrimentos são de origem kármica¹⁵⁵ - em consequência de mudanças profundas obtidas em si mesmo e na forma de compreender o sentido, o significado, e o propósito dos próprios sofrimentos.

No ano de 2001 foram atendidas em torno de 15 a 20 pessoas novas, semanalmente, para os tratamentos espirituais iniciais, e mais o conjunto de pessoas que já estava em tratamento espiritual e deu continuidade ao mesmo ao longo do ano. Participaram das atividades da Escola Emmanuel mensalmente, um total de 200 voluntários, os quais também

¹⁵⁵ Doenças e sofrimentos de origem kármica: conseqüente de atos realizados em outras vidas.

estiveram envolvidos na prática da Caridade para com o outro, nos trabalhos assistenciais da CEA-AMIC, em variados graus de participação e comprometimento .

A CEA-AMIC mantém, também, através do trabalho voluntário, atendimento odontológico, acompanhamento Médico Homeopático (com doação dos medicamentos) e ajuda Terapêutica (corporal e psicológica) para as crianças que freqüentam o Educandário, e que necessitem desses cuidados, em paralelo .

Mantém, ainda, em funcionamento no Sítio Luz da Manhã, a Farmácia Marrano da Cunha, que produz - através do trabalho de voluntários - pomadas e xaropes, feitos com base em orientações e intercâmbio espiritual, para serem doados para a população necessitada. Em 2001, foram produzidos 18.625 potinhos de pomada e 828,25 litros de xarope.

A CEA-AMIC encaminhou, no ano de 2001, para tratamento em clínicas de recuperação, 4 pessoas que procuraram a casa pedindo ajuda para seus problemas de adicção, e acompanhou seu tratamento com visitas de apoio fraterno e/ou terapêutico, feitas por seus voluntários. No caso de uma dessas pessoas, a casa cuidou também, através de seus voluntários, durante 6 meses de internação, de sua filha que era, então, recém-nascida, e não podia ficar junto com a mãe na clínica.

4- S.O.S. ARTE - essa área do trabalho da CEA-AMIC tem se desenvolvido principalmente com os jovens e crianças. Mantém em funcionamento há 5 anos o Grupo de Teatro Eurípedes Barsanulfo, integrado, na sua maioria, por jovens, os quais num sistema cooperativo de trabalho – os jovens entre si, os jovens e os voluntários da CEA-AMIC, profissionais na área, todo o grupo em intercâmbio com a espiritualidade dirigente - montam, produzem e apresentam suas peças, sempre voltadas para oferecer ao público, de forma criativa, alimento para o espírito. No decorrer de 2001, foram montados 02 espetáculos – a *Ópera W. César* e a peça *Jésus a Jesus* - que foram apresentados em diversos Teatros de Campinas e Região. Além desse trabalho, o grupo de Teatro Eurípedes Barsanulfo mantém o Grupo de Clown que atua em diversos momentos, integrado aos trabalhos da casa, levando a mensagem de inocência e alegria, própria do clown. Também em 2001, foi oferecido pelos voluntários da CEA-AMIC, profissionais em Teatro, a todos os interessados: Oficina de Iniciação ao Teatro e Formação de Ator, Oficina de Formação de Clown, bem como orientação e acompanhamento dos grupos de Teatro com as crianças que freqüentam o Educandário.

Há também, o Coral Fé e Amor, integrado na sua maioria por jovens e crianças que cantam, toda Sexta-feira no Culto do Evangelho, músicas que trazem alimento para o espírito, e que também participaram, ao longo do ano de várias apresentações públicas, tanto nos eventos realizados pela CEA-AMIC, quanto em eventos para os quais são convidados. Há também um grupo de jovens músicos que, além de acompanhar ao vivo as apresentações do Coral, faz, a produção musical das peças teatrais, bem como atua como banda da solista do Coral que, em 2001, lançou em solo o CD *Fé e Luz*. Grande parte de todo o repertório musical cantado e tocado no coral, no teatro e no CD, é composto pelos voluntários da CEA-AMIC na área das artes, em parceria com a espiritualidade dirigente, sob inspiração. Todos os fundos levantados com a bilheteria dos espetáculos, cursos, bem como com a venda do CD, são direcionados para o trabalho de combate à fome.

Para as crianças, no Educandário, há também canto coral, oficinas de Circo, de Cerâmica e Aulas de música instrumental, através do trabalho de seus voluntários.

5 – S.O.S. PÃO da VIDA - essa área do trabalho da CEA-AMIC tem como objetivo oferecer aos interessados alimento para o espírito, através da edição de temas e dissertações em torno da Doutrina Espírita - *codificada por Allan Kardec e ampliada pela literatura de Emmanuel e André Luís, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier* -¹⁵⁶, e pela literatura do Espírito Amigo, através da psicografia e da psicofonia de Eliana Santos.

Para tal, mantém em funcionamento a Casa do Pão Editora, que através do trabalho de seus voluntários, publicou em 2001: na coleção Boa Nova, 6.394 unidades, outras publicações, 1986 unidades, o livro Flor do Pântano e Desobsessão 5.004 livros unidades, mensagens em fita K7 550 fitas unidades, CDs de música e orações 2.250 unidades, jornais e revistas 8.500 unidades. Todos os fundos arrecadados com a venda das publicações da Casa do Pão Editora, também são direcionados para o trabalho de combate à fome.

6 – S. O. S. A-FETO -é uma campanha realizada a partir dos jovens voluntários da CEA-AMIC, em defesa do direito à vida desde o primeiro dia, e não só no plano físico. São realizadas, pelos jovens, palestras nas Escolas e exposição de um filme, com imagens do que acontece com o feto dentro do útero em cada tipo de aborto, sendo feitas, então, reflexões

¹⁵⁶ Texto encontrado na capa interna da Coleção Boa Nova: preleções feitas à cada sexta-feira, pela espiritualidade - através da Psicofonia de Eliana Santos - na abertura do Culto do Evangelho, e editadas pela AMIC - Casa do Pão Editora, com fundos revertidos para o SOS FOME -AMIC (em Dez./2002 foi editada a Boa Nova, nº 272) .

sobre o direito de cada um à vida. Mensalmente, também, é realizada na CEA-AMIC uma vibração pelos abortados, compreendendo-se o aborto como todo gesto que interrompe a manifestação da vida: o aborto dos sonhos, o aborto da paz, o aborto da cooperação, o aborto do respeito, o aborto da amizade, o aborto da solidariedade etc. Ou seja, o aborto dos horizontes de esperança, através dos quais a vida em seu multifacetado arco-íris de possibilidades, oferece ao espírito a oportunidade de desfrutar a riqueza da vida na matéria, o encantamento de uma vida afetiva fecundamente centrada no aconchego da ternura amiga, a experiência de vôo no pensamento pelos espaços infinitos do Universo, contemplando a Criação, a percepção de si mesmo como um espírito eterno, criado à imagem e semelhança de Deus, destinado, portanto, a transformar o que parece utopia em realidade cotidiana. Uma vez ao ano, no segundo Domingo de Maio, é feita uma caminhada silenciosa pelo direito à vida, no centro da cidade de Campinas, reunindo todos os simpatizantes desse movimento.

7- S.O.S. DIREITO AO SONHO E À FANTASIA - A comunidade CEA-AMIC realiza, anualmente, alguns eventos de celebração:

- *Festa da Criança*: em fins de Setembro, cada trabalhador voluntário da CEA-AMIC, bem como os freqüentadores, simpatizantes e colaboradores (homens e mulheres) são convidados a fazer um bolo com suas próprias mãos, e ajudar na montagem, recheio e decoração (cada ano é escolhido um tema) de um grande bolo (em torno de 12 metros de comprimento por 1 de largura) dedicado às crianças. Elas vivem aquele momento de sonho, e fantasia misturado com muita doçura, acompanhado de música e de oração. Em seguida é feita a distribuição de fatias do bolo a todos os presentes. Em 2001, essa festa já foi realizada no Monte Cristo, reunindo cerca de 5.000 pessoas vindas da periferia de Campinas e Região, bem como todos os voluntários da CEA-AMIC.

- *Noite Beija-flor*, em Novembro, na qual as/os jovens de 15 anos da CEA-AMIC fazem seu *ritual de passagem* frente à comunidade, através da dança de uma valsa à meia-noite, coroando a festa. As artes se reúnem através de apresentações de grupos de teatros, músicas, dança, exposição de pintura, xilogravura, escultura etc., de vários artistas de Campinas e regiões circunvizinhas, interessados em colaborar com o trabalho social da CEA-AMIC. Em 2001, participaram da Noite Beija-flor em torno de 500 pessoas e, como em

todos os anos, os fundos levantados com a venda dos ingressos e a venda das peças de arte doadas pelos artistas, foram direcionados para o trabalho de combate à fome.

- *Festa de Natal*, em Dezembro: em que se reúnem milhares de pessoas vindas da periferia de Campinas e Região com os voluntários da CEA-AMIC, para um saboroso almoço no qual se celebra a fraternidade entre os homens. Além do almoço, é realizada uma oração ecumênica, celebrando os pequeninos e humílimos gestos de paz na Terra entre os homens, precedida da apresentação do Coral que, através da música, vai tocando o coração dos presentes, para a oração. Há 7 anos as crianças têm recebido como presente, da comunidade de freqüentadores da CEA-AMIC, a chegada do Papai Noel de Helicóptero. quando inicia-se a distribuição de brinquedos novos para as crianças. Em 2001, foram distribuídos 12.000 brinquedos, todos embrulhados em papel de presente, para deixar nas crianças, memórias de cor e de amor concreto: os presentes são embrulhados um a um pelos voluntários. Para ajudar na compra dos brinquedos, a CEA-AMIC realiza, nos meses de Novembro e Dezembro, a Oficina São Francisco: seus voluntários se revezam, e mantêm ao longo do dia, um grupo, na praça da Matriz, Centro de Campinas, pedindo a colaboração da população para a compra dos brinquedos para as crianças. A Oficina se chama São Francisco, pois se propõe a praticar a atitude franciscana, indo às ruas pedir em lugar das crianças, para que elas não precisem ir, e para que possam sentir que não estão sozinhas, que muitos doaram um pouco do seu, para que elas também tenham direito ao sonho e à fantasia.

8- **S.O.S. MORADIA** - a CEA-AMIC presta, através do Projeto Manjedoura, auxílio a pessoas que estão com dificuldades quanto à moradia. Em 2001 prestou auxílio para reformar uma casa em situação precária, auxiliar no pagamento de mensalidades da COHAB, auxílio para pagamento de luz e água. Mantém também o Abrigo Maria de Nazaré, onde são acolhidos irmãos que, por algum motivo, perderam seus espaços de moradia - os abrigos estão instalados ao lado de residências de irmãos que fazem parte da comunidade CEA-AMIC - por um período de um ano, enquanto reorganizam suas vidas.

9- **S.O.S. MURALHAS** - através de seus voluntários, a CEA-AMIC, visita encarcerados, levando para eles o bálsamo da palavra amiga, e ainda o auxílio jurídico, através da revisão de causas. Em 2001, foram feitas visitas mensais a reeducandos no Presídio de Itirapina e no Segundo Distrito Policial de Campinas, onde foram entregues 480 jumbos (material de higiene pessoal). Mantém também um serviço de resposta a cartas de presos. O atendi-

mento jurídico, nesse ano, se estendeu também para pessoas que precisavam solicitar pensão e aposentadoria.

10- **S.O.S. VESTES**- a CEA-AMIC através de seus voluntários, realiza um trabalho de preparação e distribuição de enxovais de bebês, atendendo aos recém-nascidos em suas necessidades de roupas e objetos básicos. Em 2001, foram distribuídos 687 enxovais. Mantém ainda um serviço de distribuição de roupas - que são recebidas em doação - para a população assistida. No decorrer do ano de 2001, foram distribuídas 19.215 peças sendo 6235 para homem, 7.789 para mulheres, 4.352 para crianças, e 839 outros. Juntamente com as roupas, foram também distribuídos objetos diversos, tais como utensílios domésticos, eletrônicos, material escolar, brinquedos e móveis também recebidos em doação.

11- **S. O. S. RENOVAÇÃO DO TRABALHO** - a CEA-AMIC vem fazendo ao longo dos anos, algumas experiências de renovação no trabalho, tais como:

- *Feira Belém*: dentro de um sistema de ajuda mútua 100 mulheres e homens se reúnem para limpar e preparar cestas de verduras, que são levadas pelos voluntários, para as pessoas que as comprem da Feira Belém, a preço normal de mercado, e que, ao fazerem essa opção, financiam, através do que seria o lucro, duas cestas que são distribuídas gratuitamente.

- *Cantina Belém*: também no do sistema de ajuda mútua, são produzidos e vendidos por e entre os próprios voluntários, lanches, doces e bolos, e os lucros são divididos entre os trabalhadores e a CEA-AMIC, e direcionados para o trabalho de minimização da fome.

- *Restaurante Pão da Vida*: em sistema de parceria, com uma casa de produtos naturais, a CEA-AMIC iniciou o funcionamento, no ano de 2001, de um restaurante, criando um espaço de trabalho e de geração de recursos, também direcionados para o trabalho de minimização da fome.

- *Geração de renda*: a CEA-AMIC iniciou um trabalho de captação e organização de trabalho terceirizado, possibilitando a obtenção de alguma renda para pessoas humildes que estão sem trabalho.

12 - **REDE DE AMOR** - é toda ela fruto do gesto espontâneo das pessoas que simpatizam com o trabalho da CEA-AMIC e se interessaram em participar da sua obra, e vão se engajando em alguma das frentes de trabalho. Ao se engajar em alguma atividade já começam a participar da Rede de Amor, doando parte do seu tempo, seus talentos e suas habilidades.

Normalmente acontece que a pessoa vai se comprometendo coracionalmente com o trabalho, sente de perto as necessidades das pessoas e começa, então, a sentir vontade de ajudar, dentro das suas disponibilidades, tanto de tempo, como financeiras. Via de regra, começa a contar as experiências renovadoras que está vivendo - de expansão coracional, e as descobertas acerca da vida e de si mesma, relacionadas com a prática da Caridade - no seu ciclo de amigos. Pouco a pouco, essa atitude, vai transformando essa pessoa em uma espécie de catalisador dos recursos – seja tempo, talentos, habilidades, recursos financeiros etc. - possíveis de serem doados pelo círculo de pessoas no qual aquela pessoa esteja inserida, para a rede de amor. Com o tempo, observamos, que essas pessoas que começam a contribuir, acionadas inicialmente, por alguém que está pessoalmente participando como voluntário da obra da CEA-AMIC, começam aos poucos – em função das mudanças positivas que vêm acontecer na vida da pessoa que lhe falou do trabalho e as convidou para contribuir - a se interessar em conhecer de perto aquela experiência, se aproximam e, na grande maioria das vezes, terminam também se vinculando ao trabalho em distintos graus de comprometimento. Nesse momento todo o conjunto de passos que trouxe aquela pessoa até a CEA-AMIC, começa novamente a ser vivido em um outro ciclo de amigos e, assim, sucessivamente.

A Rede de Amor é, portanto, composta de pequenas redes, formadas por círculos de amigos, interconectadas entre si, em torno do ato da Caridade, e chamadas de sócios da AMIC. A Rede de Amor, então, além de receber a doação espontânea do que quer que seja que a pessoa queira doar e que seja útil e necessário para os assistidos – seja tempo, talentos, habilidades, alimento, roupas, objetos etc – recebe também dos seus simpatizantes e sócios, que queiram e possam doar, contribuição financeira para sustentação das várias frentes de ajuda prestada pela CEA-AMIC à população desvalida.

Na obtenção de recursos para sustentação das suas várias frentes de trabalho, a CEA-AMIC conta ainda com a ajuda:

- Coleta de Rua ao longo do ano: feita por alguns voluntários que formam uma rede de contribuintes de alimento, e que passam mensalmente nessas casas para coletar a doação.
- Barraca na Praça de Artesanato: que vende roupas - produzidas pelo grupo de Costura da CEA-AMIC - com preços oferecidos pelos compradores, visando também uma renovação das relações comerciais.

- Bazar no Bairro: de objetos novos, doados para esse fim, também com preços estabelecidos pelos compradores, objetivando uma pequena experiência de renovação das relações comerciais.
- Produção e venda de pizzas: realizadas ao longo do ano por um grupo de voluntários, e vendidas todas as sextas - feiras, às pessoas que freqüentam a CEA-AMIC, ou em Campanhas, quando se vende para um ciclo mais ampliado de pessoas, com o apoio de alguma outra Instituição ou iniciativa, tais como escolas, congressos, feiras etc.;
- Subvenção municipal destinada a ajudar a sustentação do trabalho em período integral, com as crianças de 03 até 07 anos, e que correspondeu, no ano de 2001, a cerca de 15% do total da receita obtida pela CEA-AMIC, através de todas as doações, campanhas e outras atividades - Artísticas, Publicações da Editora, bem como de alguns projetos de Ajuda Mútua e Parceria - geradoras de recursos para manutenção das várias frentes de trabalho assistencial em funcionamento, especialmente para a minimização da fome e para os Educandários.

Apesar de serem necessários recursos, e muitos, para a manutenção de todas as frentes de trabalho em funcionamento na CEA-AMIC, esses recursos são obtidos através de um gesto de comprometimento individual e coracional com o ato de ajudar, o que agrega à relação fria e utilitária com o dinheiro - tão comum nos nossos dias - um sentido e um valor novo e humanizado, que conduz para um caminho de re-significação pessoal, da própria relação do doador com o dinheiro. A pessoa que passa pelo processo de sensibilizar-se e comprometer-se em ajudar uma obra como a da CEA-AMIC, ou porque sentiu-se tocado pelo trabalho realizado, ou por passar a conviver, através do trabalho voluntário, um pouco mais de perto com pessoas totalmente desprovidas de recursos, começa naturalmente a pensar, e a pesar como e no que está gastando os recursos financeiros de que dispõe.

Essa experiência começa, pouco a pouco, a operar mudanças nas tão corriqueiras relações com o consumo de supérfluos, e a levar a pessoa a fazer novas escolhas pessoais perpassadas por uma re-significação amorosa do lugar reservado para o outro em nossas vidas. Especialmente do lugar reservado para aquele outro que foi colocado pela sociedade - organizada com base no egoísmo pessoal e na competitividade voltada para obtenção de lucros - no lugar de *Pessoa ou População Carente*, como se a palavra carente terminasse

nela própria e não trouxesse, no seu âmago, tanto a indagação transitiva - Carente do quê? – quanto a de causa – Carente por quê?

Também como se essas perguntas pudessem nos levar a algum outro lugar, que não fosse à constatação de que a população chamada carente, na verdade é o fruto amargo do nosso egoísmo enquanto comunidade humana, sociedade, uma vez que a condição em que se encontra - de privações que mais se assemelham às existentes nas situações de guerra - é consequência de um estado de absoluta ausência das condições mínimas necessárias para a experiência de uma vida mais digna e mais humana, ou seja, carência de alimentação, saúde, habitação, educação, respeito, afeto etc

É nesse espaço, tão característico da pós-modernidade, marcado pela indiferença e pela frieza entre os homens, principalmente frente àqueles que compõem os extratos mais carentes da população, que a Caridade se revela como um caminho de cura, tanto pessoal quanto social; seja através do resgate individual da sensibilidade frente a dor do outro, ou seja, através da reconstrução das relações homem a homem, povo a povo etc., a partir de sentimentos renovados de fraternidade e ternura amiga. Nas palavras do Espírito Amigo:

“Infelizmente, grande parte da população presente, hoje, na Terra, associa caridade com doações monetárias, reduzindo as doações monetárias quase sempre ao supérfluo de suas mesas, quando não destroem o princípio pelo qual o homem pode chegar a Deus: sou a reta principal que conduz a Deus – caridade - reduzindo caridade à ajuda material, esquecidos de que a verdadeira caridade, ela é a presença amorosa da fraternidade, da ternura!”¹⁵⁷

1. Memórias de uma voluntária

No início de 1995 mudei-me, juntamente com minha família, para Campinas – estava morando em outro Estado - tendo como motivação central da minha parte, nessa decisão familiar, a possibilidade de participar de perto e de dentro do trabalho realizado pela CEA-AMIC, o qual desde o seu nascimento, eu acompanhava com muito interesse, mesmo estando fisicamente longe.

¹⁵⁷ In BOA NOVA, 161, p. 7 e 8.

Provavelmente por ter feito parte ativa, da geração que entre os anos 60 e 70 viveu parte da adolescência e da juventude comprometida, politicamente, com as questões sociais sentia nos anos 90 que, na prática social que o trabalho da CEA-AMIC concretizava, estava em curso uma síntese, sonhada ardente e sofredamente por essa geração da qual fiz parte,¹⁵⁸ quiçá, por toda uma época.

A partir dessas referências sociais, que estiveram fortemente presentes na minha geração e, até das rupturas feitas mais tarde com elas, essa geração, fez um percurso biográfico que incluiu uma participação contínua em atividades associativas de distintas naturezas¹⁵⁹ - Aos meus olhos, a CEA-AMIC realizava, e continua realizando, um casamento de rara beleza entre distintas categorias da experiência humana, dificilmente encontradas juntas na Terra. A partir desse casamento, alinha e re-significa essas categorias, numa perspectiva multifacetada e integrativa, que opera, simultaneamente, em várias dimensões: individual, social, ecumênica, ecológica, teocêntrica e cosmocêntrica.

O trabalho realizado pela CEA-AMIC, integra práticas, como:

- práticas sociais (distribuição de cestas, roupas, remédios, alimento pronto);
- práticas espirituais (oração, preleções, tratamentos espirituais, instruções);
- práticas anímicas (reforma íntima, vivências de auto-conhecimento)
- práticas intelectuais (estudo científico, filosófico, teológico);
- práticas educacionais (com as crianças nas creches, na evangelização);
- práticas artísticas (coral, grupo de teatro, grupo de *clown*, grupo de circo);
- práticas comunitárias (festas, eventos, caravanas, partilhas);
- práticas na natureza (vivências diurnas e noturnas, retiros);

Do período inicial, entre 1990 e 1994, durante o qual morava em outro estado - guardo algumas memórias, construídas através de conversas por telefone e de algumas pou-

¹⁵⁸ A geração que era adolescente entre os anos 60 e 70, cheia de sonhos de busca de um mundo melhor, e muitos dela, terminaram no exílio, muitos morreram nas guerrilhas rurais ou urbanas, ou nas prisões.

¹⁵⁹ Essa geração a qual estou me referindo, após romper com as referências político partidárias a partir das quais viveram e fizeram suas escolhas na juventude, empreenderam uma busca de si mesmas, que os levou a viver experiências associativas de distintas naturezas. No meu caso, incluiu, entre várias outras coisas : participar de vários projetos de educação através da arte, na periferia de Salvador, fazer teatro amador, morar em uma aldeia remanescente de índios pataxós, no Sul da Bahia, trabalhando com a pedagogia Freinet, morar em uma comunidade espiritualista em Cusco-Peru, conhecer Findhorne (uma experiência modelo, de vida comunitária na Escócia), estudar e praticar, por 5 anos Meditação Tibetana, estudar Psicossíntese na Inglaterra, estudar distintas terapias Antroposóficas (Terapia Artística, Psicologia Antroposófica, Prática do Processo Biográfico, Massagem Rítmica, Banhos e Compressas), e atuar como psicoterapeuta nos últimos 20 anos.

cas cartas trocadas com sua fundadora, Eliana Luis dos Santos.¹⁶⁰ Esse contato me deu a oportunidade e a alegria de acompanhar, mesmo de longe, o nascimento da Associação dos Amigos da Criança – AMIC. Me recordo particularmente de uma dessas cartas, na qual sua fundadora contava as circunstâncias do nascimento do trabalho que mais tarde veio a se chamar AMIC e convidava os amigos para se integrarem a uma rede de solidariedade, que se propunha a ampliar e manter a ajuda – que já estava sendo doada - a um grupo de crianças que estava passando necessidades. Contava também que uma criança, sua aluna, havia desmaiado na sala de aula e que, depois de atendê-la na situação imediata, descobriu que ela tinha desmaiado de fome, pois estava passando por necessidades: seu pai tinha sido assassinado e sua mãe estava desempregada. Pegou, então, alguns alimentos de sua dispensa e deu-lhe para levar para casa.

Contava que, nos dias que se seguiram, outras crianças também necessitadas, foram chegando, trazidas pela primeira; como não tinha mais como atendê-las com os recursos de que dispunha, pessoalmente, estava compartilhando com alguns amigos, através daquela carta, o que estava acontecendo, com alguns amigos, e pedindo ajuda para não deixar de atender aquelas crianças. Outras crianças passando necessidades continuavam a chegar, pedindo ajuda. Aquele grupo de amigos repetiu a resposta originalmente dada pela fundadora da AMIC e, cada um foi pedindo ajuda - no seu ciclo pessoal de amigos – para acudir as crianças em dificuldades que continuavam a chegar. Nasceu assim a AMIC.

Um dia esse grupo de amigos se reuniu para encontrar um nome para o trabalho: “Cada um foi falando o que sentia, o outro ia complementando, até que surgiu um nome, Associação dos Amigos da Criança-AMIC, que todos sentiram expressar a essência daquele trabalho que estávamos fazendo: ser amigos das crianças.”¹⁶¹

Associação dos Amigos da Criança, ou seja, daqueles que agem como amigos da criança. Ser amigo da criança e zelar de forma concreta pela sua integridade, seja ela física, afetiva, espiritual. Trabalhar e cuidar para que não falte o alimento físico, mas para que não falte também o alimento da alma, o direito ao sonho, à fantasia, à inocência, nem o alimento do espírito, a confiança na vida, o amor, a verdade. Esse era e é o sentido e o propósito.

¹⁶⁰ Mais sobre o nascimento da AMIC, e as concepções que orientaram o seu desenvolvimento, ver entrevista com Eliana Santos publicada no Correio Popular de Campinas, em 19/06/02, no Anexo 7.

¹⁶¹ Relato verbal, feito por uma das voluntárias da AMIC, que esteve presente neste encontro.

sito da AMIC, que se define como “uma associação beneficente, de cunho assistencial, mantida basicamente por doações de voluntários.”¹⁶²

Antes do nascimento da AMIC, Eliana, sua fundadora - que há anos era médium no sentido espírita-kardecista - fazia, por telefone, *atendimento espiritual*¹⁶³ a pessoas que passando por momentos intensos de sofrimento íntimo, procuravam-na em busca de orientação dos *guias e instrutores espirituais*¹⁶⁴. Um dia, uma pessoa do bairro bateu à sua porta, pedindo uma *reza que a curasse e o atendimento espiritual* foi, então, feito pessoalmente. A notícia espalhou-se rapidamente entre a população sofrida do bairro, que começou a chegar e pedir ajuda espiritual para o seu sofrimento, tanto do corpo como da alma. Nasceu assim a Casa do Espírito Amigo- CEA, no bairro Village-Campinas.

As pessoas de Campinas e região que já recebiam ajuda por telefone – alguns frequentavam outras casas espíritas – manifestaram o desejo de estar mais perto, de participar e, assim, inicia-se, num quatinho nos fundos da casa de Eliana, o atendimento aberto à população. Este atendimento a população, que se mantém até hoje nas noites de sextas-feiras inicia com o *Culto do Evangelho*¹⁶⁵, e é seguido pelas *consultas espirituais, os passes e os tratamentos*.

Casa do Espírito Amigo,¹⁶⁶ foi o nome inicialmente dado a esse trabalho – cuja finalidade é acolher e ajudar a pessoas passando por sofrimentos e necessidades tanto materiais como anímico-espirituais - pela *entidade espiritual*¹⁶⁷ dirigente desta casa, à sua *médium fundadora e dirigente*¹⁶⁸ Eliana Luiz dos Santos. Recordo também ter ouvido, inúmeras vezes ao longo dos anos, da entidade espiritual através da *psicofonia*,¹⁶⁹ frases mais ou

¹⁶² In Boa Nova 161 p. 62 a 67.

¹⁶³ É um trabalho de acolhimento e de tratamento espiritual para o sofrimento físico, anímico e espiritual, feito por telefone. Foi iniciado há mais de 10 anos, por Eliana dirigente da CEA-AMIC, que hoje realiza esse trabalho com mais 25 voluntários, sob o nome de FIO da FÉ, através da linha (019)-31876766.

¹⁶⁴ Guias e instrutores espirituais- entidades espirituais que oferecem àqueles que procuram, consulta espiritual, toda sexta-feira, após o Culto do Evangelho, em sessão aberta ao público, na Casa de Oração Fé e Amor, no Bairro Village, em Campinas-SP.

¹⁶⁵ In Xavier, 1994, p. 101) Culto do Evangelho - é a fonte real da medicina preventiva, sustentando as bases do equilíbrio físico-psíquico.

¹⁶⁶ A Casa do Espírito Amigo, recebeu da espiritualidade dirigente - quando mudou-se para a sede construída para o atendimento espiritual, pelos voluntários - em 2000, o nome de Casa de Oração Fé e Amor.

¹⁶⁷ Entidade Espiritual dirigente - um espírito que tem a tarefa de dirigir os trabalhos da Casa.

¹⁶⁸ In KARDEC, (1944b, p. 480) Médium: Pessoa que pode servir de intermediária entre os espíritos e os homens.

¹⁶⁹ In KARDEC, (1997, p.112) Psicofonia: Transmissão do pensamento dos Espíritos pela voz de um médium falante.

menos assim:

“Casa do Espírito Amigo, um amigo anônimo nos momentos difíceis.”

“Casa do Espírito Amigo, da proximidade irmã, do espírito da amizade.”

“Casa do Espírito Amigo. Sem nomes, sem pessoalidades, apenas uma mão amiga nos momentos de dor.”

“Os homens já brigaram muito por causa de nomes; é hora de trabalhar anonimamente pelo bem maior.”

Pouco a pouco, o número de pessoas que passou a freqüentar o culto do Evangelho às sextas-feiras à tarde foi crescendo, e, por isso o atendimento à população passou a ser realizado na casa da frente. Nesse mesmo momento surgiu o Culto do Evangelho do Lar da Sexta-feira à noite, como ainda é realizado até hoje, porque, algumas pessoas, não podiam vir à tarde, por motivo de trabalho.

Com o passar dos anos, por volta de 1996, alguns moradores do bairro Village – Campinas, prioritariamente de classe média, onde estava sediado o trabalho espiritual, e o trabalho social da CEA-AMIC começaram a reclamar da presença de muitas pessoas vindas da periferia, circulando pelo bairro - a população assistida a cada ano foi ficando mais numerosa. Ao mesmo tempo, foi crescendo o número de pessoas assistidas por cada bairro periférico e arredores e, com o tempo, foram surgindo, no seio desses grupos, pedidos para que, ao invés da população se deslocar até a CEA-AMIC, a equipe de trabalho da casa se deslocasse até os bairros.

Surgiram alguns núcleos de trabalho em diferentes bairros da periferia - São Marcos, Vida Nova, Campo Belo, Jardim do Lago etc. - , nos quais se fazia o mesmo trabalho: distribuição de cestas socorro, almoço, oração e passes. No ano de 2000, a CEA-AMIC recebeu da Prefeitura o direito de uso, por 100 anos, de um terreno no bairro Monte Cristo, Campinas - a pedido dos moradores desse bairro que participavam do trabalho da entidade. Nele foi centralizado todo o trabalho assistencial da CEA-AMIC, o qual, antes, estava sendo realizado nos núcleos dos bairros. Neste novo local, iniciou-se, de imediato, a Caridade material com distribuição mensal de alimentos, roupas, remédios e a Caridade espiritual com oração, água fluida, passe e, também, Evangelização para crianças e alfabetização para os adultos. No início do ano de 2002, iniciou-se, também, o atendimento diá-

rio com cestas socorro e refeição para pessoas em situação de privação extrema e creche para 200 crianças, embora antes mesmo dos trabalhos começarem já existissem 500 crianças inscritas para a creche.

No ano de 2002, a CEA-AMIC completou onze anos de vida, que se traduzem por onze anos de trabalho contínuo. Nas memórias que guardo das experiências vividas na entidade, como voluntária, esse crescimento contínuo do trabalho aconteceu sempre em duas direções, simultaneamente:

- do trabalho social, praticado como Caridade para com o outro;
- do trabalho pessoal do voluntário, praticado como Caridade para consigo mesmo, ou seja, reforma íntima.

Ano após ano, o trabalho da CEA-AMIC foi crescendo, cotidianamente permeado pelas orientações espirituais - trazidas pela direção espiritual, através da mediunidade da sua médium fundadora dirigente – , cultivadas e praticadas por cada voluntário, até que cada uma delas se torne uma atitude individualmente integrada na prática da Caridade (pessoal e para com o outro). Guardo no coração momentos de rara beleza nas relações entre seres humanos (encarnados e desencarnados), nos quais o contato de orientação com os instrutores espirituais foi abrindo pequeninas frestas, na terra espiritualmente compactada da minha alma. Pouco a pouco, essas orientações espirituais foram criando delicadas raízes nessas pequeninas frestas abertas nas terras do meu coração e, lentamente, foram se transformando em referências, não apenas para meu percurso como voluntária da CEA-AMIC, mas para meu percurso como ser humano e para minha vida como um todo.

Com o tempo, fui percebendo que essas orientações espirituais, recebidas por cada voluntário, diretamente dos instrutores espirituais, funcionavam como vigas mestras na construção da casa das nossas almas, sustentando - como o fazem nas construções - tanto o aprofundamento do trabalho de reforma íntima de cada um de nós, voluntários, quanto o crescimento e o aperfeiçoamento do próprio trabalho voluntário na CEA-AMIC, a Caridade para com o outro. As memórias que guardo dessas orientações recebidas, ao longo desses 10 anos, da espiritualidade, e percebidas por mim como vigas mestras de sustentação do crescimento interno (comprometimento moral dos voluntários) e externo (ampliação do atendimento à população desvalida) do trabalho da entidade são as seguintes:

- 1- o compromisso em não adulterar as orientações espirituais, trazidas para orientar

a realização do trabalho da CEA-AMIC, mas acolhê-las como lume e esteio para a própria caminhada. O compromisso de voltar atrás e refazer o caminho, caso alguma adulteração das orientações espirituais recebidas para o trabalho seja feita pelo voluntário, e só posteriormente percebida. Recordo que tentar viver essa experiência de se deixar guiar – dentro de uma relação discípulo e mestre – significava e ainda significa, na prática, trabalhar por desapegar-se dos limites e até mesmo da amplitude da própria egoidade,¹⁷⁰ essa pequena gaiola - às vezes dourada - que aprisiona o vôo do pássaro – o espírito - que lá permanece tristemente aprisionado. Significava e ainda significa trabalhar por desidentificar-se do condicionamento da própria história pessoal - esvaziar-se no sentido budista e desapegar-se no sentido cristão - das referências de si mesmo, construídas com base nas referências da cultura e da época e automatizadas através dos papéis socialmente assumidos. Significava e significa abrir-se para experienciar categorias espirituais e universais da experiência humana, permeadas pela transcendência - dos estreitos limites do ego histórica e socialmente condicionado - e sustentadas pelo alvorecer da percepção de si mesmo, como um Eu Espiritual, na prática das qualidades morais a ele imanentes, como, por exemplo: experiências de compaixão, de mansuetude, de compromisso moral, de dedicação coracional, de alegria espiritual, e de re-significação das dificuldades no caminho, com base na escolha pelo que propicia o maior bem ao todo etc. Nas palavras do Espírito Amigo:¹⁷¹

“ [Referindo-se ao trabalho da CEA-AMIC] Não é mais uma obra pessoal, porque a Doutrina dos Espíritos não é a obra de um gênio, de uma personalidade... Ela é a obra de um conjunto de associados em busca do caminho, verdade e da vida. Sócios do Cristo - vamos dizer assim, amigos do Cristo, sociedade de amigos cristãos buscando dar cumprimento à Palavra; buscando viver na íntegra a Sua Palavra.”

2- escuta *coracional* (com o coração) das necessidades das pessoas que chegam, pedindo ajuda. Recordo que tentar escutar com o coração significava e ainda significa suspender todo e qualquer julgamento e abrir-se para desenvolver a sensibilidade que permite

¹⁷⁰ Egoidade: noção de identidade pessoal, referenciada apenas pelas experiências proporcionadas pelo Eu Pessoal, ou Ego, sem considerar as possíveis experiências proporcionáveis pelo Eu Transpessoal ou Self.

¹⁷¹ In Boa Nova 161, p. 15 e 16.

sair de si mesmo e colocar-se no lugar da pessoa que chega precisando de ajuda, sentindo empaticamente suas necessidades, tanto materiais como anímicas-espirituais, suas dores e angústias. Significava e ainda significa tornar-se capaz de, por um momento, parar tudo e colocar-se inteiramente ali naquele encontro, atendendo àquela pessoa na sua necessidade, com a certeza de que, naquele instante, você está sendo colocado diante de alguém que está com a alma dilacerada, não só para lhe trazer os objetos dos quais necessita, mas principalmente, para, através desse encontro coracional, permitir que o amor divino flua e seja bálsamo para aquela alma que carrega no peito uma ferida aberta. O propósito, então, de um encontro tão íntimo no sentido humano, não é o de simplesmente repassar alguns alimentos, roupas ou remédios etc. Mas o de deixar naquela alma irmã, através da qualidade coracional daquele encontro, um alento amoroso nas lancinantes angústias de solidão humana, um bálsamo refazedor nos sentimentos de abandono, que sempre está presente na alma nas horas de dor profunda. Quiçá, um pequenino horizonte de esperanças, na bondade infinita de Deus, agindo no universo, através da boa vontade nos homens. Nas palavras do Espírito Amigo

“Queridos, o que separa a obra social, política, da obra teológica divina é isto, é esta ponte, é este gesto, é este coração. [Pois]Temos [também] a caridade fria.¹⁷² Se nós formos a alguns países desenvolvidos nós vemos essa caridade fria ... um lugar onde as pessoas recebem aquilo que têm necessidade, mas são ali um número apenas.

Onde a proximidade, onde o amor, onde o coração batendo?

Não podemos delegar a um estado, a um governo, o que é de nossa responsabilidade: amar ! O governo não pode amar por nós os que estão caídos, os que estão nas ruas, os que estão famintos.

Uma prefeitura, um organismo político, não pode ir lá tocar os cabelos de quem está chorando. Abraçar quem está tremendo de frio. Dar aquele pratinho de sopa quentinho a quem está com o estômago vazio. Não importa se está desempregado, enlouquecido, alcoolizado; aquilo é a fome e neste momento é isto!

¹⁷² Caridade Fria – na qual se dá para o necessitado, os objetos materiais de que ele necessita, mantendo contudo distância afetiva. Mais sobre este tema, ver anexo I. Carta de Stefano Beni para a AMIC.

Quem pode trocar o amor por um número, uma senha, um saco plástico cheio de coisas sem rosto, sem forma, sem marca, sem cicatrizes,,,? Oh! Queridos, não é caridade isto. Caridade é o envolvimento do coração na dor do outro.”¹⁷³

3- prática do *controle universal*¹⁷⁴ na comunidade de trabalho. Recordo que tentar integrar a prática do controle universal no dia a dia da vida na comunidade de trabalho, significa se abrir para experienciar, tanto emocionalmente, afetivamente, quanto mentalmente, a dimensão do nós, com todas as renovadoras conseqüências daí decorrentes:

- no sentido do enfrentamento dos vícios psíquicos do egotismo, seja o personalismo, o estrelismo ou auto-centramento, que cristalizam a alma em uma postura egocêntrica - muito comumente encontrada em ambientes de trabalho – e que dificulta, quando não impede, as trocas necessárias para que a vida em comunidade de trabalho seja uma experiência ascensional de estímulo e de troca, na direção das conquistas das virtudes do espírito;
- no sentido da experiência individual de crescer interiormente através do contato com os tesouros da alma trazidos por cada outro e também no sentido de partilhar na vida em comunidade os tesouros da alma, trazidos pessoalmente. Nas palavras do Espírito Amigo:¹⁷⁵

“Porque a caridade não tem personalidade, ela é um gesto, um ato; ela é um propósito, ela é um ideal, ela é um objetivo, entendam! Não é viver e ser caridoso, é encontrar na caridade o sentido do próprio viver. Viver não é caridade, mas caridade é viver. Compreendam isto, guardem isto em seus corações.”

4- disponibilidade sincera em pôr-se, amorosa e diligentemente, a caminho para atender cada pedido de ajuda. Recordo que, para tentar colocar essa orientação na prática, é preciso trabalhar com afínco a alma, para tornar-se capaz de não jogar sobre a experiência do outro – diante da qual enxergamos apenas a ponta do iceberg - toda uma bateria de jul-

¹⁷³ In BOA NOVA, 161, p. 26.

¹⁷⁴ In KARDEC, (2000, p.17) 255ª Ed. Controle universal: a universalidade dos espíritos se comunicando sobre toda a Terra por ordem de Deus.

¹⁷⁵ In BOA NOVA, 161, p. 28.

gamentos e argumentos racionais.¹⁷⁶ Via de regra, as racionalizações sobre as necessidades do outro são usadas para justificar a própria frieza e indiferença moral diante da dor do próximo, seja negando-a, racionalizando-a, deslocando-a ou projetando sobre ela as nossas próprias experiências de dilaceração anímica, ainda não integradas. Aprender a agir amorosa e diligentemente diante da dor do outro significa, portanto, passar por um longo caminho de auto-conhecimento e trabalho na reforma íntima pessoal, para se tornar capaz de não usar o outro e suas dificuldades como uma justificativa para a nossa própria miséria anímica. Ou seja, tornar-se capaz de sustentar-se na atitude amorosa, através da plenificação que o estado de amor acrescenta à própria alma, e não depender da resposta do outro para manter-se amoroso, colocando, assim na prática, os ensinamentos de Jesus Cristo, explicados por Kardec em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* com as seguintes palavras:

“Amar o próximo como a si mesmo; fazer para os outros o que quereríamos que os outros fizessem para nós”, é a mais completa expressão da caridade, porque resume todos os deveres para com o próximo. Não se pode ter guia mais seguro, a esse respeito, que tomando por medida do que se deve fazer para os outros, o que se deseja para si.¹⁷⁷

Para tal, torna-se necessário colocar-se como as cordas de um instrumento musical, deixando-se limpar, esticar, afinar etc., por estarem desejosas de serem tocadas pelas mãos do grande artista – Deus – que, através da espiritualidade maior e do coração dos homens de boa-vontade, entoa a melodia da Caridade, fazendo vibrar as cordas do coração de cada ser humano, preenchido pela disponibilidade amorosa de servir *a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*. Nas palavras do Espírito Amigo:¹⁷⁸

Há muito em ti, [para dar] porque os bens não são apenas a tua conta bancária; o teu tempo é precioso e pode ajudar muito, o teu sorriso, a tua disponibilidade, o teu coração generoso, o teu tra-

¹⁷⁶ Mecanismos de defesa, utilizados pelo Ego, quando não consegue relacionar-se com sua realidade.

¹⁷⁷ In KARDEC, (2000, p. 144), 255^a Ed.

¹⁷⁸ In BOA NOVA, 161, p.35 e 36.

balho ao erguer a obra de Deus, as tuas mãos, a tua inteligência.

179

Há muito a ser feito. E a obra de Deus não são só contas, não são só numerários, não são só moedas, nem ouro nem prata; a obra de Deus é o coração exultante por participar de uma comunidade em que Deus dirige, em que Deus presente é o guia, em que Deus –Pai nos torna filhos.”

E, irmanados neste sentimento amoroso, irmão, vamos, ao que tem fome - o alimento; ao que tem sede - a água; ao que está nu - a veste; ao que está preso - a visita afável, amorosa e o resgate da sua capacidade de ser bom e de romper definitivamente com o mal. Ao enfermo, o lenitivo, o bálsamo medicamentoso da prece, muitas vezes, do *passe fluídico*,¹⁸⁰ da transmissão da palavra de Deus que tanto faz bem e cura.”

5- disposição em aguardar, trabalhando o momento de cada coisa florescer, tendo no tempo um aliado, um fiel companheiro. Recordo que, tentar caminhar nessa direção, significava e ainda significa comprometer-se interiormente em não manipular o tempo, adiando para depois a resposta a um pedido de ajuda, ou acelerando personalisticamente os fluxos e ritmos. Significava e ainda significa ter urgência e diligência em atender um pedido de ajuda, mas, ao mesmo tempo, não ter pressa, nem correria alguma no atendimento, para não passar por cima dos mínimos e humílimos detalhes, que são os que garantem a qualidade coracional e amorosa do atendimento ao outro. Significava e ainda significa manter viva a consciência de que cada irmão de caminho [como se chamam entre si os trabalhadores da CEA-AMIC] conta reciprocamente com a parte do outro no trabalho, para, juntos, sincrônica e afinadamente como os instrumentos de uma orquestra, serem capazes de sustentar a chama da vida na comunidade de trabalho, realizando, juntos, a obra de Deus na Terra, cuidando amorosa e concretamente de seus filhos em dor, nossos irmãos. Nas palavras do Espírito Amigo:¹⁸¹

¹⁷⁹ Esse é o conceito do trabalho voluntário, chamado Caridade, no espiritismo-kardecista, praticado na Casa, e aqui descrito pela Entidade Espiritual Dirigente.

¹⁸⁰ Passe fluídico, imposição da mãos para transmissão do princípio vital, que deriva do fluido universal.

¹⁸¹ In BOA NOVA, 161, p.34 e 35.

“Como vai a obra de Deus na Terra? De mal a pior? É você que vai de mal a pior, é cada homem que, esquecido do objetivo da sua vida, congrega todas as suas forças na satisfação de seus próprios sonhos.

Queridos, atentemos para este tempo de amor, este tempo que chama para a irmandade e a fraternidade, pois que nas ruas as crianças pedem, nas esquinas, nos bairros...Onde andamos vemos pelas estradas, êxodo, retiro. Nunca, em tempo algum, a fome foi tão ampla, a dor tão agoniada. Acorda, pois que Deus te dá; agradeça, entenda que este bem é para que te torne pai amoroso da obra de Deus na Terra, sócio afetivo da obra divina na Terra; amigo carinhoso da obra divina aqui. Exulta no Senhor, com gratidão, os bens que Ele te confiou e torna esses bens, bem durável e eterno do espírito, do amor.

Foi através de cada mínima, anônima e aparentemente insignificante resposta de amor concreto à necessidade de alguém em dor, dentro da prática do amor espiritual – a Caridade – na CEA-AMIC, que fui, pouco a pouco, fazendo pequeninas experiências de expansão na capacidade de sustentar uma resposta amorosa à necessidade do outro desconhecido, ao mesmo tempo em que essa experiência foi ampliando a minha própria noção de identidade. Fui construindo, nessa convivência com a espiritualidade e com o trabalho na Caridade, referenciais que me permitiram ir, aos poucos, dando atenção, espaço e tempo, a sentimentos que, ao longo da vida, com diferentes matizes já tinham sensibilizado minha alma para me engajar em trabalhos pela construção de um mundo mais humanizado. O que era novo era a prioridade que estava sendo dada a esses sentimentos, e que, no vínculo com a CEA-AMIC, se apresentavam cada vez mais concretamente, permeados por uma busca espiritual. Nesses 10 anos de contato com as orientações espirituais, foi crescendo em intensidade e em estabilidade a necessidade de viver na concretude dos dias, experiências de transcendência e transpessoalidade na relação comigo mesma e com o outro, através da prática da Caridade.

Aos poucos, fui percebendo concretamente que necessitava de alimento espiritual tanto quanto, ou às vezes até mais do que precisava de alimento físico e anímico: sentia fome e sede no espírito. Só à medida em que fui sentindo e integrando à minha própria identidade, a percepção de que eu era um espírito eterno - vivendo no tempo-espaço terres-

tre - é que fui acordando para a compreensão da filiação divina, ou seja, de que sendo um espírito eterno, criado por Deus, tinha um Pai em espírito, e muitos irmãos em humanidade, muitos dos quais estavam abandonados, famintos e tristes.

Esses sentimentos foram, pouco a pouco, transformando a Caridade, tal como compreendida na CEA-AMIC – ,uma atitude amorosa diante da dor do outro - em alguma coisa compreendida, sentida e vivida também, no meu coração, embora no início de modo bem localizado dentro do trabalho de Caridade. À medida que esses sentimentos foram se enraizando no meu coração, foi crescendo junto com eles momentos de serena e profunda alegria interior, que enchiam minha alma de uma sensação de plenitude, a cada vez que sentia, fluindo através de mim, um amor incondicional frente a alguém que até aquele momento era desconhecido, e que estava ali buscando alguma ajuda para o sofrimento. Era muito bom o sentimento de sentir agindo a partir do melhor de si mesmo. É bom agir com bondade, tanto para quem age, como para quem recebe a ação.

Esse longo caminho de *salvação da alma através da Caridade*, como proposto pelo espiritismo-kardecista e praticado na CEA-AMIC, que se inicia através de pequeninas experiências de si mesmo como espírito, através da prática desse amor divino, a Caridade – pode levar cada um de nós, voluntários, a descobrir que é possível, pouco a pouco, sentir-se movido interiormente pela conexão com a presença do amor Divino, ou seja, pela experiência da presença de Deus. Esse processo, apesar de parecer mágico pelo encantamento que traz para a vida de cada pessoa, não surge do nada, e sim é fruto de um delicado, contínuo e longo, trabalho sobre si mesma, tanto no sentido do auto-conhecimento, quanto no sentido da prática da reforma-íntima.

Na forma como sinto, vivo e compreendo, é a busca dessa qualidade de vida permeada pelo amor Divino e alimentada pelo crescente encontro com a experiência da presença de Deus no dia a dia, que dá sentido e sustenta o crescimento de todo o trabalho realizado pelos voluntários na CEA-AMIC, tanto na Caridade pessoal como na Caridade para com o outro. Nas palavras do Espírito Amigo:¹⁸²

¹⁸² In BOA NOVA, 161, p.6.

“ Chamo-me CARIDADE e sou a rota principal que conduz a Deus!

Sou o objetivo e devíeis me tornar, em vossas vidas, em vossos corações, em vossas mentes, em vossas arquitetações, em vossos sonhos, ideais, decisões de vida, deveríeis me tornar o eixo, a guia, o avaliador.”

A memória que guardo do crescimento do trabalho da CEA-AMIC é, então, inteiramente permeada pelo crescimento, tanto dessas referências, quanto das experiências dessa prática do amor divino, no coração de cada um de nós, trabalhadores voluntários e, particularmente no meu próprio coração. Sinto, portanto, que o crescimento do trabalho da entidade, socialmente, foi sustentado pelo crescimento paralelo, simultâneo e equivalente do espaço ocupado no coração de cada um de nós, voluntários, por essas referências e por essa prática do amor Divino. Foi através desse contínuo encontro, cada vez mais profundo, entre essas referências do amor Divino – quando elas passaram a ter prioridade no coração de cada voluntário - com as necessidades e as dores trazidas pelas pessoas que chegaram até à porta da CEA-AMIC, pedindo ajuda, que nós – voluntários - fomos pouca a pouco:

- enxergando que a capacidade de amar, contínua e incondicionalmente – alguém desconhecido, sofrido e necessitado - era praticamente inexistente, anteriormente, em nós;
- abrindo-nos e nos entregando à tarefa de construir, verdadeiramente, em nosso íntimo, o lugar da escuta “coracional” da necessidade e da dor daquele outro, desconhecido e sofrido;
- colocando-nos a postos para atender, tão amorosamente quanto já conseguíamos, às pessoas que chegavam com suas necessidades, pedindo a Deus e aos protetores espirituais guiança, proteção e coragem, para ser capaz de cada vez mais praticar o amor Divino, a Caridade, nos pequeninos detalhes.

Sinto, que foram essas pessoas, com suas necessidades e dores desaguando no gesto de pedir ajuda, que fundaram, mantiveram e ampliaram o trabalho da CEA-AMIC, fazendo expandir, pouco a pouco, através da prática da Caridade, a capacidade de amar de cada um de nós, seus voluntários. Portanto, todo o crescimento da entidade foi fruto de um sim – dito inicialmente pela sua fundadora-presidente a uma criança em necessidade e re-

petido, dia após dia, por cada voluntário que se agrega a esse trabalho de Caridade - ,um singelo sim vindo do coração em resposta aos pedidos de ajuda das pessoas que lá chegam com suas necessidades, preenchidas, contudo, da sublime capacidade de estender a mão e pedir ajuda a um outro ser humano, nos momentos agudos de dor e privação.

Tenho observado, ao longo dos anos, que existe algo em comum nas pessoas que aqui aportam e permanecem como voluntárias: além dessas pessoas trazerem consigo uma extensa e múltipla diversidade de experiências, trazem também um sentimento, que à falta de um nome mais apropriado, chamaria de um certo cansaço dos estreitos limites e das repetições de si mesmas – enquanto ego – e das dificuldades e do desencanto de viver a vida que é possível de ser vivida dentro desses limites egoícos.

Recordo que muitas das pessoas que aqui ficaram não chegaram conscientes dessa circunstância interna, mas carregavam nos seus atos, sinais visíveis, de estar vivendo aquelas dificuldades. O glamour que o mundo das conquistas materiais, profissionais, sociais etc., oferece, já não brilhava tanto, já não preenchia tanto o coração dessas pessoas, havia um certo cansaço da roda-viva das competições se instalando, um certo vazio que nenhuma conquista externa plenificava, uma certa sede de crescimento interior, uma certa saudade de amar mais e mais profundamente, acenando, mesmo que ainda do invisível.

Tenho observado, ao longo dos anos, que as pessoas que estão vivendo esse tipo de circunstância interna, são as que se sentem mais atraídas e alimentadas por esse tipo de trabalho voluntário, tal como é realizado na CEA-AMIC: Caridade. Também são as que mais aproveitam de toda ajuda e orientações dadas pela espiritualidade, ao longo do caminho que liga esse momento de chegada à CEA-AMIC - sobrecarregadas do cansaço e dos limites do próprio ego - ao momento em que as primeiras experiências práticas do amor Divino começam a acontecer e, a alimentar e a sustentar por si, a caminhada de cada uma delas, na direção de chegar um dia a viver na plenitude da presença de Deus.

Cada um de nós, voluntários, foi e ainda é continuamente acompanhado e ajudado pela espiritualidade nesse processo de crescimento interior, de reforma íntima, fundamentado nos ensinamentos morais do Evangelho, também chamado na CEA-AMIC, de iniciação-cristã. Nesse caminho somos estimulados a enraizar a nossa busca de crescimento interior na busca do encontro íntimo com Deus e da vida na sua presença, através da prática da Lei de Amor ensinada por Jesus Cristo:

Mestre, qual é o grande mandamento da lei? Jesus declarou-lhes :
“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu pensamento; Eis o grande e primeiro mandamento. Um segundo, é igualmente importante: Amareis o teu próximo como a ti mesmos. Desses dois mandamentos, dependem toda a Lei e os Profetas.”¹⁸³

Somos também estimulados pela espiritualidade, para, paulatinamente:

- tornarmo-nos conscientes dos vícios morais que dificultam o nosso crescimento espiritual – orgulho, indiferença, personalismo, centralização, autoritarismo, competição, vaidade pessoal, maledicência, mentira, medo etc. – aos quais estão agregados sofrimentos na intimidade da alma;
- comprometermo-nos, individualmente, com o trabalho interior, para nos libertar do automatismo desses vícios morais. Na CEA-AMIC, os vícios morais são compreendidos como aspectos espiritualmente doentios da natureza humana - frutos do egoísmo - que precisam primeiro ser enxergados em si, por cada um, para, em seguida, iniciar-se um longo processo de transformação desses vícios;
- tornamo-nos conscientes das qualidades da alma que, porventura, nós, voluntários, já tenhamos desenvolvidas e de, pouco a pouco, buscarmos libertar essas qualidades do aprisionamento do seu uso personalista. Isso significa tornarmo-nos capazes de desapegarmo-nos do uso das qualidades pessoais para busca de satisfação e/ou compensação egóica, bem como desenvolver a capacidade de utilizá-las para o bem comum e direcioná-las para o serviço ao próximo;
- tornarmo-nos conscientes dos limites de uma vida pautada pela separatividade homem a homem e descobrirmos a riqueza da vida em comunidade, compreendendo a necessidade dela como uma condição - no sentido de ser uma estrutura protetora - para que a dimensão Crística do nosso Ser, possa vir a ser.

Inicialmente, os trabalhadores voluntários eram poucos, mas, à medida que o trabalho da entidade foi crescendo, foi crescendo também o número dos trabalhadores voluntários.

¹⁸³ In BÍBLIA, Tradução Ecumênica, Evangelho de S. Mateus, cap. 22, v.36 a 40.

os. Atualmente eles perfazem um total de, aproximadamente, 400 voluntários, que chegaram à CEA-AMIC, através de três caminhos:

- o grupo de voluntários formado por adultos que chegaram à CEA-AMIC através do *Culto do Evangelho*, na sexta-feira à noite, em busca de ajuda espiritual para suas dificuldades. Passaram pela *consulta espiritual*, pelos *tratamentos espirituais* e, na *entrevista* final com o *irmão da quarta-feira*,¹⁸⁴ receberam a orientação para se integrarem em algum trabalho assistencial - de caridade - como continuidade do tratamento. Aqueles que se identificaram com o trabalho da CEA-AMIC e escolheram ser nela voluntários, são convidados a ingressar na Escola Emmanuel, como alunos do *curso de evangelização*.¹⁸⁵ O grupo tomado como objeto desta pesquisa é composto pelos alunos das duas classes mais antigas da referida escola, que hoje tem 5 classes em funcionamento;
- a *Mocidade Flamarion*,¹⁸⁶ formada de jovens que chegaram à Casa de variadas maneiras: trazidos por seus pais (já frequentadores da casa), quando ainda crianças para os Cursos de Evangelização Infantil e, já adolescentes, continuaram na Casa e ingressaram na Mocidade; trazidos por amigos ou familiares para o Culto do Evangelho na sexta-feira e, lá chegando, gostaram do ambiente que encontraram, da preleção espiritual, do coral dos jovens, manifestaram seus sentimentos e foram, então, convidados a conhecer o trabalho da Mocidade; há ainda, aqueles que chegaram diretamente à Mocidade, através dos próprios jovens que dela participam e que, aos poucos, vão trazendo sua rede de amigos para conhecê-la. O grupo de jovens, além de participar do trabalho voluntário no S.O.S - Fome e no S.O.S. Afeto, faz um intenso trabalho na área das Artes, através da criação, produção, apresentação de teatro e de música, inspirados espiritualmente;

¹⁸⁴ Irmão da quarta-feira: entidade espiritual dirigente da CEA-AMIC, que faz as entrevistas de orientação finalizando os tratamentos espirituais.

¹⁸⁵ Curso de Evangelização, visa familiarizar os alunos, voluntários da CEA-AMIC, com os valores cristãos e ajudá-los na realização de sua reforma íntima.

¹⁸⁶ Mocidade Flamarion: grupo formado pelos voluntários jovens da CEA-AMIC.

- o grupo de voluntários formado por adultos que chegaram à CEA-AMIC através do culto do Evangelho da sexta-feira à tarde, ou no próprio dia de distribuição.¹⁸⁷ Grande parte deles, veio inicialmente, em busca de ajuda para momentos de necessidade material extrema e aos poucos, foram reorganizando suas vidas, podendo prescindir da ajuda material anteriormente recebida. Contudo, por terem se identificado com o trabalho, com a espiritualidade dirigente, e com as pessoas que encontraram na CEA-AMIC, e criado vínculos afetivos, permaneceram freqüentando a casa e, aos poucos, passaram a trabalhar como voluntários na entidade; ajudam no combate à fome, à dor e ao abandono, no trabalho realizado com a população da periferia de Campinas, sendo, então, convidadas a participar do curso de evangelização.

2. Ritual de acolhimento do voluntário

As pessoas quando aqui chegam são trazidas na quase totalidade, por suas dores¹⁸⁸ e, antes de mais nada, são acolhidas em seus sofrimentos na Casa do Espírito Amigo-CEA, que, na prática, constitui-se na porta de entrada para, os que, depois vêm a tornar-se voluntários. Não importa de onde vêm, quem são, o que fazem, ou o que deixaram de fazer. Importa apenas que ali está um ser humano em sofrimento, qualquer que seja ele, e que aquele momento é hora e lugar para acolhê-lo - através de uma escuta amorosa e restauradora da sua dor, feita pelas Entidades Espirituais - e de uma resposta espiritual para aquela situação de dor, através da indicação de tratamentos espirituais¹⁸⁹ a serem feitos na Casa.

Essas pessoas, que chegam procurando ajuda espiritual, são normalmente conduzidas à CEA-AMIC (por alguém do seu círculo de amigos ou conhecidos que já freqüentaram ou freqüentam a Casa). Chegam ao Culto do Evangelho que se realiza todas as sextas-

¹⁸⁷ Dia de distribuição: mais detalhes voltar ao 3º parágrafo do item Cena Inicial.

¹⁸⁸ Na compreensão espírita-kardecista, toda dor é consequência direta de desconexão da Lei do Amor, que é a Lei de Deus.

¹⁸⁹ Tratamentos espirituais: auxiliam na restauração da saúde física, anímica e espiritual - incluem passes magnéticos, passes musicais, passes mediúnicos, sala de cura, tratamento de Desobsessão, grupo Luz da Manhã (para adictos em recuperação) Grupo Betel (para a família e suas dificuldades), Vivências - e são realizados sob indicação da espiritualidade, através da consulta espiritual.

feiras, a partir das 20h00 em sessão aberta ao público, na sede da entidade, no bairro Village, Campinas, S.P. Passam pela *consulta espiritual*,¹⁹⁰ conversam com a Entidade responsável pelos tratamentos e recebem ajuda espiritual frente às dificuldades - de variadas naturezas - pelas quais estão passando, ou pela qual, está passando alguma pessoa do seu ciclo de afetos, uma vez que as pessoas também chegam para pedir ajuda espiritual para outros.

As Instituições Espíritas, de modo geral estão orientadas por princípios comuns que unificam suas práticas, mais há uma grande margem de liberdade no seu interior, em especial quanto à forma da organização prática do atendimento às pessoas que procuram nelas a assistência espiritual.

Na CEA, o modelo seguido nos atendimentos à população é inspirado no trabalho de Chico Xavier,¹⁹¹ que é considerado o “patrono” espiritual da Casa. Toda sexta-feira, um ritual de acolhimento - que envolve os médiuns trabalhadores, a médium dirigente, bem como as Entidades Espirituais responsáveis pelos trabalhos da Casa - é preparado para receber aqueles que ali chegam pela primeira vez, bem como aos freqüentadores habituais e trabalhadores da CEA.

Esse ritual começa com a limpeza do ambiente físico e espiritual desde o dia anterior e continua com a preparação e chegada dos médiuns, da dirigente e da espiritualidade. A Casa abre para receber as pessoas na Sexta-feira à noite, às 19h 00. Ao longo dessa primeira hora, as pessoas vão sendo espiritualmente preparadas para a abertura do Culto do Evangelho, às 20h 00, através da leitura comentada por médiuns da casa, de um pequena história da literatura espírita, com fundo moral, cujo o objetivo é colocar os presentes num clima de reflexão e interiorização.

Essa preparação é seguida por um momento em que os que vieram pela primeira vez recebem as boas-vindas da CEA-AMIC através da médium dirigente, que também cumprimenta os freqüentadores e os trabalhadores da casa e assim abre os trabalhos da noite. É lido, então por médiuns da Casa, um pequeno trecho de *O Evangelho segundo o*

¹⁹⁰ Consulta espiritual: momento em que a espiritualidade acolhe as pessoas que chegam com suas dores buscando ajuda espiritual, e passa o tratamento espiritual, para cada caso. Na CEA-AMIC, é realizado toda sexta-feira, após o Culto do Evangelho, na Casa de Oração no Village, Campinas-SP.

¹⁹¹ Chico Xavier- médium mineiro que durante grande parte do século XX, exemplificou com sua própria vida, a prática do espiritismo-kardecista-cristão-evangélico, alicerçado na Caridade Moral e Material.

*Espiritismo*¹⁹² e outro pequeno trecho de *O Livro dos Espíritos*¹⁹³ os quais são mais tarde, comentados na preleção da Entidade Espiritual.

O coral da mocidade Flamarion, na continuidade do canta músicas com teor espiritual, em sua grande maioria, recebidas por *inspiração*¹⁹⁴ através de médiuns da Casa, ligados ao trabalho com a arte. Também são retiradas dos hinários de outras Instituições Religiosas Cristãs, tais como Católicas, Evangélicas, Batistas etc.

Após o canto, é feita uma preleção espiritual por meio de psicofonia. Em seguida, os que vieram pela primeira vez, se assim o quiserem, passam por uma consulta espiritual, na qual, são ouvidos nas suas dificuldades, pela Entidade Espiritual dirigente dos trabalhos da Casa, “o irmão da sexta-feira”,¹⁹⁵ através da mediunidade da médium dirigente da CEA-AMIC. Este conjunto de atos realizados a cada sexta-feira é chamado de Culto do Evangelho.

Assim, depois de passar por esse ritual de acolhimento, o recém-chegado recebe, em uma conversa individual com a entidade espiritual dirigente dos trabalhos da noite - conhecida na casa como a *consulta espiritual*¹⁹⁶ - a indicação do tratamento espiritual a ser seguido, que varia conforme cada caso, mas, de modo geral, alonga-se por alguns meses.

Durante todo o tratamento, a pessoa é acompanhada por um dos médiuns trabalhadores da casa, que explica, detalhadamente, para cada recém-chegado, acerca do tratamento passado pela espiritualidade na consulta espiritual. Daí em diante essa pessoa passa a frequentar a Casa, por alguns meses, para fazer os tratamentos sugeridos pela Espiritualidade. Ao final do tratamento, o recém-chegado é encaminhado para a entrevista de orientação espiritual que acontece toda quarta-feira, quando recebe a orientação espiritual pós-tratamento do protetor da Casa, afetivamente chamada pelos médiuns de “o irmão da quarta-feira”.¹⁹⁷

¹⁹² Evangelho Segundo o Espiritismo – ESE: uma das 5 obras básicas da codificação kardequiana.

¹⁹³ Livro dos Espíritos: uma das 5 obras básicas da codificação kardequiana.

¹⁹⁴ In *Kardec*, (1944, p.215), Trad. da 49ª Ed. Francesa.” Qual a causa primária da inspiração? O Espírito que se comunica pelo pensamento”.

¹⁹⁵ Irmão de Sexta-feira, forma como a Entidade Espiritual que faz as consultas é carinhosamente chamada pelos frequentadores da casa.

¹⁹⁶ Consulta espiritual: momento em que as pessoas que procuram a casa, buscando ajuda para seus sofrimentos, são ouvidas pela entidade espiritual, e recebem dela uma orientação para tratamento espiritual.

¹⁹⁷ Irmão da Quarta-feira, forma como é carinhosamente chamada pelos frequentadores da Casa, a Entidade espiritual que faz as entrevistas de orientação após tratamento.

Nessa entrevista, as pessoas são esclarecidas e orientadas quanto ao tratamento espiritual pelo qual passaram e, via de regra, neste momento, são convidadas a se integrarem como voluntários em algum trabalho de caridade, como continuidade do tratamento. Caso a pessoa tenha gostado do jeito de trabalhar da CEA-AMIC e seja viável no sentido da distância (já que muitas pessoas de outras cidades vêm fazer tratamento espiritual na Casa), ela pode se integrar em um dos trabalhos assistenciais sob orientação da espiritualidade.

Na Doutrina Espírita, o trabalho de assistência a pessoas em sofrimento - seja este físico, anímico ou espiritual - é chamado de Caridade e constitui parte fundamental na continuidade do tratamento espiritual e na consolidação das melhoras obtidas.

Nas palavras do Espírito Amigo:¹⁹⁸

“Não fiquem em casa chorando as suas lamúrias, não fiquem deitados, chamando pela ajuda divina; saiam às ruas, venham, dêem-nos as mãos, operem no amor ao próximo, que é o amor de Deus. E ao retornarem para seus leitos verão a angústia tratada, a tristeza curada, as chagas religiosas, as dores sanadas. Ilusão? Promessa vã? Experimente, viva!”

Na entrevista os recém-chegados também são convidados a estudarem a Doutrina dos Espíritos para melhor compreenderem as experiências pelas quais passaram e, se houve empatia, podem participar da Escola Emmanuel, destinada a preparar os médiuns da Casa, através da evangelização. O processo de evangelização tem como propósito ajudar no trabalho de *reforma íntima*¹⁹⁹ a ser empreendido, individualmente, fundamentado nos *ensinamentos morais* do Evangelho de Jesus Cristo, explicados pelos espíritos e *codificados*²⁰⁰ por Allan Kardec, no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

A evangelização, juntamente com a participação como voluntário no trabalho assistencial, tem como finalidade oportunizar, instrumentalizar e amparar a experiência concreta de cada um na Caridade. Nas palavras do Espírito Amigo:²⁰¹

¹⁹⁸ In BOA NOVA, 161, págs. 40 e 41.

¹⁹⁹ Reforma íntima: processo profundo de revisão de valores e enfrentamento do egoísmo pessoal, à luz da Lei de Amor e dos ensinamentos morais deixados por Jesus Cristo nos Evangelhos.

²⁰⁰ Codificados por Allan Kardec, após ouvir através dos médiuns, *as vozes do céu*, nas comunicações obtidas numa multidão de outras cidades e centros espíritas. In Kardec, (2000, p. 10) 255ª Ed.

²⁰¹ In BOA NOVA, 161, p.37 e 38.

“a rota para sua felicidade - significando cura para as suas enfermidades psíquicas, físicas, morais, financeiras e econômicas – é amor. Amém! E não se pode amar sem praticamente amar. E o amor prático chama-se CARIDADE!”

A evangelização é seguida pelo processo de desenvolvimento mediúnico a ser vivido por aqueles nos quais os distintos dons mediúnicos²⁰² venham aflorando ao longo do tempo. A primeira turma de evangelização da Escola Emmanuel, iniciada em 1995 portanto no sétimo ano de evangelização, prevê iniciar, no seu oitavo ano, o processo de desenvolvimento mediúnico. Este também pode ser realizado, com a autorização da Entidade Espiritual Dirigente, paralelamente com a Evangelização, por aqueles que, ao chegarem à Casa, já apresentam *mediunidade ostensiva*.²⁰³

3. De voluntário a trabalhador da CEA-AMIC

Os recém-chegados que, pelo percurso anteriormente descrito, tornam-se voluntários, têm idade, naturalidade, raça, origem social e trajetórias de vida bem distintas; no entanto, todos têm, em comum, duas experiências vividas na CEA:

- o fato de terem buscado a CEA para pedir ajuda espiritual na solução de problemas de ordem pessoal e/ou familiar;

- o fato de terem passado, mesmo que em um ritmo individual, por um conjunto de ações orientadas pelas entidades que dirigem os trabalhos da Casa, compostas de cinco passos:

- 1- chegada à casa: acolhimento e início do tratamento;
- 2- entrevista de orientação espiritual na quarta-feira;
- 3- início do trabalho como voluntário da AMIC;
- 4- início da Evangelização na Escola Emmanuel;
- 5- início da reforma íntima pessoal, dentro da prática da caridade;

²⁰² Dons Mediúnicos: são inúmeros os dons mediúnicos, sendo os mais comumente encontrados, a vidência, a audiência, a psicografia, psicofonia, a mediunidade de efeito físico, de cura etc.

²⁰³ Mediunidade Ostensiva: que eclodiu espontaneamente, sem que o médium tenha passado por um processo de desenvolvimento mediúnico.

Para os que queiram, e quando queiram, uma outra etapa pode ser vivida: a integração na vida em comunidade. Essa escolha significa o compromisso de viver com simplicidade e de dedicar-se, prioritariamente, ao trabalho de socorro aos necessitados, tanto materialmente como espiritualmente. Entretanto, o presente trabalho não tratará dessa última etapa.

No desenrolar das etapas acima, a natureza do vínculo dos voluntários com a CEA-AMIC vai se transformando conforme a possibilidade e o ritmo de cada um. Isso significa que é esperado dos recém-chegados que se tornam voluntários e que não doem só seu tempo e seu trabalho, mas que, também, ao se vincularem praticamente com o trabalho assistencial realizado pela CEA-AMIC, doem para si mesmos a oportunidade de se abrirem para uma experiência de renovação de suas vidas, através da prática da Caridade Pessoal – ou, como também é chamada na Doutrina Espírita, a reforma íntima - e dos valores morais a ela agregados. Nas palavras do Espírito Amigo:²⁰⁴

“Amados, comecemos esta reforma profunda e grandiosa que a Lei Divina expressou através de Jesus de Nazaré, comecemos esta grande reforma evangélica nesta instância pequenina e humílima da caridade para conosco mesmos.

Não deixemos que o mal nos tome de Deus e nos torne amargos, cruéis, frios, insensíveis, maledicentes, feios, esquecidos da divindade – o Oleiro preparou o vaso, nele te colocou para que fizesses a sublime e suprema experiência da vida...E a vida é bondade, e a vida é amor, e a vida é caridade.”

Essa experiência de renovação da vida de cada voluntário, através da prática da Caridade, começa com a descoberta - em alguns casos com a redescoberta - dos valores a ela agregados – *sentimentos de benevolência, de justiça, e de indulgência relativamente ao próximo, baseado no que quereríamos que o próximo nos fizesse*²⁰⁵ - de seu sentido e significado. Continua com a experiência pessoal dos benefícios trazidos pelo cultivo desses valores no dia a dia, e avança na medida em que cada voluntário vai escolhendo colocar esses

²⁰⁴ In BOA NOVA, 220, p.131.

²⁰⁵ In KARDEC, (1968, pag. 67).

valores morais como referência para o direcionamento de sua vida como um todo. Nas palavras do Espírito Amigo:²⁰⁶

“Jesus não fez, pois, da Caridade, somente uma das condições de salvação. Mas a única condição. Se houvesse outras, Ele as teria mencionado. Se coloca a caridade no primeiro plano das virtudes, é porque ela encerra todas as outras: humildade, doçura, benevolência, indulgência, justiça! Porque é a negação absoluta do orgulho e do egoísmo”

Tornar-se voluntário, dentro desse contexto, significa muito mais do que colocar uma parte do tempo pessoal disponível para um trabalho de ajuda; significa encontrar-se intimamente com a experiência da Caridade, aqui compreendida como a descrita em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*²⁰⁷

“Amar ao próximo como a si mesmo; fazer para os outros o que quereríamos que os outros fizessem por nós”, é a mais completa expressão da caridade, porque resume todos os deveres para com o próximo. Não se pode ter guia mais seguro a esse respeito, que tomando por medida do que se deve fazer para os outros, o que se deseja para si. Com qual direito se exigiria dos semelhantes mais de bons procedimentos, de indulgência, de benevolência e de devotamento do que se os tem para com eles? A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo; quando os homens as tomarem por normas de sua conduta e por base de suas instituições, compreenderão a verdadeira fraternidade e farão reinar, entre eles, a paz e a justiça; não haverá mais nem ódios nem dissensões, mas união, concórdia e benevolência mútua.”

Na CEA-AMIC, ter uma experiência pessoal com a Caridade significa ainda mais do que se renovar através do encontro com a Lei de Amor, significa dar passos no caminho que conduz ao encontro com Deus. Nas palavras do Espírito Amigo:²⁰⁸

²⁰⁶ In BOA NOVA, 219, p. 60. .

²⁰⁷ In KARDEC, (2000,p. 144) 255^a Ed.

²⁰⁸ In BOA NOVA, 161, págs. 6.

“Chamo-me Caridade e sou a rota principal que conduz a Deus! Sou o objetivo e devíeis me tornar em vossas vidas, em vossos corações, em vossas mentes, em vossas arquitetadas, em vossos sonhos, ideais, decisões de vida, deveríeis me tornar o eixo, a guiança, o avaliador.”

Na prática, só é possível passar de *simpatizante* a *colaborador* e, então, tornar-se *um trabalhador voluntário*²⁰⁹ da CEA-AMIC se, além do interesse em se engajar em um trabalho de ajuda, a pessoa estiver disponível para passar pela experiência de reforma íntima, com base no encontro com a Lei do Amor, através da prática da Caridade Pessoal. Isso porque, na compreensão da entidade só é possível fazer, de fato, Caridade para com o Outro quando o trabalhador compreender que a Caridade para com o Outro - seja ela Moral ou Material - é uma prática que, antes de tudo, redime e liberta o próprio voluntário do egoísmo e da indiferença moral.²¹⁰

“Mas Ele é a resposta para nós, se eu não aprender que o meu próximo é a resposta para mim, eu jamais vou poder entender a poética da salvação, a poética da pacificação, e, sobretudo, amados, a poética da ressurreição.”

À medida, então, que o voluntário recém-chegado vai dando passos nessa rota da Caridade - tanto Pessoal, como para com o Outro - ele vai, pouco a pouco, comprometendo-se mais profundamente com o trabalho e, de uma forma natural, passando da condição de simpatizante a colaborador e deste a trabalhador, em um ritmo próprio, pontilhado pelas ressignificações da experiência da Caridade ou do amor concreto, no dia a dia da sua vida.

Essas experiências vão construindo uma concepção nova do ato de ajudar, que é fruto da compreensão de que o ato de ajuda só ajuda de fato, quando ele nasce de um gesto amoroso frente à dor do outro, gesto este ancorado na experiência do amor Divino e não do amor pessoal. Essas descobertas vão espontaneamente se exteriorizando através do interes-

²⁰⁹ Simpatizantes, colaboradores e trabalhadores: nome que expressa os distintos estágios de comprometimento do voluntário, com o trabalho da CEA-AMIC.

²¹⁰ In BOA NOVA, 219, pág. 64/5

se e compromisso com as tarefas assumidas e na prática desse amor concreto, nos mínimos e anônimos detalhes do cotidiano.

Àqueles que escolhem passar por esse processo e se tornam trabalhadores da Casa, cabe a tarefa de garantir que esses princípios orientadores dos trabalhos da Casa - ou seja, os ensinamentos morais trazidos por Jesus, explicados pelos Espíritos, codificados por Allan Kardec e sintetizados na máxima “Fora da Caridade não há Salvação” – sejam, de fato, levados à prática, ajudando aos que chegam a compreender e se adequar a estes princípios.

Espera-se, portanto, que todo esse conjunto de experiências - que a Casa oferece ao recém-chegado - viabilize a renovação da sua vida pessoal e que cada um consiga fundamentar sua ação de ajuda ao próximo, em uma ação consciente de ajuda a si mesmo, através da Caridade. Nas palavras do Espírito Amigo:²¹¹

... caridade oculta aos olhos de todos, só não oculta do olhar de Deus. Só Deus pode ver e assistir, naquele momento, o grau de sua tolerância, de seu desapego, e de sua capacidade de não se irritar, não se irar, e não sentir pelos outros sentimentos de menosprezo, ou desprezo, ou sentimentos menores”

O processo de *estar* um trabalhador da Casa, acontece naturalmente no tempo, como consequência do aprofundar-se concretamente na experiência da Caridade. Não tem prazo preestabelecido, não é fixo, e não está atrelado à realização de treinamentos ou cursos de habilitação que possam ser feitos e contabilizados como créditos ou pré-requisitos. É fruto de um conjunto de ações denominado evangelização da alma e “reforma íntima”, e operam mudanças de valores morais, ou seja, a transformação dos referenciais construtores de uma vida centrada no egoísmo e na indiferença moral - chamado na CEA-AMIC de o “homem velho” - em referenciais construtores de uma vida centrada na Lei do Amor - chamado de o “homem novo”.

Esse processo de mudança de valores é particularmente acompanhado pela espiritualidade dirigente da Casa, no seu aspecto qualitativo, ou seja, com que qualidade *anímico-espiritual* cada voluntário realiza sua tarefa, pois é aí que mais imediatamente se externam

²¹¹ In BOA NOVA, 161, pág 10.

espontaneamente as conquistas feitas por cada voluntário, no seu processo de crescimento na experiência da Caridade e nos valores a ela associados.

Na linguagem interna da Casa, fala-se que mais importante que a quantidade do que se faz é o como se faz, referindo-se aí à qualidade anímico-espiritual, com a qual cada um faz seu trabalho. Fazer o trabalho sem a qualidade anímico-espiritual sustentada pela Caridade e pelos valores morais a ela associados, é pior que não fazê-lo, pois, além do trabalho não cumprir o propósito para o qual foi criado, ainda cria dificuldades e entraves, tanto de ordem prática como de ordem espiritual, os quais precisam ser sanados para, então, se poder fazer o que era necessário de ser feito, com a qualidade moral esperada.

Portanto, o aperfeiçoamento da qualidade anímico-espiritual do trabalho que cada um faz, com base nos valores associados à Caridade, transforma-se num termômetro natural do quanto cada um está progredindo na sua reforma íntima.

Quando acontece alguma dificuldade no trabalho prático, o simpatizante ou colaborador ou trabalhador é orientado (por aqueles que *ancoram*²¹² aquele setor de trabalho) a falar com o “irmão da sexta-feira” (entidade espiritual dirigente dos trabalhos da Casa). Neste momento, então, a situação é examinada e são tomadas as providências internas e externas necessárias para que a dificuldade seja sanada. As providências tomadas, sob a direção da espiritualidade, são tanto de ordem prática - visando sanar as dificuldades emergentes na tarefa - como de ordem anímico-espiritual – visando sanar os limites vividos pelo voluntário, que normalmente estão ligados a dificuldades no enfrentamento íntimo de algum dos vícios morais: egoísmo, orgulho, vaidade etc. Tais providências vão, desde o esclarecimento à orientação, à admoestação, até a suspensão temporária do trabalho. Quando essas providências são tomadas, são sempre acompanhadas de ajuda anímica e espiritual ao voluntário, para que localize os entraves pelos quais está passando na prática de sua reforma íntima, e as lutas que precisam ser empreendidas, por ele, para superação das suas dificuldades morais-espirituais, que emergiram na prática do trabalho, caso seja do interesse dele empreendê-las. Embora cada voluntário tenha inteira liberdade de assumir ou não o compromisso de se trabalhar interiormente, nas questões que lhe foram apontadas pela direção espiritual, a decisão que ele venha a tomar determinará o grau de participação que ele

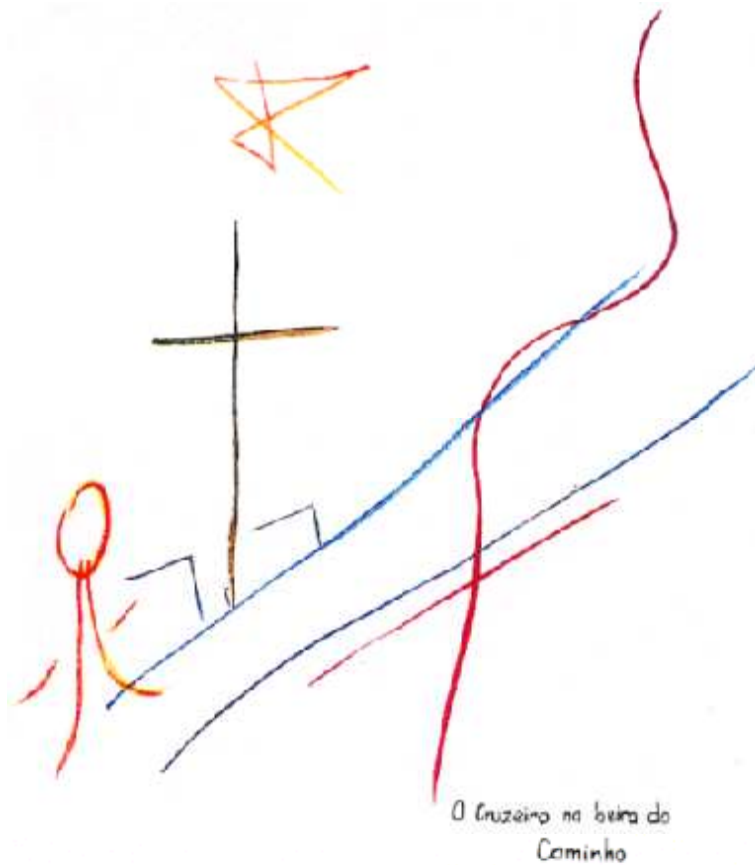
²¹² Ancorar aquele trabalho como uma ancora, atua para um barco, garantindo referência, que ele não se perca à deriva, mantendo contudo um equilíbrio no movimento vivo das águas da vida.

poderá continuar tendo nos trabalhos da Casa, naquele momento - caso ele não consiga assumir de frente o compromisso de enfrentar interiormente aquele vício moral - ,principalmente no que se refere ao contato com a população sofrida. Ou seja, só é possível estar envolvido de frente com o trabalho da Caridade para com o outro se o voluntário estiver, de frente, envolvido com a Caridade para consigo mesmo, através da reforma íntima.

Na linguagem interna da CEA-AMIC, diz-se que “o homem e sua obra é uma coisa só”, ou seja, aquilo que fazemos e como fazemos falam mais de nós do que o que falamos de nós mesmos. Então, é a obra de cada um que testemunha o desenrolar do seu processo de reforma íntima e de absorção dos valores morais associados à Caridade, como referenciais para sua ação no mundo. Nas Palavras do Espírito Amigo:²¹³

“... a caridade não tem personalidade, ela é um gesto, um ato; ela é um propósito, ela é um ideal, ela é um objetivo, entendam! Não é viver e ser caridoso, é encontrar na caridade o sentido do próprio viver. Viver não é caridade, mas caridade é viver. Compreendam isso, guardem isso em seus corações”

²¹³ In BOA NOVA 161, p. 28.



*Pois nada está oculto, senão para ser
manifesto; e nada se faz escondido, se-
nãõ para ser revelado. Se alguém tem
ouvidos para ouvir, ouça!*

Mc, 4: 22, 23

CAPÍTULO III . Tirando o véu: A Pesquisa com os Voluntários

Essa pesquisa tem como objetivo, através do estudo do caso particular da CEA-AMIC, ampliar a compreensão acerca de:

- o que caracteriza o trabalho voluntário realizado em uma instituição espírita-kardecista , na qual esse trabalho é praticado como caridade;
- o que caracteriza as pessoas que doam esse tipo de trabalho voluntário em uma instituição desse tipo;
- o que atraiu e manteve essas pessoas como voluntários nessa instituição;

Para tentar compreender as particularidades do trabalho voluntário realizado como Caridade e, as particularidades do processo de engajamento dessas pessoas como voluntários a pesquisa se movimentou em duas direções:

- para fora, no sentido de tentar conhecer, através da literatura disponível, um pouco mais o universo do trabalho voluntário, tentando identificar as possíveis nuances com as quais ele é praticado em nossos dias, para encontrar referências que possibilitem uma compreensão mais clara das particularidades do trabalho voluntário, realizado como Caridade na CEA-AMIC;
- para dentro, tanto no sentido de tentar descrever as particularidades envolvidas na realização do trabalho voluntário praticado na CEA-AMIC – sob a égide da Caridade - , como também no sentido de tentar descrever um pouco da história social dos voluntários, e as particularidades envolvidas no ato de chegarem e permanecerem na CEA-AMIC;

O objeto desta pesquisa recaiu em um dos grupos de voluntários da CEA-AMIC, conhecido na instituição como os alunos das duas turmas mais antigas da Escola Emmanuel. Levantamos, através de um questionário,²¹⁴ alguns dados da biografia desse grupo de voluntários, pertinentes à sua história social, na tentativa de visualizar um pouco mais objetivamente quem são, socialmente, as pessoas que se engajaram em um trabalho com aquelas características. Em seguida, procuramos localizar, na trajetória biográfica desses indivíduos, possíveis regularidades vinculadas tanto aos motivos condutores, quanto aos

²¹⁴ Ver anexo 3.

motivos de permanência de cada um deles em um trabalho voluntário de cunho religioso, orientado pela doutrina espírita-kardecista.

Finalmente, procuramos refletir acerca do sentido e do significado dessa opção no momento atual, no qual, a concepção e a prática do trabalho voluntário estão passando por um intenso processo de re-significação social, trazendo à cena novos atores sociais, como as ONG's, por exemplo bem como velhos atores com novas roupagens: a ação assistencial do governo e a Filantropia Empresarial.

A instituição da qual faz parte o grupo de voluntários escolhido como objeto de estudo dessa pesquisa, tem seu trabalho voltado, primordialmente, para ajuda à criança desvalida,²¹⁵ como acontece com grande parte das entidades e associações atuantes no Brasil de hoje. Esta instituição está sediada no Estado de São Paulo,²¹⁶ o qual, segundo pesquisas, apresenta o número mais elevado de voluntários atuantes no país.

As perguntas²¹⁷ que deram origem, inicialmente, a essa pesquisa, estavam vinculadas à vontade de compreender mais profundamente o que, de fato, movimentava aquelas pessoas a participar de um trabalho de ajuda a outras pessoas sofridas, enquanto seus pares estavam, via de regra, dedicados ao lazer e ao descanso. Pensávamos em possíveis experiências biográficas condutoras desta escolha, dentro de uma perspectiva de *conservação* ou de *conversão* social, no sentido como descrito por Bourdieu.²¹⁸

Com o desenrolar da descrição das particularidades desse trabalho voluntário, realizado na CEA-AMIC, foi ganhando visibilidade o peso de aspectos como a valorização da Caridade, da solidariedade pessoal, do envolvimento com a *dádiva* dentro do contexto cultural das redes religiosas e, mais enfaticamente, neste contexto do espiritismo-kardecista no qual a Caridade ocupa um lugar central, traduzido pela máxima “*Fora da Caridade não há salvação*”.

²¹⁵ De acordo com a Kanitz Associados, no site www.filantropiai.org, 24,15 % das atividades voluntárias no Brasil estão voltadas para assistência à criança, contra, no outro extremo, 0,01% dedicadas à associações científicas, esporte e controle da poluição.

²¹⁶ Segundo Kanitz Associados (no mesmo site acima), 56,92% das organizações que se dedicam ao trabalho voluntário situam-se no Estado de São Paulo. Este número contrasta, por exemplo, com o número do Estado vizinho, Minas Gerais, com apenas 5,01% o de organizações dedicadas ao voluntariado.

²¹⁷ Para revê-las vide o final da Cena Inicial

²¹⁸ Conservação termo usado por Bourdieu para descrever os mecanismos e estratégias de reprodução dos valores e privilégios sociais. E Conversão os mecanismos e estratégias de adaptação às mudanças conjunturais, para manutenção dos valores e privilégios sociais já adquiridos.

Foi também ficando visível que este tipo de trabalho de ajuda a pessoas desvalidas que estávamos estudando em uma Instituição espírita-kardecista, estava colocado em um campo distinto daquele da politização e da profissionalização do serviço de assistência aos desvalidos, mais comumente encontrado nas ONG's, distante também do “novo” e do tradicional serviço de assistência clássica às camadas fragilizadas da população no campo das políticas públicas, no qual é comumente encontrado o ativismo social, meritocrático. Também era distinto da nova prática de Filantropia Empresarial, na qual predomina a idéia da responsabilidade social agregada a uma estratégia de aquisição de benefícios para a empresa, tanto em relação aos das isenções fiscais, quanto em relação ao uso do *merchandise* social.

Essa constatação foi acrescentando importância à relação entre a CEA e o trabalho da AMIC, ou seja, para o fato de que esse tipo de trabalho de ajuda a pessoas desvalidas tem agregado a ele o fato de que é realizado como prática de Caridade, a qual, dentro do contexto de uma instituição espírita-kardecista, tem um peso e um valor simbólico especial, uma vez que está diretamente vinculado à idéia da salvação da própria alma, finalidade principal de qualquer trabalho de cunho religioso.

Decidimos, então, que essa pesquisa ocupar-se-ia em tentar compreender as particularidades e regularidades da prática do trabalho voluntário, dentro do contexto de uma organização espírita-kardecista, a partir do estudo das biografias dos agentes vinculados à CEA-AMIC, “*nosso caso possível, entre os possíveis*”. Pensávamos, em realizar um trabalho com biografias coletivas comparadas, capaz de ajudar na apreensão de características sociais básicas dos agentes envolvidos neste tipo de trabalho voluntário, ao qual está agregado um valor simbólico específico, o da “salvação da alma”.

Propúnhamos, também, compreender as possíveis relações existentes entre as expectativas familiares - que atuaram sobre essas pessoas - vindas da estrutura familiar onde nasceram. Nesse sentido, pensávamos nas relações existentes entre as estratégias de ascensão social praticadas nessas famílias – que, por sua vez, também ocupavam uma determinada posição na estrutura social - e o vínculo que os voluntários estabeleceram com esse trabalho específico de ajuda. Nesse sentido, perguntávamo-nos: como teria atuado a força do

habitus,²¹⁹ frente a esse vínculo?

Estávamos diante de processos de conservação, de conversão, ou de reconversão²²⁰ social dos *habitus* familiares?

Aos poucos, foi ficando mais visível a importância da ligação existente entre esse tipo de trabalho de ajuda – no qual não importa somente que a ajuda material ou espiritual seja dada, mas que ela seja dada como parte de um ato concreto de amor espiritual - e a função ocupada pela Caridade no espiritismo-kardecista de instrumento para salvação para a própria alma: *Fora da Caridade não há salvação*.

Restava-nos, então, compreender o que levava essas pessoas a buscarem um caminho de salvação para suas almas, através da prática da Caridade.

1. Construção e aplicação do questionário

O questionário foi montado com o objetivo de obter informações que nos permitissem mapear três conjuntos de diversidades, junto aos voluntários:

- quanto à sua origem social;
- quanto às suas experiências associativas anteriores, inclusive religiosas;
- quanto às circunstâncias que os conduziram até à AMIC, ao que lá encontraram e ao que os fez lá permanecer como voluntários.

Para tal, dividimos o questionário em três partes (vide anexo 3)

- a primeira parte, composta de dezenove itens, foi construída para coletar dados que, indiretamente, conformassem a identidade social dos voluntários;
- a segunda parte, composta de 4 perguntas informativas, foi construída para coletar dados sobre experiências associativas anteriores, com o objetivo de identificar as estratégias de ascensão e/ou conservação social praticadas na família dos voluntários: onde e o que estudou, participação em grupos religiosos, sócio-políticos e outras experiências associativas e de trabalho voluntário anteriores à CEA-AMIC;

²¹⁹ Termo usado por Bourdieu para designar as disposições apreendidas no ambiente social, que sem ser determinantes, são atuam ao mesmo tempo como uma força estruturadora e uma força estruturante.

²²⁰ Termo usado por Bourdieu para designar uma mudança ostensiva nos padrões - *habitus* - originalmente absorvidos no ambiente de origem, e que muito raramente acontece.

- a terceira parte foi construída para ajudar a identificar as circunstâncias condutoras, bem como os possíveis elementos que atuaram como facilitadores e construtores do vínculo com o trabalho da CEA-AMIC. Essa parte foi composta de duas sub-partes:

- a primeira, foi composta de quatro perguntas informativas: desde quando conhece a AMIC; desde quando é voluntário; em quais atividades já participou; e quais são suas tarefas atualmente na AMIC.
- a segunda, foi composta de três perguntas abertas: o que o conduziu até a AMIC; o que ele encontrou lá; porque permanece na AMIC.

No que se refere à aplicação do questionário, destacamos que foram distribuídos sessenta e três questionários no primeiro sábado do mês, dia de Curso de Evangelização na Escola Emmanuel, para aqueles que estavam presentes, com o compromisso de responderem em casa e entregarem na gráfica²²¹ nas sextas-feiras seguintes, no Culto do Evangelho.

Na semana seguinte começamos a recebê-los de volta, respondidos. Observamos que voltaram alguns que não haviam sido entregues, porque aqueles voluntários não estavam na Escola Emmanuel no dia em que foram distribuídos. Soubemos, então, que, por iniciativa própria, esses voluntários, ao saberem do questionário, pediram a seus amigos voluntários para fotocopiá-los respondendo-os e entregando-os em seguida..

Distribuímos, então, sessenta e três questionários e recebemos setenta e três respondidos. Dias depois, distribuímos mais oito questionários a voluntários que não estavam naquele dia em que distribuímos na Escola Emmanuel, e que não fizeram o mesmo movimento de copiá-lo por iniciativa própria. Portanto, ao todo, temos oitenta e um questionários respondidos.

2. O voluntário da CEA-AMIC (dados do questionário)

Trabalharemos inicialmente com os dados do questionário referentes a sexo, idade, escolaridade e religião, com o objetivo de fazer um paralelo entre os dados encontrados nessa pesquisa acerca do voluntário da CEA-AMIC, e os dados encontrados na pesquisa

²²¹ Local onde são expostos para venda toda as sextas-feiras na Casa de Oração Fé e Amor todo o material editado pela “Casa do Pão Editora”, e mais os livros da “Banca Espírita Emmanuel”.

Doação e trabalho Voluntário no Brasil - realizada por Leila Landin (2000, p.52 a 61) - a qual se propõe a caracterizar o perfil do voluntário brasileiro.

2.1. Paralelo entre o voluntário da CEA-AMIC, e o voluntário brasileiro

Nos dados encontrados nos questionários aplicados, o grupo de 81 voluntários da CEA-AMIC, está distribuído nas faixas etárias convencionadas pela pesquisa de Landim (opus cit.p.57), por gênero, do seguinte modo:

Tabela 7 - Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC: faixa etária e gênero

idade	18-24	25-34	35-44	44-54	55-	Total	%
feminino	1	11	35	11	4	62	76,54
masculino	2	5	10	2	0	19	23,46
total	3	16	45	13	4	81	100

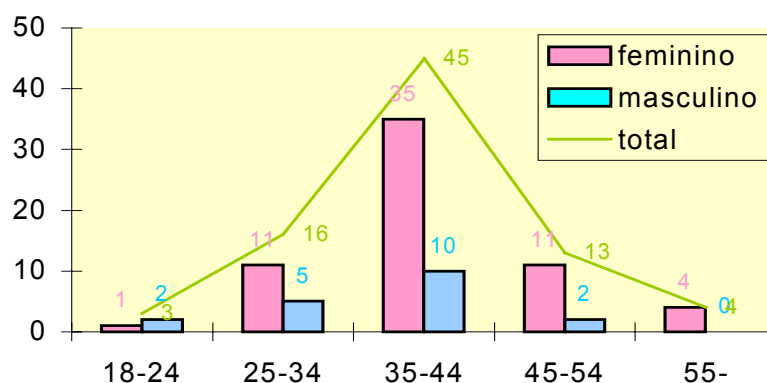


Gráfico 9 - Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC: faixa etária e gênero

Chama a nossa atenção, relativamente ao sexo, a grande concentração de mulheres, 76,54%, e a baixa concentração de homens, 23,43%. Esses dados encontrados quanto ao sexo, nos voluntários da CEA-AMIC, se assemelham aos dados encontrados nos demais grupos de voluntários?

Chama ainda nossa atenção a concentração de voluntários, tanto do sexo feminino (54,45%), quanto do sexo masculino (52,63%) na faixa etária entre 35 e 44 anos de idade, quando, via de regra, as pessoas ainda estão ocupadas com vida familiar e profissional.

Qual será a *peculiaridade* que o trabalho voluntário na CEA-AMIC oferece, que o torna atraente e significativo para essa percentagem de voluntários do sexo feminino e masculino nessa faixa etária?

A Pesquisa *Doação e trabalho Voluntário no Brasil*, realizada por Leila Landin (2000, p.60 e 61) informa, que “...ao contrário do senso comum e também de resultados de pesquisas parciais ou localizadas não foi encontrada correlação entre o sexo e a propensão a fazer trabalhos voluntários: tanto homens, como mulheres o fazem.

Apresenta, então, as percentagens (opus cit.p. 92), encontradas para o Voluntário Brasileiro, quanto a gênero, as quais apresentaremos a seguir, juntamente com as percentagens encontradas para o voluntário da CEA-AMIC:

Gráfico 10- Distribuição do voluntário brasileiro e dos voluntários da CEA-AMIC por gênero

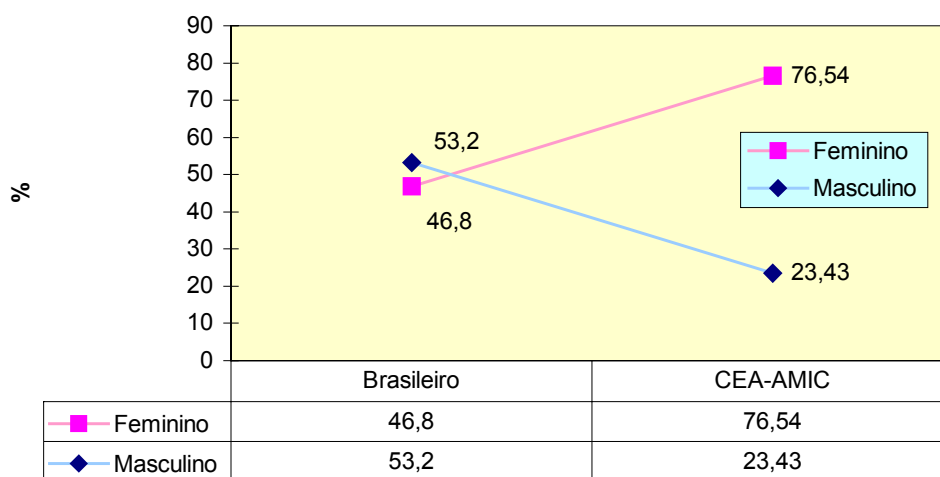


Tabela 8 - Distribuição do voluntário brasileiro e dos voluntários da CEA-AMIC por gênero

Quando relacionamos esses percentuais referentes ao Voluntário Brasileiro, com os percentuais referentes ao voluntário da CEA-AMIC, chama ainda mais a nossa atenção a alta concentração de voluntários do sexo feminino na CEA-AMIC. O que justifica que 76,54% do total desse grupo de voluntários da CEA-AMIC sejam mulheres, principalmente quando constatamos que o percentual de mulheres para o Voluntário Brasileiro é de 46,8%?

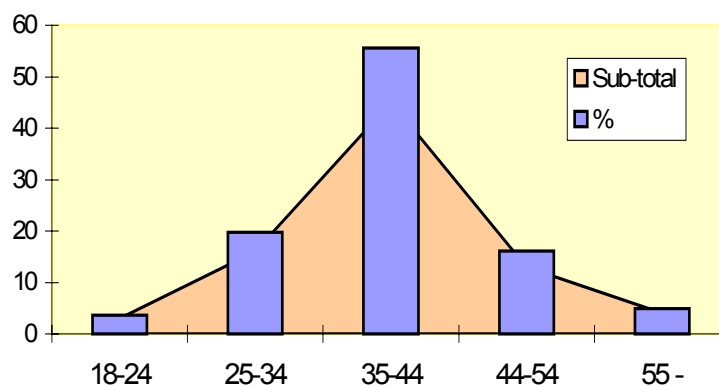
Que *peculiaridade* o trabalho voluntário na CEA-AMIC oferece, que o torna atraente e significativo para essa percentagem de voluntários do sexo feminino e, conseqüentemente, menos atraente para essa percentagem de voluntários do sexo masculino? Em que medida, o fato desse trabalho voluntário da CEA-AMIC, ao ser realizado em uma Instituição religiosa espírita-kardecista, sob a égide da Caridade, pode ter alguma influência, tanto na faixa etária, quanto no sexo das pessoas que para ele afluem? E se isso acontece, qual a dinâmica através da qual esse direcionamento sutil dos interessados é feito, uma vez que não existem regras a priori nesse sentido, praticadas pela Instituição?

Observando mais detalhadamente, conforme os dados encontrados nos questionários, o grupo de 81 voluntários da CEA-AMIC, tem idades entre 20 e 63 anos, e apresenta o seguinte perfil etário:

Tabela 9 - Perfil etário dos voluntários da CEA-AMIC

Idade	18-24	25-34	35-44	44-54	55 -
Sub-total	3	16	45	13	4
%	3,7	19,75	55,55	16,04	4,93

Gráfico 11 - Perfil etário dos voluntários da CEA-AMIC



Chama a nossa atenção, também, a baixa concentração de voluntários na faixa etária entre 18 e 24 anos (3,70%) e entre 55 e mais anos (4,93%). O que justifica tão baixa participação de jovens e de mais velhos nesse grupo de voluntários da CEA-AMIC? Será esse o quadro comumente encontrado nos demais trabalhos voluntários? Ou será que essa pe-

quena participação dos jovens e de mais velhos, é uma característica específica desse grupo de voluntários da CEA-AMIC? Será essa uma *peculiaridade* que caracteriza esse trabalho voluntário, tal como realizado na CEA-AMIC? O que esse trabalho oferece de significativo para pessoas nessa faixa etária? Apesar de a menor idade nesse grupo ser de 20 anos, optamos por usar as mesmas faixas de agrupamento de voluntários por idade, que as usadas pela pesquisa de Leilah Landim (2000, p. 57) para tornar possível os paralelos. A pesquisa *Doação e trabalho Voluntário no Brasil*, realizada por Leila Landin (2000, p.57), apresenta o seguinte perfil etário para o Voluntário Brasileiro, que apresentaremos a seguir, em paralelo com as percentagens encontradas para o Voluntário da CEA-AMIC:

Gráfico 12 –Distribuição do voluntário brasileiro e da CEA-AMIC por faixa etária

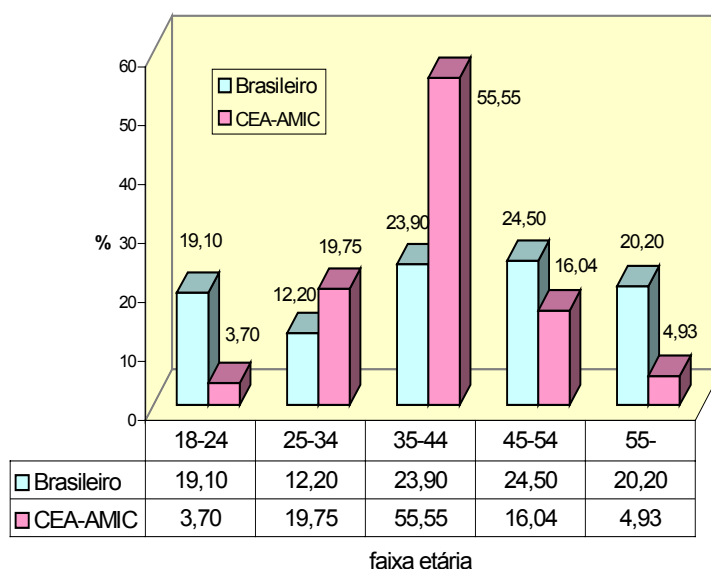


Tabela 10–Distribuição do voluntário brasileiro e da CEA-AMIC por faixa etária

A distribuição quase regular do voluntário brasileiro nas cinco faixas etárias, com uma leve diminuição da concentração na faixa entre 25 e 34 anos e um leve aumento de concentração nas faixas entre 35 e 44 anos e 45 e 54 anos, chama a atenção. Se relacionarmos o perfil etário encontrado no grupo de voluntários da CEA-AMIC, com o perfil etário dos brasileiros que doam trabalho voluntário, encontrados na pesquisa de Landim, encontramos algumas diferenças quanto a distribuição, nas cinco faixas etárias convencionadas, que consideramos relevante apontar:

- a distinta concentração dos voluntários na faixa entre 18 e 24 anos;
- a distinta concentração dos voluntários na faixa entre 35 e 44 anos;
- a distinta concentração dos voluntários na faixa entre 55 e mais anos;
- e, especialmente, a alta concentração dos voluntários da CEA-AMIC, na faixa entre 35 e 54 anos, (71,59%) quando relacionada a do voluntário brasileiro (48,4%);

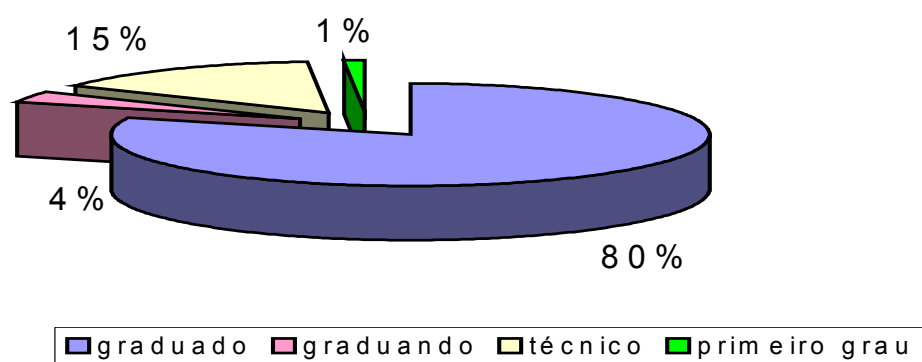
Esses dados parecem sugerir alguma *peculiaridade* no trabalho realizado na CEA-AMIC, a ponto de atrair uma concentração de voluntários em faixas etárias que não confirmam, aquelas encontradas para o Voluntário Brasileiro.

A seguir trabalharemos com as questões da Escolaridade e, conforme os dados encontrados nos questionários, o grupo de 81 voluntários da CEA-AMIC apresenta, o seguinte perfil:

Tabela 11 - Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC por escolaridade

Escolaridade	graduado	graduando	técnico	primeiro grau	total
n. de indivíduos	65	3	12	1	81
%	80,25	3,70	14,81	1,23	100

Gráfico 13- Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC por escolaridade



O gráfico destaca o fato de que só uma voluntária, ou seja, 1,23% de todos os voluntários da CEA-AMIC, tem apenas o primeiro grau completo, enquanto 83,95% atingiram o grau universitário. Destes 3,70% ainda estão cursando a graduação, 54,41% concluí-

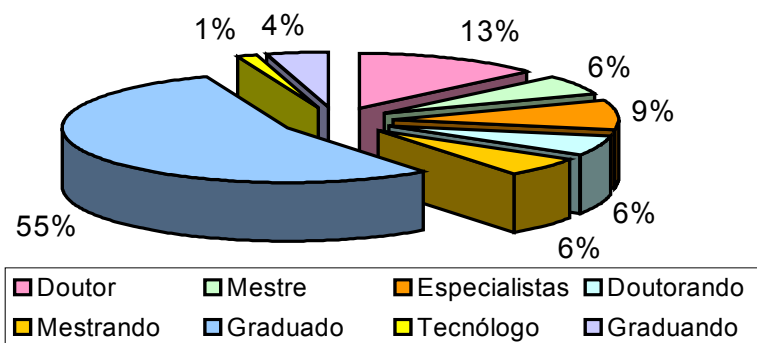
ram a graduação, e 39,53% buscaram pós-graduações, dos quais 13,25% são doutores, 5,82% mestres, 8,82% especialistas, 5,82% doutorandos e 5,82% mestrandos.

Os 68 voluntários com curso superior, completo/ incompleto distribuem-se:

Tabela 12- Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC por escolaridade superior

Escolaridade	n. de indivíduos	%
Doutor	9	13,24
Mestre	4	5,88
Especialistas	6	8,82
Doutorando	4	5,88
Mestrando	4	5,88
Graduado	37	54,41
Tecnólogo	1	1,47
Graduando	3	4,41
Total	68	100

Gráfico 14 -Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC por escolaridade superior



O que significa essa alta concentração de voluntários com nível universitário ou seja, 83,93%, dos quais 27,89% são pós-graduados e 11,64% são pós-graduandos? Esse é o quadro comumente encontrado entre os voluntários no Brasil, ou essa é uma *peculiaridade* dos voluntários da CEA-AMIC?

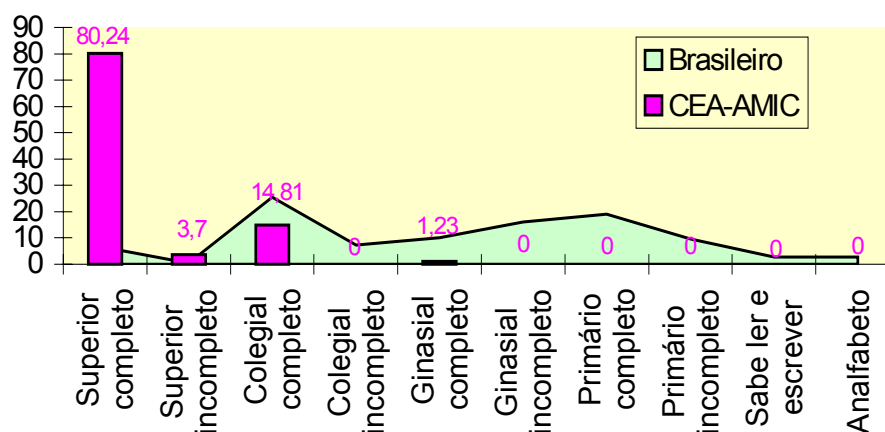
O que torna o trabalho da CEA-AMIC tão atraente para esse tipo de pessoas, com níveis tão altos de escolarização, se considerarmos a realidade Brasil?

Quanto ao grau de instrução, a pesquisa *Doação e trabalho Voluntário no Brasil*, de Leila Landin (2000, p.58), apresenta o seguinte perfil de escolaridade, para o voluntário brasileiro, que apresentaremos em paralelo com o de nossa pesquisa:

Tabela 13- Distribuição do voluntário brasileiro e da CEA-AMIC por escolaridade

Escolaridade	Brasileiro	CEA-AMIC
Superior completo	6,4	80,24
Superior incompleto	0,5	3,7
Colegial completo	25,5	14,81
Colegial incompleto	7,4	0
Ginasial completo	10,1	1,23
Ginasial incompleto	16	0
Primário completo	19,1	0
Primário incompleto	9,6	0
Sabe ler e escrever	2,7	0
Analfabeto	2,7	0

Gráfico 15- Distribuição do voluntário brasileiro e da CEA-AMIC por escolaridade



O percentual encontrado na pesquisa sobre o voluntário brasileiro para aqueles que têm curso superior completo, (6,40%), é muito baixo quando relacionado com o percentual encontrado na CEA-AMIC, (80,24%). Também chama a nossa atenção as diferenças de percentual encontrados, no que se refere:

- aos que têm apenas o primeiro grau completo: (10,1%) para o voluntário brasileiro e 1,23% para o voluntário da CEA-AMIC;
- aos que têm o primário completo: 19,1% para o voluntário brasileiro e 0% para o voluntário da CEA-AMIC;
- aos cursos incompletos: 33,55% para os voluntário brasileiro e 3,70% para o voluntário da CEA-AMIC.

Esses dados parecem sugerir alguma *peculiaridade* no trabalho realizado na CEA-AMIC, a ponto de atrair uma grande concentração de voluntários com altos níveis de escolarização, distintos dos dados encontrados para o voluntário brasileiro. Dados recentes do IBGE, informam que entre todas as religiões, os espíritas-kardecistas, apresentam o grau mais alto de escolarização.²²² Contudo os índices de escolaridade encontrados pelo IBGE de 9,6 anos de estudo para os espíritas, são baixos se comparados ao encontrado na CEA-AMIC onde 83,95% dos voluntários atingiram a escolaridade superior, sendo que destes 40,% atingiram nível de pós-graduação.

A seguir trabalharemos com os dados relativos à religiosidade, que nesse caso ganham uma importância especial, uma vez que essa pesquisa se ocupa de caracterizar as particularidades agregadas ao trabalho voluntário quando realizado em uma instituição religiosa, espírita-kardecista. Outra particularidade importante para essa pesquisa, no que se refere à religiosidade, é o fato de que no espiritismo-kardecista, o trabalho voluntário é praticado como Caridade, que é compreendida como único caminho para salvação da alma, e que está expresso na máxima orientadora da prática espírita: *Fora da Caridade não há salvação*.

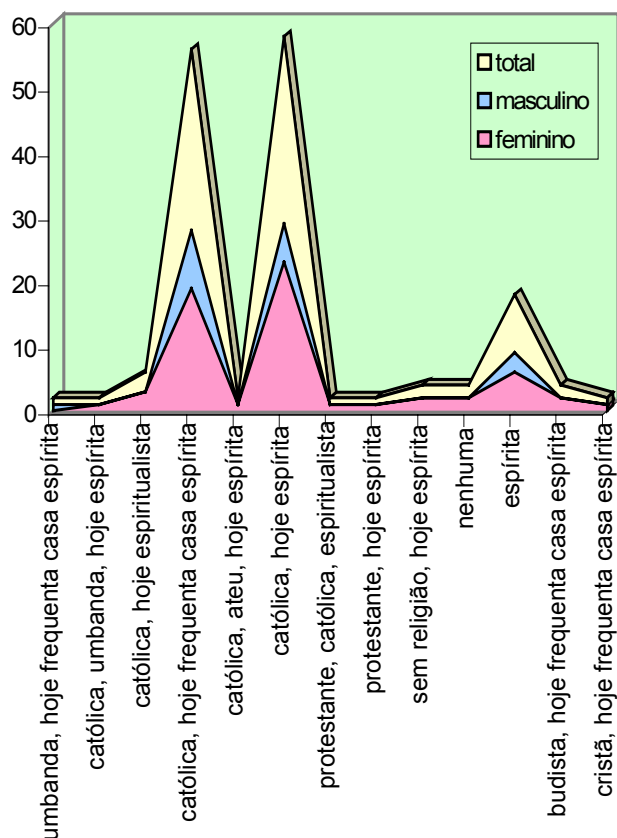
Conforme os dados encontrados nos questionários, o grupo de 81 voluntários da CEA-AMIC, apresenta o seguinte perfil, quanto ao percurso religioso:

²²² www.folha.uol.com.br/folha/ de 20/12/2002. *População Espírita tem o maior nível de escolaridade, diz IBGE*: “O nível educacional da população religiosa revela que os espíritas apresentam a maior média de anos de estudo 9,6, conforme o Censo divulgado hoje pelo IBGE. A média das pessoas que se declaram da umbanda e do candomblé foi de 7,2 anos de estudo, os evangélicos de missão (6,9) e os católicos apostólicos romanos (5,8). Os sem religião têm, em média, 5,6 anos de estudo, os evangélicos pentecostais, 5,3 anos”.

Tabela 14- Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC por percurso religioso

Percurso religioso	feminino	masculino	total	total(%)
umbanda, hoje freqüenta casa espírita	0	1	1	1,23
católica, umbanda, hoje espírita	1	0	1	1,23
católica, hoje espiritualista	3	0	3	3,70
católica, hoje freqüenta casa espírita	19	9	28	34,57
católica, ateu, hoje espírita	1	0	1	1,23
católica, hoje espírita	23	6	29	35,80
protestante, católica, espiritualista	1	0	1	1,23
protestante, hoje espírita	1	0	1	1,23
sem religião, hoje espírita	2	0	2	2,47
nenhuma	2	0	2	2,47
espírita	6	3	9	11,11
budista, hoje freqüenta casa espírita	2	0	2	2,47
cristã, hoje freqüenta casa espírita	1	0	1	1,23
total	62	19	81	100

Gráfico 16 - Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC, por percurso religioso



O fato de que só 11,11% dos voluntários da CEA-AMIC declararam o Espiritismo como sua religião original é relevante. Ou seja 88,89% não têm no espiritismo sua referên-

cia religiosa familiar. Encontramos, ainda, 39,48% dos voluntários que declararam terem migrado de outras religiões para o Espiritismo, e hoje se declaram espíritas. Também chama nossa atenção o fato de que 39,50% declararam terem vindo de religiões variadas, vinculado-se a esse trabalho voluntário espírita-kardecista, e hoje freqüentam também a parte espiritual do trabalho, o Culto do Evangelho na Casa Espírita, mesmo sem ter o Espiritismo como sua religião. Ainda encontramos 4,93% que declaram ser Espiritualistas e 2,46% que declaram não ter religião.

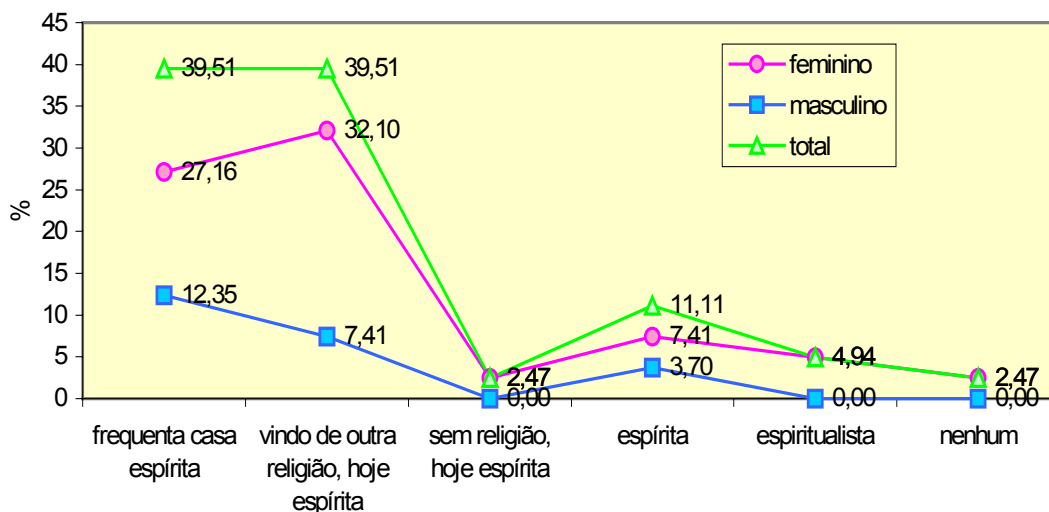
Qual será a natureza do vínculo que todos esses voluntários, que não se declararam espíritas, têm com um trabalho voluntário, declaradamente espírita-kardecista? O que levou, 39,48% dos voluntários a deixarem suas religiões de origem, tornarem-se espíritas, e se comprometerem com este trabalho voluntário? E, mais ainda, o que levou 39,50% dos voluntários da CEA-AMIC, a deixarem suas religiões, passarem a freqüentar a Casa Espírita - sem se declararem espíritas e a se vincularem a este trabalho voluntário? O os demais 4,93% dos voluntários que se declararam espiritualistas, o que os levou a se vincularem a um trabalho voluntário como este? E quanto aos 2,46% que declararam não ter religião porque teriam se vinculado a este trabalho voluntário? Esses dados, tornam-se mais relevantes, quando, como relata Landim (2000, p.77), consideramos: *“A não ser pela influência da participação religiosa, em tudo mais o perfil do voluntário é o do brasileiro médio, do cidadão comum.”*

Em setembro de 1999 – época em que os questionários foram aplicados - os voluntários da CEA-AMIC deram a seguinte informação sobre opção religiosa:

Tabela 15 - Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC por opção religiosa

opção religiosa	feminino	masculino	Total
freqüenta casa espírita	27,16	12,35	39,51
vindo de outra religião, hoje espírita	32,10	7,41	39,51
sem religião, hoje espírita	2,47	0,00	2,47
espírita	7,41	3,70	11,11
espiritualista	4,94	0,00	4,94
nenhum	2,47	0,00	2,47
total	76,54	23,46	100

Gráfico 17- Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC por opção religiosa



Quanto à religião, a pesquisa *Doação e Trabalho Voluntário no Brasil*, realizada por Leila Landin (2000, p.60), afirma que para o voluntário brasileiro, o fato de se ter ou não religião não é estatisticamente significativo, quanto à propensão das pessoas a fazerem trabalhos voluntários. No entanto, há uma clara correlação entre a intensidade da adesão religiosa – medida pela frequência a cultos e igrejas – e a prática do voluntariado. Ou seja, se dentre os que freqüentam cultos mais de uma vez por semana, 37,7% doam algum tempo de trabalho, entre os que afirmaram freqüentar somente algumas vezes por ano, apenas 9,3% fazem trabalho voluntário. E apenas 0,5% trabalhou voluntariamente, entre os que afirmaram não participar de cultos religiosos.

Será essa razão - frequência semanal dos voluntários ao culto do Evangelho na Casa Espírita - que possibilita à CEA-AMIC realizar um trabalho caritativo tão amplo e diversificado, conforme descrito no Capítulo II - contando apenas com 11,11% de voluntários espíritas e 39,48% de voluntários que se tornaram espíritas?

Seria a frequência semanal ao culto do Evangelho na Casa Espírita, a causa que levou - os 39,50% de voluntários a deixarem suas religiões e passarem a freqüentar a Casa Espírita, apesar de não se declararem espíritas? Os 4,93% que se declararam espiritualistas e os 2,46% que disseram não ter religião, todo esse conjunto de pessoas passa então a participar ativamente do trabalho voluntário da CEA-AMIC, em razão da frequência aos cultos? O que então o Culto do Evangelho oferece de tão atraente, à essas pessoas?

A alta rotatividade dos voluntários - queixa comumente encontrada nos mais diversos trabalhos voluntários não religiosos - , pouco presente na CEA-AMIC – seria decorrente da frequência aos cultos? Anualmente, durante os três anos que decorreram desde a aplicação do questionário, apenas 4 voluntários (4,93%) deixaram de atuar na CEA-AMIC, sendo que alguns deles retomaram em anos seguintes . Nesse sentido parece haver concórdia entre os dados encontrados para o voluntário brasileiro, e o voluntário da CEA-AMIC, acerca da correlação entre a intensidade da adesão religiosa – medida pela frequência a cultos e igrejas – e a prática do trabalho voluntário. Esse dado torna-se bem relevante quando consideramos que, mesmo os voluntários que não se declaram espíritas e até os que declaram não ter religião, freqüentam o Culto do Evangelho e declaram encontrar nele alimento e força, tanto para a vida pessoal, quanto para a realização do próprio trabalho voluntário.

Qual seria, então, a *peculiaridade* que o Culto do Evangelho, incluindo nele as preleções da espiritualidade, oferece, que o torna tão atraente por essa gama variada de pessoas com percursos e com opções religiosas tão distintos? É importante ressaltar que o Culto do Evangelho, tal como é realizado na CEA-AMIC, tem seu eixo colocado, em torno de uma reflexão ecumênica sobre valores morais universais.

2.2 Paralelo entre as atividades do voluntário brasileiro e da CEA-AMIC

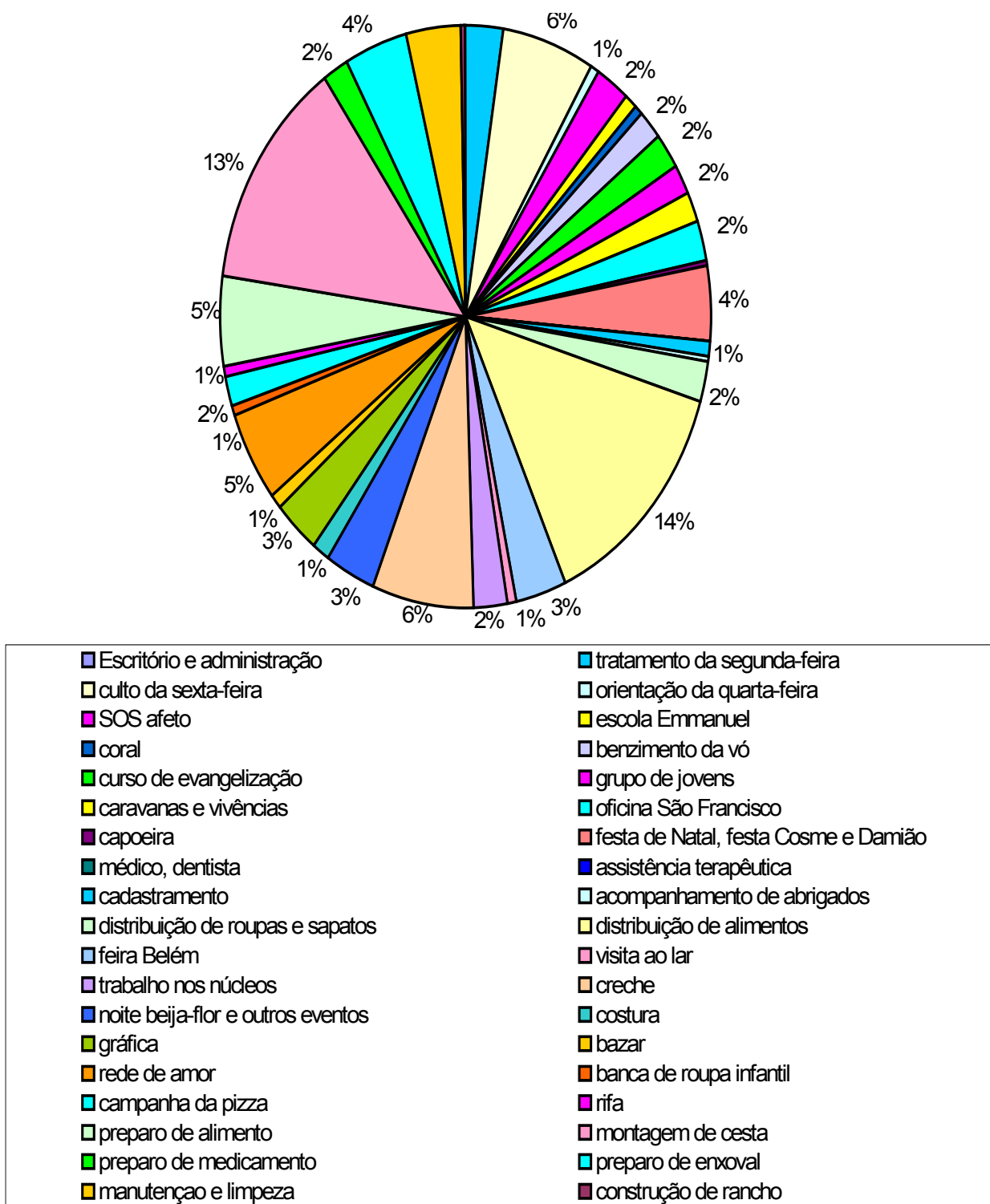
Trabalharemos, agora, com os dados relativos às atividades realizadas pelo voluntário da CEA-AMIC. Os dados mostram o perfil quanto às atividades realizadas por cada voluntário. As atividades serão agrupadas em torno das mesmas categorias utilizadas por Landim (2000,p.56) na sua pesquisa sobre *Doações e Trabalho Voluntário no Brasil*, com o objetivo de relacionarmos os percentuais encontrados nas atividades realizadas pelo voluntário brasileiro, com as percentuais encontradas para os voluntários da CEA-AMIC.

Os 81 voluntários dessa pesquisa, informaram que em setembro de 1999 estavam tendo 190 participações nas várias atividades, que compõem o conjunto do trabalho de assistência à população, realizado pela CEA-AMIC, o que significa, que na sua maioria, cada voluntário estava participando em mais de uma atividade.

Tabela 16- Atividades dos voluntários da CEA-AMIC em setembro de 1999

	voluntária	voluntário	TOTAL
Escritório e administração	1	1	2
Atividades religiosas			
tratamento da segunda-feira	5	1	6
culto da sexta-feira	13	6	19
mocidade Flamarion	2	2	4
orientação da quarta-feira	1	0	1
correspondência	2	0	2
SOS. afeto	0	1	1
escola Emmanuel	2	0	2
coral, teatro, clown	3	1	4
Atividades de intervenção direta com os grupos atendidos da população			
Lazer e cultura			
Natal, Cosme e Damião	5	5	5
Serviços profissionais			
advogado, médico, dentista	0	0	0
Aconselhamento psicológico			
assistência terapêutica	1	0	1
Cuidados pessoais			
cadastramento	1	0	1
acompanhamento abrigados	3	0	3
distrib. de roupas e sapatos	2	0	2
distribuição de alimentos	8	11	19
feira Belém	6	4	10
humildes servas de Maria	2	0	2
Ensino e Treinamento			
berçário	3	0	3
creche	11	0	11
Atividades levantar recursos			
gráfica e editora	5	1	6
banca de livros	1	0	1
rede de amor	5	0	5
banca de roupa infantil	1	0	1
campanha da pizza	3	1	4
Ativi. limpeza e infra-estrutura			
preparo de alimento	16	0	16
montagem de cesta	17	9	26
preparo de medicamento	8	0	8
preparo de enxoval	12	0	12
manutenção e limpeza	7	1	8
TOTAL	146	44	190

Gráfico 18 - Atividades dos voluntários da CEA-AMIC em setembro de 1999



Nesses dados destaca-se o fato de que, apesar de os voluntários de sexo masculino corresponderem a 30% do total de Voluntárias do sexo feminino, a participação nas atividades

administrativas, religiosas, de lazer, e cuidados, foi em torno de 50%. Contudo, nas atividades de ensino e treinamento, atividades para levantar recursos, e aquelas de limpeza e infra-estrutura, a participação dos voluntários do sexo masculino é significativamente mais baixa. Que possíveis particularidades teriam essas atividades para agrupar de modo distinto os voluntários e as voluntárias?

Observando qualitativamente essas atividades, a pouca participação masculina, ocorre em sua grande maioria no preparo alimento, costura, limpeza, cuidado de crianças etc, que são mais comumente realizadas por mulheres, em nossa sociedade.

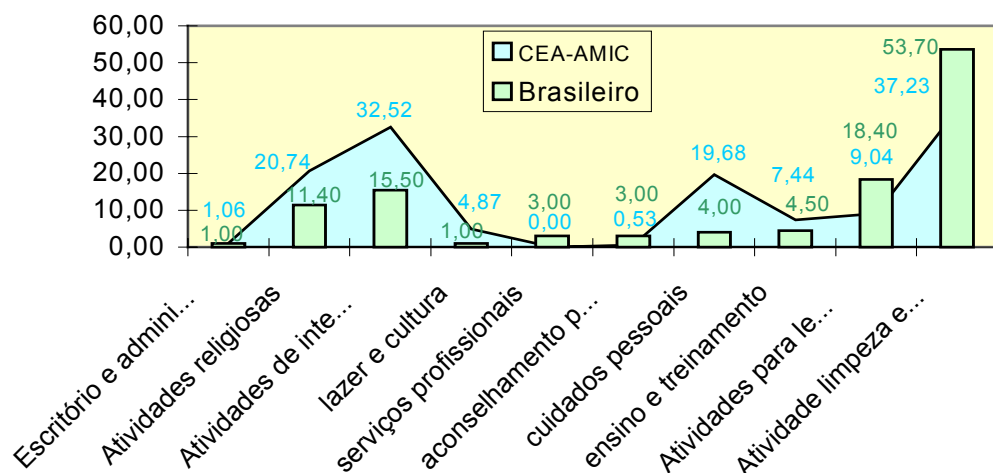
Também chama a nossa atenção a alta participação dos voluntários, como um todo, nas atividades de intervenção direta junto à população e nas atividades de limpeza e infra-estrutura. Observando mais detidamente as atividades de infra-estrutura, fica visível que são elas que dão sustentação àquelas de intervenção direta junto à população – preparo de alimento, medicamento, enxoval, montagem de cestas, manutenção e limpeza dos ambientes. - Isto significa que essas duas atividades, completamente voltadas para o atendimento emergencial à população, perfazem, juntas, um total de 68,78 % de todas as atividades da CEA-AMIC.

Relacionaremos, a seguir, as percentagens de participação nas atividades do voluntário da CEA-AMIC em setembro de 1999, com aquelas encontradas para o voluntário brasileiro em maio de 1998, por áreas de atividades:

Tabela 17- Participação do voluntário brasileiro (maio 98) e da CEA-AMIC (set. 99), nas atividades voluntárias

	Brasileiro(%)	CEA-AMIC(%)
Escritório e administração	1,00	1,06
Atividades religiosas	11,40	20,63
Ativ. de intervenção junto a grupos população	15,50	32,28
lazer e cultura	1,00	4,76
serviços profissionais	3,00	0,00
aconselhamento psicológico	3,00	0,53
Cuidados pessoais	4,00	19,58
ensino e treinamento	4,50	7,41
Atividades voltadas para levantar recursos	18,4	8,99
Atividades de limpeza e infra-estrutura	53,70	37,04

Gráfico 19 - Participação do brasileiro (maio 98) e da CEA-AMIC (set. 99) nas atividades voluntárias



Algumas diferenças entre as taxas de participação encontradas para o voluntário brasileiro e para o voluntário da CEA-AMIC, chamam a atenção:

- são maiores as taxas de participação dos voluntários da CEA-AMIC nas atividades religiosas, no total das atividades de intervenção direta com os grupos atendidos da população e, dentro destas, nas atividades de lazer e ensino e de cuidados.

- são maiores as taxas de participação do voluntário brasileiro nas atividades para levantar recursos, limpeza e infra-estrutura e nos serviços profissionais e de aconselhamento psicológico,

Essa diferenças sugerem distintas prioridades, distintas concepções acerca do próprio trabalho voluntário, seu propósito e sentido, bem como a própria forma de organizá-lo. Na concepção de trabalho voluntário, na CEA-AMIC, por exemplo, não existem equipes destinadas somente ao trabalho de limpeza; cada equipe de trabalho é responsável por manter limpo e em ordem seu ambiente de trabalho, bem como todo material manuseado, de forma que esse trabalho é praticado por todos, e, como tal, não aparece como uma categoria em si. Decorrem deste fato as taxas mas baixas. O mesmo acontece com o trabalho de arrecadação de fundos. Todos participam dele através da construção, no seu ambiente de

vida e trabalho, da Rede de Amor, formada por pessoas que, mesmo não participando diretamente das atividades, interessam-se em contribuir de variadas formas, para que as atividades sejam realizadas. Quando ocorre que um voluntário tenha uma formação profissional em uma área onde ele foi chamado para trabalhar voluntariamente, o trabalho profissional é realizado como contribuição daquela pessoa, não havendo nenhuma distinção em relação aos demais trabalhos voluntários realizados, até por essa mesma pessoa. Sendo assim a categoria serviços profissionais nem é computada pelo o voluntário da CEA-AMIC.

2.3. Caracterização dos voluntários da CEA-AMIC

Trabalharemos a seguir, com os outros dados sobre os voluntários da CEA-AMIC, colhidos através do questionário, em relação aos quais não temos dados de outras pesquisas para fazer comparações. Objetivamos através desses dados, tornar mais visíveis as particularidades que caracterizam o voluntário da CEA-AMIC, possibilitando possíveis futuros estudos comparativos com o trabalho voluntário quando feito sob a égide da Caridade.

Trabalharemos com dados relativos à:

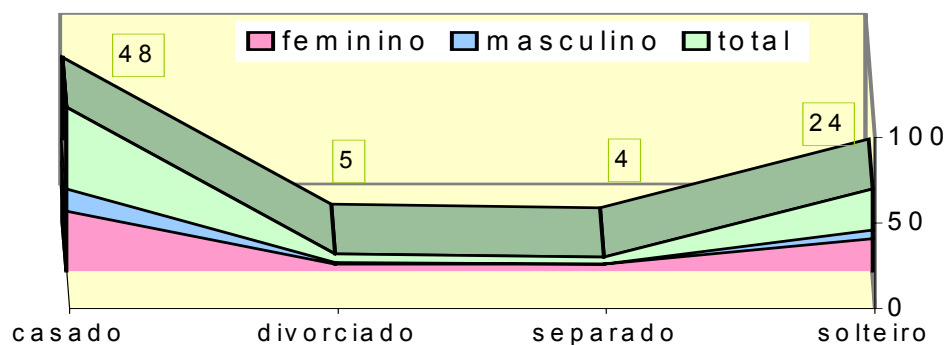
- estado civil;
- sexo;
- nacionalidade;
- naturalidade;
- profissão e ocupação.

Conforme os dados encontrados nos questionários, o grupo de 81 voluntários da CEA-AMIC pesquisado, apresenta o seguinte perfil quanto a estado civil:

Tabela 18- Estado civil dos voluntários da CEA-AMIC

	feminino	masculino	total
casado	35	13	48
divorciado	4	1	5
separado	4	0	4
solteiro	19	5	24
Total	62	19	81

Gráfico 20. Estado civil dos voluntários da CEA-AMIC

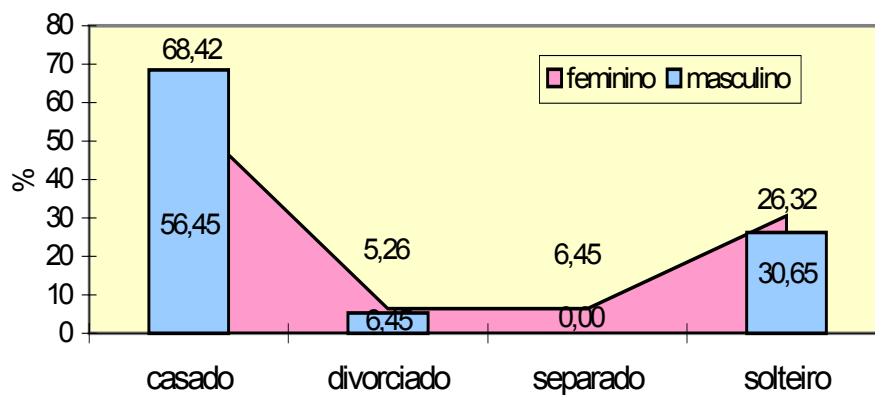


Do universo pesquisado, 59,26% são casados, 6,17% são divorciados, 4,94% são separados e 29,63% são solteiros. Se considerarmos a variação do estado civil em relação ao total de homens e mulheres encontraremos, então:

Tabela 19- Estado civil dos voluntários da CEA-AMIC, por sexo

	feminino	masculino	total	%(total)	%(fem.)	%(masc.)
casado	35	13	48	59,26	56,45	68,42
divorciado	4	1	5	6,17	6,45	5,26
separado	4	0	4	4,94	6,45	0,00
solteiro	19	5	24	29,63	30,65	26,32
Total	62	19	81			

Gráfico 21- Estado civil dos voluntários da CEA-AMIC por sexo



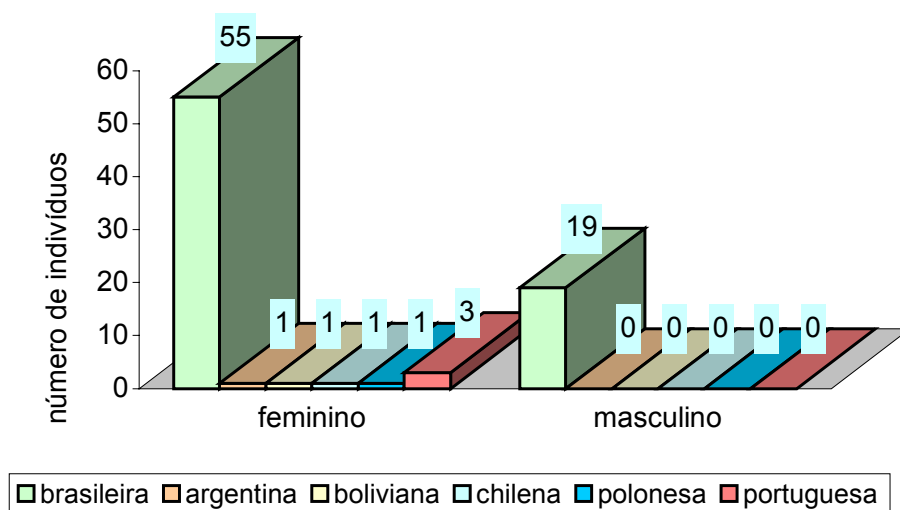
Proporcionalmente, portanto há têm mais homens casados que mulheres, mais mulheres solteiras do que homens, uma pequena diferença entre mulheres e homens divorciados, não havendo homens separados.

Conforme os dados dos questionários, o perfil quanto a nacionalidade é o seguinte:

Tabela 20 - Voluntários da CEA-AMIC por nacionalidade

	feminino	masculino	total
brasileira	55	19	74
argentina	1	0	1
boliviana	1	0	1
chilena	1	0	1
polonesa	1	0	1
portuguesa	3	0	3
total	62	19	81

Gráfico 22 - Voluntários da CEA-AMIC por nacionalidade



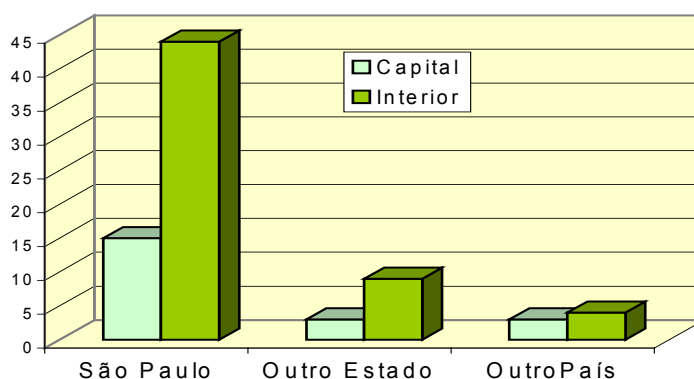
Temos então, que, 91,35% dos voluntários da CEA-AMIC são brasileiros e apenas 8,64% são de origem estrangeira, sendo todos do sexo feminino.

É o seguinte perfil quanto a naturalidade dos voluntários pesquisados:

Tabela 21 - Voluntários da CEA-AMIC por naturalidade

Procedência	São Paulo	Outro Estado	Outro País	Total
Capital	15	3	4	21
Interior	44	9	4	57
Total	59	12	8	78

Gráfico 23 - Voluntários da CEA-AMIC por naturalidade



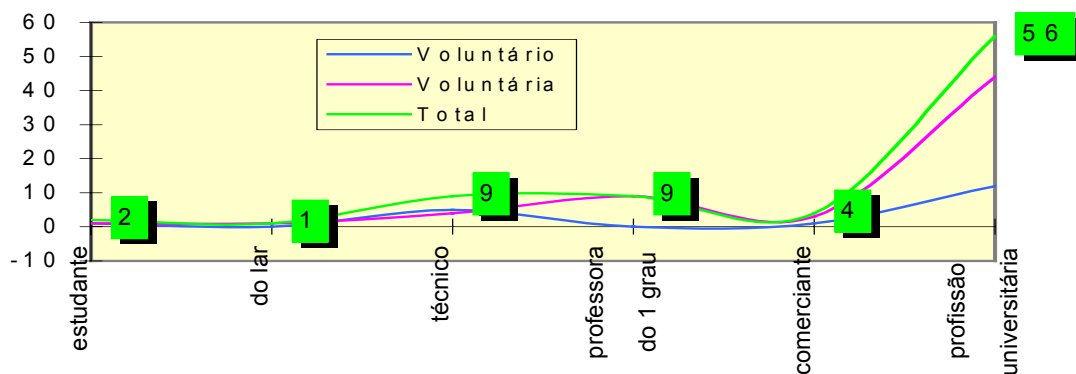
Temos, então, 53 voluntários vindos do interior do país, dos quais 51 da região sudeste, 1 da região nordeste e 1 da região oeste. Podemos supor que o imaginário desses voluntários, bem como a construção das suas crenças, valores e aspirações, foi permeado pelo fato de que em sua grande maioria, vieram do interior, mais concentradamente da região sudeste.

Quanto à profissão os dados da pesquisa nos mostram o seguinte:

Tabela 22 - Voluntários da CEA-AMIC por profissão

	voluntário	voluntária	Total	%
estudante	1	1	2	2,47
do lar	0	1	1	1,23
técnico	5	4	9	11,1
professora do 1º grau	0	9	9	11,1
comerciante	1	3	4	4,94
profissão universitária	12	44	56	69,1
total	19	62	81	100

Gráfico 24 - Voluntários da CEA-AMIC por profissão

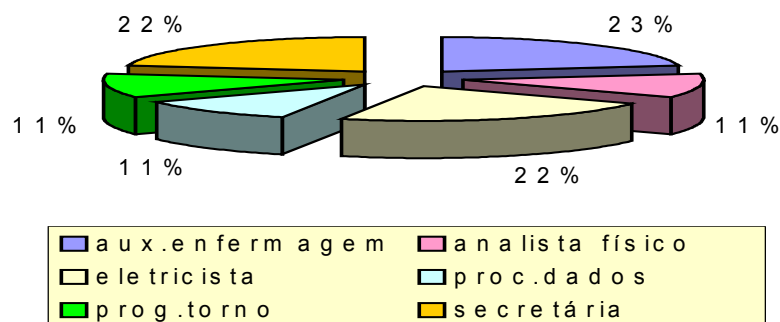


Encontramos nos voluntários da CEA-AMIC uma concentração nas profissões técnica e universitária e, achamos por bem, então detalhar essa particularidade:

Tabela 23 - Voluntários da CEA-AMIC por profissões técnicas

	voluntário	voluntária	total
aux.enfermagem	1	1	2
analista físico	0	1	1
eletricista	2	0	2
proc.dados	1	0	1
prog.torno	1	0	1
secretária	0	2	2
total	5	4	9

Gráfico 25 – Voluntários da CEA-AMIC por profissões técnicas

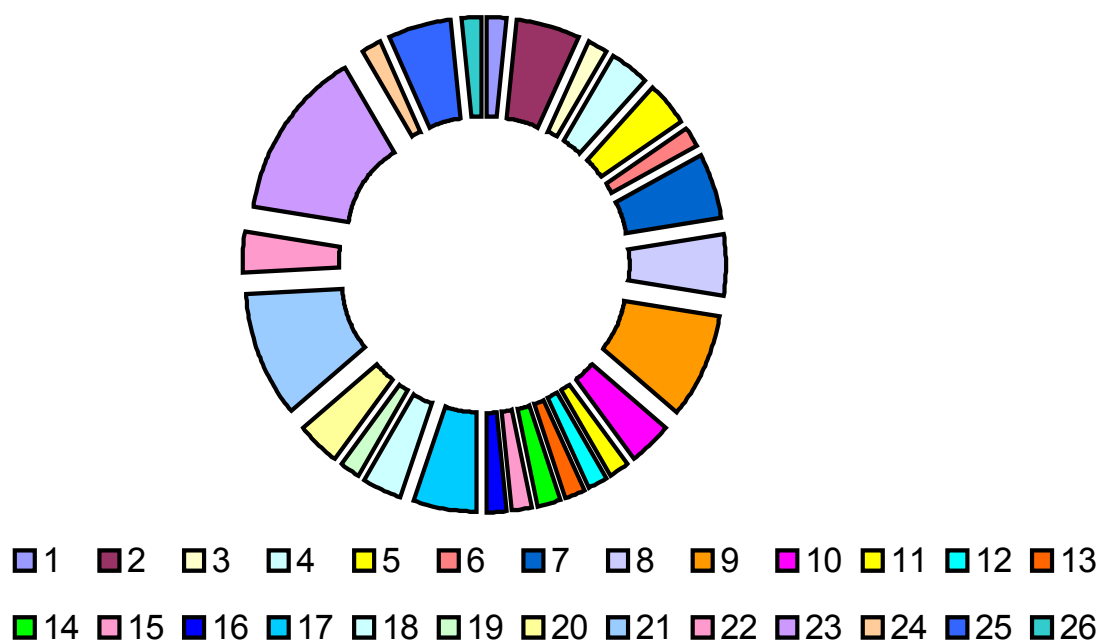


Esses dados sobre as profissões exercidas pelos voluntários da CEA-AMIC, chamam especialmente a nossa atenção, e parecem apontar alguma peculiaridade concernente as pessoas que aqui se tornam e permanecem como voluntários. Contudo só através de dados indiretos - no caso sobre a escolaridade - podemos estabelecer alguma relação com o perfil do voluntário brasileiro, uma vez que não encontramos publicadas, dados sobre as profissões exercidas por este último. Então, na mesma direção encontrada nos dados sobre escolaridade, salta a nossa vista, a grande concentração de voluntários da CEA-AMIC, exercendo profissões universitárias. O que o trabalho voluntário aqui realizado, tem de especialmente atraente, para este conjunto específico de profissionais universitários?

Tabela 24 – Voluntários da CEA-AMIC por profissão universitária

	voluntário	voluntária	total
agrônomo	0	1	1
analista de sistemas	2	1	3
artista	0	1	1
assistente social	0	2	2
bióloga	0	2	2
bioquímico	0	1	1
economista	3	0	3
enfermeira	0	3	3
eng. de alimentos	1	4	5
eng. civil	1	1	2
eng. eletrônico	1	0	1
eng. de materiais	1	0	1
eng. sanitaria	0	1	1
estatístico	0	1	1
farmacêutica	0	1	1
físico	1	0	1
historiadora	0	3	3
jornalista	1	1	2
médico	0	1	1
nutricionista	0	2	2
pedagoga	0	6	6
prof. 2. grau	0	2	2
psicóloga	0	8	8
químico	1	0	1
relações públicas	0	3	3
tradutora	0	1	1
total	12	46	58

Gráfico 26 – Voluntários da CEA-AMIC por profissão universitária

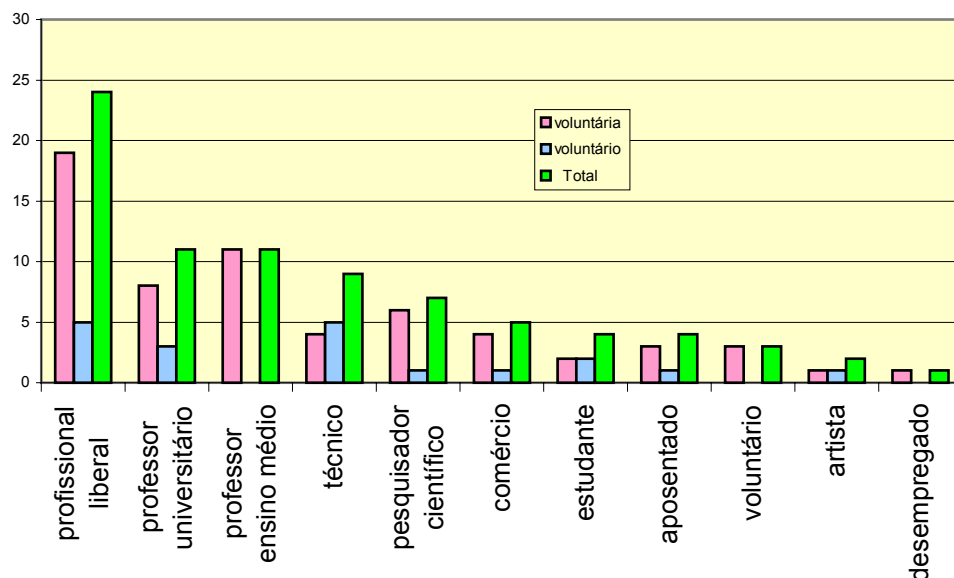


Conforme os dados encontrados nos questionários pesquisados, o grupo apresenta o seguinte perfil quanto a Ocupação:

Tabela 25. Voluntários da CEA-AMIC por ocupação

Ocupação Profissional	voluntária	voluntário	Total	%
profissional liberal	19	5	24	29,63
professor universitário	8	3	11	13,58
professor ensino médio	11	0	11	13,58
técnico	4	5	9	11,11
pesquisador científico	6	1	7	8,64
comércio	4	1	5	6,17
estudante	2	2	4	4,94
aposentado	3	1	4	4,94
voluntário	3	0	3	3,70
artista	1	1	2	2,47
desempregado	1	0	1	1,23
total	62	19	81	100

Gráfico 27 - Voluntários da CEA-AMIC por ocupação



É interessante observar o fato de que 51,84% dos voluntários têm ocupações que requerem um alto investimento na escolarização: profissional liberal, professor universitário e pesquisador científico. Se ainda agregarmos a este percentual os 13,58% dos voluntários dedicados ao ensino médio, e 4,93% cursando graduação universitária, chegaremos a um total de 70,37% com ocupações que exigem um grau elevado de escolarização.

Se relacionarmos esse total de 70,37% com ocupações que exigem um investimento alto na escolarização, com a percentagem de voluntários aposentados (4,93%), e mesmo com a percentagem daqueles que só exercem o trabalho voluntário (3,70%), fica evidente que quanto ao perfil do voluntário da CEA-AMIC, no que se refere à ocupação, predominam pessoas com formação universitária em pleno exercício da sua vida profissional.

2.4. Sobre a história social dos voluntários da CEA-AMIC

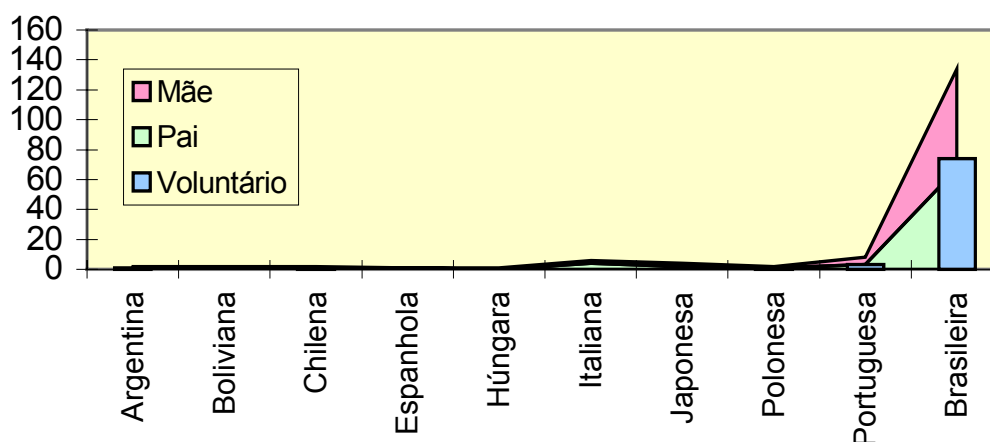
Trabalharemos aqui, visando caracterizar um pouco a história social vivida por esses voluntários da CEA-AMIC, no âmbito das suas famílias de origem. Objetivamos, através dos dados sobre a historia social dos voluntários, contextualizar socialmente a opção que fizeram de se engajar nesse trabalho voluntário

De acordo com os dados encontrados nos questionários, o grupo pesquisado apresenta o seguinte perfil quanto a nacionalidade dos pais, relacionada com a dos Voluntários :

Tabela 26 - Nacionalidade dos voluntários e de seus pais

	pai	mãe	total	voluntário	voluntária	total
argentina	1	1	2	0	1	1
boliviana	1	1	2	0	1	1
chilena	1	1	2	0	1	1
espanhola	1	0	1	0	0	0
húngara	0	1	1	0	0	0
italiana	4	2	6	0	0	0
japonesa	2	1	3	0	0	0
polonesa	1	1	2	0	1	1
portuguesa	3	5	8	0	3	3
subtotal						
brasileira	66	67	133	17	57	74
total	80	80	160	17	64	81

Gráfico 28 - Nacionalidade dos voluntários e de seus pais

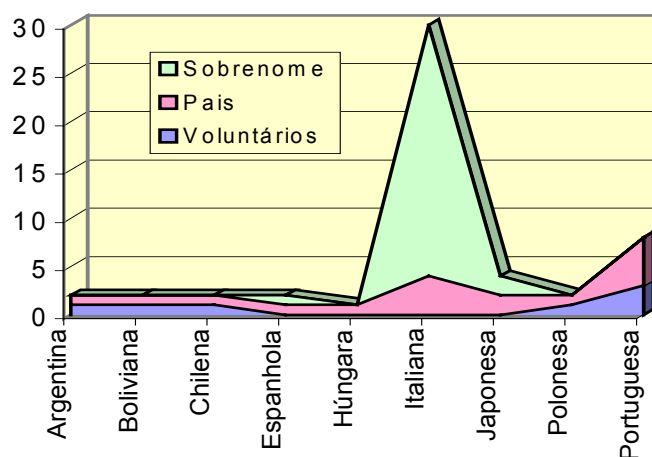


Verificando mais detalhadamente a filiação dos 74 voluntários que se declararam brasileiros, encontramos que alguns deles, apesar de seus pais terem nacionalidade brasileira, têm sobrenomes estrangeiros:

Tabela 27 - Descendência estrangeira dos voluntários da CEA-AMIC

	Voluntários	Pais	Sobrenome	Total
Argentina	1	1	0	2
Boliviana	1	1	0	2
Chilena	1	1	0	2
Espanhola	0	1	1	2
Húngara	0	1	0	1
Italiana	0	4	26	30
Japonesa	0	2	2	2
Polonesa	1	1	0	2
Portuguesa	3	5	0	8
Total	7	17	29	51

Gráfico 29 - Descendência estrangeira dos Voluntários da CEA-AMIC



Temos, então, que 7 voluntários são estrangeiros, 14 têm pais estrangeiros, 13 têm mães estrangeiras, enquanto que 29 têm pais com descendência direta estrangeira. Assim 49 voluntários, ou seja, 60,49% estão diretamente vinculados a um entorno familiar, onde a experiência de imigração é próxima. Destes, 30, ou seja, 37,03 %,s têm descendência italiana.

Quais serão as conseqüências, em termo da trajetória biográfica dos voluntários, deste entorno familiar, com predominância de descendência de imigrantes, a qual envolve,

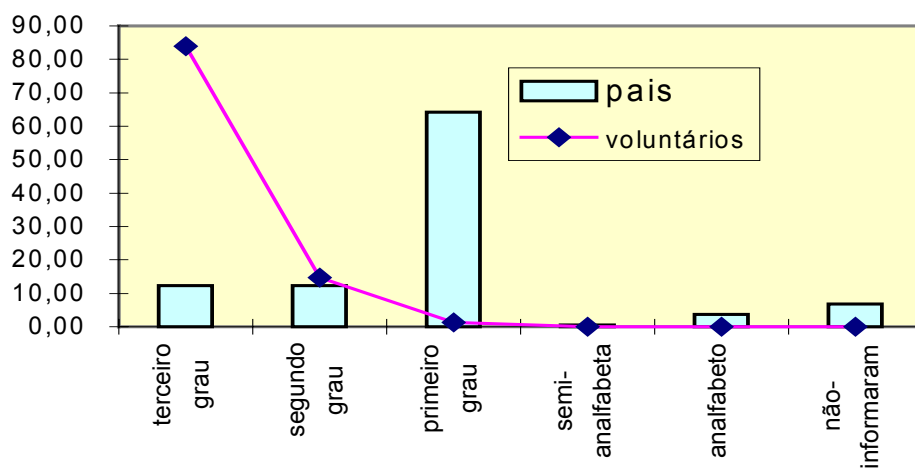
portanto, histórias de outras terras, as experiências da migração, as crenças, os valores e os sonhos trazidos com eles para a nova terra, bem como as frustrações vividas?

Quanto à escolaridade dos pais, relacionada à dos filhos, o perfil é o seguinte:

Tabela 28 - Escolaridade dos pais e dos voluntários

	pai	mãe	total	pais(%)	voluntário(%)
terceiro grau completo	12	6	18	11,11	80,24
terceiro grau incompleto	1	1	2	1,23	3,70
subtotal	13	7	20	12,35	83,94
segundo grau completo	9	9	18	11,11	14,81
segundo grau incompleto	1	1	2	1,23	0,00
subtotal	10	10	20	12,35	14,81
primeiro grau completo	18	18	36	22,22	1,23
primeiro grau incompleto	32	36	68	41,98	0,00
subtotal	50	54	104	64,20	1,23
semi-analfabeta	0	1	1	0,62	0,00
analfabeto	2	4	6	3,70	0,00
não-informaram	6	5	11	6,79	0,00
total	81	81	162	100	100

Gráfico 30 - Escolaridade dos pais e dos voluntários



A alta concentração de voluntários com o terceiro grau, chama sobremaneira nossa atenção, especialmente quando colocada em relação com os dados sobre os pais, que têm no primeiro grau sua maior concentração

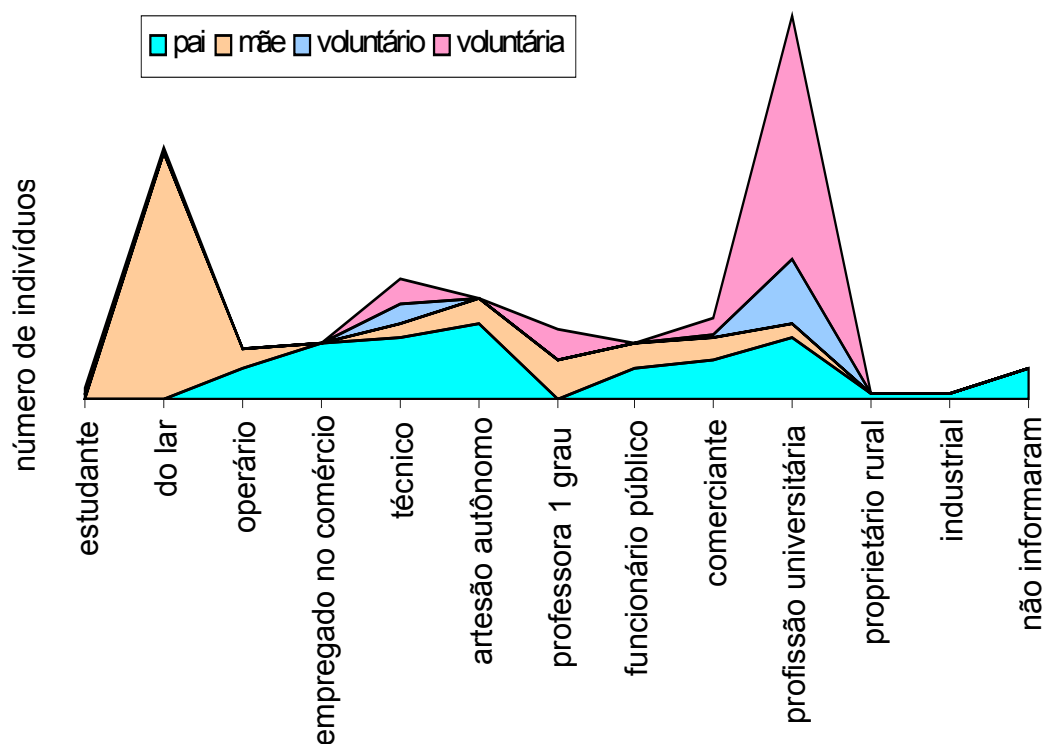
Que influência teve sobre as escolhas dos voluntários, particularmente em relação à escolaridade, o fato de seus pais, e sua maioria, terem apenas o primeiro grau (65,43% mães e 61,72% pais), sendo que para grande parte deles incompleto (42,20% mães e 39,50% pais)? Se relacionarmos os dados sobre escolaridade dos pais com os dados sobre escolaridade dos filhos, encontraremos dados que podem sugerir o uso, pela família, da estratégia de ascensão social via escolarização dos filhos, uma vez que, em uma geração esse grupo de voluntários decresceu de 65,43% de mães e 61,72% de pais com o primeiro grau, grande parte incompleto, para apenas 1,23% dos voluntários só com o primeiro grau completo. Ao mesmo tempo cresceu de 8,64% de mães e 16,04% de pais com curso superior completo para 80,24%, de voluntários com o curso superior completo e 3,70% que ainda estão cursando a graduação. Podemos supor que, sendo grande parte (43,20%) desses pais (dos quais 38,27% eram italianos), descendentes diretos de imigrantes, que de modo geral, deixam suas terras em busca de melhores condições de vida, tenha esse fato influenciado decisivamente, nesse alto índice de escolarização, alcançada por seus filhos no decorrer de apenas uma geração.

O grupo pesquisado apresenta o seguinte perfil quanto à profissão dos pais, apresentado em paralelo com a dos voluntários:

Tabela 29 - Profissão dos pais e dos voluntários

Profissão	pai	mãe	voluntário	voluntária
estudante	0	0	1	1
do lar	0	49	0	1
operário	6	4	0	0
empregado no comércio	11	0	0	0
técnico	12	3	4	5
artesão autônomo	15	5	0	0
professora 1 grau	0	8	0	6
funcionário público	6	5	0	0
comerciante	8	4	1	3
profissão universitária	12	3	13	48
proprietário rural	1	0	0	0
Industrial	1	0	0	0
Não informaram	6	0	0	0

Gráfico 31 - Profissão dos pais e dos voluntários



No que se refere ao perfil profissional das mães, salta aos nossos olhos uma concentração acentuada de mães com a profissão do lar, enquanto que o perfil profissional dos pais não apresenta nenhum pico muito acentuado na sua distribuição. Outra característica da distribuição dos pais por profissão, é que, afora o pico apresentado quanto a profissão do lar para as mães, a distribuição dos pais e mães por profissão é muito semelhante, apresentando uma pequena concentração para ambos, em torno das profissões aqui nominadas de: empregado no comércio, técnico, comerciante, profissão universitária, e uma concentração um pouco maior em artesão autônomo. Enquanto que para os voluntários, é muito explícita a concentração nas profissões universitárias, apresentando ainda uma concentração, bem menor na profissão de técnico, especialmente no que se refere às voluntárias.

De acordo com os dados encontrados nos questionários o perfil, quanto a ocupação dos pais dos voluntários é o seguinte.

Tabela 30 - Ocupação dos pais dos voluntários

	voluntária		voluntário		pai	mãe
	pai	mãe	pai	mãe	total	total
aposentado	20	7	4	2	24	9
autônomo transp.	1	0	0	0	1	0
advogado	3	0	0	0	3	0
adm.empresas	1	1	0	0	1	1
agricultor	1	0	0	0	1	0
ajud. produção	0	1	0	1	0	2
assessor político	1	0	0	0	1	0
aux. Corretor	1	0	0	0	1	0
barbeiro	1	0	0	0	1	0
carteiro	0	0	1	0	1	0
comerciante	2	2	1	1	3	3
corretor	1	0	0	0	1	0
costureira	0	1	0	1	0	2
dentista	0	0	1	0	1	0
do lar	0	38	0	11	0	49
enfermeira	0	1	0	0	0	1
fazendeiro	1	0	0	0	1	0
ferroviário	2	0	0	0	2	0
func.público	3	0	1	1	4	1
gráfico	0	0	1	0	1	0
nutricionista	0	1	0	0	0	1
pedreiro	0	0	1	0	1	0
prof. rede pública	0	0	0	1	0	1
repres. comercial	0	0	1	0	1	0
síndica	0	1	0	0	0	1
técnico	2	0	2	0	4	0
vidraceiro	1	0	0	0	1	0
zeladora	0	0	0	1	0	1
não informaram	2	1	0	0	2	1
subtotal	43	54	13	19	56	73
falecido	10	8	6	0	16	8
total	53	62	19	19	72	81

Temos, portanto 60,49% das mães ocupadas com as funções do lar, enquanto só 3,70% têm ocupações decorrentes da formação universitária. 4,93% são operárias artesãs, 1,23% professoras .da rede pública, 1,23% funcionárias pública, enquanto 11,11% são falecidas e 9,87% são aposentadas. Dos pais, 29,64% são aposentados, 30,86% falecidos, 7,40% têm ocupações decorrentes da formação universitária, 4,93% são funcionários públicos, 4,93% técnicos e 4,935 são operários artesãos e só 1,23% são fazendeiros.

Se relacionarmos os dados quanto à ocupação dos pais e mães, com os dados referentes à ocupação dos voluntários, encontramos uma inversão uma vez que 51,84% destes últimos exercem ocupações que exigem um grau elevado de escolarização, ou seja: são profissionais liberais, professores universitários e pesquisadores científicos. Se ainda agregarmos a este percentual os 13,58% dos voluntários dedicados ao ensino médio, portanto com formação universitária, e os 4,93% dos voluntários cursando graduação universitária, chegaremos a um total de 70,37% com ocupações que exigem um grau elevado de escolarização, ficando bem visível a ascensão social, alcançada via escolarização, pela geração dos voluntários, em relação a seus pais.

2.5. A história associativa dos voluntários da CEA-AMIC

Aqui trabalharemos com os dados do questionário relativos à história associativa vivida por esses voluntários da CEA-AMIC, ao longo de suas vidas. Objetivamos encontrar, nos dados sobre as experiências associativas anteriores ao engajamento no trabalho voluntário da CEA-AMIC, elementos que nos ajudem a compreender melhor o sentido da opção de participar desse trabalho voluntário específico.

Tabela 31- Participação em grupos religiosos

	voluntária	voluntário	total
não informaram	1	2	3
não participam	15	6	21
subtotal	16	8	24
participam	46	11	57
total	62	19	81

Gráfico 32- Participação em grupos religiosos

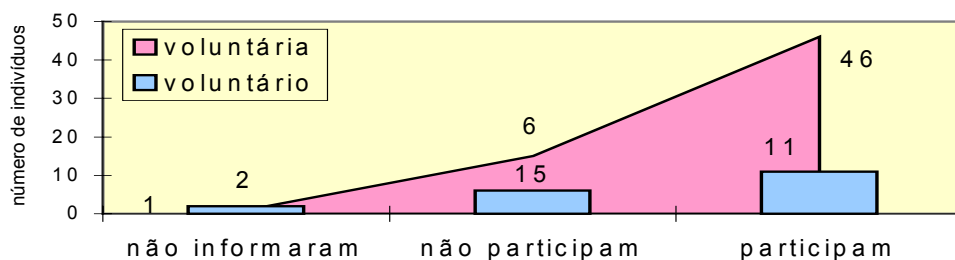
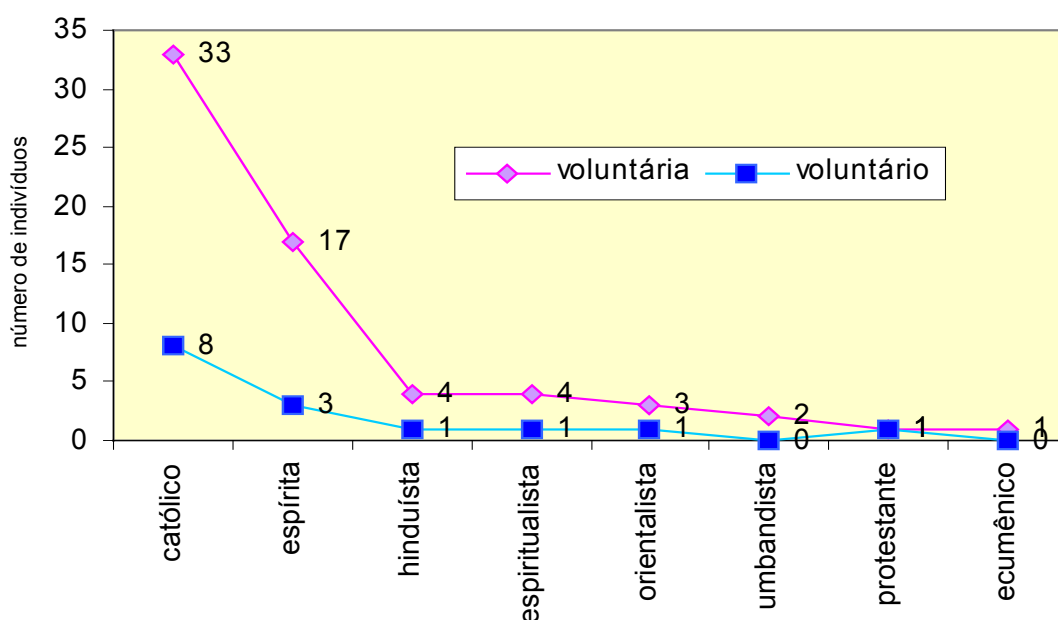


Tabela 32 - Tipo de grupo religioso

	voluntária	voluntário	total
católico	33	8	41
espírita	17	3	20
hinduísta	4	1	5
espiritualista	4	1	5
orientalista	3	1	4
umbandista	2	0	2
protestante	1	1	2
ecumênico	1	0	1
total	65	15	80

Gráfico 33- Tipo de grupo religioso



A primeira coisa que ressalta do gráfico, é que são 80 participações para os 57 voluntários que responderam afirmativamente a essa questão, o que significa que alguns participaram de grupos de diferentes religiões, e de mais de um tipo de grupo dentro da mesma religião, uma vez que só contamos uma participação por voluntário para cada religião.

O que essa participação em grupos de diferentes religiões e de distintos grupos na mesma religião nos informa a respeito da trajetória biográfica desses voluntários? O que buscam ao se engajarem, ao longo de suas vidas, em grupos de diferentes religiões, e em

distintos grupos na mesma religião? Isto indicaria alguma vocação subjacente a estas escolhas? Para estes 57 voluntários a AMIC é, no mínimo a terceira experiência de engajamento em um grupo de trabalho, de natureza religiosa. O que encontraram nesta entidade que os fez ficar?

Surge outra pergunta: o que fez com que esses 21 voluntários da AMIC, que nunca haviam participado de um grupo religioso de trabalho, estejam hoje integrados como voluntários na entidade? O que os trouxe até aqui, e o que os fez ficar? Essa adesão indicaria uma vocação tardiamente reconhecida e assumida?

Tabela 33 - Participação em grupos sócio políticos

	voluntária	voluntário
nada informaram	12	3
não participaram	22	6
participaram	28	10

Gráfico 34 - Participação em grupos sócio políticos

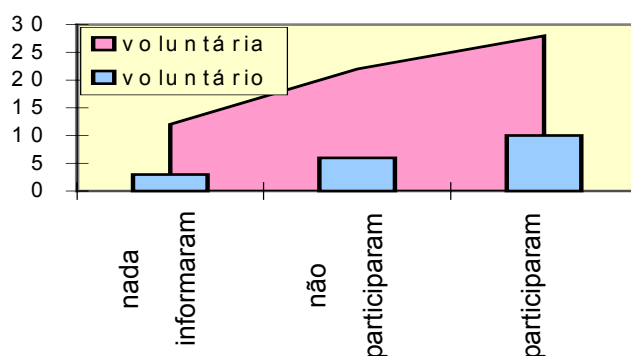


Tabela 34 - Participação em grupos sociais e políticos

	voluntária	voluntário	total
grupo social	2	3	5
grupo político	45	10	55
total	47	13	60

Gráfico 35 - Participação em grupos sociais e políticos

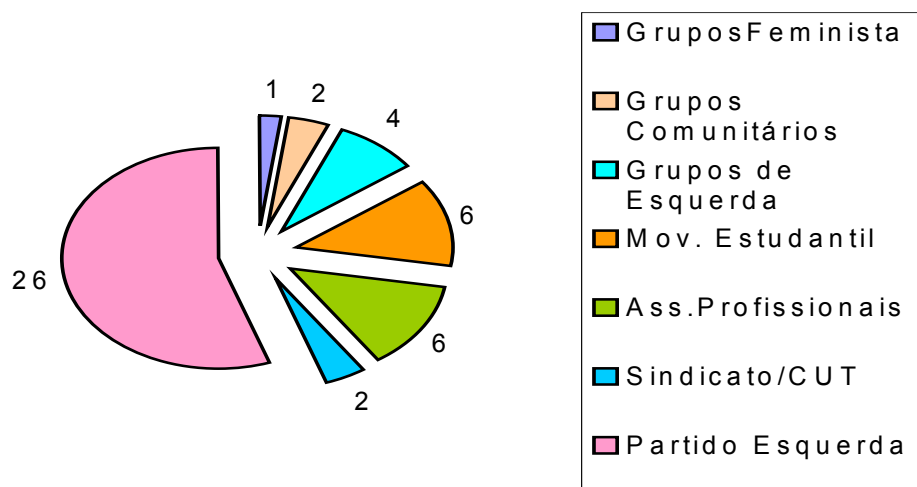
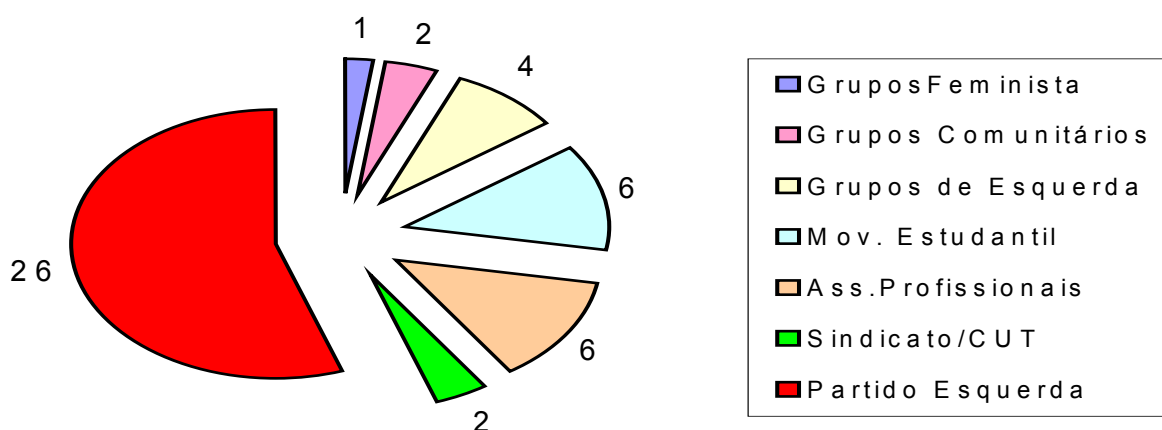


Tabela 35 - Participação anterior em grupos políticos

Grupos Políticos	Voluntários
Feminista	1
Comunitário	2
De Esquerda	4
Mov. Estudantil	6
Ass. Profissionais	6
Sindicato/CUT	2
Partido Esquerda	26
Total	47

Gráfico 36 - Participação anterior em grupos políticos



Nesses aspectos temos o grupo dividido: 28 voluntários nunca participaram de grupos sócio políticos, 15 nada informaram e 38 referiram 61 participações. Isto significa que vários tiveram mais de uma participação em distintos grupos políticos, uma vez que só registramos uma participação para cada tipo de grupo. Ao mesmo tempo, tivemos um número alto de voluntários que nada informaram em resposta a esta pergunta (15), o que não aconteceu com nenhuma outra até agora. Isso nos levou a pensar, então, no significado da falta de resposta à pergunta.

Checando as respostas desses voluntários à pergunta sobre participação em grupos religiosos, verificamos que, com exceção de 2, todos os demais responderam. Verificamos ainda que desses, 12 participaram de outros grupos religiosos antes da AMIC, e apenas 3 nunca participaram de outros grupos anteriormente. O que nos leva a pensar que essas pessoas não são arredias ao trabalho em grupos, uma vez que a sua maioria já participam de grupos religiosos. Por que, então, abstiveram-se de responder?

A abstenção talvez indique que esses voluntários vivem, mais integrados a grupos religiosos, tão distanciados de grupos sócio político, a ponto de não fazer parte das suas referências e, por isso, nem sabem o que responder. Se essa hipótese estiver correta, significa que temos 43 voluntários que nunca participaram de grupos sócio político e 38 que participaram ativamente. Esses dados não indicariam a existência de duas vertentes de voluntários que chegam à AMIC?

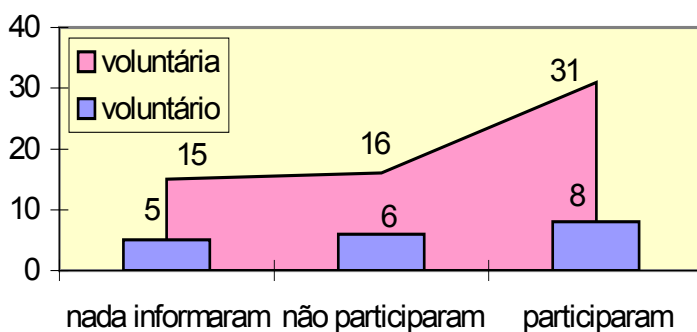
- um grupo de pessoas mais interessado no social que, ao encontrar na AMIC uma prática espiritual-social integrada, descobre e integra o espiritual nas suas vidas, amplia seus horizontes como seres humanos, e vive o vínculo com o trabalho da entidade como selo desse processo?

- um grupo de pessoas mais interessado no espiritual que, ao encontrar na AMIC uma prática espiritual-social integrada, descobre e integra o social em suas vidas, amplia seus horizontes como seres humanos, e vive o vínculo com o trabalho da entidade como selo desse processo? Se essas hipóteses estiverem corretas, resta ainda localizar o que traz essas pessoas até a AMIC. O que atua como força catalisadora, e como ponte, entre esses dois grupos de pessoas e o trabalho da AMIC.

Tabela 36- Participação em outros trabalhos voluntários

	voluntária	voluntário	total
nada informaram	15	5	20
não participaram	16	6	22
participaram	31	8	39

Gráfico 37 - Participação em outros grupos voluntários

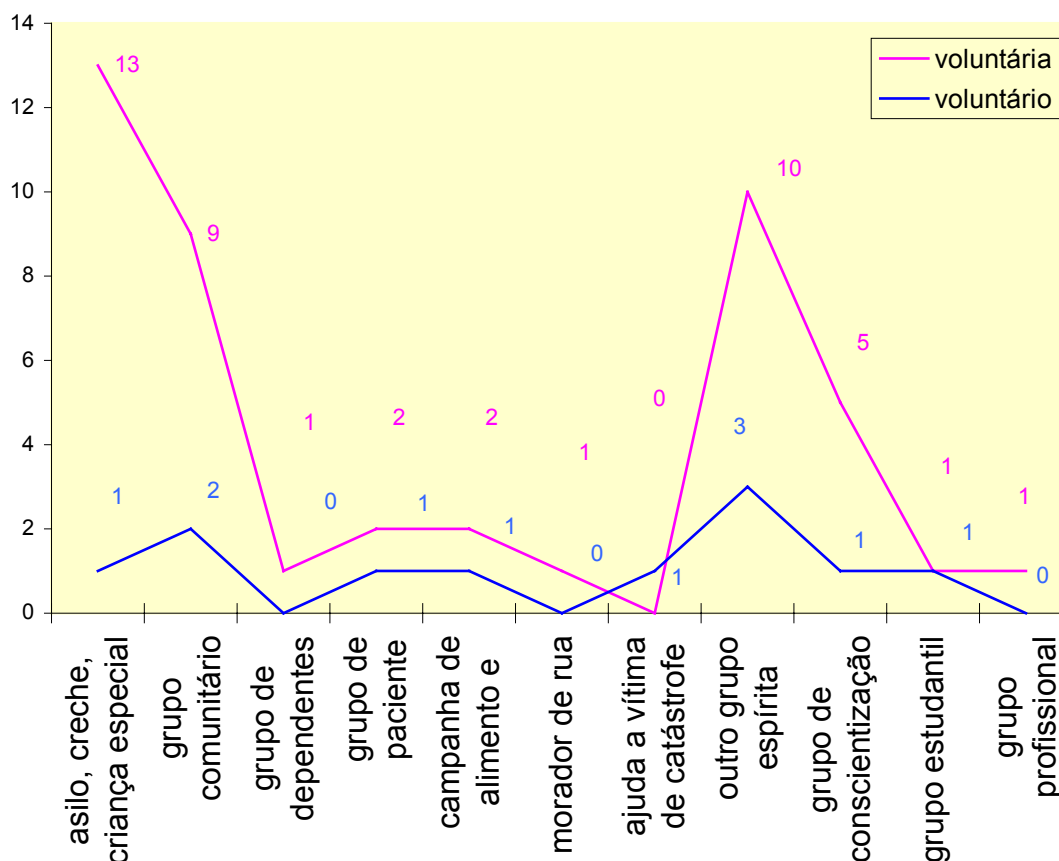


Apesar de que em números absolutos, mais voluntários participaram de outros grupos de trabalho voluntário anterior à CEA-AMIC, em números relativos a proporção é quase a mesma.

Tabela 37 - Tipo de trabalho voluntário freqüentado anteriormente

	voluntária	voluntário	total
asilo, creche, criança especial	13	1	14
grupo comunitário	9	2	11
grupo de dependentes	1	0	1
grupo de paciente psiquiátrico	2	1	3
campanha de alimento e agasalho	2	1	3
morador de rua	1	0	1
ajuda a vítima de catástrofe	0	1	1
outro grupo espírita	10	3	13
grupo de conscientização	5	1	6
grupo estudantil	1	1	2
grupo profissional	1	0	1
total	45	11	56

Gráfico 38 - Tipo de trabalho voluntário freqüentado anteriormente



Os 39 voluntários que efetivamente participaram de outro trabalho voluntário anterior ao da CEA-AMIC, tiveram 56 participações diferentes, o que significa mais de uma participação para alguns. Em contraposição, temos os 22 que antes nunca participaram de outro trabalho voluntário. Restam ainda os 20 que nada informaram, para compreendermos melhor sua história de participação em trabalho voluntário ao longo da vida. Para isso, vamos confrontar essa “não informação” com a informação dada por eles às duas perguntas anteriores: participação em grupos religioso, e sócio político.

Desses 20 voluntários que nada informaram 10 participaram de grupos religiosos e também de grupos sócio político; 5 participaram, anteriormente, de, pelo menos, um dos dois grupos; 3 não participaram de grupos religiosos e nada informaram a respeito de grupos sóciopolítico; e 2 nada informaram. O que significa que do conjunto, somente em re-

lação a 5 podemos levantar a hipótese de nunca terem participado de algum trabalho voluntário.

Os outros 15 haviam já participado de grupos religiosos e/ou sócio-político e neles, certamente participaram de algum trabalho voluntário. Qual terá sido, pois, o conceito de trabalho voluntário que usaram para responder a essa última pergunta? E como esse conceito afeta a avaliação que fizeram de sua participação, seja nos grupos religiosos, sócio político, ou mesmo em outro trabalho voluntário?

2.6. Motivos apontados pelos voluntários como condutores até a CEA-AMIC

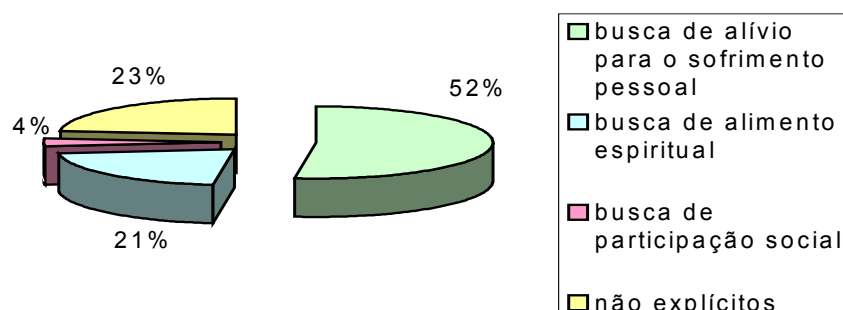
Objetivamos através da organização dos dados da pesquisa, avançar na compreensão das motivações mais constantes entre esses voluntários, para a busca de um trabalho como esse realizados na CEA-AMIC.

Recebemos, dos 81 voluntários, 189 indicações acerca dos motivos que os conduziram até a o que significa que uma parte dos voluntários apresentou mais de uma indicação. Observamos que esses motivos condutores estão agrupados em torno de três buscas distintas:

Tabela 38 - Motivos condutores até a CEA-AMIC

Motivos Condutores à CEA-AMIC	total	%
busca de alívio para o sofrimento pessoal	98	51,85
busca de alimento espiritual	40	21,16
busca de participação social	7	3,70
não explícitos	44	23,28
total	189	100

Gráfico 39 - Motivos condutores até a CEA-AMIC

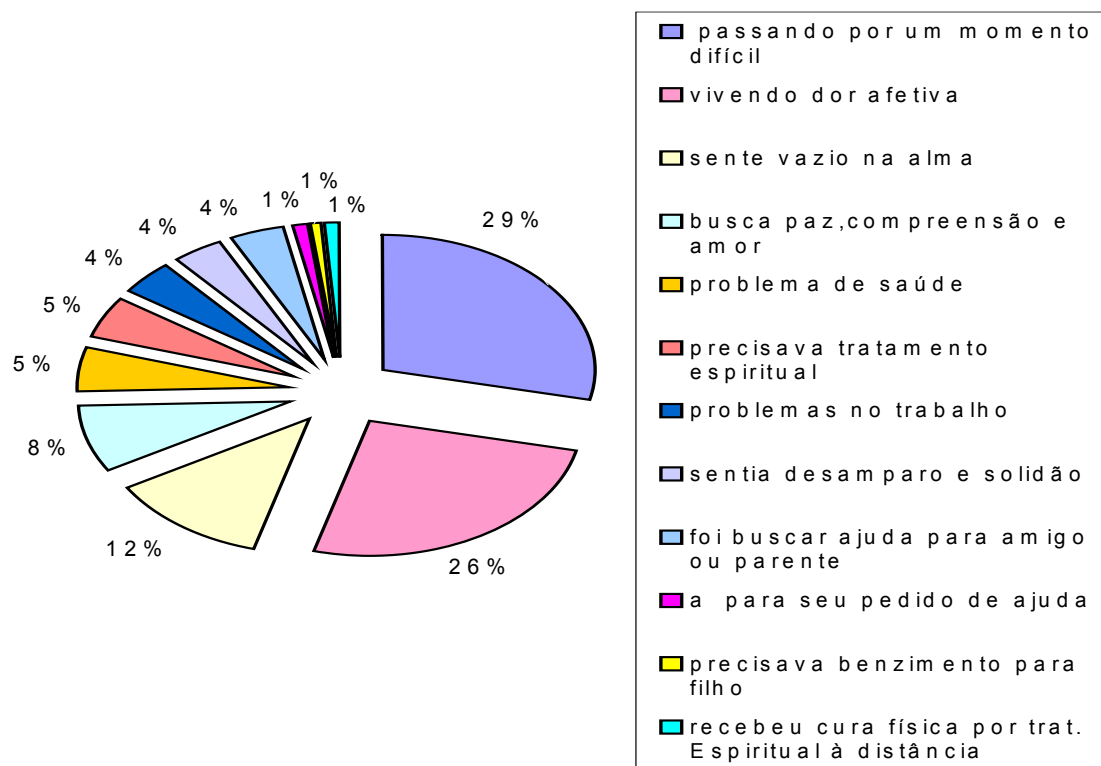


Nos 98 motivos condutores, relacionados à busca de alívio para o sofrimento pessoal, apresentados pelos voluntários, encontramos as seguintes variações:

Tabela 39 - Busca de alívio para o sofrimento pessoal

	total	%
está passando por um momento pessoal difícil	28	28,57
está vivendo dor afetiva	25	25,51
busca algo para preencher vazio na alma	12	12,24
busca paz, compreensão e amor	8	8,16
estava com problema de saúde	5	5,10
precisa tratamento espiritual	5	5,10
estava com problema no trabalho	4	4,08
sentia desamparo e solidão	4	4,08
foi buscar ajuda para amigo ou parente	4	4,08
a AMIC foi a resposta para o seu pedido de ajuda	1	1,02
precisava benzimento para o filho	1	1,02
recebeu uma cura física pelo tratamento espiritual à distância	1	1,02
total	98	100

Gráfico 40 - Busca de alívio para o sofrimento pessoal

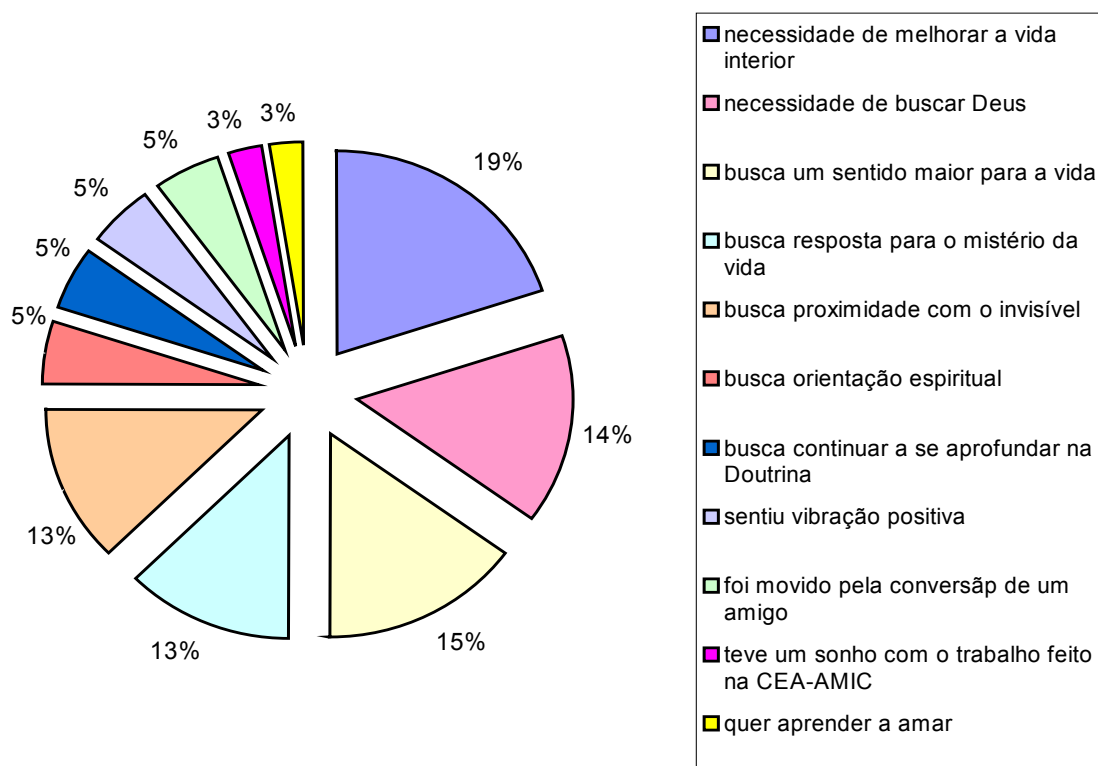


Nos 40 motivos, agrupados em torno da busca de alimento espiritual, apresentados pelos voluntários como condutores até a CEA-AMIC, encontramos as seguintes variações:

Tabela 40 – Busca de alimento espiritual

	total	%
necessidade de melhorar a vida interior	8	20,00
necessidade de buscar Deus	6	15,00
busca um sentido maior para a vida	6	15,00
busca resposta para o mistério da vida	5	12,50
busca proximidade com o invisível	5	12,50
busca orientação espiritual	2	5,00
busca continuar a se aprofundar na Doutrina	2	5,00
sentiu vibração positiva	2	5,00
foi movido pela conversão de um amigo	2	5,00
teve um sonho com o trabalho feito na CEA-AMIC	1	2,50
quer aprender a amar	1	2,50
total	40	100

Gráfico 41 - Busca de alimento espiritual



Os 7 motivos apresentados como condutores até a CEA-AMIC e vinculados à busca de participação social, estavam agrupados em torno da:

Tabela 41 - Busca de Participação Social

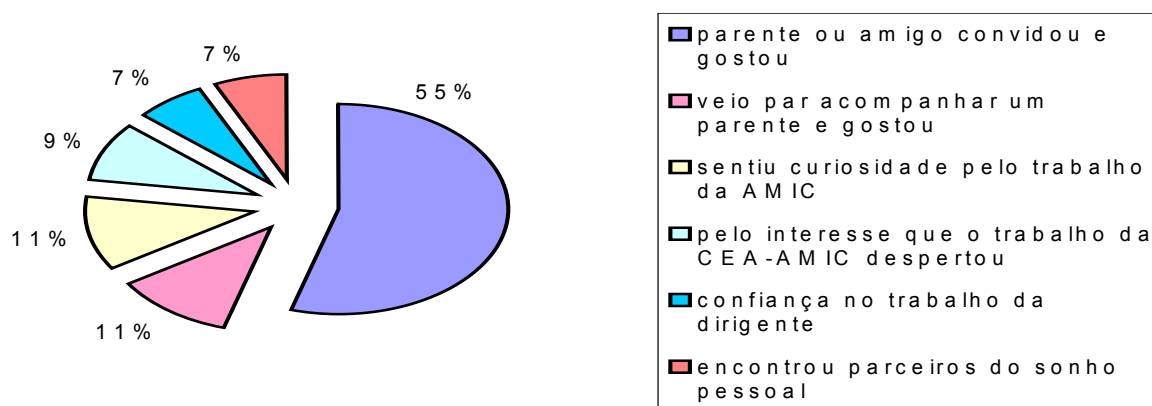
busca de trabalho solidário-cristão para participar	7	13,73%
---	---	--------

Encontramos também 44 motivos condutores apontados pelos voluntários que não são explícitos quanto ao que levou as pessoas a gostarem e se interessarem pela CEA-AMIC: seja de ordem social, espiritual, ou uma outra. Relatamos, a seguir, esse conjunto de motivos condutores apontados pelos voluntários da CEA-AMIC :

Tabela 42 - Motivos não explícitos para a procura

	total	%
parente ou amigo convidaram e gostaram	24	54,54
sentia curiosidade pelo trabalho da AMIC	5	11,36
veio acompanhar um parente e gostou	5	11,36
pelo interesse que o trabalho da AMIC despertou	4	9,09
pela confiança que sentia no trabalho da dirigente	3	6,82
encontrou na AMIC parceiros do sonho pessoal	3	6,82
total	44	100

Gráfico 42 – Motivos não explícitos para a procura



Chama a atenção a grande concentração de motivos condutores agrupados em torno da busca de alívio para o sofrimento pessoal (51,85%). Alguns voluntários fizeram indicação da busca de alívio para mais de um tipo de sofrimento pessoal, uma vez que temos 81 voluntários e 98 indicações.

Em contrapartida, tivemos apenas 7 indicações apontando interesse e busca de participação social . Verificamos que desses 7 voluntários que indicaram a busca de participação social, 4 deles também indicaram, conjuntamente, a busca de alívio para o sofrimento pessoal. Dentre os 40 que apontaram a busca espiritual somente 4 não apontaram, concomitantemente, a busca de alívio para o sofrimento pessoal como um condutor até a CEA-AMIC. O que significa que, mesmo entre os que procuraram a entidade movidos pela busca de participação social e pela busca espiritual, a busca de alívio para o sofrimento pessoal teve um papel relevante.

Restam algumas perguntas para serem trabalhadas nas reflexões finais:

- que relação existe para os voluntários entre a experiência do sofrimento pessoal vivido e aliviado através dos tratamentos espirituais na CEA e o compromisso de trabalho assumido na AMIC?;

- como acontece, no tempo e no espaço, essa relação entre ser cuidado no sofrimento pessoal (vivido por cada voluntário quando chega à CEA-AMIC), através dos tratamentos espirituais, e a participação em um grupo de voluntários que cuida dos sofrimentos daqueles que procuram a entidade?;

- como se dá a experiência de ter o sofrimento pessoal aliviado, através dos tratamentos recebidos na CEA-AMIC, e o engajamento no trabalho voluntário, praticado na entidade como Caridade?;

- depois que o sofrimento pessoal é aliviado, o que os mantém vinculados ao trabalho realizado pela CEA-AMIC? Nesse momento torna-se, então, relevante, a segunda indicação do que conduziu cada voluntário até a entidade, ou seja, a busca espiritual (40) e a busca de participação social (14)?

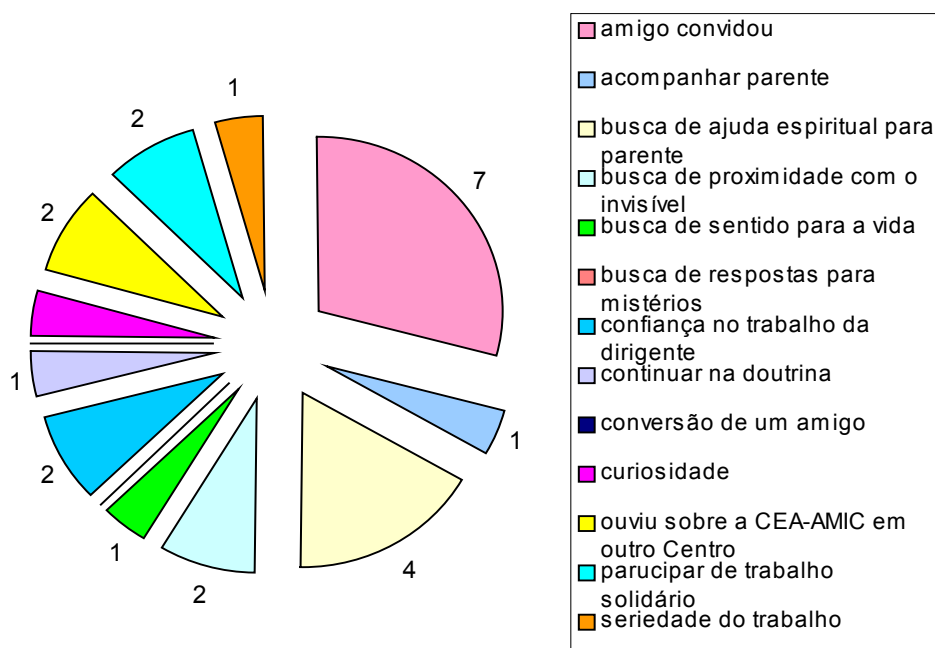
Se essa compreensão estiver correta, é possível que seja essa a dinâmica que envolveu os 50 (40 mulheres e 10 homens) voluntários que apontaram, como motivo condutor principal para ir até a CEA-AMIC, a busca de ajuda para o sofrimento pessoal e, como segundo motivo, a busca de alimento espiritual. Resta-nos, ainda, compreender qual a dinâ-

mica que envolveu o chegar e ficar dos outros 31 (22 mulheres e 9 homens) voluntários que não apontaram como motivo condutor a busca de alívio para o sofrimento pessoal.

Tabela 43 – Voluntários que não apontaram a busca alívio para o sofrimento pessoal como motivo condutor até a CEA-AMIC

	voluntária	voluntário	total	%
amigo convidou	7	4	11	30,56
acompanhar parente	1	1	2	5,56
busca de ajuda espiritual para parente	4	1	5	13,89
busca de proximidade com o invisível	2	1	3	8,33
busca de sentido para a vida	1	0	1	2,78
busca de resposta para mistérios	0	1	1	2,78
confiança no trabalho da dirigente	2	0	2	5,56
continuar na Doutrina	1	0	1	2,78
conversão de um amigo	0	1	1	2,78
curiosidade	1	2	3	8,33
ouviu sobre a AMIC em outro Centro	2	0	2	5,56
participou de trabalho solidário	2	1	3	8,33
seriedade do trabalho	1	0	1	2,78
total	24	12	36	100

Gráfico 43- Voluntários que não apontaram a busca alívio para o sofrimento pessoal como motivo condutor até a CEA-AMIC



Observando mais detalhadamente os dados sobre esses 31 voluntários que não apresentaram a busca de alívio para o sofrimento pessoal como motivo condutor, encontramos: 4 deles (2 homens e 2 mulheres) apontaram como motivo condutor até a CEA-AMIC o convite de amigos e já deixaram a entidade, não sendo mais voluntários portanto; 8 (3 homens e 5 mulheres) apontaram o convite de amigos e deixaram a prática do trabalho voluntário, mas permaneceram vinculados à casa na condição de frequentadores do Culto do Evangelho e de outras atividades. Isso nos leva a pensar no papel desempenhado pela experiência de ter o sofrimento pessoal acolhido e tratado, no caminho de comprometimento com o trabalho de alívio à dor do outro, ou seja a Caridade.

2.7. Motivos apontados pelos voluntários para permanência na CEA-AMIC

Trabalharemos aqui com os dados do questionário relativos aos motivos apontados pelos voluntários para permanecer na CEA-AMIC. Objetivamos, através da organização desses dados, avançar na compreensão das motivações mais constantes para a permanência e o engajamento desses voluntários em um trabalho como esse realizado na entidade.

Recebemos, dos 81 voluntários 569 indicações em torno de 74 motivos para permanência. Ou seja, que grande parte dos voluntários apresentou bem mais que uma indicação, para a permanência na CEA-AMIC, e se tirarmos uma média, temos por volta de 7 distintas razões, apresentadas por cada voluntário, para permanência.

Observamos que esse conjunto de razões para permanência, sugere três distintas qualidades de experiências vividas e apontadas pelos voluntários, que aqui nominamos de motivo espiritual, social e pessoal.

Tabela 44– Motivos apontados pelos voluntários para permanência na CEA-AMIC

	tipo	indicação	%
pessoal	33	197	34,62
social	26	194	34,09
espiritual	15	178	31,28
total	74	569	100

Gráfico 44 – Motivos apontados pelos voluntários para permanência na CEA-AMIC

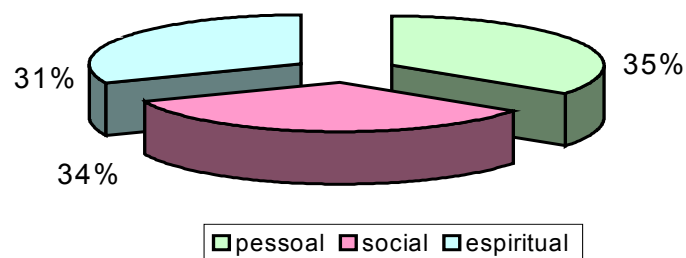
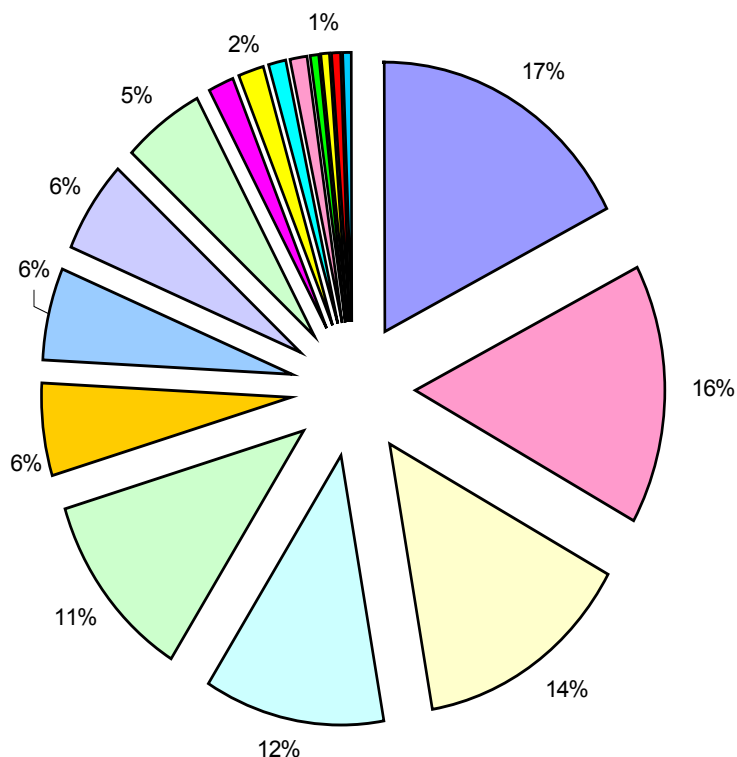


Tabela 45- Motivo espiritual para permanência na CEA-AMIC

	indicação	%
reforma moral	31	17,42
processo de auto-conhecimento	28	15,73
oportunidade de crescer espiritualmente	25	14,04
orientações e instruções espirituais que recebem	21	11,80
orientações e proteção espiritual constante	20	11,24
estar aqui “alimenta minha fé na vida”	10	5,62
porque sentem a AMIC como família espiritual	10	5,62
“na AMIC Deus é real, o trabalho me une e reúne a ele”	10	5,62
pelo crescimento moral e espiritual que propicia	9	5,06
aqui “bebo uma água de rara beleza”	3	1,69
aqui é uma grande escola e um lar	3	1,69
é uma proposta espiritual séria	2	1,12
“aqui encontro sentido para meus dias”	2	20,00
“a AMIC se confunde com o Cea e a doutrina dos espíritos”	1	0,56
“encontrei aqui um caminho espiritual para a arte”	1	0,56
“quero permanecer no caminho”	1	0,56
“encontrei aqui um caminho que julgava não existir na prática”	1	0,56
total	178	100

Gráfico 45- Motivo espiritual para permanência na CEA-AMIC



- reforma moral
- processo de auto-conhecimento
- oportunidade de crescer espiritualmente
- orientações e instruções espirituais que recebem
- orientações e proteção espiritual constante
- estar aqui "alimenta minha fé na vida"
- porque sentem a AMIC como família espiritual
- "na AMIC Deus é real, o trabalho me une e reúne a ele"
- pelo crescimento moral e espiritual que propicia
- aqui "bebo uma água de rara beleza"
- aqui é uma grande escola e um lar
- é uma proposta espiritual séria
- "aqui encontro sentido para meus dias"
- "a AMIC se confunde com o cea e a doutrina dos espíritos"
- "encontrei aqui um caminho espiritual para a arte"
- "quero permanecer no caminho"
- "encontrei aqui um caminho que julgava não existir na prática"

Chama sobretudo, nossa atenção, o fato de que, apesar da CEA-AMIC, ser uma entidade de cunho religioso, os motivos apontados pelos voluntários para permanência, não se limitam à motivações de natureza espiritual ou religiosa. Pelo contrário eles se distribuem equilibradamente entre as motivações espirituais, sociais e pessoais. Esses dados se tornam ainda mais interessantes, quando consideramos os dados apresentados por Landim (2000,p.77),, nos quais a frequência a cultos religiosos foi a única variável que se mostrou significativa, na caracterização do voluntário brasileiro. O que o trabalho voluntário na CEA-AMIC, oferece àqueles que lá permanecem, que os leva a permanecer tanto por motivos pessoais, sociais e também espirituais ?

Tabela 46- Motivos sociais para permanência na CEA-AMIC

	indicação	%
oportunidade que oferece de trabalho no bem	29	15,03
alegria que sentem em participar do trabalho	23	11,92
trabalho feito com verdade e com o coração	21	10,88
pelo trabalho que a AMIC faz	21	10,88
para contribuir com sua parte	16	8,29
porque a AMIC promove solidariedade concreta	11	5,70
“ sinto identidade e companheirismo”	9	4,66
é uma comunidade que busca crescer ajudando	8	4,15
porque “o trabalho aqui é vida, entrega, dedicação”	8	4,15
“gosto de como aqui se vive em comunidade”	7	3,63
“sentem-se fazendo parte de um imenso trabalho fraterno”	5	2,59
resgata “meu sonho de contribuir para um mundo melhor”	5	2,59
“aqui quero trabalhar e viver meus dias”	5	2,59
sinto o bem de fazer o bem	5	2,59
as pessoas aqui precisam fazer o pouco que fazem	4	2,07
“esse é um trabalho lindo”	3	1,55
pelo respeito da AMIC pelo homem	2	1,04
porque a AMIC produz coisas boas	2	1,04
pela consistência e coerência no trabalho	2	1,04
a AMIC “transforma sonho em realidade”	2	1,04
“aqui existe uma alternativa viável para uma vida verdadeira”	1	0,52
a AMIC olha para o indivíduo, não para a massa	1	0,52
“AMIC é amiga das crianças, desesperados e oprimidos”	1	0,52
aqui descobri que a união faz a força	1	0,52
“aqui tem um discurso igual à prática”	1	0,52
Total	194	100

Gráfico 46- Motivos sociais para permanência na CEA-AMIC

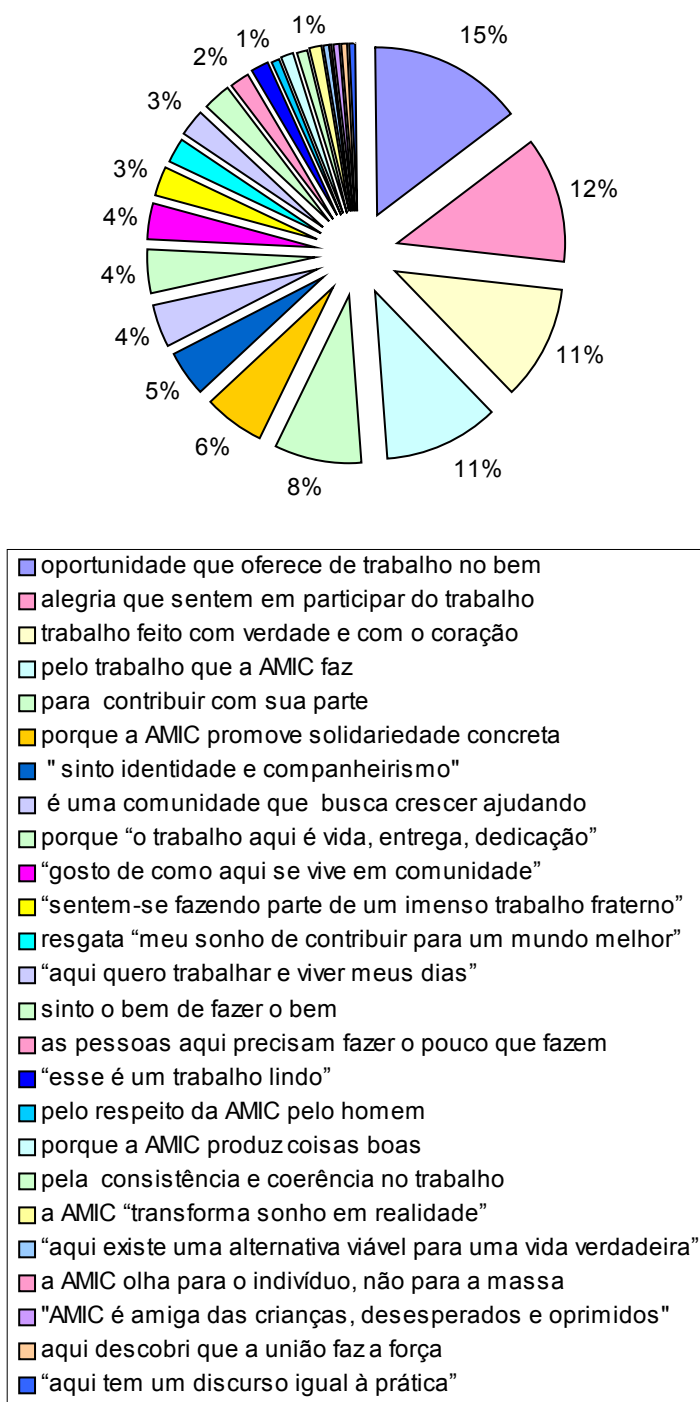
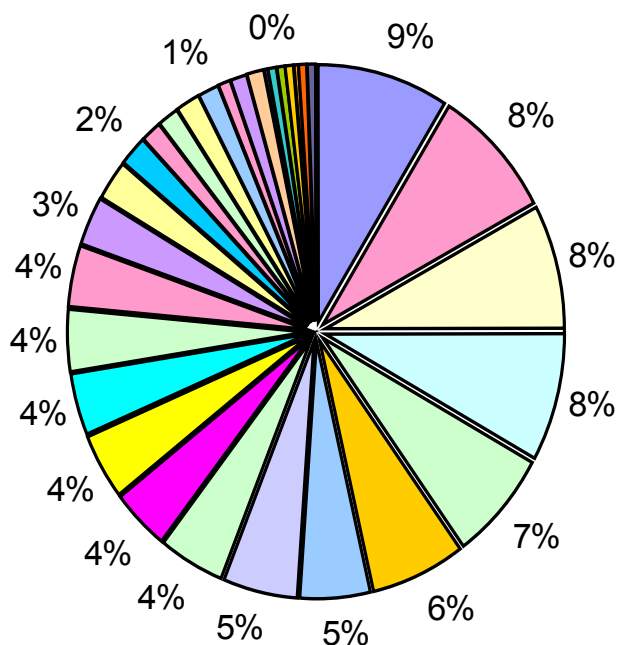


Tabela 47- Motivos pessoais para permanência na CEA-AMIC

	indicação	%
crescimento pessoal e aprendizado contínuo	18	8,87
aprendo a amar	17	8,37
alimento a esperança e o desejo de melhorar	16	7,88
amizade e afinidade que encontro	16	7,88
oportunidade de ampliação da consciência e da capacidade de amar	14	6,90
paz que encontro	13	6,40
admiração, respeito e amor que sento pela equipe e pelo trabalho	10	4,93
prazer e harmonia que sentem quando lá estão	10	4,93
gratidão por tudo que têm recebido	9	4,43
aprendem no trabalho que lá realizam	8	3,94
o trabalho na AMIC fez renascer bons sentimentos	8	3,94
consciência de serem aprendiz	8	3,94
sentem a AMIC como “meu lugar, meu caminho”	8	3,94
na AMIC “sinto-me amada e amo”	8	3,94
pela felicidade que sinto no trabalho	6	2,96
porque quero crescer no ato de amar	5	2,46
porque a AMIC “faz parte da minha vida”	4	1,97
tenho necessidade deste trabalho como cura	3	1,48
“o que sou como pessoa construí aqui”	3	1,48
“uma parte é por medo e inércia”	3	1,48
“meu coração fica leve aqui”	3	1,48
quero que meus filhos “cresçam num lugar bonito como esse”	2	0,99
vivo aqui a experiência de integração pessoal, social, espiritual	2	0,99
gostam de como a amic, é dirigida	2	0,99
“porque preenche um vazio na alma”	1	0,49
“sinto falta quando me afasto”	1	0,49
“é aqui que acontecem as coisas mais importantes na minha vida”	1	0,49
“para perder o medo da verdade e me integrar nela”	1	0,49
“porque encontro forças para continuar”	1	0,49
“estou apaixonada por esse caminho”	1	0,49
porque na AMIC sou nutrida de amor e luz”	1	0,49
total	197	100

Gráfico 47- Motivos pessoais para permanência na CEA-AMIC



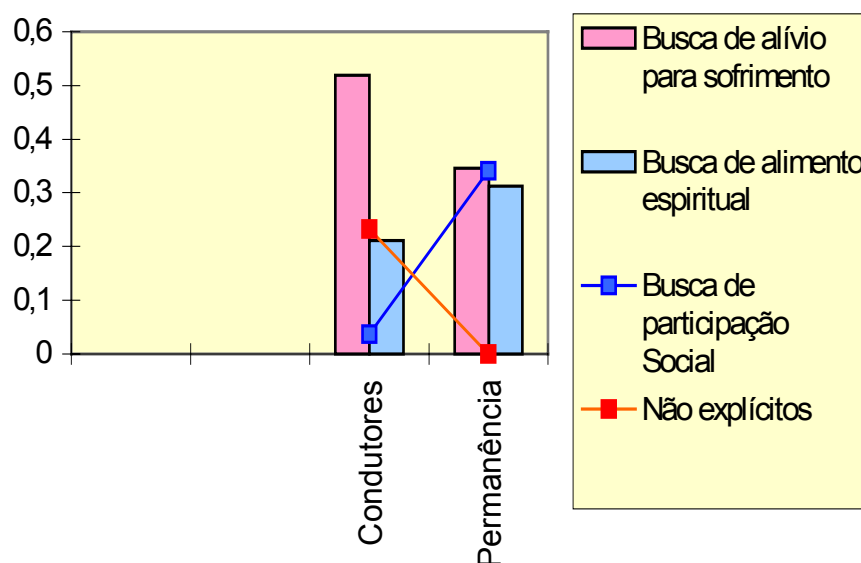
- crescimento pessoal e aprendizado contínuo
- aprendo a amar
- alimento a esperança e o desejo de melhorar
- amizade e afinidade que encontro
- oportunidade de ampliação da consciência e da capacidade de amar
- paz que encontro
- admiração, respeito e amor que sento pela equipe e pelo trabalho
- prazer e harmonia que sentem quando lá estão
- gratidão por tudo que têm recebido
- aprendem no trabalho que lá realizam
- o trabalho na AMIC fez renascer bons sentimentos
- consciência de serem aprendiz
- sentem a AMIC como "meu lugar, meu caminho"
- na AMIC "sinto-me amada e amo"
- pela felicidade que sinto no trabalho
- porque quero crescer no ato de amar
- porque a AMIC "faz parte da minha vida"

Comparando os dados referentes aos motivos condutores e aos motivos para permanência, observamos que surgem algumas variações percentuais :

Tabela 48– Motivos condutores e motivos para permanência

Indicações dos Voluntários	Condutores	Permanência
Busca de alívio para sofrimento	51,85%	34,62%
Busca de alimento espiritual	21,16%	31,28%
Busca de participação Social	3,70%	34,09%
Não explícitos	23,28%	0,00%

Gráfico 48- Motivos condutores e motivos para permanência



Notamos que há um significativo decréscimo na indicação do aspecto pessoal, que passa de 51,85% como motivo condutor para 34,62% como motivo de permanência. Aparece também uma significativa mudança na qualidade dos motivos pessoais apresentados como condutores para os motivos pessoais apresentados para permanência. Também há um aumento na percentagem de indicações pelo voluntário do aspecto espiritual como motivo condutor, e como motivo para permanência na CEA-AMIC (21,16% para 31,28%, respectivamente) e um significativo aumento na indicação do aspecto social, que aumenta de 7,40% como motivo condutor para 34,09% como motivo de permanência.

Essas mudanças nas percentagens em relação aos aspectos, pessoal, social e espiritual, sugerem possíveis mudanças ocorridas, tanto na interioridade, quanto na vida dessas pessoas, uma vez que chegaram na CEA-AMIC buscando ajuda para seus sofrimentos pessoais e depois dos tratamentos engajaram-se no trabalho de ajuda.

O que de fato, aconteceu na interioridade dessas pessoas, ao terem seus sofrimentos pessoais acolhidos, aliviados e tratados na entidade, com base nos princípios morais contidos nos Evangelhos de Jesus Cristo e na Doutrina dos Espíritos codificada por Allan Kardec? O que as conduziu a se tornarem voluntárias no trabalho de Caridade realizado pela CEA-AMIC?

Poderíamos considerar que se trata apenas de uma repetição das relações regidas pelas obrigações de dar-receber-retribuir, tal como encontradas entre os índios norte-americanos e descritas por Mauss?²²³ Com o conceito, tal como formulado por Mauss, poderíamos compreender amplamente a complexidade da experiência vivida por esses voluntários na CEA-AMIC?

Ou seriam mais adequados os conceitos introduzidos por Fernandes²²⁴ à Teoria de Mauss, quando considera que dentro da cultura judaico-cristã o princípio da reciprocidade sofre uma variação importante, introduzindo um terceiro elemento – os pobres - em uma relação originalmente biunívoca?

Isso sem considerar que, frente aos princípios espírita-kardecistas-cristãos - praticados na CEA-AMIC - o princípio da reciprocidade parece sofrer mais uma variação, pela introdução de um quarto elemento, ou seja, a busca da salvação da própria alma, através da submissão e prática das Leis Divinas, compreendidas como a Lei de Amor após Jesus Cristo .

O que acontece com a interioridade e a vida dos voluntários, quando são estimulados a encontrar o alívio para as suas dores, através da prática da Lei de Amor, que é apenas um outro nome para a Caridade? Com que valores e com que experiências biográficas, essa prática da Caridade - ação amorosa de ajuda a pessoas em sofrimento, qualquer que seja ele - coloca os voluntários em contato interno?

²²³ Para mais detalhes quanto a esses conceitos, ver Cap. I , item 4, dessa dissertação.

²²⁴ Para mais detalhes quanto a esses conceitos, ver Cap I ,item 4, dessa dissertação.

Não seria com valores e crenças semelhantes àqueles vividos nas suas famílias de origem, e/ou no ambiente de onde vieram, na sua grande maioria formado de pessoas simples do interior, em grande parte imigrantes, situação na qual a ajuda mútua é fator importante para sobrevivência?

O sofrimento pessoal que viviam, quando chegaram à CEA-AMIC, não era fruto do afastamento desses valores e crenças, (*habitus*) nos quais foram criados, à medida em que foram alcançando na cidade grande, uma rápida ascensão social via escolarização?

Encontrar a CEA-AMIC, não teria sido para a grande maioria dos voluntários, reencontrar a própria família re-significada, ou seja, reencontrar os mesmos valores e crenças, acrescidos da possibilidade dessa nova família poder absorver, valorizar e, inclusive, tornar útil na prática da Caridade os talentos e habilidades conquistados através do processo de escolarização ao qual se submeteram?

Esses voluntários não estariam sofrendo de “banzo” das suas raízes e referências, dos seus *habitus*, dos valores e crenças nos quais foram criados, e dos quais foram se afastando ao longo do processo de Escolarização pelo qual passaram?

Que relações existem entre valores e crenças cultivados pelas famílias de origem e os valores e crenças cristãos cultivados na CEA-AMIC?

Aqui, torna-se curioso lembrar que a grande maioria dos voluntários têm pais que desempenham alguma arte-ofício para seu ganha-pão e o de sua família. São, na sua grande maioria, autônomos, e dependem, para sobreviver, da qualidade do serviço que oferecem aos seus fregueses, ou seja, valem pela qualidade, prontidão e pontualidade com que são capazes de executar seu trabalho. Para isso, o cultivo de qualidades, tais como responsabilidade, respeito, zelo, dedicação, retidão etc. aliadas à competência específica na sua arte, são fundamentais para o sucesso de seus trabalhos como artesãos-operários.

Como imigrantes são minoria, tendem a viver agrupados, a se ajudarem mutuamente, ou seja, é uma pequena comunidade enfrentando as dificuldades juntos e, no caso, parece estar vencendo, pois seus filhos, na sua grande maioria, conseguiram estudar, são universitários e exercem uma profissão liberal.

Os *habitus* que trazem dessa experiência familiar não os aproximaria da CEA-AMIC e do seu estilo comunitário de viver e resolver as dificuldades? O sofrimento pessoal que esses voluntários traziam ao chegar, não estaria exatamente vinculado ao fato de terem

se afastado desse jeito de viver? De terem se ajustado, por exemplo, a um jeito urbano desumanizado, de viver nas grandes cidades? Um jeito guiado pela lógica do “salve-se como puder”, que substitui o organismo social fraterno - que com dificuldades sobrevive nas pequenas comunidades que praticam ajuda mútua - por uma indiferença fria e institucionalizada, apoiada na lógica de que o mais forte sobrevive, que coloca o homem como inimigo do homem.

Observamos que as pessoas que chegaram à CEA-AMIC através do sofrimento pessoal associado à busca religiosa, mantiveram-se estáveis nas suas escolhas. Contudo, observamos que houve bastante mudanças de escolhas naqueles voluntários que chegaram aqui apenas movidos pelo sofrimento pessoal e, pouco a pouco, foram re-significando o lugar ocupado em suas vidas pelo social e pelo espiritual.

O que, de fato, aconteceu através do encontro com a CEA-AMIC, não teria sido uma maneira de fazer as pazes com seus *habitus*, atualizando e contextualizando-os dentro de sua nova condição social, conquistada pela ascensão via graduação universitária?

Tornar-se voluntário da CEA-AMIC não significa retomar os valores familiares e recolocá-los na vida dentro do novo contexto (o de não ser mais um artesão operário, mas um profissional universitário), com condições de, juntando-se a outros com os mesmos sentimentos ajudar a pessoas em condições difíceis de sobrevivência?

Parte do sofrimento pessoal pelo qual estavam passando, não seria resultado do fenômeno descrito como *transformação nas gerações*, decorrente da rápida ascensão social que viveram? Teriam sido bem absorvidas as mudanças de valores que tiveram que fazer para serem capazes de viver imersos nesse mundo - sonhado desde seus pais, ao lhes proporcionarem estudos - de profissionais universitários, anonimamente lutando por sua sobrevivência? Nesse novo universo urbano e competitivo seria possível a manter a integridade da qual um artesão dependia para ser chamado para prestar serviço?

No tempo em que os pais dos voluntários eram jovens, a palavra ainda valia tanto ou mais que um papel assinado. Infelizmente a palavra humana foi degradada, ao ser destituída do valor moral à ela agregado, especialmente nos grandes centros urbanos. Dentro deste contexto de perdas de valores, os voluntários fizeram as suas mudanças: deixaram de ser filhos de artesãos-operários e se transformaram em profissionais universitários disputando a sua sobrevivência, partir das regras do jogo exigidas pelo mercado.

Olhando qualitativamente os motivos apontados para permanência, apontados, encontramos uma ênfase grande nas questões morais, nos valores, na busca de reforma íntima etc. Parece que esse grupo de pessoas, vindo de famílias de operários-artesãos do interior, carrega consigo um *habitus* que pede a concretização de uma vida permeada por moralidade, dignidade, fidelidade e princípios. Neste sentido, a CEA-AMIC é uma oportunidade concreta de retomar esses valores, uma vez que sua atuação tem, nesses aspectos morais cristãos, as pilstras de sustentação do seu trabalho de ajuda aos necessitados e, portanto, do trabalho voluntário.

3. O trabalho voluntário na CEA-AMIC (dados do questionário)

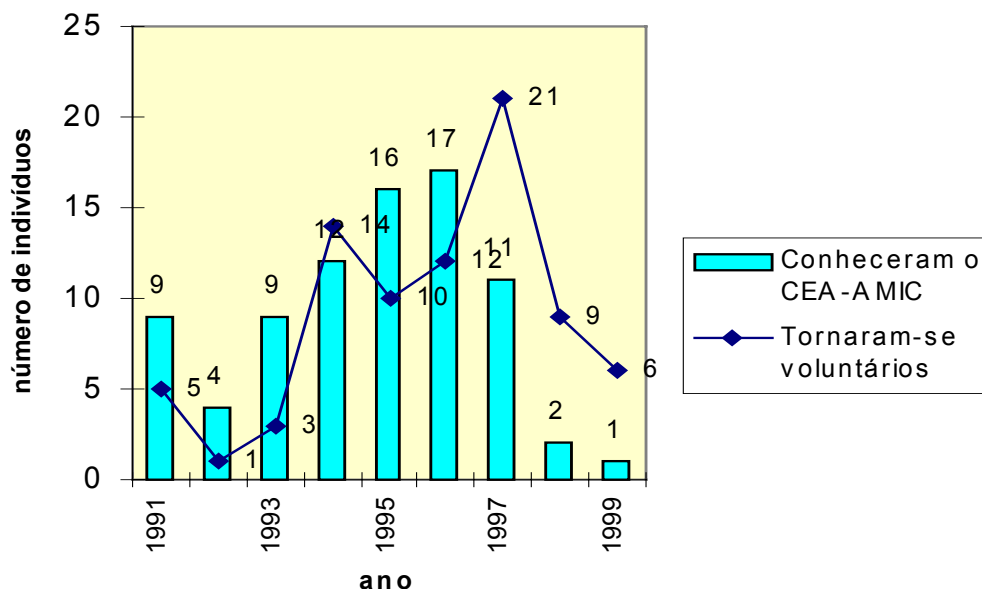
Trabalharemos aqui com os dados do questionário relativos à dinâmica de organização do próprio trabalho voluntário na CEA-AMIC, objetivando ampliar nossa compreensão sobre a prática do trabalho voluntário, quando realizado sobre a égide da Caridade, a partir de referências espíritas-kardecistas.

3.1. Tempo entre conhecer e se integrar no trabalho voluntário da CEA-AMIC

Tabela 49- Acerca do tempo para tornar-se voluntário na CEA-AMIC

Ano de chegada	Conheceram o CEA-AMIC	Tornaram-se voluntários	%
1991	9	5	55,56
1992	4	1	25,00
1993	9	3	33,33
1994	12	14	116,67
1995	16	10	62,50
1996	17	12	70,59
1997	11	21	19,0
1998	2	9	45,0
1999	1	6	60,0
total	81	81	100

Gráfico 49- Acerca do tempo para tornar-se voluntário na CEA-AMIC



Com exceção do ano de 94, desde 89 até 96, o número de voluntários que conheceu a CEA-AMIC, a cada ano, foi sempre superior ao número dos que efetivamente se tornaram voluntários. O que significa que entre conhecer a CEA-AMIC e se tornar voluntário algo acontece. Que tempo é este, e como ele acontece? É um processo pessoal, informal, individual, ou existem regras definidas aplicadas a todos?

A partir de 97 até 99, aparentemente, há uma inversão desta lógica, pois começa a aparecer um número maior de voluntários participando do trabalho, anualmente, do que o número dos que conheceram a CEA-AMIC naquele ano.

A aparente inversão desta lógica parece decorrer da quantidade de gente que conheceu a CEA-AMIC e não se tornou voluntária, de imediato. Depois de algum tempo, que ainda não sabemos como e por quê acontece, as pessoas se integram no trabalho voluntário. Assim, o número de voluntários naquele ano é maior que daqueles que informam terem conhecido a CEA-AMIC, no mesmo período.

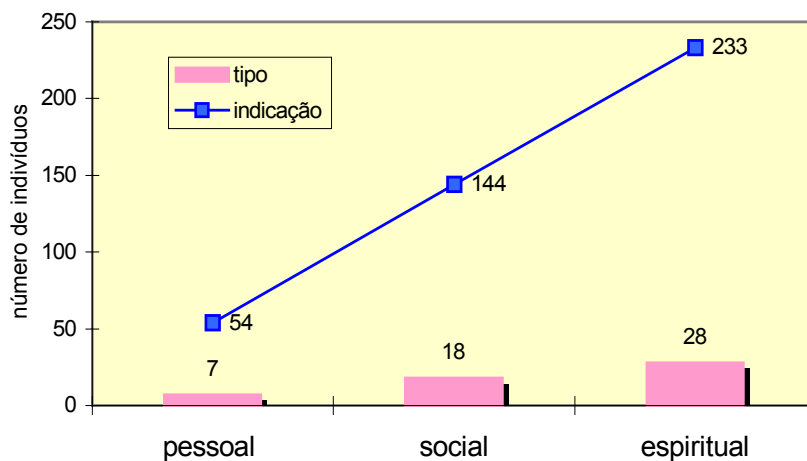
3.2. Relevâncias encontradas pelos voluntários na CEA-AMIC

Recebemos dos 431 indicações em torno de 53 aspectos relevantes da CEA-AMIC. Isso significa que grande parte dos voluntários apresentou mais de uma indicação. Agrupamos esse conjunto de 53 relevâncias em torno de três qualidade distintas de experiências vividas e apontadas pelos voluntários da CEA-AMIC, aqui nominais de pessoal, social e espiritual.

Tabela 50- Relevâncias apontadas pelos voluntários

	tipo	indicação	%
pessoal	7	54	12,53
social	18	144	33,41
espiritual	28	233	54,06
total	53	431	100

Gráfico 50- Relevâncias apontadas pelos voluntários



Chama a atenção a alta percentagem de indicação do aspecto espiritual como relevante: 54,06%, de todas as indicações de relevância apresentadas pelos voluntários, contra os 21,16% de indicação do aspecto espiritual como motivo condutor até a CEA-AMIC, como observado inicialmente.

Tabela 51- Relevâncias pessoais

	indicação	%
alívio, bem-estar, descanso, aconchego	17	31,48
acolhimento amoroso para a dor	12	22,22
novos horizontes	11	20,37
um caminho para viver melhor	11	20,37
um lugar onde desarmou-se	1	1,85
poesia, música e arte	1	1,85
uma emoção boa que não dá para explicar	1	1,85
total	54	100

Gráfico 51- Relevâncias pessoais

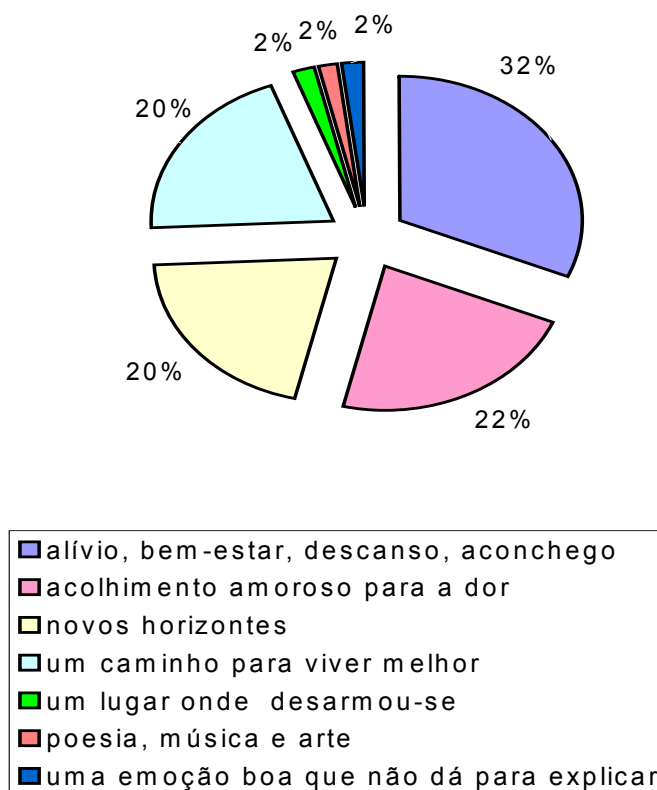


Tabela 52- Relevâncias sociais

	indicação
Um caminho para a fraternidade	31
a oportunidade real de ajuda ao próximo	22
amigos leais, amizade verdadeira	19
disciplina, seriedade e responsabilidade no trabalho com o social	13
dedicação e alegria em servir	10
um trabalho vivo no bem	10
gestos que buscam o bem do próximo	6
partilha e união	6
um pedaço real de um mundo novo	5
pessoas de boa vontade	4
um lugar onde ser bom é bom	4
descobriram ser sujeito de sua própria história	3
ensinamentos cristãos em sintonia com a realidade	3
uma comunidade cristã primitiva	2
uma experiência de igualdade entre todos	2
o cultivo da reciprocidade	2
identidade com o trabalho	1
a conquista a ser feita é ser bom, verdadeiro e simples	1
total	144

Gráfico 52- Relevâncias sociais

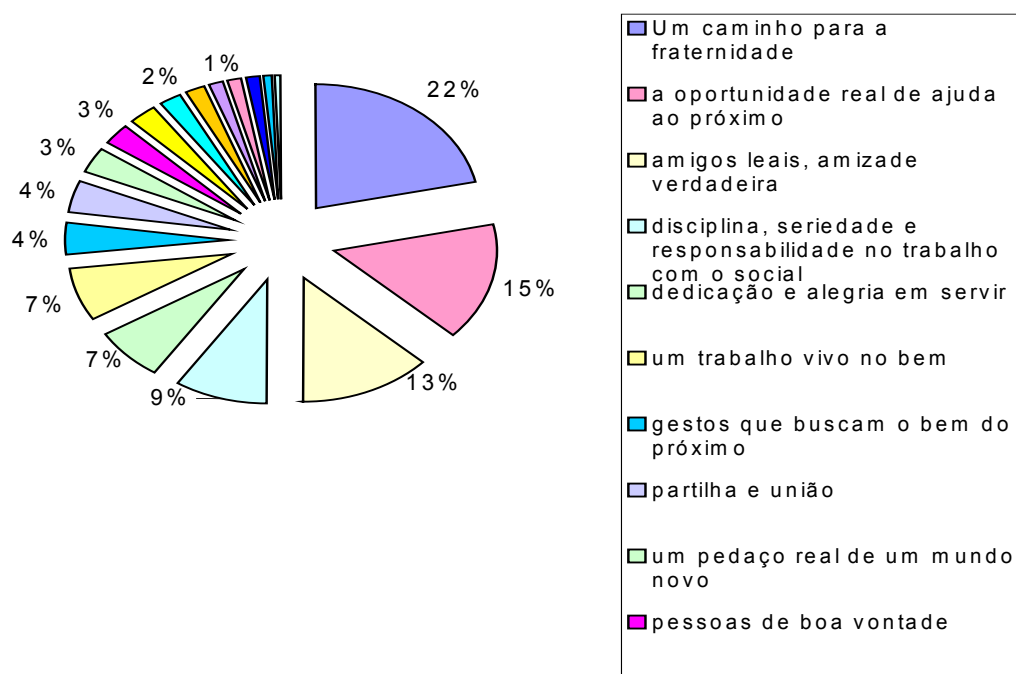
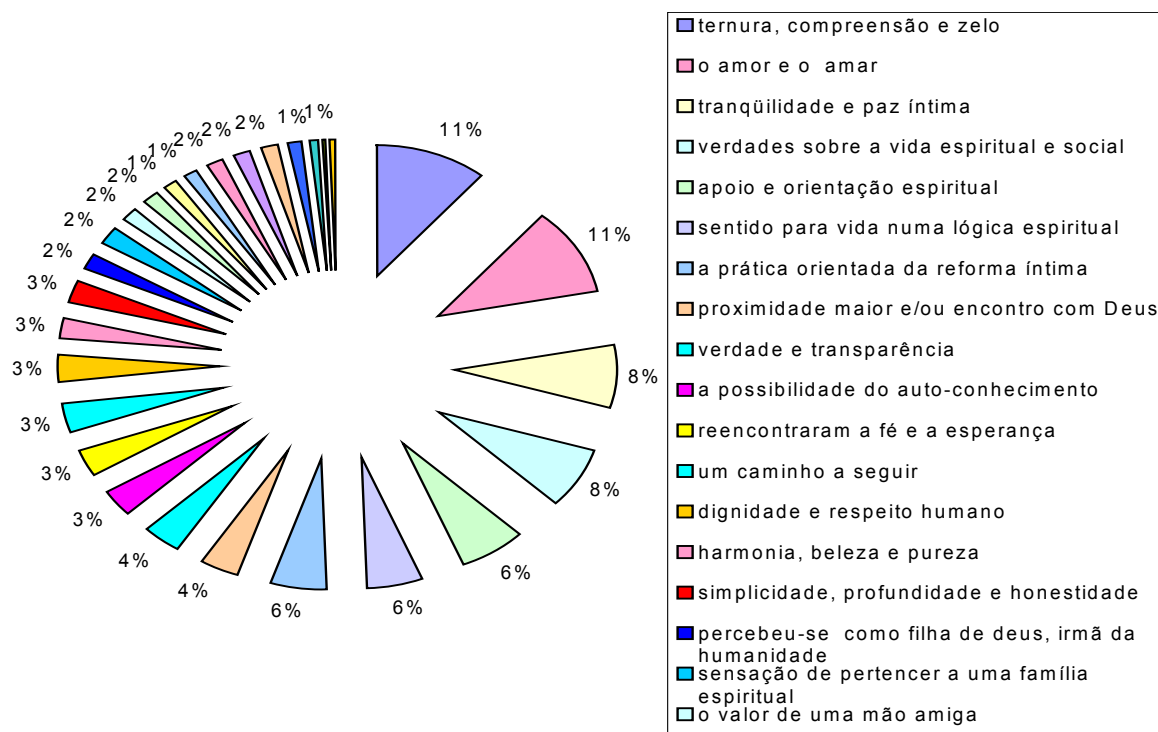


Tabela 53- Relevâncias espirituais

	indicação	%
ternura, compreensão e zelo	26	11,16
o amor e o amar	25	10,73
tranquilidade e paz íntima	18	7,73
verdades sobre a vida espiritual e social	18	7,73
apoio e orientação espiritual	15	6,44
sentido para vida numa lógica espiritual	13	5,58
a prática orientada da reforma íntima	13	5,58
proximidade maior e/ou encontro com Deus	9	3,86
verdade e transparência	9	3,86
a possibilidade do auto-conhecimento	8	3,43
reencontraram a fé e a esperança	8	3,43
um caminho a seguir	8	3,43
dignidade e respeito humano	8	3,43
harmonia, beleza e pureza	6	2,58
simplicidade, profundidade e honestidade	6	2,58
percebeu-se como filha de deus, irmã da humanidade	5	2,15
sensação de pertencer a uma família espiritual	5	2,15
o valor de uma mão amiga	4	1,72
a força moral da dirigente	4	1,72
um projeto de crescimento e amadurecimento	3	1,29
remédio para a alma	3	1,29
devotamento e relação com Deus	4	1,72
respostas para muitas perguntas	4	1,72
a crença na vida futura numa perspectiva de evolução espiritual	4	1,72
forças para servir	3	1,29
referências de vida	2	0,86
tratamento espiritual	1	0,43
a verdade	1	0,43
total	233	100

Na indicação do aspecto espiritual como motivo para a permanência na entidade, pode-se observar uma tendência de crescimento da importância desse aspecto, com a percentagem subindo para 31,28%. A baixa percentagem de indicação dos aspectos pessoais, também é um dado interessante: 12,52% do total de todas as indicações.

Gráfico 53- Relevâncias espirituais



Já as percentagens de indicação para os aspectos sociais relevantes, mantiveram-se em uma mesma faixa que as dos motivos sociais para permanência; 33,41% e 34,09%, respectivamente. O que estaria significando, o fato de que apesar de 51,85% % dos voluntários terem apontado como motivos condutores até a CEA-AMIC, a busca de alívio para seus sofrimentos pessoais, ao mesmo tempo em que só 12.52% indicam alguma relevância para os aspectos pessoais, encontrados na entidade?

Esses dados tornam-se ainda mais interessantes, quando lembramos, que na pesquisa de Landim (2000, p.77), que deu origem ao perfil do voluntário brasileiro, a adesão religiosa, medida pela frequência aos Cultos, tinha uma relação direta com o grau de comprometimento com a doação de trabalho voluntário.

Os dados encontrados nessa pesquisa, mostram que apesar de 54,06% das relevâncias encontradas na CEA-AMIC e, apontadas pelos voluntários terem sido de natureza espiritual, quando estes indicam os motivos pelos quais permaneceram, aparecem nos dados: 34,62% para motivos pessoais, 34,09% para motivos sociais e somente 31,28% para motivos espirituais.

Teria havido modificação de necessidades ou de critérios de avaliação do que é relevante ?

O que aconteceu com o sofrimento pessoal que viviam e que atuou como principal motivo condutor dos voluntários até a CEA-AMIC? O que significa ter o sofrimento pessoal aliviado?

A situação concreta daquilo que consideravam sofrimento se modificou? Ou teria havido uma transformação do ponto de vista a partir do qual olhavam para o que era considerado sofrimento?

Como esse processo, de ter o sofrimento pessoal aliviado, contribui para modificar, tanto o conceito de necessidade pessoal e de sofrimento, quanto o próprio critério usado pelos voluntários, para avaliação de ambos ?

Como vai se construindo o vínculo entre o trabalho de acolhimento, alívio e tratamento do sofrimento realizado na CEA-AMIC, e o futuro voluntário que vai nascendo ao longo desse processo?

Com o quê e como, o voluntário passa a preencher esse espaço da sua vida, anteriormente preenchido e gasto com o sofrimento pessoal? Qual o passo, tanto interno quanto externo, possível de ser dado pelo voluntário, depois que este experimenta alívio para seu sofrimento pessoal aliviado? Como o alívio do sofrimento pessoal, vivido através do modo espírita-kardecista-cristão de compreender a vida e o sofrimento, vai pouco a pouco, tornando-se em uma forma de viver para cada uma dessas pessoas que chegam na CEA-AMIC, apenas buscando alívio para seu sofrimento pessoal?

O que caracteriza esse modo espírita-kardecista-cristão de compreender a vida e o sofrimento, e qual a relação existente entre ele e a trajetória biográfica de cada voluntário?

Onde os *habitus* dos voluntários são convergentes com esse modo de compreender a vida e o sofrimento?

Estamos diante de uma estratégia de reprodução, conversão ou reconversão?

Já existiria, a partir da biografia dos voluntários, alguma relevância para o aspecto social, temporariamente transtornado pelo sofrimento pessoal, uma vez que a percentagem para motivos condutores sociais foi de 7,40% ? Ou ao contrário, a experiência do sofrimento pessoal assistido da forma como aconteceu na CEA-AMIC, teria levado o voluntário a descobrir a importância de uma mão amiga, da fraternidade ativa, nascendo, então um novo critério para considerar o social, tanto como motivo para permanência (34,09%), quanto como aspecto de relevância.

Teria sido essa experiência de ter a dor pessoal acolhida e aliviada, a partir do tratamento e do crescimento espiritual, que configurou uma nova ordem interna de prioridades e relevâncias, a qual se expressa na opção de permanência dessas pessoas como voluntários na CEA-AMIC?

Podemos chamar o processo vivido por alguém que chega à CEA-AMIC, em busca de ajuda para seu sofrimento, de Educação da Alma. E como tal, cada um que lá chega, além de receber o acolhimento para a sua dor e os tratamentos espirituais, é instrumentalizado com conceitos e experiências que lhe permitem olhar para a paisagem de sua vida, especialmente, naqueles aspectos em que há sofrimento, enxergando nesses lugares particularidades da paisagem que, até então, estavam ocultos aos seus olhos. Essas lentes, que dilatam o espectro de percepção da realidade, são trazidas através da inserção de categorias ampliadas de tempo- espaço, ou seja, das noções de infinitude e de eternidade .

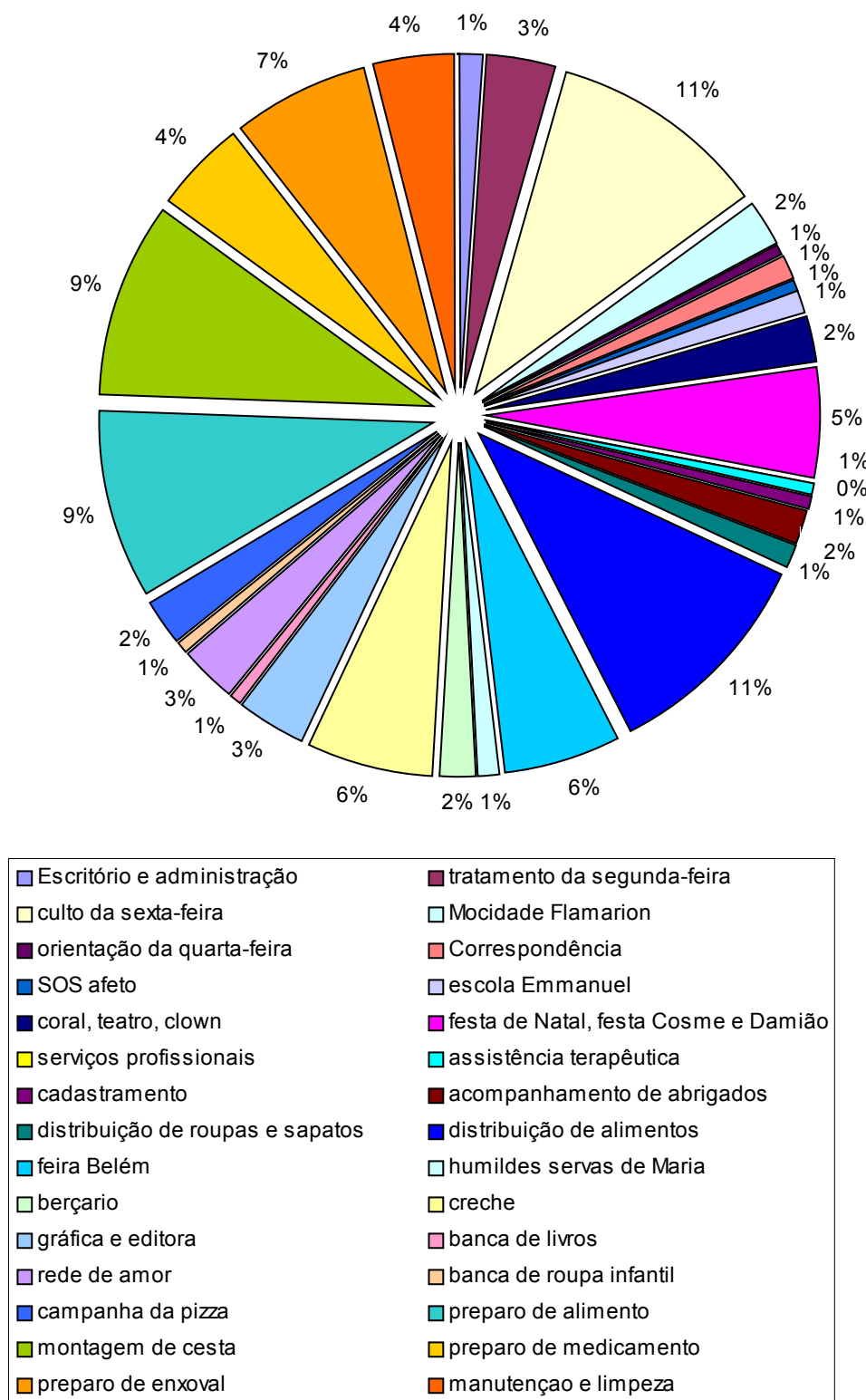
3.3. Participação dos voluntários da CEA-AMIC nas atividades entre 1991-1999

Os voluntários informaram já terem tido, ao longo desses anos em que vêm participando do trabalho na CEA-AMIC, 354 participações em 35 tipos de atividades diferentes. Isto significa que, na sua maioria, cada voluntário participou de mais de uma atividade. Agrupamos essas atividades nas mesmas categorias utilizadas por Landim (2000,p.56) na sua pesquisa *Doações e Trabalho Voluntário no Brasil*, com o objetivo de, em seguida, relacionarmos as percentagens encontrados nas atividades do voluntário brasileiro àquelas dos voluntários pesquisados, ao longo do período compreendido entre 1991 e 1999.

Tabela 54- Participação dos voluntários nas atividades da CEA, entre 1991 e 1999

	voluntária	voluntário	TOTAL
Escritório e administração	0	0	0
Atividades religiosas			
tratamento da segunda-feira	6	3	9
culto da sexta-feira	17	5	22
orientação da quarta-feira	2	0	2
SOS. afeto	6	2	8
escola Emmanuel	3	0	3
coral	1	1	2
benzimento da vó	5	1	6
curso de evangelização	5	2	7
grupo de jovens	3	2	5
caravanas e vivências	4	2	6
oficina São Francisco	5	3	8
capoeira	1	0	1
Ativid. Intervenção direta junto a população			
lazer e cultura			
feira de Natal, festa Cosme e Damião	10	5	15
serviços profissionais	0	0	0
aconselhamento psicológico	0	0	0
cuidados pessoais			
cadastro	3	0	3
acompanhamento de abrigados	1	0	1
distribuição de roupas e sapatos	8	0	8
distribuição de alimentos	32	17	49
feira Belém	10	2	12
visita ao lar	0	2	2
trabalho nos núcleos	3	5	8
ensino e treinamento			
creche	22	1	23
Atividades voltadas para levantar recursos			
noite beija-flor e outros eventos	7	5	12
costura	4	0	4
gráfica	9	2	11
bazar	3	0	3
rede de amor	15	3	18
banca de roupa infantil	2	0	2
campanha da pizza	5	1	6
rifa	2	0	2
Atividade de limpeza e infra-estrutura			
preparo de alimento	18	0	18
montagem de cesta	35	11	46
preparo de medicamento	5	0	5
preparo de enxoval	15	0	15
manutenção e limpeza	9	4	13
construção de rancho	0	1	1

Gráfico 54 - Participação dos voluntários nas atividades da CEA, entre 1991 e 1999



Alguns dados relativos à participação dos voluntários da CEA-AMIC, nas atividades ao longo do período (1991 e 1999) chamam a nossa atenção:

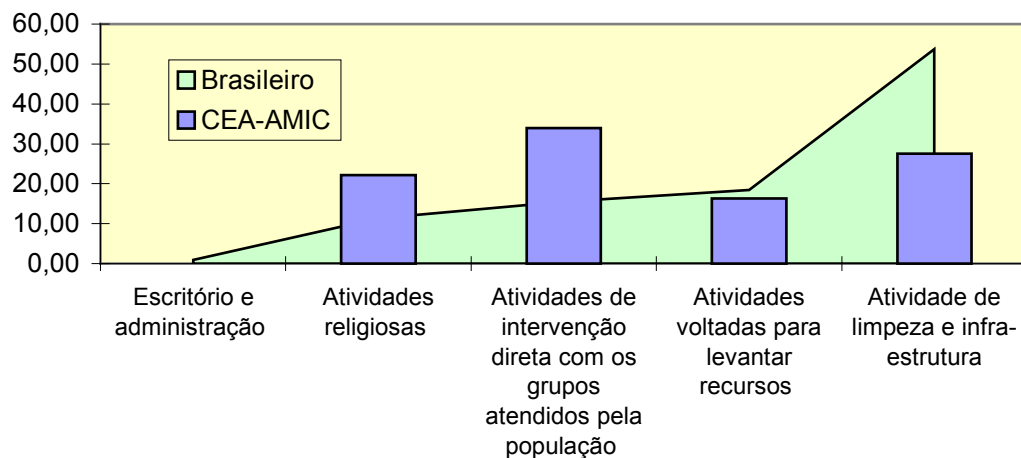
- ausência completa de voluntários participando nas atividades de escritório e administração, nas atividades de prestação de serviços profissionais, e nas atividades de aconselhamento psicológico;
- grande concentração de participação dos voluntários nas atividades de Intervenção direta junto à população, particularmente nas atividades relativas à prestação de cuidados à população necessitada;
- grande concentração de participação de voluntários nas atividades de infraestrutura, especialmente nas que dão sustentação ao trabalho de combate à fome, através das atividades de cuidados pessoais;
- mais participação dos voluntários nas atividades religiosas do que nas atividades para levantar recursos, e mais participação dos voluntários nas atividades de cuidados pessoais do que nas atividades religiosas e nas atividades para levantar recursos;

Se relacionarmos a participação dos voluntários da CEA-AMIC entre 1990 e 1999, à participação do voluntário brasileiro, em maio de 1998, nas várias áreas de atividades, encontramos:

Tabela 55- Participação do Voluntário Brasileiro e da CEA-AMIC nas atividades

	Brasileiro(%)	CEA-AMIC(%)
<i>Escritório e administração</i>	1,00	1,06
<i>Atividades religiosas</i>	11,40	20,63
<i>Atividades de intervenção direta com os grupos atendidos da população</i>	15,50	32,28
<i>lazer e cultura</i>	1,00	4,76
<i>serviços profissionais</i>	3,00	0,00
<i>aconselhamento psicológico</i>	3,00	0,53
<i>Cuidados pessoais</i>	4,00	19,58
<i>ensino e treinamento</i>	4,50	7,41
<i>Atividades voltadas para levantar recursos</i>	18,4	8,99
<i>Atividades de limpeza e infra-estrutura</i>	53,70	37,04

Gráfico 55 - Participação do voluntário brasileiro e da CEA-AMIC nas Atividades



Pelos dados acima podemos observar que:

- nos dados sobre o voluntário brasileiro, uma grande percentagem, 53,7%, está concentrada na área de limpeza e infra estrutura da organização, compreendendo: *trabalhos de escritório como atendimento ao público, manutenção das dependências, alimentação e outros serviços gerais, os quais não exigem maiores qualificações por parte dos voluntários.* (Landim, 2000, p.54 e 55);
- nos dados sobre o voluntário da CEA-AMIC, essa percentagem decresce para 27,52%. Se observamos a taxa de participação nessas atividades, veremos que 65,30% dela está concentrada no trabalho de combate à fome (preparo de alimento e montagem de cestas), 15,30% no trabalho de combate ao frio (preparo de enxovais para recém-nascidos) e 5,10% no combate a doença (preparo de xarope caseiro para tosse). Ou seja 85,70% das atividades de infra-estrutura estão concentradas em atividades de suporte para as atividades de intervenção direta junto à população atendida;
- a percentagem encontrada no trabalho voluntário da CEA-AMIC, para as atividades de intervenção direta junto à população assistida pela instituição é de 33,98%, enquanto a percentagem, encontrada para o voluntário brasileiro, nas mesmas atividades, é de 15,5%. Nesses dados chama mais a atenção a diferença de percentuais encontrada na atividade de cuidados pessoais, na qual encontramos 23,31% para o trabalho da CEA-AMIC e 4,0% para o do voluntário brasileiro;

- os dados para as atividades de intervenção direta junto à população, especialmente os referentes aos cuidados pessoais, falam da ênfase dada ao trabalho realizado na CEA-AMIC, às atividades de contato direto e coracional com a população. Na concepção da entidade, isso faz a diferença entre a Caridade fria e essa Caridade – uma ação amorosa concreta - praticada aqui. Daí também todo o trabalho de cuidado pessoal de natureza espiritual e de ensino espiritual junto aos voluntários, realizado dentro das atividades religiosas;

- há a indicação de 22,31% de participação nas atividades religiosas pelos voluntários da CEA-AMIC, enquanto os voluntários brasileiros indicaram 11,40% nessas atividades. É importante ressaltar que essas atividades religiosas praticadas na entidade indicadas pelos voluntários, estão voltadas para a preparação e sustentação dos voluntários, através das seguintes atividades:

- cuidado pessoal de natureza espiritual, realizado através do Culto da Sexta-feira, SOS. Afeto, tratamento de segunda-feira, benzimento da Vó, orientações da quarta-feira)
- ensino de natureza espiritual, realizado através da Escola Emmanuel, Coral e Capoeira, cursos de evangelização, grupo de jovens, caravanas, vivências, e Oficina São Francisco.

- a percentagem é de 16,38% para participação dos voluntários CEA-AMIC nas atividades voltadas para *levantamento de recursos*, enquanto o voluntário brasileiro apresenta 18,4% nas mesmas atividades. Na primeira, as atividades voltadas para *levantar recursos*, são compreendidas como práticas de crescimento pessoal e espiritual e, portanto, estão integradas com outras práticas, como, por exemplo:

- lazer e cultura, com a Noite Beija Flor, (onde as artes se reúnem e dão as mãos aos menos favorecidos);
- atividades religiosas, com a gráfica (reprodução das psicofonias e das psicografias, feitas pela espiritualidade, em livros e fitas);
- a rede de amor, as campanhas de pizza e as rifas, nas quais cada voluntário é estimulado a levar a proposta de trabalho da CEA-AMIC para seu ciclo de amigos, e convidá-los a conhecer e participar da rede que sustenta o trabalho de assistência à população sofrida com as pequenas doações de muitos, não só de recursos financeiros, mas de alimentos, tempo, talentos e habilidades;

- a banca de roupas infantis e do bazar, que realiza uma experiência de renovação das relações comerciais, inspirada na fraternidade; .
- a participação dos voluntários da CEA-AMIC é de 6,49%, nas atividades de *ensino e treinamento*, como uma ação de intervenção direta junto a população atendida, enquanto para o voluntário brasileiro a percentagem foi de 4,5%;
- chama também a atenção o fato de os voluntários da CEA-AMIC não terem indicado qualquer participação, em três tipos de atividades, *escritório e administração*, *serviços profissionais*(advogados, médicos, dentistas etc), e *aconselhamento psicológico* enquanto encontramos no voluntário brasileiro as seguintes percentagens de participação: *escritório e administração* (1,0%), *serviços profissionais*(advogados, médicos, dentistas etc)(3,0%) e *aconselhamento psicológico* (3,0%);

Os dados sobre *serviços profissionais* tornam-se mais relevantes, quando consideramos que essas atividades requerem conhecimentos e habilidades específicas, para as quais vários voluntários da CEA-AMIC têm formação universitária específica. E ainda que 72,83% dos voluntários da entidade, são profissionais universitários e, portanto estão ligados, pela própria profissão, a uma rede de outros profissionais universitários que poderiam, caso fosse necessário, serem acionados para participar desse tipo de trabalho de assistência à população, contribuindo com suas especialidades.

Observamos que das *atividades religiosas*, uma delas concentra 22 participações: o Culto do Evangelho da sexta-feira, no qual aqueles que iniciaram seu trabalho como voluntários entre 94 e 97 estão concentradamente distribuídos. Isto significa que aqueles que recém entraram, (98 e 99), bem como aqueles que entraram no início dos trabalhos (91, 92, 93), não estão sendo voluntários nesta atividade. Qual será o significado desta administração do tempo, referente a essa atividade, considerando que ela é a porta de entrada para os que chegam à CEA-AMIC, e onde a equipe de voluntários convive mais diretamente com a direção espiritual da casa, recebendo ali instruções e orientações?

Por que os novatos e os mais velhos não estão ali alocados?

A ausência dos novatos significaria que existe uma preparação específica para este tipo de trabalho voluntário realizado no culto da sexta-feira, que só acontece ao longo do tempo? Se isso for real, que preparação é essa, e como ela se dá no tempo? E quanto aos mais velhos, qual seria a dinâmica aí envolvida? Observando onde estão alocados os mais

velhos, constata-se que cada um deles é responsável por alguma atividade específica, prática aqui chamada de ancorar uma atividade, ou seja, ser a pessoa de referência para os que chegam.

O trabalho na sexta-feira cumpre algum papel na preparação dos voluntários para assumir responsabilidades posteriormente? Se isso é real, como se dá esse processo de preparação? Existem metas a serem atingidas por cada voluntário? Quais são as *competências* consideradas necessárias a serem construídas em um trabalho como este? Existe algum processo de avaliação do desempenho dos voluntários?

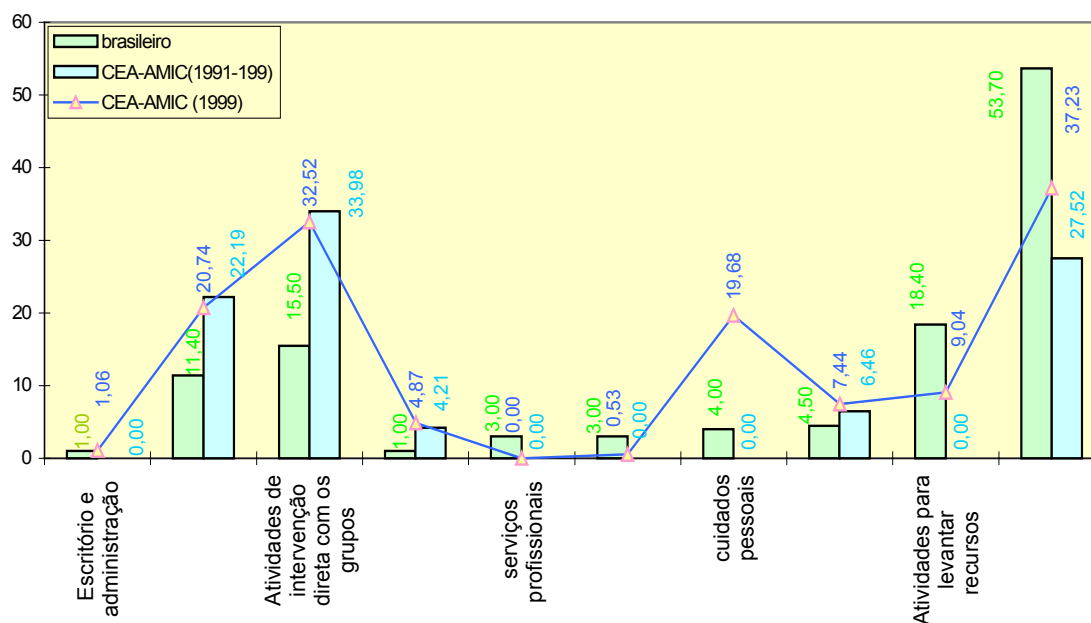
Observamos ainda que algumas outras atividades estão voltadas tanto para os voluntários como para um outro grupo maior de pessoas que frequenta a CEA-AMIC, sem ser a população assistida materialmente: pessoas em tratamento espiritual, pessoas que vêm só para as preleções espirituais e o passe, simpatizantes do trabalho da AMIC, e colaboradores, que não estão contudo, engajados no trabalho como voluntários. Esses frequentadores também participam das festas e celebrações, das campanhas, rifas bem como colaboram adquirindo a produção da gráfica: livros, revistas, fitas com preleções gravadas, CD's de músicas religiosas gravadas por voluntários da CEA-AMIC etc..

Relacionamos a seguir os dados sobre as atividades dos voluntários da CEA-AMIC (1991 a 1999 e set./ 1999) com os dados do voluntário brasileiro (maio de 1998) .

Tabela 56- Participação dos voluntários da CEA-AMIC (1991-1999 e set. 1999) e do voluntário brasileiro (maio 1998)

Atividades	Voluntário Brasileiro	CEA-AMIC 1991-1999	CEA-AMIC 1999,00
escritório e administração	1,00	0,00	1,06
atividades religiosas	11,40	22,19	20,74
atividades de intervenção direta com os grupos atendidos pela população	15,50	33,98	32,52
lazer e cultura	1,00	4,21	4,87
serviços profissionais	3,00	0,00	0,00
aconselhamento psicológico	3,00	0,00	0,53
cuidados pessoais	4,00	23,31	19,68
ensino e treinamento	4,50	6,46	7,44
atividades para levantar recursos	18,40	16,29	9,04
atividade limpeza e infra-estrutura	53,70	27,52	37,23

Gráfico 56- Participação dos voluntários da CEA-AMIC (1991-1999 e set. 1999) e do voluntário brasileiro (maio 1998)



Alguns dados chamam a atenção quando relacionamos as percentagens de participação dos voluntários da CEA-AMIC nas atividades entre 1991 a 1999, com as percentagens de participação naquelas de setembro de 1999, e estas com a participação do voluntário brasileiro, em maio de 1998:

- início de participação desses voluntários da CEA-AMIC nas atividades de escritório e administração com percentagens aproximadas as do voluntário brasileiro;
- pequeno aumento da percentagem de participação desses voluntários da CEA-AMIC, nas atividades de lazer e cultura e nas atividades de ensino e treinamento, colocando-se acima da participação encontrada para o voluntário brasileiro;
- aumento da percentagem de participação desses voluntários da CEA-AMIC nas atividades de limpeza e infra-estrutura, mas ainda menor que a do voluntário brasileiro;
- diminuição da percentagem de participação desses voluntários da CEA-AMIC nas atividades de cuidados pessoais e nas atividades de intervenção direta com os grupos atendidos da população, mantendo percentagens bem maiores que a encontrada para o Voluntário Brasileiro;

- diminuição da percentagem de participação desses voluntários da CEA-AMIC, nas atividades Religiosas, mantendo percentagens de participação maiores que a encontrada para o Voluntário Brasileiro;
- diminuição da percentagem de participação desses Voluntários da CEA-AMIC, nas Atividades para levantar recursos, ficando, então, com uma percentagem muito menor que a encontrada para o voluntário brasileiro;
- ausência de participação desses voluntários da CEA-AMIC nas atividades de aconselhamento psicológico, bem como nas atividades de prestação de serviços profissionais (advogados, médicos, dentistas etc), que se mantiveram com taxa zero de participação. Assim, sua percentagem é evidentemente menor que a do voluntário brasileiro;

A taxa de participação dos voluntários nas atividades de intervenção direta junto aos grupos atendidos da população esteve concentrada, principalmente, nas atividades de cuidados pessoais, prioritariamente, portanto, no trabalho de combate à fome.

Isso ocorreu porque, do total de todo o trabalho de intervenção direta junto aos grupos atendidos da população, 62,50% foi dedicado ao trabalho de socorro emergencial à fome da população que procura a instituição pedindo ajuda para a situação de miséria absoluta em que se encontram. A prioridade dada ao trabalho de combate a fome, visa agir preventivamente em relação às crianças, pois se elas têm o que comer em casa, não vão para as ruas pedir, expondo-se a toda sorte de perigo. Podem também ir para a escola em um turno e, no outro, freqüentar - caso morem próximo- um dos dois educandários, mantidos pela CEA-AMIC, que funciona como berçário e creche para crianças entre 03 meses e 14 anos, ou outros centros de atendimento à infância.

O restante do trabalho voluntário concentrado na categoria intervenção direta junto aos grupos atendidos da população, na atividade de cuidados pessoais, foi também dedicado ao atendimento de necessidades básicas, como enxovais para recém-nascidos, preparação de xarope caseiro, distribuição de roupa, visita a lares etc.

O aumento da percentagem de participação dos voluntários da CEA-AMIC nas atividades de lazer e cultura, bem como nas atividades de ensino e treinamento, e nas atividades de limpeza, está também vinculado a esse trabalho preventivo junto às crianças, seja oferecendo a elas um ambiente agradável, onde podem viver momentos de sonhos e fanta-

sia, celebrando festividades, seja através das atividades na creche, onde podem brincar e conviver amorosamente, desenvolvendo seus potenciais afetivos e sociais.

A diminuição de participação desses voluntários da CEA-AMIC, tanto nas atividades religiosas como nas atividades para levantar recursos, no período entre 91 e 99, sugere alguma dinâmica na qual os mesmos estão envolvidos ao longo dos anos? Ao nosso ver, estas atividades passam a estar tão integradas na sua vida que deixam de ser apontadas por eles como trabalho voluntário. Diferente do que acontece com os que vão chegando na CEA-AMIC, que têm na participação nas atividades religiosas, bem como na participação nas atividades para levantamento de recursos - as campanhas de pizza, rifas etc. - , o início de participação no trabalho da entidade.

Também o surgimento de uma pequena participação nas atividades de escritório e administração, ao nosso ver é consequência do crescimento do trabalho ao longo daqueles anos, exigindo, portanto, a participação dos voluntários na administração, que nesse caso específico se refere a administração da contabilidade da instituição. A ausência de participação dos voluntários nas atividades de aconselhamento psicológico, bem como na prestação de serviços profissionais (advogados, médico e dentista), claramente aponta para a opção da CEA-AMIC em cuidar da população que a procura, não de modo profissional, mas coracionalmente. Esse dado se torna ainda mais relevante quando consideramos que grande parte dos voluntários da CEA-AMIC, é constituída de profissionais com formação universitária, sendo que 8 deles, ou seja 9,87%, são psicólogos.

Ao longo desses anos, entre 1991 e 1999, enquanto o trabalho de intervenção direta junto à população foi crescendo e se consolidando, em paralelo, foi sendo realizado um longo e minucioso trabalho de assistência anímico-espiritual junto aos voluntários da CEA-AMIC. Este trabalho foi consolidando, naqueles que escolheram permanecer, e passar pelo processo de evangelização da alma, uma matriz capaz de sustentar e reproduzir, o padrão CEA-AMIC - de trabalho junto à população assistida – o que Bourdieu chama de, *a regra tornada homem*. Esse padrão, tende portanto, a se auto-sustentar e a se reproduzir dentro da convivência, entre novos e antigos voluntários, por imitação, como acontece com as crianças e suas famílias. Isso sugere que a estratégia que permeou a consolidação do trabalho da CEA-AMIC, foi trabalhar anímica e espiritualmente os voluntários que foram chegando, criando, pouco a pouco, um corpo vivo e homogêneo de “regras tornadas homem”, para,

então, através dele, ampliar o trabalho de Caridade, concentrado no trabalho preventivo de assistência à criança, tanto através do combate à fome quanto através do trabalho de educação. A natureza dessa marca da CEA-AMIC, tornada regra viva no corpo dos voluntários, os princípios que a orientam, bem como seus referenciais éticos e estéticos, estão todos fundamentados nos ensinamentos morais trazidos por Cristo, contidos nos Evangelhos e explicados pelos espíritos em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Como os ensinamentos trazidos por Cristo têm como eixo a prática da Lei do Amor, a ética do cuidado amoroso com o próximo - tendo como medida o cuidado dispensado a si mesmo -, torna-se o centro de referência para a realização de todas as atividades, tanto externas (junto à população atendida), quanto internas (junto aos voluntários). É provável, então, que seja essa uma das razões pelas quais haja uma grande predominância de mulheres dentre os voluntários da CEA-AMIC, diferentemente dos dados encontrados para o voluntário brasileiro. A educação e a própria vida das mulheres - envolvendo cuidar da casa, da família e especialmente a maternidade -, tende a estimular e reforçar esse *ethos do cuidar* na alma humana, tão presente nos ensinamentos cristãos..

Indiretamente, é provável, que também a Lei do Amor, seja a razão pela qual a maior parte dos voluntários da CEA-AMIC, se encontre na faixa etária entre 35 – 44 anos, embora quase todos estejam profissionalmente ativos, e via de regra com menos tempo disponível. É que nesse momento da biografia humana, uma crise especial de crescimento é efetivamente esperada para aqueles que aspiram uma realização interior mais ampla do que a prevista de ser alcançada apenas pelo exercício dos papéis familiares e profissionais. Essa crise já foi descrita por várias correntes do conhecimento, e chamada, ao longo do tempo, por muitos nomes - crise da meia idade, Metanóia, nascimento do Eu Espiritual, emergência do Homem Moral etc. Em síntese, o que esse momento biográfico vem trazer ao homem é a lembrança de que estamos na Terra para realizar, através de todos os papéis vividos, a dimensão espiritual do nosso ser, cuja maior expressão é a capacidade de amar incondicionalmente ao nosso semelhante.

Por isso, talvez tantas pessoas que aportam na CEA-AMIC, em momentos de crise existencial, nessa faixa de idade, lá fiquem e se tornem voluntárias: encontram na CEA-AMIC uma oportunidade de compreender a exótica crise pela qual estão passando - exótica no sentido de que, aparentemente, não lhes falta nada de mais imediato, no sentido material.

Esta crise, é desencadeada por faltas e *des-preenchimentos simbólicos*, conseqüentes das sensações de perdas de sentido e de significado da vida que até então tinham escolhido viver, incluindo nela, projetos profissionais, pessoais, familiares etc..

Também na CEA-AMIC, vislumbram a possibilidade de encontrar pares, ou seja, pessoas do seu mesmo grupo de referências, que já passaram ou estão passando pelas mesmas experiências, e com quem possam partilhar suas dificuldades e descobertas. E, mais ainda, encontram a possibilidade de redirecionar suas vidas de modo que, sem destruir-se e sem destruí-las, possam enriquecê-las com novas experiências.

Essas pessoas passam então, a cuidar mais amorosamente, de si mesmas, a partir de uma compreensão ampliada da vida – tratamentos espirituais, preleções, praticas de oração e meditação, leituras, vivências de sensibilização, auto-conhecimento etc. e passam também a cuidar mais amorosamente do outro. Incluindo nesse outro, não só seus familiares e amigos, com quem certamente terão uma experiência de renovação da qualidade dos vínculos, mas também de um novo grupo que passa a fazer parte da sua vida – os outros voluntários, aqui chamados de irmãos de caminho – e todos aqueles a quem anonimamente passam a atender através do trabalho voluntário.

Normalmente acontece com as pessoas, que passam por todo esse processo, uma expansão da capacidade de amar, tanto a si mesmas, quanto ao outro. Pouco a pouco elas vão descobrindo que a fonte que sustenta essa irradiação amorosa não é outra, senão, uma relação pessoal e direta e intransferível com Deus. Nesse momento, cada voluntário, inicia um caminho de busca e construção desse relacionamento com a divindade, que passa pela descoberta e pela experiencição do seu próprio eu espiritual, amparado por uma direção espiritual que prima pela Universalidade e Ecumenismo.

Um longo processo para Educar a Alma, um longo caminho a ser percorrido sem pressa, mas com urgência, como se costuma afirmar na Casa, para que cada um conheça e desenvolva o corpo de virtudes e qualidades espirituais na alma, pertinentes ao seu projeto encarnatório e suas tarefas espirituais; um tempo para que cada um possa, também, reformar o corpo de defeitos e vícios psíquicos que carrega consigo, e que normalmente são liderados pelo egoísmo, orgulho e vaidade. Esse processo é chamado no espiritismo-kardecista-cristão de reforma íntima, e é colocado como condição para a prática da verdadeira Caridade, como concebida pelos espíritos e codificada por Kardec.



*Porque a boca fala, do que
está cheio o coração.*

Mateus, 12:34

CAPÍTULO IV. Considerações no Caminho

Faremos, a seguir, algumas pequenas reflexões as quais podem nos ajudar a costurar essa multiplicidade de dados levantados junto aos voluntários da CEA-AMIC, à luz dos vários olhares com quais tentamos nos aproximar desse fascinante tema do trabalho voluntário quando realizado sob a égide da Caridade.

1. Acerca de uma compreensão sócio-espiritual dos fatos sociais

Apesar de não nos propormos aqui a aprofundar esse tema, vez que ele se constituiria, em si, em uma nova dissertação, não poderíamos deixar de trazer - como mais um elemento para nossas reflexões acerca do Trabalho Voluntário e da Caridade, em uma instituição espírita-kardecista - alguns conceitos dessa Doutrina, que estão na base da concepção do mundo e da vida praticada na CEA-AMIC, e que trazem, na sua própria formulação, uma integração dos aspectos sociais e espirituais, tanto no que se refere aos fatos sociais quanto à sua dinâmica.

O Cristo foi o iniciador da moral mais pura e mais sublime: a moral evangélica cristã que deve renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que deve fazer jorrar de todos os corações humanos a caridade e o amor ao próximo, e criar entre todos os homens uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que deve transformar a Terra, e dela fazer uma morada para os Espíritos superiores àqueles que a habitam hoje. É a Lei do progresso, à qual a Natureza está submetida, que se cumpre, e o Espiritismo é a alavanca da qual Deus se serve para fazer avançar a Humanidade. São chegados os tempos em que as idéias morais devem se desenvolver para cumprir os progressos que estão nos desígnios de Deus; elas devem seguir o mesmo caminho que as idéias de liberdade percorreram, e que delas eram precursoras.²²⁵

²²⁵ In KARDEC, 2000, p.38/9, 255^a Ed.

Na concepção espírita-kardecista, a renovação e o aprimoramento da vida dos homens na Terra, em todos os seus aspectos, inclusive o social, para serem saudáveis e harmoniosos, deveriam andar passo a passo com o aperfeiçoamento moral. Caso contrário, temos as aberrações das conquistas da inteligência dissociadas da moral, que podem ir por exemplo, desde a utilização da energia atômica para a guerra, até o patenteamento das sementes a serviço do lucro, contribuindo para o aumento da fome no mundo.

O espiritismo-kardecista, contudo afirma, que esse nível de aperfeiçoamento e comprometimento moral do homem, expresso na renovação do fazer, até nos pequenos detalhes da vida, só é possível para aquele que compreende a vida como uma continuidade - através das reencarnações sucessivas - determinada qualitativamente pelas experiências encarnatórias, anteriormente vividas, e determinante sobre as experiências encarnatórias que se sucederão à vida presente.

Pela simples dúvida sobre a vida futura, o homem dirige todos os seus pensamentos sobre a vida terrestre; incerto do futuro, dá tudo ao presente; não entrevendo bens mais preciosos que os da terra, ele é como a criança que não vê nada além dos seus brinquedos; para os obter não há nada que não faça; a perda do menor dos seus bens é uma tristeza pungente; uma decepção, uma esperança frustrada, uma ambição não satisfeita, uma injustiça da qual é vítima, o orgulho ou a vaidade feridos são igualmente tormentos que fazem da sua vida uma angústia perpétua, dando-se *assim voluntariamente, uma verdadeira tortura de todos o instantes.*²²⁶

Poder-se-ia argumentar que, ao considerar *a vida futura* como uma referência para seus atos e suas escolhas, o homem poderia ser tomado por um desinteresse pelas ocupações necessárias para manutenção e melhoria das condições de vida na Terra, para todos e também pelos avanços e pelas conquistas da Ciência e da Cultura, pertinentes a essa tarefa. Contudo, a concepção espírita-kardecista afirma e propõe exatamente o inverso ao colocar a vida na Terra como o espaço oferecido por Deus para que o homem concretize seu aperfeiçoamento moral, através de uma vida ativa e espiritualizada, na qual ele viva - sem per-

²²⁶ In KARDEC, 2000, p.45, 255^a, Ed..

der a consciência de que é um espírito eterno vivendo na carne – cada experiência trazida pela vida, para o seu crescimento, com intensidade e inteireza.

O homem procura instintivamente seu bem-estar, e, mesmo com a certeza de não estar senão por pouco tempo num lugar, ainda quer aí estar melhor, ou o menos mal possível; não há ninguém que, achando um espinho sob sua mão, não o tire para não ser picado. Ora, a procura do bem-estar força o homem a melhorar todas as coisas, possuído que está do instinto do progresso e da conservação, que está nas leis da Natureza. Ele trabalha, pois, por necessidade, por gosto e por dever, e nisso cumpre os desígnios da providência que o colocou sobre a Terra para esse fim.²²⁷

É da natureza humana, pois, a busca que cada pessoa empreende pelo seu bem-estar, é a prática da Lei do Progresso. Contudo, essa busca do bem-estar não pode se limitar ao bem-estar físico e material, mas inclui e até prioriza o bem-estar anímico-espiritual, quando a pessoa está cônica de que ela é um espírito, vivendo temporalmente na carne, com propósitos estritamente evolutivos, no sentido espiritual. Também essa busca pelo bem-estar é submetida a critérios morais, ou seja, não é feita a qualquer *preço*: sejam os altos *preços* pagos individualmente, com a moeda da intranquilidade, da angústia etc., e também aqueles pagos social e ecologicamente por escolhas que não se baseiam na busca do bem maior de tudo e todos envolvidos. Isso porque, a pessoa que se percebe como um espírito vivendo na carne, está cônica de que cada vida é qualitativamente determinada pelas escolhas feitas em vidas anteriores, e que as que virão estarão sendo também qualitativamente determinadas pelas escolhas feitas no aqui e agora.

Esse tema da natureza sócio-espiritual dos fatos sociais, e da sua dinâmica, foi exaustivamente tratado no conjunto da obra dos espíritos codificada por Kardec, por ele próprio e, mais contemporaneamente, por espíritos como: Emmanuel e André Luis.²²⁸

Por se tratar de um tema pouco conhecido, e muito pouco desenvolvido no ambiente universitário, proponho-me a destinar essa parte da reflexão especialmente àqueles que

²²⁷ In Kardec, 2000, p.45/46, 255ª Ed.

²²⁸ Através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, que nos deixou editados, 418 títulos, versando obre os mais distintos temas da doutrina espírita.

estejam familiarizados com essas referências e/ou àqueles que se interessem em tomar contato com novas visões da realidade e, queiram fazer juntamente conosco esse exercício, de tentar pensar o social acrescido do espiritual, ou seja, não deixando de considerar suas dimensões transpessoais e transtemporais.

O que nos impulsiona nessa direção é o vislumbre de alguns pontos de contato e algumas pontes entre esse pensar que considera o social como uma expressão do espiritual, e as referências atualmente reconhecidas como científicas para pensar o social, principalmente, por considerar que essas duas óticas não são antagônicas, mas, pelo contrário se complementam e se enriquecem mutuamente.

Na compreensão espírita-kardecista de mundo considera-se que nos bastidores da reencarnação, tanto em nível individual, como social, atua uma força chamada de *karma*, responsável pela localização de cada pessoa frente às particularidades a ela agregadas na encarnação, sejam elas de natureza familiar, étnica, econômica, cultural, religiosa etc. Em certos aspectos, a compreensão da atuação do *karma*, é muito próxima da compreensão da atuação do *habitus*, no sentido de ser uma força que, de dentro - na compreensão espírita-kardecista, como uma tendência de se comportar de certa maneira, alimentada por uma memória pessoal, fruto de experiências anteriores, e na compreensão sociológica como um hábito criado pela interação com o ambiente circundante - tende a impulsionar as pessoas para certas direções socialmente identificáveis como padrões ou estratégias: sejam de família, de grupo social, de etnia, religiosa etc.

Existem, contudo, duas grandes diferenças na compreensão da atuação destas forças, *karma* e *habitus* sendo que a primeira se refere ao tempo, ou seja, desde quando essa força passa a atuar:

- na concepção do *karma*, essa força é atuante desde antes da encarnação, e responsável pelas particularidades, tanto positivas como negativas, agregadas àquela encarnação, na forma de tendências que o espírito traz, ou seja as idiossincrasias. Essas tendências, que cada espírito traz, são consubstanciadas pelos padrões psicossociais aos quais a pessoa esteve exposta no ambiente onde encarnou, onde esses padrões são reencontrados e se transformam em referências para ação no mundo. Entretanto, tais tendências são passíveis de serem transformadas ao longo das encarnações, ou pelo sofrimento, através de tentativas e

erros, ou através do trabalho de auto-educação, chamado no espiritismo-kardecista, de reforma íntima;

- na concepção do *habitus*, essa força é atuante a partir do nascimento, através da introjeção dos padrões psicossociais aos quais a pessoa esteve exposta, e que foram por ela assimilados na forma de uma certa tendência de agir em conformidade com eles, como se fossem “hábitos psíquicos”.

A segunda diferença se refere ao sentido e ao propósito da atuação dessas forças na vida de cada homem e da humanidade como um todo.

Na compreensão espírita-kardecista da vida, o *karma*, juntamente com a *reencarnação*, são recursos da pedagogia do amor divino, destinados a oferecer oportunidades infinitas de aperfeiçoamento da alma, aqui compreendida como o espírito encarnado na matéria, que vai e volta para completar seu projeto evolutivo enquanto *imagem e semelhança de Deus*. Portanto, nesta compreensão, todas as particularidades de uma encarnação, sejam elas étnicas, econômicas, culturais, sociais, religiosas etc., são transpessoais e transcendentais; são teleológicas e apontam claramente para um processo evolutivo em uma direção teológica.

Na compreensão sociológica do *habitus*, não se considera nem o aspecto transpessoal nem o aspecto transcendental da vida. Não se compreende a vida e suas particularidades como sendo ela teleologicamente orientada para um fim teológico. Os *habitus* são compreendidos como forças estruturantes e estruturadoras que atuam no âmbito social, mediando e instrumentalizando o cumprimento das estratégias de conservação e conversão, e mais raramente as estratégias de reconversão social. Contudo, não existe, nessa compreensão, a idéia de que essas estratégias de conservação, de conversão ou reconversão social, possam fazer parte - como uma experiência focal, em uma vida - de um processo mais amplo de aperfeiçoamento de um espírito encarnado (a alma) e da sociedade, através das reencarnações .

Recentemente, também Ken Wilber, um dos mais importantes e produtivos autores da Psicologia Transpessoal, introduziu, através do seu livro *Um Deus Social*,²²⁹ algumas reflexões acerca da viabilidade e da necessidade de uma sociologia que integre as dimen-

²²⁹ WILBER, Ken, 1983, Editora Cultrix, SP.

sões transpessoais, transtemporais e transcendentais do social. Não aprofundaremos esse tema aqui, uma vez que ele, em si, constitui-se em um tema para dissertação.

2. Acerca da natureza sócio-espiritual do vínculo dos voluntários e a CEA-AMIC

Pelos dados levantados no questionário, a grande maioria dos pais dos 81 voluntários têm primeiro grau (53 mães e 50 pais), sendo que mais da metade é incompleto (35 mães e 32 pais); 4 mães e 2 pais são analfabetos; 10 mães e 11 pais têm o segundo grau, 7 mães e 13 pais têm o terceiro grau, e os demais não informaram.

Esses voluntários, contudo, parecem ter recebido da família um alto investimento na escolarização, uma vez que 80,24 % deles têm nível superior completo (desses, 54,41% são graduados, 5,28% mestres, 13,25% doutores, 8,82% especialistas, 5,82% mestrandos, 5,82% doutorandos; 3,70% estão ainda cursando a graduação; 1,25% é tecnólogo; 14,814 % são técnicos; e somente 1,23 % têm o ginásio completo.

Esse alto investimento na escolarização dos filhos sugere que estamos diante de uma estratégia familiar utilizada para rápida ascensão social; sugere também que essa estratégia deu certo, e que levou, grande parte desse grupo de voluntários a passar, em uma geração, da condição de filhos de “artesãos operários” do interior, para “universitários,” trabalhando como técnicos assalariados em empresas na cidade grande; sugere, também, que essa rápida ascensão social - em uma geração - via escolarização, pode ter criado as condições favoráveis para o surgimento do fenômeno socialmente conhecido como transformação nas gerações familiares.

Esse fenômeno da transformação nas gerações familiares leva, via de regra, os filhos da geração que fez a ruptura com os padrões familiares anteriores a experienciar insegurança, uma vez que as trocas entre os pais e os filhos, bem como as obrigações entre eles, modificam-se dramaticamente ao se distanciarem em uma geração e, portanto aceleradamente, as referências originais da família.

No caso da nossa pesquisa, na sua maioria, em alguns anos, esse jovem interiorano - que obteve sucesso na estratégia usada pela família para rápida ascensão social através da escolarização – se transformou em *doutor*, tanto diante da família nuclear, como diante da parentela, dos amigos e da vizinhança, e passou a ocupar o lugar daquele que *sabe*, daquele

que é *diplomado*. O pai ou a mãe, por não serem *estudados*, só conhecem as coisas daquele pequeno mundo em que viveram e que, agora, parece tão pequeno e limitado diante desse filho com formação *universitária*.

Esses filhos são, socialmente, quase *heróis* diante do seu ciclo familiar, da parentela e da vizinhança. Contudo, parecem ser *heróis de calças curtas*, pois, ao conquistarem suas medalhas de honra – no caso seu diploma universitário - ficaram simbolicamente órfãos; o diploma que adquiriram, apesar de lhes garantir emprego, salário, férias remuneradas, plano de saúde etc., ou seja, tudo o que seus pais não tiveram, não lhes devolve a continência emocional-afetiva que a relação familiar proporcionava antes que as relações de troca e as obrigações entre pais e filhos fossem modificadas pela efetiva e rápida ascensão social.

Esses *jovens heróis órfãos* ficam quase *sem chão, sem lugar para pisar firme*, uma vez que, ao virarem doutores, perdem simbolicamente, na família, o lugar do *filho*, no sentido do lugar no qual se pode buscar *proteção, continência e orientação para os momentos de dificuldade*. Entre eles e sua família existe agora uma insólita distância, concretizada por um diploma, simbolicamente pendurado na *parede da sala íntima* das referências de importância social, dos seus pais e de seus familiares. Ao *virarem doutores*, e alcançarem o topo da estratégia de ascensão social praticada pela família, invertem-se os papéis, e esses filhos perdem simbolicamente seu lugar de filho. Juntamente com isso, perdem simbolicamente o contato com o lugar ocupado por seus pais: são simbolicamente exilados do lugar de filhos e são simbolicamente colocados no lugar do pai, aquele que sabe, orienta, protege, aponta direções etc.

Ao mesmo tempo, na *cidade grande* continuam a ser *os jovens que vieram do interior*, filhos de pais humildes, para *tentar a sorte*. Foram até bem sucedidos na concretização da estratégia familiar de ascensão social e, por isso, as honras de *herói*, que incluem a perda simbólica do lugar de filho. Mas não são, *de fato urbanos*, só o são *de direito*, pois conquistaram, a duras penas, com o seu diploma, o direito de trabalhar numa cidade grande. Todavia, *não fazem parte dela*, não se sentem *pertencendo a esse universo*. Na verdade, na sua grande maioria, são filhos de imigrantes ou descendentes, que se estabeleceram como *artesãos operários* no interior. Não se sentem à vontade dentro da dinâmica típica das relações humanas de uma cidade grande, marcadas pela frieza e pela indiferença e, onde pre-

valece a luta do homem contra o homem, numa competição quase desumana por *um lugar ao sol*.

Portanto, também no seu novo *habitat* – a cidade grande - não pisam em terreno firme, não *estão em casa*; pelo contrário, estão sem vínculos significativos, sem raiz, simbolicamente *desterrados*, mesmo que aparentemente sejam *heróis* para aqueles que lhes são caros afetivamente, ou seja, sua família. Ficaram, conseqüentemente, sem um lugar onde possam repousar e buscar segurança e aconchego para os momentos de sofrimento e de dor, ficaram como pequenas aves que se perderam do ninho.

E a dor os ronda continuamente, vez que estão marcados por uma frustração angustiante e, aparentemente, irracional; empreenderam um esforço imenso para trilhar um caminho sonhado e estimulado tanto pela família, como pelos demais no seu ciclo de afetos: ascensão social via escolarização. Parecia até que tudo estava indo bem *nos conformes*; muitas vezes, foram até apontados como exemplo, chegando, em alguns momentos, a sentir *o gosto bom da vitória* na boca. Tudo parecia *perfeitamente no lugar*: já tinham uma profissão universitária, um emprego estável no qual se sentiam respeitados, casaram, tiveram filhos e, portanto, conseguiram realizar quase tudo o que era esperado. Porém, no topo desse caminho, o que encontraram foi uma sensação imensa de *solidão íntima e uma angústia sem pé nem cabeça* que oprimia o peito e, mais ainda, uma insatisfação sem motivo algum que a justificasse.

Quase uma vergonha, deixar-se tomar por esses sentimentos *sem pé nem cabeça*, com a vida boa que têm, principalmente se comparam suas vidas com a vida daqueles que fizeram parte do seu ciclo original de amigos, mas que ficaram na cidade onde nasceram e não fizeram o mesmo caminho trilhado por eles, de vir para a cidade grande estudar. Uma *vergonha até culposa*, quando comparam suas vidas e tudo a que têm acesso, com a vida de tantos que não têm trabalho, estão com fome, e sem ter o que dar aos filhos!

Pensamos que as pessoas que procuram a CEA-AMIC - na sua quase totalidade estão passando por momentos de dor - aquelas cujo sofrimento condutor tem, como *pano de fundo*, esse fenômeno social de transformação nas gerações familiares, encontram na entidade muito mais que um acolhimento pontual para seu sofrimento circunstancial e, por isso, ficam, integram-se como voluntários, passando a participar da comunidade em diferentes níveis de comprometimento.

Pensamos que essas pessoas reencontram na CEA-AMIC um estilo de vida que, simbolicamente, perderam quando obtiveram êxito na estratégia familiar de ascensão social. Portanto, se olharmos do ponto de vista estritamente social para a busca desse grupo de pessoas pela entidade e a escolha de permanência nela como voluntário, parece que na base desse movimento, encontramos uma estratégia de conversão, orientada pelo *habitus* familiar.

Essa estratégia ocorre porque, além do acolhimento espiritual e do aconchego anímico para os momentos de solidão e angústia, reencontraram, na vida em comunidade, um ambiente caracteristicamente familiar, pautado por valores tipicamente interioranos, onde se valoriza a simplicidade nos costumes; as pessoas ainda se conhecem pelo nome; pratica-se a ajuda mútua e entre os demais; *a palavra dada ainda tem o peso de um compromisso assumido e sacramentado com assinatura*; a pessoa não vale pelo que tem, mas pelo bem que ela é capaz de fazer a si mesma e ao outro; e, especialmente, em que Deus - e particularmente os ensinamentos morais trazidos por Jesus Cristo - ocupa um lugar central na vida das pessoas.

A CEA-AMIC é um lugar onde a autoridade espiritual é naturalmente aceita, estabelecida, buscada e praticada, seja através do amparo espiritual nos tratamentos, nas orientações espirituais pedidas à espiritualidade ao longo do caminho, ou nas orientações e sanções recebidas na prática do trabalho voluntário; é, portanto, um lugar onde o papel simbólico do orientador, do pai, é intensa e fecundamente vivido na relação com os instrutores e protetores espirituais.

Essas pessoas encontram, também, a *segurança* em uma Doutrina – espírita-kardecista - que lhes explica seu sofrimento, através de uma *Fé raciocinada* e com a qual podem e devem dialogar, sem precisar prescindir ou mesmo jogar fora as qualidades que adquiriram ao fazerem jus a um diploma universitário, como fruto de um longo caminho que percorreram com dificuldades.

Na CEA-AMIC, portanto, essas pessoas reencontram e re-significam a relação com suas referências de origem familiar, *um elo* que haviam *perdido* quando conseguiram o diploma, com tudo o que ele significa no contexto familiar de cada um desses voluntários. Tais pessoas encontram também, na entidade, a possibilidade de dispor das qualidades que

conquistaram através dos seus estudos, de uma forma *nutritiva e boa*, tanto para si, como para ajudar outros, uma vez que:

- o caminho de desenvolvimento espiritual orientado pela Doutrina Espírita utiliza bastante a leitura, a reflexão e o estudo, como também valoriza bastante a Fé raciocinada;
- as habilidades específicas, desenvolvidas por cada um, são bem-vindas no trabalho voluntário, pois acrescentam e ampliam a possibilidade de ajuda aos necessitados.

Em função do que foi exposto, consideramos que a CEA-AMIC e o trabalho voluntário por ela realizado (dentro dos referenciais da Caridade, ou seja, a prática de amor concreto, como base para a convivência humana) tornam-se uma *espécie de luva* para as pessoas que trazem, em sua trajetória biográfica, as experiências acima descritas.

Acreditamos que a CEA-AMIC significa, para essas pessoas que lá aportam, permanecem e se tornam voluntárias, além de uma possibilidade de retorno ao *habitus* da origem familiar – através de um processo de conversão – uma possibilidade de retorno aos valores positivos da *família de origem* - que amparou a experiência encarnatória - a qual, na compreensão espírita-kardecista, espelha os valores trazidos por cada pessoa de outras encarnações e nela reencontrados.

Significa, também, a possibilidade de pacificar os sofrimentos resultantes do fenômeno de transformação nas gerações, ao retornar para um ambiente, em que os valores positivos da família de origem estão fortemente presentes, sem, contudo, estarem presentes as restrições e os sofrimentos experienciados no seio da família, em relação às novas experiências e valores adquiridos por cada uma dessas pessoas, que praticaram com êxito, a estratégia familiar de rápida ascensão social via escolarização.

Pelo contrário, as novas aquisições, fruto do progresso feito através dos estudos, são bem-vindas e consideradas de grande utilidade no trabalho de assistência aos desvalidos, especialmente se o uso dessas habilidades e talentos estiver secundado pelos valores trazidos da família de origem - simplicidade, proximidade, confiabilidade, cooperação, compromisso, Deus - e subordinados à autoridade da direção espiritual da CEA-AMIC. Caso não estejam, existe a possibilidade de, através da prática da caridade e da participação na vida da comunidade, reavivar as brasas ardentes do amor e recuperar as virtudes que estavam presentes na família original, reassinado a vida e o uso dos novos talentos e habilidades adquiridos, a partir desses valores morais.

3. Acerca do trabalho voluntário realizado na CEA-AMIC

Escolhemos como inspiração para a reflexão acerca do trabalho voluntário pesquisado um texto, extraído do livro *Viagem Espírita em 1862*, de Allan Kardec²³⁰ - quando da sua primeira viagem para visitar os recém criados grupos espíritas na França - por sentir que há nele algo que, qualitativamente aproxima-se do clima de trabalho vivido dentro da CEA-AMIC.

“Mas, como um rápido corcel, o Espiritismo levanta em seu rastro a poeira do orgulho, do egoísmo, da inveja, e do ciúme, derrubando à sua passagem a incredulidade, o fanatismo, os preconceitos, e conclamando os homens todos à lei do Cristo, isto é, à Caridade, à fraternidade. Vós que julgais que ele avança com excessiva rapidez, que não podeis contê-lo, por que não ides mais célere que ele? O meio de barrar-lhe a passagem é tão simples! Consiste apenas em fazerdes melhor do que ele faz. Dai mais do que ele dá, tornai os homens melhores, mais felizes, mais cheios de crença do que ele pode fazer e o mundo o abandonará para vos seguir. Mas enquanto o atacadestes apenas por palavras e não por melhores resultados morais, enquanto não substituídes a caridade que ele ensina por uma caridade maior, tereis de vos resignardes e deixá-lo passar. E que o espiritismo não é apenas uma questão de fatos, mais ou menos interessantes ou autênticos, destinados à diversão dos curiosos. É sobretudo, todo ele, uma questão de princípios. Ele é forte principalmente por suas conseqüências morais; ele se faz aceito não porque fecha os olhos, mas porque toca os corações.”²³¹

Na nossa percepção, esse texto descreve - Analogicamente - a proposta de trabalho da CEA-AMIC, na qual a Caridade pessoal e a Caridade para com os outros é compreendida como indissociável. Utiliza a imagem de um corcel – o Espiritismo - que passa conclamando os homens à lei do Cristo, à Caridade e à fraternidade e, que, ao passar cavalcando levanta em seu rastro a poeira do orgulho, do egoísmo, da inveja e do ciúme, derrubando à

²³⁰ Interessante registrar que esse texto é da autoria do próprio Allan Kardec, e portanto, distinto dos textos comunicados pelos espíritos e codificado por ele.

²³¹ In KARDEC, (2000, p. 39).

sua passagem a incredulidade, o fanatismo e os preconceitos, viabilizando, portanto, as condições para realização da Caridade pessoal, ou seja, a prática da reforma íntima.

Ao passar conclamando os homens para amar, o corcel *coloca em suspensão a poeira dos vícios da alma que estava depositada na estrada da vida*, tornando-os visíveis; em outras palavras, engendra a tomada de consciência dos vícios morais que a pessoa carrega consigo e com os quais, via de regra, tem uma relação de convivência. Essa poeira em suspensão cria vários desconfortos que terminam por movimentar a pessoa para buscar saídas. Ou ela foge ou abandona aquele lugar e passa, então, a não sentir o incômodo da poeira – que, pouco a pouco, volta a se depositar no “chão” – mas nessa opção perde o contato com o corcel e também com aquela estrada. Ou ela passa a se ocupar de limpar aquele pedaço da estrada, de um jeito tão dedicado e cuidadoso que, ao passar o corcel, a quantidade de poeira levantada seja cada vez menor, não sendo suficiente para sufocá-la; se esses cuidados com a estrada forem mantidos, contínua e cotidianamente, chegará o momento em que já não existe mais poeira para ser levantada naquele pedaço da estrada.

A opção de ficar na estrada por onde passa aquele corcel – o Espiritismo - implica tanto em atender ao seu convite para amar ao outro, como também em comprometer-se em fazer alguma coisa para diminuir a poeira levantada. Caso contrário, a pessoa corre o risco de ficar sufocada com sua própria poeira - dos vícios da alma - que está em suspensão, na estrada da sua vida. Esse fazer alguma coisa significa iniciar um processo consciente de restauração da capacidade amorosa da alma, tanto para consigo mesmo como para com o outro, o qual é semelhante a aprender a tocar uma música ao piano: no início a pessoa pode até praticar um pouco uma mão, depois outra, mas chega um momento em que as duas mãos precisam tocar simultânea e integradamente para que a música seja executada com fidelidade.

As duas mãos, aqui, são a Caridade pessoal e a Caridade para com o outro, tocando a música do Divino Amor, que preenche todo o ambiente interno - a própria alma - como também esparge no ambiente externo - a família, o local de trabalho, os amigos - a melodiosa sonoridade da bem-aventurança. Portanto, encontrar-se com a Caridade, na forma como ela é proposta pelo espiritismo-kardecista, é encontrar-se com a Lei de Amor que nos ensina a “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

Na CEA-AMIC, isso significa começar pela prática da Caridade pessoal, através do tratamento espiritual recebido da espiritualidade e pelo qual passam todas as pessoas que chegam à Casa pedindo ajuda. Significa, também, após o término do tratamento recebido, iniciar a prática da Caridade para com o outro, ou seja, colocar-se também no lugar de alguém que doa ao outro, sem, contudo, deixar de viver o lugar de quem recebe, uma vez que na entidade a prática da Caridade para com o outro, caminha *ad eternum*, em paralelo à prática da Caridade pessoal - através da reforma íntima - até que a alma conquiste ao longo das encarnações a perfeição moral .

Grande parte das pessoas que se torna voluntária na CEA-AMIC, sente um interesse anterior no cultivo dos valores cristãos – o que, na verdade, sustenta a qualidade espiritual da dádiva - seja na prática da Caridade pessoal, ou na prática da Caridade para com o outro, embora não exista formalmente nenhum pré-requisito no sentido de conhecimento e prática anterior desses valores para as pessoas se tornarem voluntárias, na entidade. Alguns, sem um prévio interesse no cultivo dos valores cristãos, chegam a iniciar-se no trabalho voluntário mas, via de regra, não conseguem ali permanecer. Sobretudo se, com o tempo, não se sensibilizam por esse cultivo pessoal dos valores cristãos, que se traduz pela prática da reforma íntima e pelo cultivo do amor divino e das virtudes irmãs – benevolência, indulgência, diligência, mansidão etc. - na prática do trabalho com os assistidos.

Parece que isso ocorre pelo fato de que, se as pessoas não se sentem espontaneamente atraídas pelo trabalho interno - de cultivo cotidiano dos valores cristãos - que conduz à experiência da qualidade espiritual associada à dádiva, com todo o retorno interior – sentimentos de paz íntima, bem estar, alegria etc. – que é agregado a essa prática, elas tendem a agir dentro da lógica da reciprocidade horizontal, que envolve dar-receber-retribuir para obter e manter vantagens pessoais externas – como poder, reconhecimento social, privilégios materiais etc. Nesse caso, elas não conseguem ficar como voluntárias, pois não encontram na CEA-AMIC, nem espaço, nem condições rituais necessárias para praticar, através do trabalho voluntário, as relações de reciprocidade e da dádiva, no sentido em que acontecia nas tribos norte-americanas e que foi descrito, originalmente, por Mauss.

No caso das pessoas que ficam como voluntárias, a grande maioria quando chega a CEA-AMIC - para pedir ajuda espiritual para suas dificuldades - já traz consigo alguma sensibilidade ou algum interesse anterior no cultivo pessoal dos valores cristãos. Estes, por

sua vez, agregam à prática da dádiva uma qualidade espiritual e introduzem nas relações de reciprocidade uma orientação messiânica, tal como descrita por Fernandes. Esses valores cristãos re-orientadores das relações de reciprocidade e da dádiva são levados a uma potência extrema pelo espiritismo-kardecista, quando, através da sua máxima orientadora – *Fora da Caridade não há salvação* – coloca a Caridade, ou a prática do amor divino, como a única condição propiciadora da Salvação.

Na CEA-AMIC, uma instituição espírita-kardecista que se orienta pelos princípios cristãos como vividos no cristianismo primitivo, pelos apóstolos, nas Casas do Caminho,²³² a Caridade, como caminho de salvação, é proposta para ser praticada por cada voluntário, simultaneamente, em duas direções:

- a prática da Caridade para com o outro que começa através da participação em algum ou alguns dos trabalhos assistenciais da Casa (descritos no item, 4). Na CEA-AMIC é através dessa participação nos trabalhos assistenciais que cada voluntário se inicia no longo caminho que leva à experiência do amor divino e todas as virtudes irmãs, como a benevolência, a indulgência, diligência, mansidão, etc, e que agregam com a sua prática, a qualidade espiritual à dádiva. Então, pouco a pouco, através da experimentação prática dessas virtudes irmãs do amor divino, o ato de cuidar da dor do outro, com essa qualidade, torna-se efetivo tanto para aquele que se sente aliviado ao ser cuidado amorosamente na sua dor, quanto para o cuidador (aquele que cuida da dor) no sentido de aliviar a dor da própria alma, ao conectar-se com o amor divino para cuidar da dor do outro;

- a prática da Caridade pessoal ou reforma íntima, tem como objetivo último a busca da perfeição moral a ser alcançada, na concepção espírita-kardecista, na sua íntegra, em alguma encarnação ao longo dos séculos, através da extinção da presença e da participação, em nossas vidas, dos vícios morais, (orgulho, egoísmo, mentira, soberba, ira etc). Para isso, a CEA-AMIC sugere e orienta seus voluntários na prática do auto-conhecimento e na construção de hábitos psíquicos higiênicos, como, por exemplo:

- não buscar nem justificativas nem evasivas diante dos desacertos;
- não transferir para o outro a responsabilidade pelo sofrimento pessoal;
- olhar para si mesmo no espelho da própria consciência, objetivamente;

²³² Casas do Caminho: onde os apóstolos recebiam - abrigavam, alimentavam, cuidavam da saúde e ministravam a palavra - a população desvalida da época.

- identificar os vícios morais subjacentes aos sofrimentos pessoais;
- encontrar na alma o lugar do arrependimento pela prática dos vícios morais;
- cultivar, cotidianamente, nos mínimos detalhes do dia a dia, as qualidades anímicas, opostas aos vícios pessoais identificados, como, por exemplo, a humildade, o altruísmo, a verdade, o desapego etc.

Na concepção de Caridade, tanto pessoal como para com o outro, importa que esse caminho seja iniciado e mantido de modo comprometido e encantado, pois a realização plena da perfeição moral, através do amor ou caridade, está não mãos do tempo, nas mãos de Deus. A proposta, então, é que cada um aguarde esse momento, trabalhando através da Lei do Amor, para levar alívio à dor do outro - qualquer que seja ela, enquanto, ao mesmo tempo, trabalha-se, para tornar-se capaz de sustentar uma atitude amorosa. Dessa forma, cada um vai exaurindo, pouco a pouco, da própria alma a causa de toda dor - que aqui é compreendida como a separação da alma de Deus e da experiência de si como Filho de Deus, filho do Amor.

Com esse fim, a CEA-AMIC concentra grande parte de seu trabalho em ajudar o crescimento moral de cada voluntário, de forma intensa e contínua, uma vez que o crescimento moral, além de significar para cada voluntário a consolidação das conquistas por ele alcançadas no sentido de paz íntima, para a entidade, significa também que o trabalho desses voluntários - comprometidos profundamente no seu próprio processo de aperfeiçoamento moral - terá mais chance de sustentar a qualidade moral que dá uma identidade espírita-cristã à obra, pois para ela a Caridade é muito mais do que o simples repassamento de alimento, roupas, remédios: é a prática de um ato de amor concreto frente às necessidades e às dores do outro, qualquer que sejam elas.

Para isso, é necessário estar disponível e atento para ouvir, acolher e atender simultaneamente, às necessidades materiais (alimento roupa, remédio), às necessidades anímicas (respeito, confiança, acolhimento, compreensão, amorosidade etc.) bem como às necessidades espirituais (uma palavra de conforto, a prática da oração e da comunhão com a Palavra de Deus, etc) das pessoas que procuram a ajuda da CEA-AMIC, na busca de solução das suas dores e sofrimentos. Para ser capaz de sustentar essa qualidade de ação, o voluntário, irrevogavelmente, precisa mergulhar com profundidade e compromisso na sua reforma íntima, inspirada nos princípios morais trazidos pelo evangelho de Jesus Cristo.

4. A Educação da Alma e da prática da caridade no mundo contemporâneo

Tomando Kardec como exemplo, *sonhamos* dialogar com os espíritos e trazer para essa reflexão o olhar da espiritualidade, hoje, acerca da prática da Caridade e da Educação da Alma no mundo contemporâneo. Solicitamos, então, à espiritualidade dirigente da CEA-AMIC, uma entrevista - através da mediunidade psicofônica de Eliana Santos, dirigente da entidade - na qual intencionávamos fazer à espiritualidade uma pergunta aberta, ou seja, o que ela gostaria de acrescentar ao que já foi dito pelos espíritos, sobre o tema a Educação da Alma e a prática da Caridade, levando em consideração as várias mudanças ocorridas no mundo, nesses 150 anos após Kardec.

Recebemos, então, da dirigente, a sugestão de pedir a um amigo da Casa, poeta e professor universitário, que elaborasse algumas perguntas mais específicas sobre o tema, e assim aconteceu. No decorrer da entrevista e das respostas dadas pela espiritualidade às perguntas feitas por esse amigo, foi ficando visível o valor agregado à entrevista, pelo fato de que as perguntas foram elaboradas por um professor universitário, a partir de uma visão de mundo e de uma lógica que criam uma ponte entre o pensamento da espiritualidade e aquele comumente encontrado nesse ambiente. Através dessa ponte, a visão de mundo e a lógica da espiritualidade podem chegar a ser lidas, compreendidas e re-significadas por almas que, estando circunscritas ao ambiente universitário contemporâneo - universo no qual essa pesquisa terá alguma chance de circular – dificilmente teriam acesso a uma fala da espiritualidade sobre temas tão especificamente pertinentes a quem se dedica ao conhecimento, como as reflexões sobre desenvolvimento tecnológico, novo paradigma para o conhecimento, ética da palavra etc., tratados a seguir.

Sabemos que o pensar desse professor universitário específico, não é o pensar típico do ambiente universitário, o que, inclusive, fica bem visível na liberdade que ele se permite ter, de elaborar perguntas à espiritualidade, ciente de que a entrevista seria colocada como eixo para as reflexões finais de uma dissertação de mestrado, ato que por si só é polêmico. Com esse ato, portanto, esse professor extrapola em muito os limites do pensar materialista, que normalmente caracteriza o pensar do professor universitário típico em nossa época, e abre horizontes para que as reflexões trazidas pela espiritualidade possam ser lidas, re-ativadas em seus sentidos, e re-significadas em um ambiente onde normalmente não se faz

presente esse tipo de conteúdo.

As perguntas elaboradas a partir do tema da prática da Caridade e da Educação da Alma no mundo contemporâneo e, portanto faz-se necessário ainda, localizar o conceito de "mundo contemporâneo" ao qual estamos nos referindo.

Ao que exatamente estamos nos referindo, quando falamos em mundo contemporâneo? Via de regra, quando falamos em mundo contemporâneo, o conceito de contemporaneidade, tem agregado à a si, de modo subjacente, vários desafios ainda não resolvidos pelo mundo pós-moderno, apesar do alto desenvolvimento científico-tecnológico alcançado nos nossos dias.

É comum pensar que a sofisticada tecnologia hoje existente, além de não conseguir resolver alguns desafios básicos da vida humana na terra - como a fome, a potabilidade da água, a camada protetora de ozônio - vem sendo empregada, em larga escala, tanto na guerra, quanto na indústria que se ocupa em produzir bens de consumo sofisticados e, muitas vezes, supérfluos, acessíveis somente à parcelas diminutas da população. Por que a sofisticada tecnologia construída nesse século não consegue ajudar, significativamente, a humanidade a resolver esse velho e persistente desafio de tornar-se capaz de garantir uma qualidade humana de vida na terra, para todos ?

O que, de fato, está acontecendo com o emprego desse bem sócio-espiritual, que é a inteligência humana, na busca de solução para esses desafios?

Resolvemos, então, perguntar sobre essas questões à espiritualidade.

Passaremos a entremear as respostas obtidas da espiritualidade - aqui apresentadas em letra arial, nº 10 - com nossas reflexões. A entrevista, transcrita na sua íntegra e de forma contínua, pode ser encontrada no anexo 5. Perguntamos então a espiritualidade:

1- Nestes 150 anos que nos separam de Kardec, houve um vertiginoso desenvolvimento científico-tecnológico. Apesar disso, a desumanidade e a violência têm aumentado. O século XX foi, provavelmente, o mais violento, o mais marcado de brutalidades. Como o espiritismo vê esse paradoxo, e as ameaças de novas barbáries?

Resposta:

Há uma inveja *inclusa* nessa tecnologia, nesse desenvolvimento tecnológico feito por essa humanidade. Essa inveja secular está

na base da nossa história Bíblica, em Caim, na inveja de Caim pelo amor do Pai por Abel. Nós temos, então, no desenvolvimento tecnológico, uma estruturação invejosa. O desenvolvimento tecnológico é baseado na luta, homem a homem, empresa a empresa, truste a truste. Cada complexo de desenvolvimento é um Caim procurando desmanchar um Abel.

Ou seja, avançamos na criação e no uso da tecnologia que lida com a matéria biofísica e a prova disso é o sofisticado desenvolvimento científico-tecnológico alcançado. Contudo, ainda estamos muito atrasados na construção e no uso da *tecnologia moral*, que possa dar respostas efetivas para a Educação da Alma nesse século, uma vez que ainda estamos girando em círculos, em torno da matriz de desenvolvimento, plasmada pela inveja de Caim. Em síntese, essa matriz invejosa, re-plasma uma relação destrutiva do homem – seja, por exemplo, através da concorrência desleal, da propaganda enganosa, ou até da espionagem industrial – frente às conquistas do outro homem, seja esse outro um colega de repartição, de departamento em uma universidade, um pequeno fabricante ou um conglomerado produtivo. Ainda estamos lutando homem a homem, empresa a empresa. *A paz na Terra aos homens de Boa-Vontade*, ainda é, em grande escala, vista e tratada na Terra, como uma utopia, cultivada por sonhadores; e não poderia ser de outra forma, uma vez que a condição para a Paz, claramente anunciada - a Boa-Vontade, ou a vontade carregada de bondade - ainda não é uma conquista amplamente alcançada pelos homens desse século, em que o egoísmo ainda está tão presente.

A alma humana, precisa ainda ser educada, para se alegrar com as conquistas de cada Abel, precisa ainda crescer para compreender que cada homem que conquista para si, alguma coisa, seja de ordem moral, como uma virtude, por exemplo, ou de ordem material, como aquele que descobre a solução para algum problema prático está conquistando-o para todos. Muito rapidamente, no mundo contemporâneo, as descobertas e conquistas feitas pelos indivíduos se tornam de domínio público, e cada um que faz por si, faz por todos, mesmo que não saiba disso. Portanto, a importância de cada homem buscar estar em harmonia com as leis da criação, que são as leis de Deus, as leis do amor, caso contrário, nossa ação será uma ação de des-criação e, inevitavelmente, colocar-nos-á na contra-mão da vida.

E o que acontece, então, filha ? Acontece uma des-criação, uma criação de uma riqueza macabra, há uma liturgia macabra no espaço. E isto foi desenhado pelas trevas, isto não é sem intencionalidade, isto está programado pelas trevas, e pela parte de trevas que o homem traz, toda a humanidade traz. A Terra é um planeta que abriga almas que ainda hostilizam os princípios maternos.

Essa tecnologia, portanto, apesar de ser altamente sofisticada, se estiver em harmonia com as leis universais, ela não consegue se ocupar em amparar e maternar a vida na Terra; é uma tecnologia produzida por homens que, mesmos maternados por esse regaço azul entre as estrelas, ainda não interiorizaram os princípios maternos com os quais foram cuidados - princípios abundantemente manifestos na natureza, como, por exemplo, nas fontes de água doce, no alimento que brota da terra, no fogo que aquece etc. - e, portanto, não conseguem repassar esse cuidado com o que vive à sua volta. Homens que ainda não preencheram de significado a palavra semelhante, por não estarem conectados com o fato de que todos temos um mesmo Pai e, portanto, somos todos irmãos em espírito. Toda tecnologia criada e utilizada, a partir dessa desconexão, é chamada pela espiritualidade de des-criação, ou seja, uma ação de des-criar a criação de Deus, de adulterá-la.

Temos uma ilusão, filha, de que estamos vivendo uma barbárie maior do que todas as outras barbáries, mas isto é uma ilusão. Apesar e a despeito de todas as notícias violentas do sistema, como a guerra, como o fundamentalismo, o fanatismo, a fome, aos quais se referem as perguntas seguintes, apesar e a despeito disso tudo, nós temos um caldo cósmico, que só vai ser possível ver no futuro. O homem que perde o olhar do futuro, mergulhado no presente, é como um homem dentro de uma enchente, impossível ele ver as margens que estão nas bordas da enchente, ele vê apenas a extensão da enchente, ele não consegue ver além.

Para que tenhamos essa visão panorâmica da realidade, que inclui a percepção integrativa do que está fenecendo e do que está nascendo, é imprescindível que não deixemos

nossa atenção ser capturada e consumida, apenas, pelos aspectos da realidade que estão em processo de desagregação e ruptura. É necessário ir além das noções materiais de tempo e espaço, e comungar com as sementes do futuro, que passeiam e dançam livres, nas asas do tempo interior, do tempo sincrônico. Se traduzíssemos esse conteúdo através dos signos da mitologia grega, poderíamos dizer que seria necessário deixar os braços de Cronos, o deus do tempo linear, e aninharmo- nos braços de Kayrós, o deus do tempo oportuno. Se traduzíssemos esse conteúdo através dos referenciais cristãos, poderíamos evocar o encontro de João Batista com Jesus, no Jordão, quando ele fala: *Eu tenho que morrer para que Ele [o Cristo] nasça em mim*. Traduzindo esse conteúdo pelos referenciais da Psicologia Transpessoal Contemporânea, poderíamos dizer que estamos diante da premência da morte do Ego, e da emergência do nascimento do Self, ou do Eu Superior, ou do Eu Divino, como esteio para reconstrução de toda cultura humana na terra. Para lidar com essas categorias da realidade psíquica, seria necessário, mesmo sem formalmente ser um poeta, tornar-se capaz de conviver poeticamente com o mundo, partejando o futuro, o vir a ser. Educar a Alma, construir *olhos de ver*, e tornar-se capaz de, verdadeiramente, enxergar em uma pequena semente, a frondosa árvore que ali se encontra adormecida, ou de enxergar nas pequenas renúncias e desapegos do dia-a-dia, gérmens de sublimes virtudes, que potencialmente já habitam a alma, e pedem aos jardineiros que apenas não as deixem de regar .

Porém, a Doutrina Espírita tem como contribuição a este século de desesperança: a esperança no futuro. A esperança é uma palavra- chave na doutrina Kardequiana de 150 anos, e a esperança é uma palavra- chave hoje. Nós temos que trazer o anjo do futuro, com suas asas abertas do oriente ao ocidente, do meio dia à meia-noite, o anjo do futuro trazendo sua esperança.

Anjo do futuro, anjo da esperança, anjo que anuncia a cada homem o seu próprio devir. Um dia, Maria recebeu a visita do anjo Gabriel, o anjo da anunciação, que lhe deu a conhecer que ela tinha *achado graça diante de Deus, que conceberia um filho, e que ele seria chamado Jesus ,o Filho do Altíssimo*. Nas proporções diminutas, possíveis de serem vividas por todos nós, a cena se repete a cada dia, quando a Maria que habita no nosso Eu Divino - espaço da nossa alma onde mora o sonho de viver na presença de Deus - é visitada pelos Santos Espíritos de Deus; seja nas preleções, nas orações, na prática da caridade,

ou na palavra fraterna com os irmãos de caminho, que anunciam a cada um de nós o nosso futuro, conclamando-nos ou exortando-nos a tornarmo-nos o que verdadeiramente fomos criados por Deus para vir a ser: homens – espíritos.

Porque nós estamos com medo, semelhante a como estávamos no desmembramento dos estados feudais, no nascimento das primeiras manufaturas. Nós temos, então, o vislumbre da mudança, o fim da idade terrível, do massacre da luz humana na Idade Média, nós temos o desmembramento do feudo, a entrada da manufatura, o desenvolvimento do capital, tudo isso, filha, durante alguns séculos. Foi impossível para o homem, vivendo o desmembramento do sistema feudal, perceber a semente germinando nas manufaturas nascentes.

Essas perguntas foram feitas do ponto de vista de quem tem o domínio, não de quem está dominado, compreendeu? Se estivéssemos na transição do feudalismo para o capitalismo, essa seria a pergunta daquele, de quem está vivendo o desmembramento do sistema feudal, mas que não conseguiu, ter olhos de ver o nascimento da nova ordem.

Por não termos ainda construído olhos de ver o futuro, o presente nos soterra, e temos medo. À semelhança de alguém que, ao tentar familiarizar jovens que se preparam para a maternidade com o processo através do qual as crianças vêm ao mundo, descrevesse, apenas, os momentos finais de intensas contrações, e de expulsão do feto. Certamente, se fixássemos nossa atenção apenas nesse momento e o tomássemos como única referência e horizonte, todo o enlevo envolvido na concepção, na gestação e no nascimento de uma criança, seria significativamente descaracterizado. Des-criar-se-ir, abortar-se-ia, todo o manancial de esperança agregado ao encontro do amor, à concepção e à chegada de uma criança na vida de um casal, pelo uso manipulativo das informações, ou seja, pelo fato de se tomar parte do processo como expressão da totalidade do processo em curso. O mesmo acontece quando tratamos da vida de cada homem, e da humanidade, sem considerar o futuro - nesse sentido poderíamos dizer que o pensamento materialista é um pensamento abortivo - e que há, imerso nesse olhar, uma lógica que aborta a esperança, o devir. Uma lógica

que permanece cega para a nova ordem que emerge, qual Fênix renascendo das cinzas morais do sistema que fenece.

A nova ordem já nasceu, filha. Como há dois mil anos atrás, naquele pequeno jumento, o nazareno entrou pela Jerusalém, como há dois mil anos atrás Maria e José davam à luz, a felicidade, e a proposta humana da regeneração das almas, hoje nós temos partos contínuos de almas, no singular.

A nova ordem se manifesta neste fim de século, sobremaneira, através dos muitos impulsos de educação e regeneração de almas, que fervilharam nesse fim/começo de século. Esses impulsos se expressam intensamente, através das variadas correntes da Pedagogia e da Psicologia, que, apesar das diferenças entre si de concepção e método, estão todas elas voltadas à Educação de indivíduos, seja através da construção ou da reconstrução de almas, no singular. Mas não só, pois o ato de educar e reeducar almas, que anteriormente era uma tarefa quase restrita aos ambientes religiosos, se tornou uma necessidade tão premente nos nossos dias, que poderíamos dizer, numa figura de linguagem, que em cada esquina temos um/a parteiro/a de almas trabalhando, das mais distintas formas, oferecendo seus serviços sob as mais variadas condições, para dar conta dessa situação tão especial que vivemos hoje: *partos contínuos de almas, no singular*.

Temos, então, diferenciados tipos de parto da alma – que seria uma outra forma de chamar o amplo espectro de processos e técnicas de auto-conhecimento e re-educação da alma, disponíveis para aqueles interessados em realizar essa grande ventura: nascer para a consciência de si mesmo – sendo realizados nas mais distintas condições: consultórios (médicos, psicológicos, de terapeutas alternativos etc), salas de aulas, oficinas de criação artísticas, ambientes religiosos convencionais, antigas tradições espirituais, rede de amigos, literatura de auto-ajuda etc.

Nós temos que descer a nossa percepção e a nossa visão para a dimensão singular, e entrever o paradigma da filosofia do século XXI. A filosofia do século XXI tem que mudar seu paradigma. Ela precisa estender a sua percepção e sua ciência gnóstica de conhecer para as dimensões supersensíveis do conhecimento. O

homem não pode conhecer como Kardec conheceu, apenas com a observação dos seus cinco sentidos, a observação empírica. E Kardec não conheceu apenas com a observação empírica, ele fez uma observação empírica, do não empírico, ele fez a observação circunscrita à ciência da terra, do não- empírico. Kardec foi um momento da história.

Essa mudança de paradigma já está acontecendo, mesmo que ainda muito timidamente dentro das Universidades. Um exemplo simples e bem perto desse processo é essa pesquisa, ao tratar de temas como a educação da alma, Caridade, a comunicação entre mundos etc. Há um certo desencanto no ar, frente aos limites oferecidos por uma concepção apenas, positivista, da vida, e do ato do conhecer daí derivado. Essa dinâmica fica bem visível nos congressos, quando as falas, calcadas apenas nessa concepção de mundo, vão ficando cada vez menos atraentes, em contraste com as falas permeadas por uma visão da realidade ampliada pela inclusão do mundo espiritual. Um exemplo, bem característico dessa dinâmica, foi o que aconteceu com a palestra proferida em 24/09/02 por Leonardo Boff no lançamento do seu livro *Experienciar Deus*, na Unicamp. Para ela ocorreu uma quantidade tão grande de jovens universitários, que foi necessário repetir a palestra em um segundo turno, para que todos pudessem se acomodar no anfiteatro que, mesmo assim ficou com super- lotação.

Parece haver no ar uma sede imensa de conhecer, interagir e pesquisar o supra-sensível, sem que, contudo, seja preciso abandonar as conquistas feitas até agora pela ciência, no que se refere ao ato de conhecer, e que a diferencia do pensamento do senso comum. Um tempo rico de possibilidades e horizontes.

Agora temos uma ciência que desenvolveu uma tecnologia imensa, maravilhosa, que momentaneamente está tendo um fim destruidor, como se nós tivéssemos a roda, e com a roda construíssemos o comboio, mas quem senta no comboio para dirigir, ainda usa as rodas e o comboio para invadir, para destruir, para desfazer. Mas logo em breve, sentará no comboio um anjo, e conduzirá essa carroça da história para um lugar belíssimo, a terra onde verte o leite e o mel. Essa foi a promessa do Senhor para nós.

Quem será esse anjo? De onde ele virá? Ele já está, ele já nasceu, e tem re-nascido - *hoje nós temos partos contínuos de almas, no singular* - em muitos homens, como um impulso moral novo, como um chamamento à fraternidade entre os homens, como um despertar para a ética do cuidado, a ética do ser, substituindo a ética do ter. Cuidar do outro, oferecer ao outro atenção, respeito, o ombro amigo na hora da dor, o calor do nosso coração. Essa é a terra onde verte o leite e o mel. A terra da fidelidade a si mesmo como espírito, e da conseqüente dedicação amorosa de um homem a outro homem, de um homem face a tudo que o cerca, na terra e no céu. Pouco a pouco essa fidelidade emerge das cinzas do egoísmo, e da indiferença moral deste século.

Então, a questão da barbárie versus civilização é uma questão ideológica, ou seja, é uma questão forjada por aquele que vive a desestruturação de um sistema; e justamente porque dói nele todo esse parto, então é como a mãe que parteja o filho, mas não vê o filho ainda, não o conhece ainda, está em meio à dor do parto. São histórias das manchetes dos jornais, são histórias da literatura que vive disso, no presente momento.

É uma questão do lugar interno, no qual nos colocamos para ver a realidade que nos cerca, e enxergar nela, tanto os movimentos condutores da vida, quanto os movimentos condutores da morte, aprendendo a discernir um do outro, e a fazer as escolhas que nos alinhem com a vida, com o dever, com o futuro. Fazer escolhas em sintonia com os processos da vida significa fazer ruptura com os processos de morte da alma, tão difundidos e às vezes até cultivados na alma do homem contemporâneo, presa ao materialismo. Fazer escolhas em sintonia com os processos da vida, pressupõe que seja feita uma re-significação das referências utilizadas para caminhar na Terra, ou seja que cada homem torne-se capaz de transcender os horizontes do ego, e de abrir-se para uma experiência de descoberta, aproximação até uma completa imersão no Eu Divino, processo que é chamado de Iniciação, pelas diversas tradições espirituais presentes no Planeta, desde tempos imemoriais.

Mas, abaixo de toda estruturação histórica, verbal, lingüística, filha, Deus não cabe na Palavra. Apesar de Deus ser verbo tam-

bém – o verbo andou sobre as águas – e do campo energético estar ligado à forma pensamental, nós temos um momento no discurso em que ele se faz impotente de diagnosticar o futuro, porque é incapaz de traduzir; a linguagem não tem extensão até os domínios do porvir, da esperança. Esse terreno pertence ao terreno do devenir, e este terreno pertence a Deus. É terreno de Deus.

Quão importante para a Educação de cada Alma, esse momento, no qual o homem percebe experiencialmente o limite da palavra, e o limite que o relato da experiência do outro oferece para quem procura o verdadeiro conhecimento das coisas de Deus, como nos conta Jó:²³³ *Só por ouvir dizer, te conhecia; mas agora, viram-te meus olhos.* Onde a palavra cessa sua função, começa a verdadeira experiência da presença de Deus seja através da meditação, da oração, da contemplação, ou da ação conectada com Deus, vida-oração, que é uma outra forma de chamar a Caridade. Nesse lugar, a alma dá os primeiros passos no caminho que leva ao real conhecimento das coisas do Pai. *Deus não cabe nas palavras!*

O homem permaneceu há milhares e milhões de anos, e ainda permanece olhando o céu e as estrelas, quando muito construirá um tótem para admirar. Hoje, o tótem chama-se poesia, pintura, palavra poética, filosofia. Estamos como o primitivo, diante da imensidão descomunal do cosmo. E essa atitude do filósofo, do artista, do sociólogo, do poeta, é que traria a esse desenvolvimento tecnológico uma dimensão eterna. Então, oh, filha, nós estamos aqui lidando com questões de palavras. É a linguagem humana que escreve uma história trágica, para uma história que é apenas um pedaço trágico. Não totalmente trágico. Transforma o que é parte em todo.

Que nessa sua tese, que nessa sua história de re-escrever uma pequena história de uma entidade que está sob as asas dos anjos do futuro, que você possa re-escrever o seu código lingüístico, de falar a vida, de contar o mundo, de apontar as coisas que são.

Quanto mais o homem conhece a vastidão dos universos, tanto no sentido da macro- realidade, quanto da micro- realidade, ele se dá conta do seu tamanho, da sua peque-

²³³ In BÍBLIA, de Tradução Ecumênica, Jó, Cap. 42, v. 5.

nez! Mais que nunca - em decorrência das conquistas da ciência, tanto no sentido de expansão das barreiras do conhecimento para além da vida nas galáxias distantes, quanto no sentido da expansão das barreiras do conhecimento para além dos mundos sub-atômicos - *estamos como o primitivo, diante da imensidão descomunal do cosmo*. Reconhecer essa imensidão, é quase mergulhar em um estado anímico que os antigos textos sagrados chamavam de temor, e que, necessariamente, nada tem a ver com o estado de medo conhecido e vivido hoje, principalmente pelo homem dos grandes centros urbanos, em relação ao outro homem, seu semelhante. Relacionar-se, verdadeiramente, com a incomensurabilidade do universo como ela, de fato, se afigura aos olhos do homem contemporâneo - a partir de todas as conquistas da ciência moderna - é, no mínimo, entrar em contato com as categorias anímicas inclusas no que o homem antigo chamava de temor, ou seja: espanto, perplexidade, sensação de pequenez, sensação de perda do controle pessoal das situações, sentimentos de reverência, de devoção e de respeito frente à grandiosidade do universo, e diante da ordem manifesta através da criação.

Apesar de que, nos tempos atuais, esses sentimentos de temor raramente sejam encontrados na vida anímica da população letrada e esclarecida, seriam esses os sentimentos e as atitudes psicologicamente saudáveis que o homem moderno poderia adotar frente à grandiosidade da criação e da lógica divina que permeia e sustenta os mundos. Contudo, o que se encontra mais comumente disseminado e até cultuado pela cultura moderna é um estado agudo, porém cronificado de *inflação do ego*,²³⁴ que conduz o homem pós-moderno a um empobrecimento de sua vida psíquica, em todos os seus aspectos, inclusive na sua relação com os outros homens e com a natureza. Ao contrário desse homem tipicamente pós-moderno, aquele que consegue religar-se, que consegue enxergar a si mesmo como espírito eterno, tende a desenvolver uma atitude devocional frente ao universo, incluindo a si mesmo, os outros homens, e os outros reinos. Um exemplo exuberante dessa possibilidade humana nos é dado pela vida de S. Francisco de Assis, que trouxe a dimensão da eternidade para os mínimos detalhes da sua vida cotidiana, e para os mínimos detalhes da sua relação com a comunidade humana na qual vivia, seus irmãos de caminho, e a comunidade maior onde estava inserido, da qual participavam os animais, as plantas, o sol, a lua, o

²³⁴ Inflação do ego: hiper-dimensionamento das funções do ego, que impede o homem de realizar seu processo de amadurecimento e individuação, que o levariam naturalmente, à experiência do SELF.

vento, a água etc. Com essa atitude, Francisco de Assis trouxe para o aqui e agora, a eternidade, uma outra forma de chamar a Caridade, ato de amar ao outro, com o amor divino. *E essa atitude do filósofo, do artista, do sociólogo, do poeta, é que traria a esse desenvolvimento tecnológico uma dimensão eterna.*

Filha, a minha palavra constrói um homem com ou sem Deus, a minha palavra constrói uma civilização com ou sem Deus. A minha palavra faz com que no deserto se plantem flores. Se eu disser fim, será fim. O mundo trágico sempre houve na história dos mundos de expiação e provas. É a tragicidade do individualismo, do egoísmo e da indiferença. A tecnologia em si é como uma pedra preciosa, ela não é o mal. Hoje, o manuseio disso é que traz ao mundo essa configuração dramática. O mal não está nas coisas em si, mas nas consequências dessas coisas. Então, as consequências da tecnologia têm sido más, mas isso não quer dizer que ela seja má.

As palavras criam mundos, e está nas mãos de cada um de nós escolher quais mundos queremos re-afirmar e construir com nossas palavras: se os mundos que estão fenecendo ou os mundos que estão nascendo. *O mal não está nas coisas em si, mas nas consequências dessas coisas.* A tecnologia em si não pode ser mal, uma vez que para uma invenção tecnológica qualquer, só é plausível, se ela desvenda e imita as leis naturais, que são as leis de Deus, contidas naquela realidade que essa tecnologia se propõe a manusear. E as leis de Deus são as leis do amor. Então, o único mal que pode ser vinculado à tecnologia, é quando ela é usada por pessoas às quais Jesus chamou de *açambarcadores do pão da vida*; que açambarcam, para uso egoísta, as conquistas da inteligência que são dadas por Deus, ao usar a tecnologia no sentido contrário às leis divinas, que é a lei do amor: a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo. Usam a tecnologia no sentido de obtenção de facilidades e privilégios que adulteram a lei do amor quando são utilizados só para si mesmo, sem se preocupar com as demais pessoas e reinos da natureza, envolvidos com essa mesma realidade.

Como todo ato gera consequências, que por sua vez atuam retroativamente sobre o seu emissor, uma vida calcada no egoísmo gera como consequência, a experiência do vazio

interior, da tristeza e da depressão. A contínua repetição desse ciclo de materialismo, egoísmo e vazio interior, tem levado, cada vez um maior número de pessoas, principalmente nos grandes centros urbanos, a viver crises existenciais intensas, cujo epicentro é a sensação de falta de sentido e significado na vida.

Perguntamos, então, à espiritualidade:

2- O desencanto cada vez maior com a sociedade apartada, ultra-tecnológica, hiperconsumista, tem levado a uma redescoberta do sagrado e, ao mesmo tempo, um recrudescimento do fundamentalismo, da intolerância, do fanatismo.

Qual o futuro do ecumenismo, da compaixão, da fraternidade ?

Resposta:

Este falar é uma liturgia, uma sagração de trevas, sobre um mundo que também sorri, um mundo que também canta, um mundo que também faz canções. Uma criança, filha de um marginal, de um bandido, ela sorri, ela canta, ela abraça aquele marginal, aquele assassino, com a mesma ternura que uma criança abraça um papá que já é justo, reto e bom.

Apesar das experiências, agregadas por cada homem à sua biografia, com as histórias particulares que vai vivendo, a vida e o modo como ela é repassada na Terra a cada nova alma que encarna, é um fato, que por si mesmo, oportuniza renovação. Cada criança que sobrevive só o faz porque alguém a maternou, mesmo que não seja a mãe ou o pai biológicos; alguém parou a sua vida, seus interesses, seus afazeres, e dedicou-se àquela criança, alimentando-a, banhando-a, ninando-a, vestindo-a etc.. Isso é certo, porque quando um bebê humano não recebe um conjunto mínimo de cuidados, ele não sobrevive : entra em um quadro descrito como *marasmo*, vai, aos poucos definhando e morre. Então, a própria forma como o nascimento foi organizado por Deus, no Planeta Terra, garante que todo aquele que encarna, recebe junto com o processo encarnatório, a experiência de ser acolhido no ventre de um ser humano, de ser alimentado no seio de um ser humano, de ser cuidado pelas mãos de um ser humano, ou seja: ele vive experiências que lhe permitem resgatar a ética do cuidado e do amor entre seres humanos. A experiência de ser cuidado, oferece a quem a recebe, a oportunidade de se sentir amado. E *o amor cobre uma multidão de*

pecados, falou Jesus de Nazaré, para a Madalena há 2000 anos atrás, e para a Madalena que habita em cada um de nós.

Então, no meio dessa ciência velha, decadente e destrutiva, nasce o novo mundo, que abraça e beija esse mundo velho. Essa seria a magia positiva, o ato, a liturgia positiva, a oração sobre esse cadáver, que faria com que ele andasse: Lázaro levanta-te! A cultura está como Lázaro, putrefata, matéria morta. A cultura, a arte a ciência e a tecnologia estão aprisionadas nas trevas, nas cercas, nas pedras de uma lingüística depressiva e destrutiva. Lázaro, levanta-te, vem para fora!

A sua tese, filha, ela é um ato, uma liturgia com as palavras desviando as palavras, fazendo uma tradução, na qual alguns conceitos das ações humanas vão sair das pedras. (alguns comentários da entrevistadora sobre a sacralização das palavras) Entidade continua: Isso, filha, para que as palavras não destruam.

Sagrado, Sacro, Sacrossanto! Por tempos imemoriais, como nos atesta a arte de cada época, bem como as demais formas de registro da experiência humana na Terra, ao longo dos epos, ou o homem se mantém conectado diretamente com o divino, e expressa isso nas suas escolhas e na sua forma santificada de viver sobre a Terra, que são traduzidas pelas diversas culturas como estados de bem-aventurança, fartura, justiça, paz, amizade entre os povos etc., ou o homem inventa alguma coisa para colocar no lugar do divino, como um bezerro de ouro, uma serpente, ou, mais modernamente, o dinheiro, o poder, e, às vezes, até a droga etc. O fato é que o homem parece buscar instintivamente o contato com uma instância à qual ele sente como mais abrangente, mais penetrante, mais potente etc. que ele, diante da qual ele possa, conforme sua cultura, sua época e seus valores, realizar um rito, prestar reverência, fazer um culto, etc. Nas várias correntes da psicologia Transpessoal Contemporânea, a integração dessa dinâmica da alma é colocada como ápice do desenvolvimento e amadurecimento humano. Só como exemplo, na concepção Yunguiana da psique humana, essa dinâmica da alma é chamada de Individuação, e tem na Função Transcendente da psique seu grande instrumento de concretização, enquanto que Maslow a chamava de Instinto de Ser, e ressaltava a importância das experiências de *pico*. Ou seja, o

homem parece carregar consigo, nas suas entranhas, uma busca de comunhão com o divino, dentro e fora de si. Tudo, então, que é feito em torno desse eixo, vai se tornando, pouco a pouco, em uma magia, uma liturgia positiva, uma oração, que lentamente faz com que a matéria espiritualmente morta, que habita nossas escolhas e nossos atos, sinta a reverberação íntima da fala do Cristo, e diga sim ao seu chamado: Lázaro, levanta-te! Educa-te, oh alma querida e boa!

Esse irmão que fez essas perguntas está mediunizando, está processando através da linguagem, está sofrendo o desmembramento, a destruição. Temos toda uma cultura, uma vida, uma história, que está olhando para trás. Mas é preciso entender que estamos caminhando para frente. O homem hoje, tem esses dois caminhos para fazer. Ou para trás, sentar, chorar, ou para a frente. Caim e Abel. O ato da inveja está incluso na destruição. Porque o homem cria uma cultura maravilhosa, uma técnica maravilhosa, a inveja vem e a destrói, emprega-a destrutivamente. Cada homem em nossa sociedade, historicamente, está com inveja da criação dele mesmo, porque Abel é um outro lado de Caim, é uma extensão de Caim, é irmão de Caim.

O olhar focado ou dirigido pela dimensão negativa da experiência, cria uma dinâmica recorrente na alma da humanidade, e na alma de cada homem, desde tempos imemoriais, levando-nos a repetir experiências que, desde nossos ancestrais, são reconhecidas como aprisionadoras da alma nas instâncias da mentira, da maldição, e na condição de fugitivo e errante, frente à sua comunidade, à presença de Deus. No caso de Caim e Abel, as experiências relatadas na Bíblia se referem a dois seres humanos distintos; no caso do homem contemporâneo, a espiritualidade declara, em sintonia com as modernas correntes da Psicologia Transpessoal, que essas duas experiências habitam a alma de cada indivíduo que, por sua vez, é chamado a fazer novas escolhas, e novas sínteses, a cada momento.

A partir das escolhas que vão sendo feitas, inicia-se um delicado caminho até chegar às novas sínteses integrativas, de modo que – utilizando aqui uma linguagem de Assagioli, criador da Psicossíntese - o Self, possa se des-identificar de todas as subpersonalidades envolvidas nesse conjunto Caim/Abel internos, possa identificar toda a

energia essencial, aprisionada nessas sub-personalidades, de modo a possibilitar novas sínteses evolutivas e, com elas novas escolhas, e novos horizontes de vida. Essa é uma das facetas importantes de serem trabalhadas, em um processo de auto-conhecimento e Educação da Alma.

Vamos recolocar esses mitos para nós mesmos, re-trabalhar esses mitos em um processo longo, pedagógico, aula a aula, homem a homem, fazendo Educação da Alma: é a palavra do século XXI. Precisamos reeducar, estamos em um planeta presídio, somos re-educandos, cada um em sua cela fechados, e nós precisamos entrar com esse anjo maravilhoso do futuro, que só a alma escuta. Lá fora, tudo continua como há milhares e milhares de anos atrás. O mesmo céu e as estrelas que cobriram o nascimento do menino Jesus, cobrem o nascimento de todas as crianças desse século XXI, Deus está na eternidade, é a-histórico, está além da história.

Esse convite de re-trabalhar em cada um de nós os mitos que carregamos na alma, em forma de valores, crenças, e revê-los à luz da Lei do Amor, é a essência que permeia e sustenta a proposta de Educação da Alma - reforma íntima - e de prática da Caridade, como concebida pelo espiritismo-kardecista-cristão. Só é concebível, dentro dessa concepção, que se sustente uma atitude amorosa de desvelo e cuidado para com o outro, se a pessoa pelo menos se localizou frente ao seu próprio egoísmo, e começou a empreender suas lutas íntimas, na sua própria alma, frente aos seus filhos diletos, o orgulho e a vaidade.

A prática estável da verdadeira Caridade, é compreendida como um lugar da alma a ser alcançado, em função do esforço dedicado e persistente de reforma íntima, dos reservatórios de egoísmo que cada ser humano carrega consigo desde seu nascimento. Por isso, a verdadeira Caridade tem uma ação salvífica sobre a alma, uma vez que, para realizá-la junto ao outro, primeiramente e ao mesmo tempo, cada pessoa tem que realizá-la consigo mesmo, ou seja, ter para consigo a Caridade de Educar a própria Alma, trabalhando por libertá-la das malhas do egoísmo.

Perguntamos, então, à espiritualidade:

3- Cresce em todo o planeta a necessidade de uma nova ética. Qual a relação com a caridade?

Resposta:

A necessidade que no planeta cresce, é a ética com a palavra. Se nós pudéssemos desenvolver uma disciplina, em que o homem examinasse o seu código lingüístico, e pudesse ver que com a sua linguagem ele cria o mundo, nós estaríamos dando enfrentamento ao pior, ao mais tenaz inimigo da história, e do amor divino. Os demônios, as potestades, o mal, ou outro nome que se queira dar a essa força de destruição, eles têm usado, a palavra. Eles têm colocado no universo lingüístico, todo esse campo de desumanização e destruição; é com a palavra que o homem se separa de Deus; é através da construção da linguagem, que o homem se separa das coisas de Deus.

Linguagem é mundo, enunciado muitas vezes ouvido da espiritualidade, ao longo dos anos! Ou seja, plasmamos e construímos o mundo que nos circunda, através da articulação das palavras. Elas são, ao mesmo tempo, o artífice, o tijolo e argamassa. Se não escolhermos com as referências do nosso Eu divino o lugar ao qual vamos vitalizar e concretizar através das nossas palavras, se não estivermos muito atentos às articulações e aos vínculos invisíveis que criamos com as palavras que proferimos, poderemos atuar como o mestre de obra que constrói, sem perceber exatamente o que está fazendo: a masmorra, na qual ficará trancafiado e preso. Religar a palavra ao Eu Divino, de modo a só usá-la para plasmar vida é, na verdade, o grande trunfo, e o grande desafio da pós-modernidade. Apesar do valor da palavra ter sido revelado por muitas Tradições - e no Cristianismo, essa compreensão tem sido explicitamente trazida, por exemplo, pelo Evangelho de João,²³⁵ que começa afirmando: *No início era o verbo, e o Verbo estava voltado para Deus, e o Verbo era Deus. ...Tudo foi feito por meio dele; e sem ele nada se fez do que foi feito.* – o sentido criador do Verbo ainda é pouco compreendido, e principalmente pouco velado e usado, no sentido positivo, pela quase totalidade dos homens, viventes no Planeta. Por outro lado, ainda acontece o uso inconsciente do poder criador da palavra, no sentido negativo, ou

²³⁵ In BÍBLIA, de Tradução Ecumênica, Evangelho de S. João, Cap. 1, v. 1-3.

seja, é muito comum que as pessoas, quando magoadas, utilizem as palavras para perpetuar suas mágoas, através de vaticínios, maldições, pragas etc. Portanto, urge a necessidade, do homem contemporâneo, de re-significar o sentido criador da palavra e seu uso, uma vez que o mundo à nossa volta é plasmado pelo uso que fazemos das palavras.

Ao lado das criaturas o homem viceja, dos vermes aos astros, a escala hominal vai caminhando. Mas há uma coisa que separa o homem deste estado pleno de paz e de mergulho nesse universo divino, e ela se chama palavra. Precisariamos de uma ética lingüística, precisariamos acordar todos os educadores, todos os formadores de opinião, todos aqueles que mexem com o universo humano, formando pessoas, nas igrejas, nas casas, nos lares, nas escolas. Precisariamos de uma grande escola de peregrinos da palavra. Ide e pregai, pregai. Por isso, *O Evangelho segundo o Espiritismo* diz: Ide pregar. Pregai, pregar a palavra.

Se compreendemos que a linguagem cria mundos, que esses mundos criam signos que nos envolvem, e re-criam mundos dentro e fora de nós, é visível que precisamos com urgência, para não des-criar a criação divina, com nossa palavra, uma ética lingüística, ou seja uma ética divina, permeando nosso verbo. Olhando por esse prisma, parece ser prioridade máxima, criar todas as condições para que a palavra pronunciada à volta de cada um de nós seja sempre a palavra de gratidão, de bênção, de anunciação do devir. Sacerdotes da Palavra, peregrinando pelo mundo, anunciando o futuro de nós mesmos, acordando a esperança na promessa de Deus para o homem. Ide e pregai, espalhai por todos os cantos da Terra que é chegada a hora em que o homem pode usar a palavra, o verbo criador, para refazer seu caminho de volta para o Éden perdido, da paz e da bem-aventurança. Que o sonho existe, e que, se afirmado pelo verbo criador de cada homem, pode transformar-se em viva realidade.

Esta fundamentação teológica, esta imagem do Pastor conduzindo ovelhas, é uma imagem educativa que os sistemas de educação atual teriam que adotar para salvar a palavra desse ato litúrgico macabro. Como sabem as trevas que as palavras são o reino onde o homem destrói o Deus interior dele, então é nesta área

que elas atuam. E nós não temos, do outro lado, do no nosso lado, ainda, consciências abertas para a percepção da necessidade de reestruturação do código de linguagem. O homem, ao falar, expressa a realidade do seu sistema íntimo, construído com palavras que vieram de seus papás e de suas mães, ele vai repetindo de forma mecânica, este ato de destruição da palavra de Deus.

Para cada homem que aspira a Educação da Alma, o verdadeiro desafio é de fato estar atento, para ser capaz de escolher, a cada momento, plasmar com seu verbo criador a dimensão divina da vida, e manter-se fiel à sua escolha. Essa atitude, que é típica de quem já está buscando em profundidade a estabilização e o enraizamento da alma no lado espiritual da vida, pede algumas renúncias e desapegos dos aspectos sombrios da alma. Esses aspectos sombrios da alma, via de regra vividos como respostas viciosas automáticas – a fala maledicente, a rispidez e a agressividade no trato, a negatividade, a ilusão, a mentira, a atitude vaidosa, a resposta orgulhosa etc. –, se não restaurados, vão, pouco a pouco, minando a alma e destruindo a conexão do homem com seu Eu Divino, e com Deus. Por isso a importância de *Vigiar e Orar*, como nos ensinou Jesus, *para não cair em tentação*, pois *as trevas sabem que as palavras são o reino onde o homem destrói o Deus interior dele. E é nesta área que elas atuam*. É preciso, também, no sentido social, trabalhar para construir consciências abertas para a percepção da necessidade de reestruturação do código de linguagem, para que cada homem possa dispor de uma linguagem que seja um instrumental facilitador para expressão do seu ser divino. E esse ato é pura Caridade, tanto para consigo mesma, (cada pessoa que empreende em si mesma esse processo, passa a desfrutar de uma vida permeada pela paz íntima), como para todos a sua volta, os quais se beneficiam dessa atmosfera psíquica de bem-aventurança e paz.

Nós temos uma lei, filha. Se você entrar no palácio da justiça, você vai ver, elaborados em uma pedra, ou em um quadro, os Dez Mandamentos. Contudo, a filosofia e todo o mundo da linguagem que circunda toda tecnologia, estão destituídos do poder divino. Não temos a linguagem teológica misturada à linguagem poética, a linguagem filosófica, científica, às diversas linguagens.

A destruição do humano é feita através da destruição do palavrão humano, do falar do homem.

Urge, portanto, restaurar o lugar, o altar de Deus dentro do coração de cada homem, limpar esse lugar da alma onde essa lei está escrita, pois ele está cheio de pequenos signos da idolatria moderna. Se estivesse vazio, cada homem sentiria uma saudade incomensurável, abrasadora, da presença de Deus, e o buscaria sem cessar. E tudo seria paz, pois, como disse Jesus, *buscar-me-eis e me achareis*. Portanto, esse lugar reservado para ser ocupado apenas pela experiência da presença de Deus, está ocupado pelas diversas coisas que cada homem foi colocando nele. Ao tentar substituir essa experiência por todo um arsenal idólatra, produzido com base na mesma inveja arquetípica de Caim por Abel, a alma se sente repleta, abarrotada, comprimida, mas não preenchida, nem plenificada. É preciso, para os que sonham com a leveza da borboleta, para os que sonham sair do casulo e, como uma borboleta, voar pelos jardins da alma, ter a coragem de começar a esvaziar-se de todo esse arsenal idólatra armazenado pelos séculos de cultura desconectada da experiência de Deus, e vazio de si mesmo, para que possa reencontrar a trilha da saudade do divino e por ela caminhar.

Tudo o que fizermos estará separado, se na minha expressão Deus não está. Não adianta fazer apenas boas obras; se eu não redimensionar a lingüística, eu transformarei as boas obras em um símbolo, em uma idolatria vazia, que vai esvaziando a alma. Paulo: *Não adianta eu dar todos os bens*. Paulo, nesta feliz passagem das epístolas, retoma essa verdade cristã. Cristo veio e enfrentou os fariseus no domínio lingüístico. Pode ver que todo o curso do processo acusatório de Cristo foi com a palavra. Examina e coloca nessa sua tese o julgamento de Cristo Jesus. E você verá, ali, uma página lamentável que a inconsciência humana ainda não percebeu.

Para que Deus esteja na expressão de cada um de nós, Ele tem que estar no coração, Ele tem que ser o tesouro guardado no peito. Por isso, *aonde está o teu coração estará o teu tesouro*. Nada que é feito apenas na exterioridade, sem envolver as forças do coração traz, ao homem paz e bem-aventurança. É *tudo vaidade*, como fala o Eclesiastes. E quanto

mais essa ação exterior é tomada como expressão da comunhão verdadeira com a presença de Deus, mais difícil se torna identificar esse equívoco e libertar-se do vazio interior que ele cria, e que, via de regra, começa a ser preenchido com mecanismos de poder. Modernamente, podemos chamar as boas obras sem Deus, a caridade fria, de uma espécie de idolatria moderna, uma espécie de *culto ao bezerro de ouro*. Se o ato de amor não transformar em amor, aquele que o faz, também não o aproxima da experiência de Deus, que é puro amor. Portanto, esse suposto ato de amor ainda é idolatria, e de pouco ou nada vale para quem o pratica, pois não traz paz para a alma. É necessário, portanto, sensibilizar a alma para a prática do verdadeiro ato de amor impessoal, que se ocupa em tentar sentir a dor do outro e atender suas necessidades; agindo assim, pouco a pouco, essas experiências vão aquecendo o coração e reeducando a alma. Isso é pura Caridade.

Mas só temos dois mil anos de história, e estamos diante da eternidade, trilhões, quatrilhões de anos. Mas o homem precisa redimensionar, entender que sua vida é um instante, e ele só pode ir para o futuro, se ele entender a brevidade do instante. Ele não pode ver o futuro, porque ver o futuro seria vê-lo no amanhã. Vê-lo no amanhã, seria vê-lo sem corpo, e vê-lo sem corpo é reestruturar todo o seu ser, é ganhar alma, um discurso humano futurista. O salto do homem para Deus, do humano para o divino, tem sido obstruído através da obra da manufatura. A manufatura destituída da linguagem que caminha com a manufatura, constrói esse acesso à perda da ética. Então eu acesso facilmente os abismos sem ética, em que vale a minha lei, a lei egoísta, em que os fins justificam os meios, a lógica do poder, do príncipe, maquiavélica lógica dos poderosos, não dos que estão sofrendo dos poderosos, sofrendo do poder. As perguntas dos que sofrem são outras. E eu gostaria que você pudesse fá-las para mim. Não posso fá-las por você. Eu lanço esse desafio. Consultai as entranhas! Dos autores, um daqueles que pode ajudá-la a perguntar é Antônio Vieira. Sermões de Vieira, no 60º, ou 70º sermão dele; pergunte a esse irmão que fez essas perguntas, das cartas de Vieira, e me traga antes de fechar o relatório. Perguntai às entranhas dos homens e tereis verdades, senão teremos sofismas.

Ver-se no futuro. Entender a brevidade do instante. Respirar o vir a ser. Maravilhosa travessia em direção ao devir. Verdadeira manufatura da alma. Eis o segredo: ser capaz de ver, de entender, e de re-estruturar a vida no ser, e assim manufaturar o futuro: o salto do homem para Deus. O caminho inverso, a *manufatura destituída de linguagem que caminha com a manufatura, constrói esse acesso à perda da ética, em que vale a minha lei, a lei egoísta, em que os fins justificam os meios.*

Qualquer manufatura, interna ou externa a si, qualquer mudança de comportamento, de hábito apenas exterior, qualquer mudança de atitude apenas na aparência, *sem que a alma acompanhe o processo*, construindo linguagem, construindo pontes, mundos novos, gera apenas rupturas, *perda de ética, abismos*. Perda de horizontes e de esperança para a alma. Moderna idolatria.

Essa forma superficial de conduzir processos de mudança é característica da lógica dos que estão no poder; não há interesse algum de, em verdade, escutar o porquê do sofrimento dos que estão sofrendo e o como se dá e se processa aquele sofrimento; não há, em verdade, interesse em ajudá-los a superar aquela dor.

Nessa lógica do poder, basta fazer alguns ajustes superficiais para a dor não ficar tão visível, tão incômoda, tão perigosa; basta fazer alguma coisa para aquietar a turbulência, ou colocá-la geograficamente distante: em nossa realidade atual, a tendência é colocá-la na periferia das grandes cidades. Caridade fria! Pura idolatria! Pois não há espaço, nessa lógica, para um debruçar-se sobre os que sofrem – verdadeira Caridade - acolhendo na interioridade da alma o sofrimento dos que sofrem, como falava e vivia Chico Xavier – *A dor de tanta gente me penetra a alma toda* -, ao dedicar a sua vida para amenizar o sofrimento material e anímico e espiritual da sua época.

Para viver assim, é necessário ter compreendido, na profundidade da alma, que nada está isolado no universo – como modernamente afirma a física quântica - e que, enquanto alguém à minha volta sofre, aquele sofrimento a mim também diz respeito. Só assim, irmanados nessa compreensão da dor, é possível encontrar as forças anímicas necessárias para dar as mãos e, com alegria e paz, dedicar-se ao trabalho de levar essa paz ao outro; não importa tanto quem seja esse outro, ou como ele se apresente – com fome, bêbado, revoltado, ou sem esperanças, querendo morrer - importa, sim, que ele foi trazido até nós por seu anjo, que, por sua vez, conta com nosso coração renovado e preenchido pela bem-

aventurança da experiência do amor de Deus, e com nossas mãos amorosas e amigas prontas para servir.

Para isso, é necessário ter escolhido e ter se comprometido, prioritariamente, em empreender a Educação da própria Alma, que tem como meta conhecer e trabalhar consciamente, dedicada e continuamente - como o faz um artista que quer se tornar virtuoso em sua arte - ,para remover da própria alma a imoralidade que nela ainda habita. Essa imoralidade não é outra coisa senão o nosso velho egoísmo, travestido em indiferença, fechamento, dureza, medo, egotismo, autoritarismo, orgulho, vaidade, etc., etc., etc., produzindo consequências no mundo e adulterando a Lei do Amor.

Um exemplo gritante dessas consequências, que cria até perplexidade na alma, foi dado, recentemente, a uma de nossas irmãs de caminho, pela entidade que dirige o culto da sexta-feira., referindo-se a crianças, que vagando sozinhas pelas ruas caem em situações de conflito com a lei. Disse a entidade: *Ore muito, filha, e o faça por você; essas crianças são médiuns da nossa imoralidade.* Há, portanto, no ar, uma repetição do sacrifício do desamor ! Almas irmãs compelidas a viver um cruel sacrifício! Sacrifício não só de corpos, mas de almas ! Sacrifício que continua se repetindo, porque não enfrentamos corajosamente nosso egoísmo, nossa imoralidade.

No julgamento de Cristo, relatado por João,²³⁶ temos uma página lamentável - referida na entrevista pela entidade espiritual, dirigente da CEA-AMIC - dessa falta da ética do espírito, dessa imoralidade que ainda habita a nossa alma humana e subsidia a ação do poder temporal, tanto religioso quanto político. Uma página que ainda se repete em nossos dias, mudando apenas o cenário geográfico e social.

Era o despertar do dia. Os que O tinham trazido, não entraram na residência para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa.

Era o despertar do dia, mas não na consciência daqueles sacerdotes que levaram Jesus à presença de Pilatos. Pelo relato de João, fica visível quão desprovida de essencialidade, quão exterior era a relação daqueles sacerdotes com as leis, as regras e os ritos religi-

²³⁶ In BÍBLIA, Tradução Ecumênica. Evangelho de João, Cap. 18, e 19.

osos. Por ser a época da Páscoa, não podiam entrar na residência de Pilatos, considerada por eles um lugar impuro, caso contrário, não poderiam comer o Cordeiro Pascal. Sequer percebiam que a maior impureza estava em seus corações endurecidos, que tramavam a morte do Cordeiro de Deus, encarnado entre eles, o Cristo Jesus. Rito externo, pura forma, pura idolatria! Oh! Senhor, quantas vezes ainda os endurecidos sacerdotes que habitam os esconderijos da nossa alma tramam a Tua morte em nossa vida, a morte da Tua paz, da Tua misericórdia, do Teu incondicional amor, em nós mesmos, e para com o próximo. Perdoá-nos, Pai, e dá-nos as experiências para correção do nosso espírito.

Pilatos veio, pois, para fora ter com eles e disse: “Que acusação apresentais contra esse homem?”

Eles responderam: “Se este indivíduo não tivesse praticado o mal, porventura o entregaríamos a ti?”

Então Pilatos lhes disse: “Tomai-o e julgai-o segundo a vossa lei.”

Os judeus lhe disseram: “Não nos é permitido condenar ninguém à morte!”

Em que mãos humanas cabe tanto poder assim, que basta, para condenar alguém, falar que ele fez o mal, reivindicando para si, quase um direito divino, o da infalibilidade? – *“Se este indivíduo não tivesse praticado o mal, porventura o entregaríamos a ti?”* E por que esse pretense mal não pode ser julgado pelas leis do ambiente natural – no caso a lei dos judeus – no qual ele teria sido, pretensamente, feito? O que leva uma alma – me ponho a pensar no nosso Pilatos interno - a se deixar usar como instrumento de uma trama tão perversa? Como nos relata Mt, 27:18. *“Pois ele [Pilatos] sabia que o tinham entregue por inveja”*. Deixar-se usar para condenar à morte alguém que, aos seus próprios olhos, era inocente? Como nos relata Lu, 23:4. *“Eu [Pilatos] não acho nada que mereça condenação nesse homem”*. O que estamos a fazer com a nossa retidão, com a nossa coragem moral, nesse escorregadio lugar da alma humana, que um dia foi ocupado pelo Pilatos histórico, e que ainda hoje habita a nossa alma? Se pensarmos na morte, não somente no plano físico, mas na morte da alma, do amor, dos sonhos, dos projetos, da esperança, essa cena lúgubre ainda se repete corriqueiramente na Terra. Lamentavelmente, nesse sombrio e triste lugar da nossa alma, ainda estamos levando, diariamente, à crucificação o corpo da verdade, da bondade, da lealdade, da amizade etc., etc., etc.

Pai, cura os nossos olhos, dá-nos *olhos de ver*, para que possamos vigiar e orar. Cura nossos corações, para que possamos orar uma oração que chegue ao Teu coração. Protege-nos Pai, de todo o mal, para não cairmos em tentação.

Pilatos voltou pois, para dentro da residência. Chamou Jesus e disse-lhe: “Tu és o rei dos judeus?”

Dentro do contexto da época, colocar-se como rei dos judeus, seria desafiar duplamente o poder constituído, ou seja, o poder religioso dos sacerdotes judeus e o poder político de César, ali representado por Pilatos, governador de Jerusalém.

Senhor, que lugar tão infeliz é esse da nossa pobre alma humana, que levou Pilatos, e certamente ainda leva o nosso Pilatos interno, a ter a coragem de fazer essa pergunta? Mesmo depois de ouvir os sacerdotes dizendo, nas entrelinhas, que conforme as leis deles não podiam matar aquele homem e que estavam ali por isso, ou seja, por que queriam que Pilatos mandasse matar Jesus. Senhor, certamente ainda fazemos assim com o gérmen do nosso Jesus interno, e com o Jesus interno do outro. Senhor, misericórdia para a nossa pobre e enferma alma. Planta em nossa alma, Senhor, a semente do verdadeiro arrependimento.

Jesus lhe respondeu: “Dizes isto por ti mesmo, ou foram outros que to disseram de mim?”

Com essa pergunta, Jesus conclamou o Pilatos histórico, e continua conclamando o nosso Pilatos interno, a voltar a si, a perceber o terreno moralmente perigoso em que ele estava se colocando, ao repassar aquela pergunta com teor acusatório sobre o outro, mais particularmente sobre esse outro - Jesus de Nazaré, o Cordeiro vivo de Deus - que certamente ele não enxergava. Quantas vezes, Pai, o nosso Pilatos interno ainda faz perguntas com esse teor, sobre àqueles que são a face visível de Jesus, para nós, ou seja, aquelas pessoas que são nas nossas vidas um lume, um caminho a seguir. Pai, ajuda-nos a desenvolver a capacidade de não usar a palavra para *des-criar*, para destruir. Ajuda-nos, Pai, a construir verdadeiramente em nossos corações a ética da palavra, e que possamos nos consagrar, cada um de nós que leia esse texto, e se sinta tocado por ele, de agora em diante, como pequeninos guardiões do teu Verbo criador operando em nossos corações, operando em nos-

sas vidas, e na vida de tudo o que nos cerca. Santifica a nossa boca, Pai da vida, e como a boca fala do que está cheio o coração, santifica os nossos corações. Pai de amor e bondade, desce sobre nossos sentimentos, especialmente sobre os sentimentos de todos aqueles que trabalham com a palavra, com o verbo, o Teu manto de mansidão e de paz.

Pilatos lhe respondeu: “Sou acaso judeu? A tua própria nação, os sumos sacerdotes, te entregaram a mim! Que fizeste?”

O Pilatos histórico, como ainda o faz o nosso Pilatos interno, não só fez ouvido mouco, não escutando e não se relacionando verdadeiramente com a pergunta localizadora de Jesus, como avançou na sua indiferença, frieza e dureza de coração. Essa pergunta de Jesus a Pilatos - *“Dizes isto por ti mesmo, ou foram outros que to disseram de mim?”* - nos remete à pergunta feita por Deus a Adão no Éden - *“Onde estás?”* Ela, da mesma forma, que não foi ouvida por Adão com a alma, ainda não é ouvida pelo homem Adâmico que carregamos dentro de nós, sendo apenas respondida, automática e defensivamente, a partir de um mecanismo de justificação do Ego.²³⁷

Muitos séculos depois, deparamos com o mesmo fato anímico-espiritual vivido por Pilatos: estamos diante de uma nova versão do homem Adâmico; diante da forma reativa e defensiva desse velho homem - modernamente chamado de homem egóico - lidar com a vida, principalmente quando é colocado em cheque, como o foi pela pergunta de Jesus. Em horas assim, lamentavelmente, o homem Adâmico, que ainda habita cada um de nós, tende a reagir automaticamente, desconectado da sua interioridade, da sua essencialidade, desprovido, portanto, da sensibilidade e da ética, que caracterizam o homem espiritualizado, o homem de bem.²³⁸ Essa pergunta de Pilatos - *“Que fizeste?”* - naquele contexto, significa *fizeste sim alguma coisa, senão tua nação, os sumos sacerdotes não te entregariam a mim*. Há, portanto, uma acusação explícita nesta forma de Pilatos perguntar a Jesus, acusação que legitima o discurso dos sacerdotes, criando com eles uma lamentável aliança, que desaguará na crucificação. Não é possível reagir à vida a partir dos mecanismos defensivos do ego e não fazer aliança e pactos com as forças invisíveis sombrias, que sustentam a

²³⁷ Mais sobre esse tema, ver Cap. I, item 3.3.

²³⁸ Homem de Bem - mais sobre essa descrição do homem cristão, conforme o espiritismo-kardecista, t ver ANEXO 6.

eguidade na Terra. Por isso, Jesus falou: “*Ou estás comigo, ou estás contra mim*”. E falou também: “*Não se pode servir a dois senhores*”.

Jesus respondeu: “A minha realeza não é deste mundo, se a minha realeza fosse deste mundo, os meus guardas teriam combatido, para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas a minha realeza, agora, não é daqui.”

Com essa resposta, Jesus nos ensina como desarticular, dentro de nós mesmos, toda a lógica do raciocínio acusatório trazido pelos sacerdotes, e repetido pelo Pilatos histórico, e certamente pelo Pilatos que habita, a nossa alma. Na verdade, Jesus, ao afirmar a natureza espiritual da sua realeza, enfrenta com o Verbo todo um jogo escuso, toda uma trama dos poderes – político e religioso, ali representados por Pilatos em aliança com os sacerdotes e fariseus – para matá-lo, ou para matar o gérmen interno de Jesus, na interioridade dos nossos corações. Como se Jesus estivesse, com essa resposta, dizendo: *Pilatos, como a minha realeza não é deste mundo, não há com o que te preocupares comigo - já que representas o poder da Terra - nem do que me acusar, nem porque me matar*. Com essa fala Jesus deixa visível que sabia que o epicentro do problema era uma questão de poder religioso, e enfrenta com o Verbo o fato de que os sacerdotes estavam tentando matá-lo, através de Pilatos. Como relata João, 11:47, 49. *Os sumos sacerdotes e os fariseus, reuniram então um conselho e disseram: “Que faremos? Esse homem opera muitos sinais. Se o deixarmos continuar assim, todos crerão nele, os romanos intervirão e destruirão nosso Lugar Santo como a nossa nação.” ... Um dentre eles, Caifás, que era sumo sacerdote naquele ano, disse: “Vós não compreendeis nada, e nem mesmo refletis ser do vosso interesse que um só homem morra pelo povo, e que não pereça a nação inteira.”*

Pilatos então lhe disse: “Então, tu és rei?”

Uma sombria aliança se fez, entre o poder político e o poder religioso. Jesus incomodava, prioritariamente, aos sacerdotes e fariseus, que tinham medo de perder seus privilégios. Pura imoralidade, puro egoísmo decidindo destinos, tanto de pessoas como, no caso da vida de Jesus, da humanidade. Os sacerdotes pressionaram explicitamente Pilatos

dizendo, em Jo,19;12: *“Se o soltares, não estarás agindo como amigo de César! Pois todo aquele que se faz rei, declara-se contra César”*. Jesus passa a ser, então, um problema político e um problema pessoal para Pilatos, como nos relata Jo. 19:13. *“Mal ouviu essas palavras, Pilatos fez conduzir Jesus para fora e o instalou em uma tribuna, no lugar chamado Litóstroto – em hebraico, Gábat”*.

A partir daí, Pilatos não sustenta mais sua avaliação sobre o caso, anteriormente expressa, por mais de uma vez: Jo, 19:4 e 6. *...eu não acho nenhum motivo de acusação contra ele*”. Tudo leva a crer, que o Pilatos histórico - como lamentavelmente ainda o faz o nosso Pilatos interno - quando colocado frente à possibilidade de desagradar a César e, portanto, correr o risco de perder os privilégios que auferia dessa relação, cedeu à pressão dos sacerdotes e do povo que, a essa altura, já tinha também sido envolvido na trama. Como nos relata Jo,19:14,15,16. *“Era o dia da preparação da Páscoa, por volta da sexta hora, Pilatos disse aos judeus: “Eis o vosso rei!” Mas eles se puseram a gritar: “À morte! À morte! Crucifica-o! Pilatos replicou: “Devo eu crucificar vosso rei?”; os sumos sacerdotes responderam: “Nós não temos outro rei, senão César.” Foi então que Pilatos lhes entregou Jesus para ser crucificado”*. Lamentável condição nossa de desconexão com a verdade! Cura-nos Pai, protege-nos de todo o mal.

Jesus lhe respondeu: *“És tu que dizes que eu sou rei. Eu nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade, escuta minha voz.”*

Através dessa resposta, é como se Jesus estivesse dizendo a Pilatos: *És tu que dizes que sou rei, és tu que tens a necessidade de dizê-lo, és tu que te escondes atrás dessa pergunta acusativa, para poderes te manter insensível à minha voz! Apenas tens medo de perder o que de fato, nunca tiveste, porque não se perde aquilo que, de fato, se tem. Eu nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade. Por que não queres conhecer a verdade? Por que não escutas a minha voz? Quem é da verdade escuta a minha voz!*

Esse diálogo ainda é profundamente atual. O homem moderno sofre mais que nunca da mesma cisão. Ou dá atenção a César, a voz do mundo, que afirma que o importante são as conquistas materiais, mesmo que sejam feitas a qualquer preço, como o foi para Pilatos, e continua a ser para o Pilatos interno em cada um de nós. Ou ouve a voz de Deus, através

de seus mensageiros, que continuam a dizer: “*Meu reino não é desse mundo, e ninguém pode ver o reino de Deus, se não nascer de novo*”.

Se o mundo não fosse necessário, Deus não o teria criado, como também ao espírito! Parece, então, que o segredo está em simplesmente aceitar o plano de Deus para os homens na Terra, ou seja, viver em espírito no mundo, espiritualizando a matéria, a cultura, as relações, a própria vida, nos seus mínimos detalhes.

Pilatos lhe disse; “Que é a verdade?”

E nós, o que dizemos? Que é a verdade? Qual é a verdade? Onde está a verdade? Os sofrimentos, como costumamos chamar a perda daquilo que achamos agradável, criam sempre circunstâncias que, aparentemente, são sofridas, mas quando olhadas com os olhos do espírito, são sempre portadoras da libertação da alma. Ou seja, com os olhos do espírito, o que chamamos de problemas, são sempre as soluções que ainda não conseguimos enxergar com os olhos da carne, modernamente falando, do Ego. As tentativas que fazemos de impedir, ou mesmo controlar, o que chamamos de problema, são apenas fruto da nossa ilusória relação com a realidade, que, segundo os mestres orientais da milenar ciência do auto-conhecimento, é apenas fruto da ação de Maya²³⁹ na nossa psiqué. Melhor seria orar e trabalhar sobre si, para transformar a causa real dos problemas, que sempre é interna e fruto de uma aliança inconsciente, defensiva, com as forças do egoísmo e sua múltipla manifestação – Maya - aqui também chamada de nossa imoralidade.

A cada micro vitória sobre nosso egoísmo e nossa imoralidade, a bem-aventurança da paz, da alegria, da sensação de estar realizando o melhor do que se é capaz, derrama-se fartamente sobre nossas vidas. Caridade, sublime caminho deixado por Deus na Terra, para conquistarmos a nossa felicidade, levando a felicidade ao próximo. Que Deus nos abençoe a todos nós, hoje e sempre, e nos permita realizar sobre a Terra, o devir sonhado pela poética de Milton, no Canto XII do Paraíso Perdido,²⁴⁰ quando na sua última fala, para Adão e Eva ele diz:

²³⁹ O conceito de Maya para o oriental, tem uma correspondência quase homológica, com o conceito dos sete pecados capitais no Cristianismo, ou seja, o turvamento da alma, pelo orgulho, cobiça, avareza, luxúria, ódio, gula, preguiça, todos filhos do egoísmo.

²⁴⁰ In MILTON, John, *O Paraíso Perdido*. Tradução por Antônio José Lima Leitão. Rio de Janeiro: Vila Rica Editoras reunidas Ltda, 1994, p.465/6.[grifo nosso]

Por último também o anjo fala.

“Como ditames tais tens aprendido,
Da sapiência tocaste o erguido cume.
Nem julgues que mais alto te elevaras
Se por seus próprios nomes conhecesses
Todos os anjos que há de recôndito no Abismo,
Tudo que há de recôndito no Abismo,
Todas da Natureza as grandes obras
Que Deus formou nos céus, ar, terra e mares, -
Se fossem tuas as riquezas do Orbe,
Se com mando absoluto o governasses.
Mas, ao que sabes, ajuntar te cumpre
Puras ações que bem lhe correspondam,
Fé, bondade, paciência, e *temperança*,
E amor que no futuro há de chamar-se
Caridade, a primeira das virtudes.
Não sentirás assim deixar este Éden;
Antes sim possuirás dentro em ti mesmo
Um muito mais ditoso Paraíso.”

Referências Bibliográficas

- AIZPÚRUA, Jon. *Os Fundamentos do Espiritismo*. Tradução por Leile Cacacci. São Paulo: Editora C.E.José Barroso, 2000.
- AMIGO, Espírito (Espírito). *2 Coríntios: Caridade, Obra do Coração*. [Psicografia de] Eliana dos Santos. Campinas (SP): Casa do Pão Editora, 2000, N° 161, *Coleção Boa Nova*.
- ÂNGELIS, Joanna de (Espírito). *O Homem Integral*. [Psicografia de] Divaldo Pereira Franco. 4ª Edição. Salvador (Ba): Livraria Espírita Alvorada Editora, 1990.
- ÂNGELIS, Joanna de (Espírito) *Despertar do Espírito*. [Psicografia de] Divaldo Pereira Franco. Salvador (Ba): Livraria Espírita Alvorada Editora, 2000.
- BENNETT, WILLIAM J. *O Livro das Virtudes*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1995.
- BÍBLIA de Jerusalém. 5ª edição. São Paulo: Paulus Editora, 1996.
- BÍBLIA: Tradução Ecumênica. 2ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- BÍBLIA de Estudo de Genebra. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2000.
- BOA NOVA, Coleção. n.ºs, 161, 219, 220. Casa do Pão Editora, Campinas, SP, 2001.
- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: Ética do Humano – compaixão pela Terra*. 7ª Edição, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.
- *A águia e a galinha: Uma metáfora da Condição Humana*. 26ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A., 1989.
- CHAMPAGNE, Patrick. *Os excluídos do interior*. Tradução por Magali de Castro. Publicado originalmente in *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n.91/92, março de 1992.
- CALDERÓN, Adolfo Ignácio. *Experiências Universitárias, Experiências solidárias*. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 2001.
- CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação*. Tradução por Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.
- CARVALHO, Nanci Valadares. *Autogestão: o nascimento das ONGs*. 2ª Edição Revista. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- COELHO, Simone de Castro Tavares. *Terceiro Setor: Um estudo comparado entre Brasil e Estados Unidos*. São Paulo: Editora SENAC. 2000.

CONSELHO DA COMUNIDADE SOLIDÁRIA. *Filosofia do Voluntariado*: Fortalecendo o Voluntariado no Brasil. Programa Voluntários. Sem data.

CORULLÓN, Mônica (org.). *Voluntários*: Programa de Estímulo ao Trabalho Voluntário no Brasil. São Paulo: Fundação Abrinq, 1996.

DENNIS, León. *Socialismo e Espiritismo*. Tradução por Wallace Leal V. Rodrigues. São Paulo: Casa Editora O Clarim, 1982.

DENNIS, Léon. *O problema do Ser, do Destino e da Dor*. 19ª Edição. Rio de Janeiro: 1997.

DOMENEGHETTI, Ana Maria Martins de Souza. *Voluntariado*: Gestão do trabalho voluntário em organizações sem fins lucrativos. São Paulo: Editora Esfera, 2001.

EMMANUEL (Espírito). *Seara dos Médiuns* [psicografia] Francisco Cândido Xavier. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira 1978.

EMMANUEL (Espírito). *O Consolador*. [Psicografia de] Francisco Cândido Xavier. 14ª Edição. Rio de Janeiro: Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira, 1988.

EMMANUEL (Espírito). *Justiça Divina*. [Psicografia] Francisco Cândido Xavier. 9ª Edição. Rio de Janeiro: Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira, 1997.

FAMÍLIA EM SÃO PAULO: vivência na diferença. São Paulo: CERU/Humanitas, 1997. Coleção Textos. Série 2, n.7.

FERNANDES, Rubem César. *Privado porém Público*: o terceiro setor na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 1994.

FURLAN, Vera Irma. *Uma nova suavidade e profundidade...O despertar Transpessoal e a (Re) Educação*. 1998. 181f. Tese (doutorado em Educação) UNICAMP.

GIUMBELLI, Emerson. *Em nome da Caridade*: Assistência Social e Religião nas Instituições Espíritas. Rio de Janeiro: ISER, 1995, vol. I (Quantas são e como se distribuem as Instituições Espíritas no Estado do Rio de Janeiro), 1996. Vol. II (As obras sociais Espíritas no Município do Rio de Janeiro)

_____. *Faces e dimensões da Campanha contra a Fome*. Rio de Janeiro: ISER, 1994.

GOHN, Maria da Glória. *Mídia, Terceiro Setor e MST*: Impactos sobre o futuro das cidades e do campo. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda., 2000.

GOLDBERG, Ruth. *Como as Empresas Podem Implementar Programas de Voluntariado*. São Paulo: Instituto Ethos e do Programa Voluntários, 2001.

GROF, Stanislav. *A aventura da Autodescoberta*. Tradução por Sônia Augusto. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

GOSWAMI AMIT et al. *O Universo Auto Consciente: Como a consciência cria o mundo material*. Tradução por Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos. 2001.

IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.). *3º Setor: Desenvolvimento Social Sustentado*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000.

JUNG, C.G. *A natureza da Psique*. Tradução por Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1991. Vol. VIII/2 (Obras completas de C.G.Jung)

JUNG, C.G. *Símbolos da Transformação*. Tradução por Eva Stern. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1989. Vol. V (Obras Completas de C.G.Jung)

JUNG, C.G., WILHELM, Ricard. *O Segredo da Flor de Ouro: Um livro de vida chinês*. Tradução por Dora Ferreira da Silva e Maria Luzia Appy, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1983.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Tradução por Salvador Gentile. 255ª Edição. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1978.

———. *O que é o Espiritismo*. 33ª Edição. São Paulo: Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira, 1989.

———. *O Livro dos Espíritos*. Tradução por Salvador Gentile. 69ª Edição. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1991.

———. *O Céu e o Inferno: A justiça Divina Segundo o Espiritismo*. Tradução por Salvador Gentile. 6ª Edição. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1994.

———. *Definições Espíritas*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Publicações Lachâtre Editora Ltda, 1997.

———. *Viagem Espírita em 1862*. Tradução por Wallace Leal V. Rodrigues. 3ª Edição. São Paulo: Casa Editora O Clarim, 2000.

LANDIM, Leilah. *Para além do Mercado e do Estado? Filantropia e Cidadania no Brasil*. Rio de Janeiro: ISER, 1993.

———. COTRIM, Leticia Ligneul. *ONGs: Um Perfil*. São Paulo: ABONG, ISER, 1996.

_____ (Org.). *Ações em sociedade: Militância, caridade assistência etc.* Rio de Janeiro: Editora Nau, 1998.

_____ BERES, Neide. *Ocupações, despesas e recursos: as organizações sem fins lucrativos no Brasil.* Rio de Janeiro: Ed. Nau, 1999.

_____ SCALON, Maria Celi. *Doações e Trabalho Voluntário no Brasil: uma pesquisa.* Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora Ltda., 2000.

LELOUP, Jean-Yves. *A Arte da Atenção: Para viver cada instante em sua Plenitude.* Tradução por Guilherme João Freitas Teixeira. São Paulo: Verus Editora, 2001.

_____ *Amar apesar de tudo.* São Paulo. Verus Editora, 2000.

_____ BOFF, Leonardo. *Terapeutas do Deserto.* Rio de Janeiro. Ed. Vozes Ltda., 1997.

LESHAN, Lawrence. *O médium, o místico e ofísico.* Tradução por Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

MAUSS, Marcel. *Esboço de uma Teoria Geral da Magia.* Tradução por José Francisco Espadeiro Martins. Lisboa: Edições 70, Ltda., 2000.

_____ Marcel. *Sociologia y Antropologia.* Tradução da 4ª edição francesa por Tereza Rubio de Martin-Retortillo. 1ª Edição, Madri: Editorial Tecnos, S.A., 2ª reimpressão, 1991.

MELO Neto, Francisco Paula de, FROES Cesar. *Responsabilidade Social & Cidadania Empresarial: A Administração do terceiro Setor.* 2ª Edição. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 2001.

MARTÍN, Eugênio Garrido. *Psicologia do encontro: J.L.Moreno.* Tradução por Maria de Jesus A Albuquerque. São Paulo: Editora Gora Ltda., 1996.

PINTO, Louis et all. *Iniciação à Prática Sociológica.* Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1996.

NANUS, Burt, DOBBS, Stepheb M. *Liderança para o terceiro setor: Estratégias de sucesso para organizações sem fins lucrativos.* Tradução por Cynthia Azevedo. São Paulo: Editora Futura, 2000.

NOVAES, Regina Reys (org.). *Pobreza e Trabalho Voluntário : Estudos sobre a ação social Católica no rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: ISER, 1995.

RELIGIÃO E SOCIEDADE. Rio de Janeiro: Editora Campos Ltda.,v. 11, n.3, Dezembro de 1984.

RELIGIÃO E SOCIEDADE. Rio de Janeiro: ISER, v.16, n.1-2, Novembro de 1992.

SZAZI, Eduardo. *Terceiro Setor: Regulação no Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Peirópolis, 2000.

SANTOS, José Luís dos. *Espiritismo: uma religião Brasileira*. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

SCHURÉ, Édouard. *Os grandes Iniciados: Esboço da História Secreta das Religiões*. Tradução por Augusta Garcia Dorea. São Paulo: IBRASA, 1985.

TABONE, Márcia. *A Psicologia Transpessoal: Introdução à nova visão da Consciência em Psicologia e Educação*. São Paulo: Editora Cultrix, 2001

TAYLOR, Charles. *As Fontes do Self: A Construção da Identidade Moderna*. Tradução por Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Edições Loyola, 1997 .

WALSH, Roger N. , VAUGHAN, Frances. *Além do Ego: Dimensões Transpessoais em Psicologia*. Tradução por Adail Ubirajara sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Editora Cultrix /Pensamento, 1995.

WELBURN, Andrew. *As origens do Cristianismo*. Tradução por Teresa Monteiro Deustch e Maria Cristina Fernandes. São Paulo: Ed. Best Seller, 1991.

WILBER, Ken. *Um Deus Social*. Tradução por Cláudia Gerpe Duarte. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

_____ *Eye to Eye: The quest for the new Paradigma*. Boston: Shambhala Publications Inc., 1996.

_____ *Transformações da Consciência: O Espectro do Desenvolvimento Humano*. Tradução por Sônia Maria Christopher. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

_____ *O Projeto Atman: Uma visão Transpessoal do Desenvolvimento Humano*. Tradução por Cármen Youssef. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

_____ *Uma breve História do Universo: De Buda a Freud*. Tradução por Ivone Carvalho. Rio de Janeiro: Editora Nova Era, 2001.

_____ *A união da Alma e dos Sentidos: Integrando Ciência e Religião*. Tradução por Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

————— *O Espectro da Consciência*. Tradução por Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

ANEXOS

1. Carta de Stefano Benni.
2. Lei do Voluntariado
3. Questionário.
4. Principais Pesquisas sobre o Setor sem fins Lucrativos
5. Entrevista com entidade espiritual, dirigente da CEA-AMIC, hoje COFA-AMIC
6. O Homem de Bem
7. Entrevista com Eliana Luis dos Santos ao Correio Popular em 19/06/2002
- 8 .Índice de Gráficos e Tabelas
9. Símbolo da AMIC - Endereços para contato

ANEXO 1. Carta de Stefano Benni (escritor Italiano) à Amic

Introdução do Teatro Ridoto à carta de S. Benni

“Também este ano a entrada aos espetáculos do “quintal das identidades diversas” é gratuita. Aos espectadores porém, solicitamos uma contribuição voluntária. Esta contribuição será destinada aos Amigos da Criança de Campinas (Brasil), uma organização não governamental que se ocupa de crianças com dificuldades e que atua já há alguns anos.

O que segue é a carta que Stefano Benni, escritor, quis enviar aos espectadores para que este encontro entre culturas seja também uma ocasião de solidariedade concreta e tangível – solidariedade que, quando ausente, freqüentemente ameaça não só o direito de se ter uma cultura diversa, mas também a própria existência do diverso”.

Carta de Stefano Benni

“Existem agora dois modos de conceber a palavra “solidariedade”. O mais comum não implica proximidade mas, distância. Requer a exibição de uma boa tecnologia: da filmagem televisiva ao livro. É a proliferação da palavra virtuosa. O importante é mostrar esta solidariedade mas não levá-la até o fim.

Nessa solidariedade ninguém é posto a controlar ou explicar aonde foi acabar o dinheiro arrecadado. Entre as palavras sobre a dor e a dor, a distância permanece imutável e com segurança. Que pessoas de boa fé fiquem envolvidas neste modo de agir não deve impedir de se denunciar as limitações de tal modo.

Uma solidariedade que não seja cotidiana e marcada pelo desejo de aproximação é menos que um arrepio de consciência; um consumismo de bondade ocasional.

Existem, porém, iniciativas nas quais essa aproximação é visível, a qual nos aproxima da fraqueza não somente quando se está prostrado e moribundo, mas quando se dança, fala-se e grita-se de “raiva”.

Deste tipo é a iniciativa do Teatro Ridoto e é natural que tenham encontrado laços com os “Amigos da Criança”. Sentir a solidariedade como um encontro fértil e inevitável da vida, como é o cantar e o contar. O direito de se ter uma cultura característica e o direito

à sobrevivência é a mesma coisa, porque é igual a violência que os cancela.

Tudo aquilo que não é produtivo nos caminhos de expressão e da vida, irá ser fechado na prisão do racismo, ou no muro das lamentações dos quais certo tipo de beneficência guarda.

O grupo Lupo aderiu a esta iniciativa sabendo que pode controlar a cada momento, como são utilizadas as doações. Sabe que as pessoas envolvidas trabalham cada dia, no anonimato, nas cidades da América do Sul. Não somente por bondade ou caridade mas para defender um direito à esperança, necessário não somente a quem foi tirado.

(Tudo aquilo que não nos deve perturbar, é mostrado somente através das imagens cuidadosamente escolhidas e montadas pela televisão.)

É uma dor que precisamos ouvir sempre mais de perto nos próximos anos e que nos pedirá para escolher entre os “bunkers” fechados e a abertura para o mundo; entre a esperança de conviver e o cinismo estético do apocalipse de chinelo. Entre uma difícil, caótica, numerosa irmandade e a violência silenciosa dos novos exterminadores que em nome do complexo, do financeiro e da beneficência estão dando extrema unção”.

ANEXO 2. LEI DO VOLUNTARIADO

Lei nº 9.608, de 18 de Fevereiro de 1998

Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências.

Art. 1º. Considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade.

Parágrafo único. O serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista, previdenciária.

Art. 2º. O serviço voluntário será exercido mediante a celebração de termo de adesão entre a entidade, pública ou privada, e o prestador do serviço voluntário, dele devendo constar o objeto e as condições de seu exercício.

Art. 3º. O prestador do serviço voluntário poderá ser ressarcido pelas despesas que comprovadamente realizar no desempenho das atividades voluntárias.

Parágrafo único. As despesas a serem ressarcidas deverão estar expressamente autorizadas pela entidade a que for prestado o serviço voluntário.

...

Fonte: *Terceiro Setor: Regulação no Brasil*. Eduardo Szazi, (2000, p. 200) Ed. Fundação Peirópolis

ANEXO 3. Questionário:

IDENTIFICAÇÃO:

Nome :

Idade:..... Data de Nascimento:...../...../..... Hora de Nascimento:.....

Nacionalidade..... Naturalidade:.....

Onde e o que estudou:

.....

.....

Profissão:..... Ocupação:.....

Estado Civil: casado() (Solteiro() Divorciado () Outros:

Religião:(ao longo da vida):.....

Participação em grupos religiosos (ao longo da vida):

.....

Participação em grupos sócio-políticos (ao longo da vida).....

.....

.....

Nacionalidade dos pais: (mãe).....(pai).....

Escolaridade:(mãe).....(pai).....

Profissão:(mãe)..... ..(pai).....

.Ocupação:(mãe).....(pai).....

Experiência(s) anterior(es) de trabalho voluntário:

.....

.....

Desde quando conhece a AMIC?

Desde quando é voluntário(a) na AMIC?.....

De quais atividades da AMIC já participou ?

Quais suas tarefas hoje na AMIC?.....

.....

QUESTIONÁRIO : Por favor, responda no verso as três perguntas seguintes:

1- O que o conduziu até a AMIC?

2- O que você encontrou na AMIC?

3- Por que você ficou na AMIC?

ANEXO 4 . Principais Pesquisas sobre o Setor Sem Fins Lucrativos

Projeto Filantropia e Cidadania, realizado no ISER, sob a Coordenação de Leilah Landim. (As pesquisas foram editadas pelo Núcleo de Pesquisa do ISER)

- Para além do mercado e do Estado? Filantropia e Cidadania no Brasil. Leilah Landim, 1993
- Face e dimensões da Campanha contra a fome. Emerson Giumbelli, 1994
- O Comitê das Empresas Públicas na Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida. Napoleão Miranda, 1994
- As Melhores intenções: análise dos programas de prevenção e recuperação da dependência química. Bárbara Soares e Fabíola Rohden, 1994
- Pobreza e Trabalho Voluntário – Estudo sobre a ação social católica no Rio de Janeiro. Regina Novaes (organizadora), 1995
- Agências internacionais não governamentais de desenvolvimento atuando no Brasil – Cadastro. Michael Bailey e Lailah Landim (em colaboração com a OXFAM), 1995
- Em nome da Caridade: Assistência Social e Religião nas Instituições Espíritas. Vol. I e II. Emerson Giumbelli, 1995 e 1996
- ONGs: um perfil – Cadastro das filiadas à Associação Brasileira de ONGs . Leilah Landim e Letícia Cotrim (em colaboração com a ABONG), 1996
- Cadastro nacional de instituições de tratamento e prevenção ao alcoolismo e à dependência química. Bárbara Soares, 1996
- Filantropia Empresarial. Sérgio Góes e Fabíola Rohden (a publicar)
- Juventudes cariocas: ação social e igreja católica no Rio de Janeiro. Regina Novaes, Ludmila Catela e Rosicléa Nascimento

Projeto Comparativo Internacional sobre o Setor Sem Fins Lucrativos, realizado pela parceria entre a Universidade Johns Hopkins e o ISER, no Brasil sob a Coordenação de Leilah Landim e Neide Beres:

- As Organizações Sem Fins Lucrativos no Brasil – Ocupações, Despesas e Recursos. Leilah Landim e Neide Beres, 1999. NAU Editora

Doações e Trabalho Voluntário no Brasil. Leilah Landim e Maria Celi Scalon, 1999. Editora 7 Letras

ANEXO 5. Entrevista com a entidade espiritual dirigente da Casa de Oração Fé e Amor, em 11/12/2002

1- Nestes 150 anos que nos separam de Kardec, houve um vertiginoso desenvolvimento científico-tecnológico. Apesar disso, a desumanidade e a violência têm aumentado.

O século XX foi, provavelmente, o mais violento, o mais marcado de brutalidades.

Como o espiritismo vê esse paradoxo, e as ameaças de novas barbáries?

Resposta:

A tecnologia quer alcançar a sensibilidade do humano, da coisa humana, que só o Criador ... Há uma inveja *inclusa* nessa tecnologia, nesse desenvolvimento tecnológico feito por essa humanidade. Essa inveja secular está na base da nossa história Bíblica, em Caim, na inveja de Caim pelo amor do Pai por Abel. Nós temos, então, no desenvolvimento tecnológico, uma estruturação invejosa. O desenvolvimento tecnológico é baseado na luta, homem a homem, empresa a empresa, truste a truste. Cada complexo de desenvolvimento é um Caim procurando desmanchar um Abel.

O que acontece, filha, acontece uma des-criação, uma criação de uma riqueza macabra, há uma liturgia macabra no espaço. E isto foi desenhado pelas trevas, isto não é sem intencionalidade, isto está programado pelas trevas, e pela parte de trevas que o homem traz, toda a humanidade traz. A Terra é um planeta que abriga almas que ainda hostilizam os princípios maternos. Temos uma ilusão, filha, de que estamos vivendo uma barbárie maior do que todas as outras barbáries, mas isto é uma ilusão. Apesar e a despeito de todas as notícias violentas do sistema, como guerra, como o fundamentalismo, fanatismo, a fome, apesar e a despeito disso tudo, nós temos um caldo cósmico, que só vai ser possível ver no futuro. O homem que perde o olhar do futuro, mergulhado no presente, é como um homem dentro de uma enchente, impossível ele ver as margens que estão nas bordas da enchente, ele vê apenas a extensão da enchente, ele não consegue ver além.

Porém a Doutrina Espírita tem como contribuição a este século de desesperança a esperança no futuro. É uma palavra chave na doutrina Kardequiana, de 150 anos, é uma palavra chave hoje. Nós temos que trazer o anjo do futuro, com suas asas abertas do oriente ao ocidente, do meio dia à meia-noite, o anjo do futuro trazendo sua esperança. Porque nós estamos com medo, semelhante a como estávamos no desmembramento dos estados feudais, nascimento das primeiras manufaturas, nós temos então o vislumbre da mudança, o

fim da idade terrível, o massacre da luz humana na Idade Medieval. Nós temos o desmembramento do feudo, a entrada da manufatura, o desenvolvimento do capital, tudo isso filha, durante alguns séculos, foi impossível para o homem, vivendo o desmembramento do sistema feudal, perceber a semente germinando nas manufaturas nascentes. Essas perguntas foram feitas do ponto de vista de quem tem o domínio, não de quem está dominado, compreendeu? Se estivéssemos na transição do feudalismo para o capitalismo, essa seria a pergunta daquele que está vivendo o desmembramento do sistema feudal, mas que não conseguiu ter olhos de ver o nascimento da nova ordem.

A nova ordem já nasceu, filha. Como há dois mil anos atrás, naquele pequeno jumento, o nazareno entrou pela Jerusalém, como há dois mil anos atrás Maria e José davam à luz a felicidade e a proposta humana da regeneração das almas, hoje nós temos partos contínuos de almas, no singular.

Nós temos que descer a nossa percepção e a nossa visão para a dimensão singular, e entrever o paradigma da filosofia do século XXI. A filosofia do século XXI tem que mudar seu paradigma. Ela precisa estender a sua percepção e sua ciência gnóstica de conhecer para as dimensões supersensíveis do conhecimento. O homem não pode conhecer como Kardec conheceu apenas com a observação dos seus cinco sentidos, a observação empírica. E Kardec não conheceu apenas com a observação empírica, ele fez uma observação empírica, do não-empírico, ele fez a observação circunscrita à ciência da terra, do não-empírico. Kardec foi um momento da história. Agora temos uma ciência que desenvolveu uma tecnologia imensa, maravilhosa, que momentaneamente está tendo um fim destruidor, como se nós tivéssemos a roda, e com a roda construíssemos o comboio, mas quem senta no comboio para dirigir, ainda usa as rodas e o comboio para invadir, para destruir, para desfazer. Mas logo em breve, sentará no comboio um anjo, e conduzirá essa carroça da história para um lugar belíssimo, a terra onde verte o leite e o mel. Essa foi a promessa do Senhor para nós.

Então, a questão da barbárie versus civilização é uma questão ideológica, ou seja, é uma questão forjada por aquele que vive a desestruturação de um sistema, e justamente porque dói nele todo esse parto, então é como a mãe que parteja o filho, mas não vê o filho ainda, não o conhece ainda, está em meio à dor do parto.

Estas são histórias das manchetes dos jornais, esta história da literatura que vive disso no presente momento do planeta. Mas abaixo de toda estruturação histórica verbal, lingüística, filha, Deus não cabe na Palavra. Apesar de Deus ser verbo também – o Verbo andou sobre as águas – e do campo energético, estar ligado à forma pensamental, nós temos um momento no discurso, que existe sim, em que ele se faz impotente de diagnosticar futuro, porque é incapaz de traduzir; a linguagem não tem extensão até os domínios do porvir, da esperança. Esse terreno pertence ao terreno do devenir, e este terreno pertence a Deus. É terreno de Deus.

O homem permaneceu a milhares e milhões de anos, e ainda permanece olhando o céu e as estrelas, quando muito, construirá um tótem para admirar. Hoje, o tótem chama-se poesia, pintura, palavra poética, filosofia. Estamos como o primitivo, diante da imensidão descomunal do cosmo. E essa atitude do filósofo, do artista, do sociólogo, do poeta, é que traria a esse desenvolvimento tecnológico uma dimensão eterna. Então, oh, filha, nós estamos aqui lidando com questões de palavras. É a linguagem humana que escreve uma história trágica, para uma história que é apenas um pedaço trágico. Não totalmente trágico. Transforma o que é parte em todo. Que nessa sua tese, que nessa sua história de re-escrever uma pequena história de uma entidade que está sob as asas dos anjos do futuro, que você possa re-escrever o seu código lingüístico, de falar a vida, de contar o mundo, de apontar as coisas que são.

Porque, filha, a minha palavra constrói um homem com ou sem Deus, a minha palavra constrói uma civilização com ou sem Deus. A minha palavra faz com que no deserto se plante flores. Se eu disser fim será fim. O mundo trágico sempre houve na história dos mundos de expiação e provas. É a tragicidade do individualismo, do egoísmo e da indiferença. A tecnologia em si é como uma pedra preciosa, ela não é o mal. Hoje o manuseio disso é que traz ao mundo essa configuração dramática. O mal não está nas coisas em si, mas nas conseqüências dessas coisas. Então, as conseqüências da tecnologia têm sido más, mas isso não quer dizer que ela seja má.

2- O desencanto cada vez maior, com a sociedade apartada, ultra-tecnológica, hiper-consumista, tem levado a uma redescoberta do sagrado e, ao mesmo tempo, um recrudescimento do fundamentalismo, da intolerância, do fanatismo.

Qual o futuro do ecumenismo, da compaixão, da fraternidade ?

Resposta:

Este falar é uma liturgia, uma sagração de trevas, sobre um mundo que também sorri, um mundo que também canta, um mundo que também faz canções. Uma criança filha de um marginal, de um bandido, ela sorri, ela canta, ela abraça aquele marginal, aquele assassino, com a mesma ternura que uma criança abraça um papá que já é justo, reto e bom.

Então, no meio dessa ciência velha decadente, e destrutiva, nasce o novo mundo, que abraça e beija esse mundo. Essa seria a magia positiva, o ato, a liturgia positiva, a oração sobre esse cadáver, que faria com que ele andasse: Lázaro, levanta-te! A cultura está como Lázaro, putrefata, matéria morta. A cultura, a arte, a ciência e a tecnologia aprisionadas nas trevas, nas cercas, nas pedras de uma lingüística depressiva destrutiva. Lázaro, levanta-te, vem para fora! A sua tese é um ato, uma liturgia com as palavras desvirando as palavras, fazendo uma tradução, na qual alguns conceitos das ações humanas vão sair das pedras.*(alguns comentários da entrevistadora sobre a sacralização das palavras, para que ela, a palavra, não sirva à destruição.)*Entidade continua: Isso, filha, para que as palavras não destruam.

Esse irmão que fez essas perguntas está mediunizando, está processando através da linguagem, ele está sofrendo o desmembramento, a destruição. Temos toda uma cultura, uma vida, uma história, que está olhando para trás. Mas é preciso entender que estamos caminhando para frente. Ló caminhou para trás. O homem hoje tem esses dois caminhos para fazer. Ou para trás, sentar chorar, ou para frente. Caim e Abel. O ato da inveja está incluso na destruição. Porque o homem cria uma cultura maravilhosa, uma técnica maravilhosa, a inveja vem e a destrói, a emprega destrutivamente. Cada homem em nossa sociedade está historicamente, com inveja da criação dele mesmo, porque Abel é um outro lado de Caim, é uma extensão de Caim, é irmão de Caim.

Vamos recolocar esses mitos para nós mesmos, retrabalhar esses mitos em um processo longo, pedagógico, aula a aula, homem a homem, fazendo a Educação da Alma: é a palavra do século XXI.

Precisamos reeducar, estamos em um planeta presídio, somos reeducandos, cada um em sua cela fechado, e nós precisamos entrar com esse anjo maravilhoso do futuro, que só a alma escuta. Lá fora tudo continua como há milhares e milhares de anos atrás. O mesmo

céu e as estrelas que cobriram o nascimento do menino Jesus, cobrem o nascimento de todas as crianças desse século XXI, Deus está na eternidade, é a-histórico, está além da história.

3- Cresce em todo o planeta a necessidade de uma nova ética. Qual a relação com a caridade?

Resposta:

A necessidade que no planeta cresce, é a ética com a palavra. Se nós pudéssemos desenvolver uma disciplina, em que o homem examinasse o seu código lingüístico, e pudesse ver que com a sua linguagem ele cria o mundo, nós estaríamos dando enfrentamento ao pior, ao mais tenaz inimigo da história, do amor divino. Os demônios e as potestades, o mal ou outro nome que se queira dar a essa força de destruição: eles têm usado a palavra. Eles têm colocado no universo lingüístico todo esse campo de desumanização e destruição; é com a palavra que o homem se separa de Deus. É através da construção da linguagem, que o homem se separa das coisas de Deus.

Ao lado das criaturas o homem viceja, dos vermes aos astros, a escala hominal vai caminhando. Mas há uma coisa que separa o homem deste estado pleno de paz e de mergulho nesse universo divino, e ela se chama palavra. Precisariamos de uma ética lingüística, precisariamos acordar todos os educadores, todos os formadores de opinião, todos aqueles que mexem com o universo humano, formando pessoas nas igrejas, nas casas, nos lares, nas escolas, uma grande leva de peregrinos da palavra. Ide e pregai, pregai. Por isso *O Evangelho segundo o espiritismo* diz: Ide, pregar. Pregai, pregar a palavra.

Esta fundamentação teológica, esta imagem do Pastor conduzindo ovelhas, é uma imagem educativa que os sistemas de educação atual teriam que adotar para salvar a palavra desse ato litúrgico macabro. Como sabem as trevas que as palavras, é o reino onde o homem destrói o Deus interior dele, então é nesta área que elas atuam. E nós não temos do outro lado, do no nosso lado, ainda, consciências abertas para a percepção da necessidade de reestruturação do código de linguagem. O homem, ao falar, expressa a realidade do seu sistema íntimo, construído com palavras que vieram de seus papás e de suas mamás, ele vai repetindo de forma mecânica, este ato de destruição da palavra de Deus.

Nós temos uma lei, filha. Se você entrar no palácio da justiça, você vai ver, elaborados em uma pedra, ou em um quadro, os Dez Mandamentos. Contudo, a filosofia e todo o mundo da linguagem que circunda toda tecnologia, está destituído do poder divino. Não temos a linguagem teológica misturada à linguagem poética, à linguagem filosófica, científica, às diversas linguagens. A destruição do humano está sendo feita através da destruição do palavrear humano, do falar do homem.

Tudo o que fizermos estará separado, se na minha expressão Deus não está. Não adianta fazer apenas boas obras: se eu não redimensionar a lingüística, eu transformarei as boas obras em um símbolo, em uma idolatria vazia, que vai esvaziando. Paulo: *“não adianta eu dar todos os bens”*. Paulo, nesta feliz passagem dos evangelhos, está retomando essa verdade cristã. Cristo veio e enfrentou os fariseus no domínio lingüístico. Pode ver que todo o curso do processo acusatório de Cristo foi com a palavra. Examina e coloca nessa sua tese o julgamento de Cristo Jesus. E você verá, ali, uma página lamentável que a consciência humana ainda não percebeu.

Mas só temos dois mil anos de história, e estamos diante da eternidade, trilhões, quatrilhões de anos. Mas o homem precisa redimensionar, entender que sua vida é um instante, e ele só pode ir para o futuro, se ele entender a brevidade do instante. Ele não pode ver o futuro, porque ver o futuro seria vê-lo no amanhã. Vê-lo no amanhã, seria vê-lo sem corpo, e vê-lo sem corpo é reestruturar todo o seu ser, é ganhar alma, um discurso humano futurista. O salto do homem para Deus, do humano para o divino, tem sido obstruído através da obra da manufatura. Ali, a manufatura destituída de linguagem que caminha com a manufatura, constrói esse acesso à perda da ética. Então eu acesso facilmente os abismos sem ética, onde vale a minha lei, a lei egoísta, em que os fins justificam os meios, a lógica do poder, do príncipe, maquiavélica lógica dos poderosos, não dos que estão sofrendo dos poderosos, sofrendo do poder. As perguntas dos que sofrem são outras. E eu gostaria que você pudesse fazê-las para mim. Não posso fazê-las por você. Eu lanço esse desafio. *“Consultai as entranhas”*! Dos autores, um daqueles que pode ajudá-la a perguntar é Antônio Vieira. Sermões de Vieira, 60º, 70º, sermão dele, pergunte a esse irmão que fez essas perguntas, das cartas de Vieira, e me traga antes de fechar o relatório. Perguntai às entranhas dos homens e tereis verdades, senão teremos sofismas.

4- E como a consciência ecológica, preservacionista, de convivência amorosa com a natureza? Como a filosofia espírita entende o amor à natureza, com a reverência pela vida?

Resposta:

A filosofia espírita, filha querida, vê no movimento ecológico uma das linguagens de Deus, que sobreviveu à barbárie. A ecologia tem sido um dos reservatórios do oxigênio do bem. Ecologia é o lugar onde respiramos o futuro. O espiritismo tem no relacionamento com a totalidade das coisas, no irmão sol, na irmã lua, na irmã água, nos irmãos animais, nos pássaros, ele tem a sua âncora de esperança. Quando o homem passar a defender a natureza, se transforma naquilo que Deus deu. Qual foi a lei em Gênesis? Quando Deus criou o homem o que foi que ele disse: terás domínio sobre a Terra, mas o domínio paternal. O pátrio poder, o poder do pai que zela, cuida, sara, prospera.

5- E o domínio, cada vez mais onipotente, das mídias, especialmente a televisão? Como preservar os valores espiritualistas?

Resposta:

Na mídia, na televisão, tem estado na sua condução – delicado falar desse assunto, porque há almas encarnadas lutando para alterar um pouco esse clima - mas falando objetivamente como se olha uma paisagem, a mídia é uma reunião de linguagens a consumir a instância divina. É a liturgia da separação do amor de Deus. As imagens seguem, uma atrás da outra, compondo um todo, mas o fio de construção se perde. Uma pessoa pode assistir a uma novela inteira, mas passado, alguns anos, um ano, menos, já esqueceu. Não se trabalha com memória, com sedimentação de conceitos, apropriação de habilidades, comportamento, é uma ação incisiva opressora, de subjugação do homem pelo homem. Tratam-no como um recipiente vazio. É uma educação da alma, mas uma educação para a paralisia, para o embrutecimento, para a indiferença. Além do que, ela veicula todo um desencanto, construindo um mundo mais desencantado do que realmente ele é. Ela não tem olhos de ver o anjo do futuro, esperança, ela não tem esses olhos. Ela faz parte do poder, está incapacitada de ver, como Caim incapacitado de ver a beleza de Abel, e porque o amor do Pai por Abel. Grave então, e diga a esse irmão, que fez as perguntas, que eu o convido a fazer também as perguntas dos oprimidos para mim; e deslocar-se da psique dos que estão no poder. Saindo dali, vai poder ver o futuro. Futuro como sinônimo de vida, porque pode se dar vida ao fu-

turo como sinônimo de morte. Aí ele será uma consequência. Importante se ver o futuro como sinônimo de vida, para que o futuro vida se realize. Aquilo que eu creio, vejo acontecer. Essa seria a base, para toda a construção da cultura, arte, filosofia, toda a manufatura que a ciência e a filosofia alcançaram. A Teologia voltaria a ser cotidiana, como ansiamos que a poesia o seja, a beleza, a poesia divina deveriam estar permeando, costurando esses elos partidos, compartimentados, construindo uma grande colcha de retalhos, par cobrir

ANEXO 6. Texto: O Homem de bem²⁴¹

O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei da justiça, de amor e de caridade em sua maior pureza. Se interroga a consciência sobre seus próprios atos, pergunta a si mesmo se não violou essa lei; se não fez o mal e se fez todo o bem que podia; se negligenciou voluntariamente uma ocasião de ser útil; se ninguém tem o que reclamar dele; enfim, se fez a outrem tudo o que queria que se fizesse para com ele.

Tem fé em Deus, em sua bondade, em sua justiça e em sua sabedoria; sabe que nada ocorre sem sua permissão e se submete, em todas as coisas, à sua vontade.

Tem fé no futuro, por isso, coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.

Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções, são provas ou expiações, e as aceita sem murmurar.

O homem, possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperança de recompensa, retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seu interesse à justiça

E encontra satisfação nos benefícios que derrama, nos serviços que presta, nos felizes que faz, nas lágrimas que seca, nas consolações que dá aos aflitos. Seu primeiro movimento é de pensar nos outros antes de pensar em si, de procurar o interesse dos outros antes do seu próprio. O egoísta, ao contrário, calcula os lucros e as perdas de toda ação generosa.

Ele é bom, humano e benevolente para com todos, sem preferência de raças nem crenças, porque vê irmãos em todos os homens.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras, e não lança o anátema àqueles que não pensam, como ele.

Em todas as circunstâncias, a caridade é o seu guia, diz a si mesmo que aquele que leva prejuízo a outrem por palavras malévolas, que fere a suscetibilidade de alguém por seu orgulho e seu desdém, que não recua à idéia de causar uma inquietação, uma contrariedade, ainda que leve, quando pode evitá-lo, falta ao dever de amor ao próximo, e não merece a clemência do Senhor.

²⁴¹ In KARDEC, 2000, Cap. XVII, V. 3. p. 221/2. *O Evangelho Segundo o Espiritismo.*

Não tem ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas, e não se lembra senão dos benefícios; porque sabe que lhe será perdoado como ele próprio houver perdoado.

É indulgente para com as fraquezas alheias, porque sabe que ele mesmo tem necessidade de indulgência, e se lembra dessas palavras do Cristo: aquele que está sem pecado, atire a primeira pedra.

Não se compraz em procurar os defeitos alheios, nem em colocá-los em evidencia. Se a necessidade a isso o obriga, procura sempre o bem que pode atenuar o mal.

Estuda as suas próprias imperfeições, e trabalha sem cessar, em combatê-las.

Todos os seus esforços, rendem a poder dizer a si mesmo, no dia de amanhã, que há nele alguma coisa melhor do que na véspera.

Não procura fazer valorizar nem seu espírito, nem seus talentos, às expensas de outrem. aproveita, ao contrário, todas as ocasiões para ressaltar as vantagens dos outros. Não se envaidece, nem com a fortuna, nem com as vantagens pessoais, porque sabe, que tudo o que lhe foi dado, pode lhe ser retirado.

Usa, mas não abusa, dos bens que lhe são concedidos, porque sabe que é um depósito do qual deverá prestar contas, e que o emprego, o mais prejudicial para si mesmo, é o de fazê-lo servir à satisfação de suas paixões.

Se a ordem social, colocou homens sob a sua dependência, ele os trata com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus; usa de sua autoridade para erigir-lhes o moral e não para os esmagar com o seu orgulho; evita tudo o que poderia tornar a sua posição subalterna mais penosa.

Os subordinados, por sua vez, compreendem os deveres da sua posição, e têm o escrúpulo em cumpri-los conscienciosamente.

O homem de bem, enfim, respeita em seus semelhantes, todos os direitos dados pelas leis da Natureza, como gostaria que os seus fossem respeitados.

Esta não é a enumeração de todas as qualidades que distinguem o homem de bem, mas todo aquele que se esforce em possuí-las, está no caminho que conduz a todas as outras.

ANEXO 7. Entrevista de Eliana Luiz dos Santos, à Jary Mércio, Especial para o Correio Popular no dia 19 /06/02.

“A AMIGA DO PEITO DAS CRIANÇAS DA PERIFERIA

“Uma criança apareceu na porta da minha casa e pediu comida para levar para a família, que estava passando fome. Fui até a despensa peguei arroz e feijão e dei para a criança. Dai uns dias, ela apareceu com outra criança. Dei o que eles podiam carregar e fiquei pensando... Estava na hora de fazer alguma coisa amais .”

Esse chamado da consciência, proporcionado pela dura realidade, que vinha bater à porta da sua casa, no bairro rural do Village, em Campinas, Eliana Luiz dos Santos escutou “de ou 12 anos, por aí”. Datas parecem não importar muito para essa ex-professora da rede pública, formada em pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ex-poeta promissora (teve livro prefaciado pelo poeta e bispo Pedro Casaldágua), traços belos e rústicos, jeito entre o sertanejo e o hippie, modo pausado e suave de falar. Só o que parece importar para a médium Eliana é o trabalho, o sei e de seus “irmãos” (de fé e de doutrina, no caso espírita) junto às comunidades carentes. Eliana é a presidente, líder espiritual e “pau para toda obra” da Associação dos Amigos da Criança (AMIC), entidade que atende a crianças carentes nos bairros Village e Monte Cristo, dando-lhes alimentação, abrigo e amor e que surgiu quando a então professora sentiu que era preciso fazer alguma coisa a mais pelas crianças e mães que vinham à sua porta buscar as cestas de alimento que ela passou a deixar preparadas. “Uma mãe foi avisando a outra e, quando vi, sem nada planejado, havia um monte de gente pedindo cestas”, conta.

Dez ou doze anos depois, da primeira criança bater à porta de Eliana, hoje a entidade por ela criada, atende a cerca de 400 crianças nos bairros do Village (distrito de Barão Geraldo) e Monte Cristo (ocupação próxima ao Parque Oziel). Nas unidades dos dois bairros carentes de Campinas, as crianças, de zero a 8 anos, recebem café da manhã, almoço, lanche e café da tarde. Cada unidade dispõe de berçários, atendimento maternal e jardim de infância. Além disso, as famílias das crianças amparadas também recebem cestas básicas, podem fazer refeições nas unidades, recebem enxovais e todo tipo de ajuda que for necessária. O que inclui por exemplo, visitas a prisões e hospitais. “Vamos caminhando conforme

as necessidades do pessoal atendido. Se eles precisam de comida, vamos atrás de doações; se querem ajuda psicológica e espiritual para parentes presos, vamos até as cadeias diz Eliana.

E assim, “caminhando”, em uma década de existência, a entidade criada e dirigida por Eliana já atendeu a mais de 45 mil famílias, somando uma média de 20 mil crianças socorridas, em 123 bairros da cidade. Além de suas atividades básicas de amparo às crianças e ajuda às famílias carentes, a AMIC realiza eventos como a Oficina São Francisco de Assis, quando, durante vinte dias antes do Natal, no Centro da cidade, os sócios de entidade pedem doações aos transeuntes para compra de brinquedos. Mais de 10 mil brinquedos foram entregues às crianças em cada Natal nos últimos anos.

A AMIC desenvolve também, junto à população por ela assistida, atividades artísticas como canto coral, teatro e pintura. Para isso, conta com o apoio de artistas da cidade, muito deles ligados a Unicamp. A entidade conta ainda com o apoio de alguns artistas famosos, entre eles, o global Caio Blat, casado com a cantora Ana Ariel, filha de Eliana.

A AMIC é mantida pelas doações de cerca de 150 sócios contribuintes, mais as doações esporádicas, ventos e pelo trabalho de inúmeros voluntários, que se responsabilizam pelas várias atividades desenvolvidas nas unidades do Village e do Monte Cristo, como cozinhar, cuidar das crianças, buscar e receber doações, etc.

Cristina Graciela O’Connor, 48 anos, engenheira sanitária, é voluntária em tempo integral na AMIC. Argentina da Patagônia, descendentes de irlandeses, moradora no Brasil desde 1984, trabalha a seis anos na entidade, desde que levada por amigos, tomou “contato com a doutrina espírita e com o trabalho de Eliana”. Cristina, na AMIC faz “de tudo um pouco”, diz que o mais importante em seu trabalho voluntário, “não é o amor que você dá, porque o nosso amor é muito fraco, anêmico, mas o amor que você recebe da espiritualidade”. Para a engenheira sanitária, o trabalho voluntário por ela realizado na AMIC, é a consequência “de uma mudança de eixo, de perspectiva, pela qual você vê a vida, que só foi possível depois que entrou em contato com um mundo maior, da espiritualidade”.

“Os ranchos da AMIC seguem os moldes das Casas do Caminho criadas por Chico Xavier, por sua vez inspirado no modelo descrito por Emmanuel no livro Paulo e Estevão, psicografado por Chico”, explica Eliana Luiz dos Santos presidente da Associação dos Amigos da Criança. “A proposta é que as casas sejam uma extensão do lar das pessoas, um

lugar onde elas tenham não só alimento para o corpo, mas para a alma, e recebam muito amor”, explica.

Proposta que, nos mais de dez anos de existência da AMIC no bairro do Village, em Barão Geraldo, e cinco anos de Monte Cristo - onde vivem cerca de 30 mil famílias carentes - tem se tornado pura realidade. É o que pode testemunhar, por exemplo, o pintor de residências Warley César Machado, 30 anos, solteiro, pai de um filho de 9 anos. Warley desde jovem teve uma vida tortuosa, abalada pelas drogas, principalmente o álcool e a cocaína. Roubou, foi preso, saiu, voltou à prisão, perdeu como a mãe a guarda do filho e só foi salvo, conta, “graças à dona Eliana”.

“Dona Eliana me tirou da sarjeta, assim como fez como muita gente”, diz Warley, que atualmente não bebe nem consome qualquer outro tipo de droga, trabalha (faz bicos) e é voluntário da AMIC. Seu primeiro contato com a entidade foi quando esteve preso pela última vez, quando recebeu uma visita de Eliana dos Santos.

Aldeide Santana da Silva, também tem uma história bonita para contar sobre a obra de Eliana. Casada, 29 anos, mãe de seis filhos, moradora do Parque Oziel, ela é coordenadora da cozinha da unidade do Monte Cristo. Há oito anos, desde que veio de Imperatriz, no Maranhão, para Campinas, não sai “de perto de Dona Eliana”.

“Foi ela que me deu tudo”, diz Aldeide. E conta: “Quando viemos do Maranhão, eu, meu marido e as crianças, só tivemos como viver graças ao apoio da AMIC. Depois, foi graças à entidade, que fomos ajeitando a vida”.

Hoje, enquanto meu marido trabalha para manter a casa, eu trabalho aqui na AMIC, para fazer pelo outros um pouco do que dona Eliana fez por mim”, diz a cozinheira. (JM) ”

ANEXO 8. ÍNDICE DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1- Dados sobre o crescimento do Setor sem fins lucrativos	11
Gráfico 1- Médias brasileira, latino americana e de 22 países acerca fontes de recursos para a o Setor Sem Fins Lucrativos, 1995	12
Tabela 2- Distribuição dos recursos segundo a área de atuação das organizações do Terceiro Setor nos Estados Unidos	11
Gráfico 2 - Participação do Setor Sem Fins Lucrativos no total de pessoal ocupado segundo países, em 1995	14
Tabela 3 - Trabalho voluntário para instituições, por frequência a culto religioso	18
Gráfico 3 - Trabalho voluntário para instituições por frequência a culto religioso	18
Tabela 4 –Tempo de trabalho voluntário segundo área de atividades	19
Gráfico 4 - Tempo de trabalho voluntário segundo área de atividades	19
Tabela 5 - Doação para instituição por religião	22
Gráfico 5 - Doação para instituição por religião	22
Tabela 6 - Crescimento % do pessoal ocupado em Organizações Privadas Sem Fins Lucrativos* (no Brasil) segundo áreas de atividades, 1991-1995	57
Gráfico 6 - Crescimento % do pessoal ocupado em Organizações Privadas Sem Fins Lucrativos* (no Brasil) segundo áreas de atividades, 1991-1995	57
Tabela 7 - Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC por faixa etária e gênero	206
Gráfico 7 - Fontes de recursos (em R\$) das Organizações Privadas Sem Fins Lucrativos no Brasil, em 1995(incluindo religião)	60
Tabela 8 - Distribuição do voluntário brasileiro e da CEA-AMIC por gênero	207
Gráfico 8- Fontes de recursos (em R\$) das Organizações Privadas Sem Fins Lucrativos no Brasil, em 1995 (excluindo religião)	61
Tabela 9 - Perfil etário dos voluntários da CEA-AMIC	208
Gráfico 9 - Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC por faixa etária e gênero	206
Tabela 10 – Distribuição dos voluntário brasileiro e da CEA-AMIC por faixa	209
Gráfico 10 - Distribuição do voluntário brasileiro, e da CEA-AMIC por gênero	207
Tabela 11 - Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC por escolaridade	210
Gráfico 11 - Perfil etário dos voluntários da CEA-AMIC	208

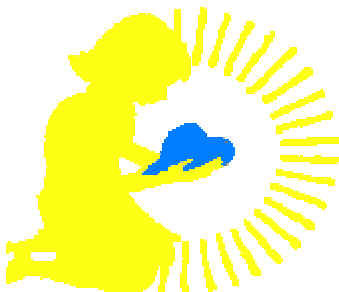
Tabela 12 - Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC por escolaridade superior	209
Gráfico 12 - Distribuição do voluntário brasileiro e da CEA-AMIC por faixa etária	209
Tabela 13 - Distribuição do voluntário brasileiro e da CEA-AMIC por escolaridade ...	212
Gráfico 13 - Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC por escolaridade	210
Tabela 14 - Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC por percurso religioso.....	214
Gráfico 14 - Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC por escolaridade superior..	211
Tabela 15 - Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC, por opção religiosa	215
Gráfico 15 - Distribuição do voluntário brasileiro e da CEA-AMIC por escolaridade	212
Tabela 16 - Atividades dos voluntários da CEA-AMIC em setembro de 1999	218
Gráfico 16 - Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC por percurso religioso	214
Tabela 17 - Participação do voluntário brasileiro (maio 98) e da CEA-AMIC (set. 99), nas atividades voluntárias	220
Gráfico 17 - Distribuição dos voluntários da CEA-AMIC, por opção religiosa	216
Tabela 18 - Estado civil dos voluntários da CEA-AMIC	222
Gráfico 18 - Atividades dos voluntários da CEA-AMIC em setembro de 1999.....	219
Tabela 19 - Estado civil dos voluntários da CEA-AMIC em relação ao sexo	223
Gráfico 19 - Participação do voluntário brasileiro (maio 98) e da CEA-AMIC (set. 99), nas atividades voluntárias	221
Tabela 20 - Voluntários da CEA-AMIC por nacionalidade	224
Gráfico 20 - Estado civil dos voluntários da CEA-AMIC	223
Tabela 21 - Voluntários da CEA-AMIC por naturalidade	225
Gráfico 21 - Estado civil dos voluntários da CEA-AMIC em relação ao sexo	223
Tabela 22 - Voluntários da CEA-AMIC por profissão	225
Gráfico 22 - Voluntários da CEA-AMIC por nacionalidade	224
Tabela 23 - Voluntários da CEA-AMIC por profissões técnicas	226
Gráfico 23 - Voluntários da CEA-AMIC por naturalidade	225
Tabela 24 - Voluntários da CEA-AMIC por profissão universitária	227
Gráfico 24 - Voluntários da CEA-AMIC por profissão	226
Tabela 25 - Voluntários da CEA-AMIC por ocupação	228
Gráfico 25 - Voluntários da CEA-AMIC por profissões técnicas	226
Tabela 26 - Nacionalidade dos Voluntários e de seus pais	230

Gráfico 26 - Voluntários da CEA-AMIC por profissão universitária	228
Tabela 27 - Descendência estrangeira dos voluntários da CEA-AMIC	231
Gráfico 27 - Voluntários da CEA-AMIC por ocupação	229
Tabela 28 - Escolaridade dos pais e dos voluntários	232
Gráfico 28 - Nacionalidade dos voluntários e de seus pais.....	230
Tabela 29 - Profissão dos pais e dos voluntários	233
Gráfico 29 - Descendência estrangeira dos voluntários da CEA-AMIC	231
Tabela 30 - Ocupação dos pais dos voluntários	235
Gráfico 30 - Escolaridade dos pais e dos voluntários	232
Tabela 31- Participação em grupos religiosos	236
Gráfico 31 - Profissão dos pais e dos voluntários	234
Tabela 32 - Participação por tipo de grupo religioso.....	237
Gráfico 32 - Participação em grupos religiosos	236
Tabela 33 - Participação em grupos sócio políticos	238
Gráfico 33 - Participação por tipo de grupo religioso	237
Tabela 34 - Participação em grupos sociais e políticos	238
Gráfico 34 - Participação em grupos sócio políticos	238
Tabela 35 - Participação em grupos políticos	239
Gráfico 35 - Participação em grupos sociais e políticos.....	239
Tabela 36 - Participação em outros grupos voluntários	241
Gráfico 36 - Participação em grupos políticos	239
Tabela 37 - Participação anterior por tipo de trabalho voluntário	241
Gráfico 37 - Participação em outros grupos voluntários	241
Tabela 38 - Motivos condutores até a CEA-AMIC.....	243
Gráfico 38 - Participação anterior por tipo de trabalho voluntário	242
Tabela 39 - Busca de alívio para o sofrimento pessoal	244
Gráfico 39 - Motivos condutores até a CEA-AMIC.....	243
Tabela 40 - Busca de alimento espiritual	245
Gráfico 40 - Busca de alívio para o sofrimento pessoal	244
Tabela 41- Busca de participação social	246
Gráfico 41 - Busca de alimento espiritual	245

Tabela 42 - Motivos não explícitos para a procura	246
Gráfico 42 - Motivos não explícitos para a procura	246
Tabela 43 - Voluntários que não apontaram a busca alívio para o sofrimento pessoal como motivo condutor até a CEA-AMIC	248
Gráfico 43 - Voluntários que não apontaram a busca alívio para o sofrimento pessoal como motivo condutor até a CEA-AMIC	248
Tabela 44 - Motivos apontados pelos voluntários para permanência na CEA-AMIC	249
Gráfico 44 - Motivos apontados pelos voluntários para permanência na CEA-AMIC	250
Tabela 45 - Motivo espiritual para permanência na CEA-AMIC	250
Gráfico 45 - Motivo espiritual para permanência na CEA-AMIC	251
Tabela 46 - Motivos sociais para permanência na CEA-AMIC	252
Gráfico 46 - Motivos sociais para permanência na CEA-AMIC	253
Tabela 47 - Motivos pessoais para permanência na CEA-AMIC.....	254
Gráfico 47 - Motivos pessoais para permanência na CEA-AMIC.....	255
Tabela 48 - Motivos condutores e motivos para permanência.....	256
Gráfico 48 - Motivos condutores e motivos para permanência	256
Tabela 49 - Acerca do tempo para tornar-se voluntário na CEA-AMIC	260
Gráfico 49 - Acerca do tempo para tornar-se voluntário na CEA-AMIC	261
Tabela 50 - Relevâncias apontadas pelos voluntários	262
Gráfico 50 - Relevâncias apontadas pelos voluntários	262
Tabela 51 - Relevâncias pessoais	263
Gráfico 51 - Relevâncias pessoais	263
Tabela 52 - Relevâncias sociais	264
Gráfico 52 - Relevâncias sociais	264
Tabela 53 - Relevâncias espirituais	265
Gráfico 53 - Relevâncias espirituais	266
Tabela 54 - Participação dos voluntários nas atividades da CEA-AMIC(1991/1999)	269
Gráfico 54 - Participação dos voluntários nas atividades da CEA-AMIC(1991/1999)	270
Tabela 55 - Participação do voluntário brasileiro e da CEA-AMIC nas atividades	271
Gráfico 55 - Participação do voluntário brasileiro e da CEA-AMIC nas atividades	272

Tabela 56 - Participação dos voluntários da CEA-AMIC (1991-1999 e set. 1999) e do Voluntário Brasileiro (maio 1998).....	275
Gráfico 56 - Participação dos voluntários da CEA-AMIC (1991-1999 e set. 1999) e do voluntário brasileiro (maio 1998)	276

Anexo 9. Símbolo da AMIC



AMIC

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DA CRIANÇA

Endereços para contato:

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DA CRIANÇA

BARÃO GERALDO – CAMPINAS- SP

CP: 6607 – CEP: 13 084 – 970

FONE-FAX: (0XX19) 32877352 / 32874640

FIO da Fé: (0XX19) 32876766

e-mail: amicfeamor@mpc.com.br

site: www.amicfeamor.org.br

www.jesusgoncalves.org.br